

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLAUDIA FERNANDA WOLFF PAVAN

**PROCESSOS TRADUTÓRIOS NA VARIAÇÃO E MUDANÇA DO HUNSRÜCKISCH
EM CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

PORTO ALEGRE

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

**PROCESSOS TRADUTÓRIOS NA VARIAÇÃO E MUDANÇA DO HUNSRÜCKISCH
EM CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras, área de Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

CLAUDIA FERNANDA WOLFF PAVAN

Porto Alegre, 16 de novembro de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)

Márcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Elaine Barros Indrusiak (Coordenadora)

Elisa Battisti (Vice-Cordenadora)

CIP – Catalogação na Publicação

Wolff Pavan, Claudia Fernanda
PROCESSOS TRADUTÓRIOS NA VARIAÇÃO E MUDANÇA DO
HUNSRÜCKISCH EM CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO /
Claudia Fernanda Wolff Pavan. -- 2023.
240 f.
Orientador: Cléo V. Altenhofen.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Estudos da Tradução e dos Contatos Linguísticos.
2. Tipologia de processos tradutórios. 3.
Hunsrückisch. 4. Variação e mudança linguística. 5.
Plurilinguismo. I. Altenhofen, Cléo V., orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Claudia Fernanda Wolff Pavan

**PROCESSOS TRADUTÓRIOS NA VARIAÇÃO E MUDANÇA DO HUNSRÜCKISCH
EM CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutora e aprovada em sua forma final pela banca.

Porto Alegre, 16 de novembro de 2023

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Orientador

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Marcelo Jaco Krug
Universidade Federal da Fronteira Sul

Prof. Dr. Joachim Steffen
Universidade de Augsburg

Dedico esta tese ao reencontro:
tem pessoas que a gente esbarra
e outras que a gente encontra
... e reencontra.
Que sorte a nossa!

Meus agradecimentos...

Ao meu orientador, Professor Dr. Cléo V. Altenhofen, que com dedicação, paciência, horas de conversa e de conhecimento compartilhado tornou possível a realização desta tese.

Ao Professor Dr. Joachim Steffen, pela orientação, inspiração e atenção no período do meu doutorado-sanduíche na Universidade de Augsburg, Alemanha.

Aos membros da banca examinadora, pelas inestimáveis contribuições.

À Capes, pela concessão das bolsas de doutorado, de 2019 a 2023, e de doutorado-sanduíche na Alemanha, pelo programa CAPES-PRINT, entre fevereiro e julho de 2021.

Ao Projeto ALMA-H e seus coordenadores, os professores Harald Thun e Cléo Altenhofen, meu orientador, pela oportunidade de pesquisar, analisar e aprender tanto com esse valioso banco de dados.

Aos amigos que a UFRGS e o Projeto ALMA-H trouxeram para a minha vida.

À minha família, especialmente à minha irmã Kelly, pelas risadas, pelas conversas e pelas viagens que fizemos e ainda vamos fazer.

Ao Markus, pelo apoio, pelo incentivo, pela cumplicidade.

Aos meus filhos, Nicolas e Kevin: vocês são a razão de tudo.

RESUMO

A presente tese de doutorado analisa o papel dos processos tradutórios no contato linguístico entre o Hunsrückisch e o português. Seu objetivo central consiste em identificar e compreender a influência desses processos na configuração, variação e mudança de uma língua de imigração, como é o caso do Hunsrückisch. Nesse sentido, a tradução é definida de forma ampla como um processo mental-cognitivo e comunicativo em que funções, estruturas e sentidos são transferidos de uma variedade linguística para outra. Trata-se de um processo frequente em situações de contato linguístico, em especial na oralidade, e, portanto, não ocorre apenas de modo consciente e planejado, como atividade profissional. Daí decorrem os seguintes objetivos específicos: 1) identificar e estabelecer uma tipologia de processos tradutórios que possa ser devidamente testada e aplicada a contatos linguísticos na oralidade, como é o caso da língua de imigração Hunsrückisch em contato com o português; 2) verificar a frequência e representatividade com que ocorrem os diferentes processos tradutórios identificados, bem como 3) determinar quais fatores favorecem ou desfavorecem sua ocorrência e recorrência no *corpus* analisado, considerando diferentes níveis linguísticos e dimensões de análise. O contato entre o Hunsrückisch e o português constitui, nessa perspectiva, um contexto adequado e propício para a análise e identificação de processos tradutórios e seu papel na configuração dessa língua de imigração, em termos de sua variação e mudança linguística no tempo e no espaço. Tipologicamente, foram identificados os seguintes processos tradutórios: 1) neologismos; 2) apropriações linguísticas – que podem ser diretas, por tradução ou semânticas; 3) replicações funcionais e estruturais. Tomando por base sobretudo o Banco de Dados do ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), de C. V. Altenhofen e H. Thun, foram analisadas evidências desses processos do português para o Hunsrückisch, as quais foram correlacionadas com potenciais condicionamentos sócio-históricos e geográficos que podem ter atuado na formação, variação e mudança dessa língua de imigração no Brasil e na Bacia do Prata. Pela natureza do objeto de estudo, em que se articulam relações entre tradução e contatos linguísticos (na oralidade), mostrou-se indispensável uma abordagem interdisciplinar, para dar conta de

questões inerentes aos campos do plurilinguismo, da variação e dos contatos linguísticos, ao lado de uma abordagem da tradução em sentido mais amplo. Para tanto, o princípio da pluridimensionalidade da análise da variação e mudança linguística, fundamental na Dialektologia Pluridimensional e Relacional (Radtke; Thun, 1996), bem como perspectivas teóricas da esfera dos Estudos da Tradução, da psicolinguística e dos estudos sobre cognição, aquisição e aprendizagem de línguas serviram para organizar e identificar processos tradutórios e sua influência na formação, variação e mudança do Hunsrückisch. Fundamental para essa análise foi a seleção de variáveis linguísticas que potencialmente pudessem sinalizar a ocorrência e influência de processos tradutórios. Estas foram submetidas a uma análise de ordem qualitativo-interpretativa dos dados de fala retirados do ALMA-H, auxiliados por dados de escrita do ALMA-Histórico, que reúne um conjunto de cartas privadas, em alemão e em português, do início do século XIX aos dias atuais. Os resultados da pesquisa apontam evidências que comprovam, entre outras, as seguintes hipóteses: **(a)** para se apropriar do novo meio, nas fases iniciais do processo de imigração, o falante se apoia sobretudo na criação de denominações novas com material da sua língua, priorizando desse modo os neologismos; **(b)** o contato linguístico e a situação de bilinguismo decorrente desse contato podem levar ao processo tradutório de replicação de estruturas e funções de uma língua na outra; **(c)** as análises em tempo real mostram que as apropriações linguísticas já se fazem presentes desde o início do contato entre o Hunsrückisch e o português no século XIX. As análises em tempo aparente mostram que estas se intensificam nas gerações mais jovens.

Palavras-chave: Estudos da Tradução e dos Contatos Linguísticos. Tipologia de processos tradutórios. Língua de imigração. Hunsrückisch. Variação e mudança linguística. Plurilinguismo.

ABSTRACT

This doctoral dissertation analyzes the role of translation processes in language contact between Portuguese and Hunsrückisch. Its central aim is to identify and understand the influence of these processes on the configuration, variation, and change of an immigration language, such as Hunsrückisch. In this dissertation, translation is broadly defined as a mental-cognitive and communicative process where functions, structures and meanings are transferred from one language variety to another. It is a frequent process in situations of language contact, especially in orality, and therefore does not only occur in a conscious and planned way, as a professional activity. Hence, the following specific objectives arise: 1) to identify and establish a typology of translation processes that can be properly tested and applied to linguistic contacts in orality, as is the case of the Hunsrückisch immigration language in contact with Portuguese; 2) to verify the frequency and representativeness with which the different identified translation processes occur, as well as 3) which factors favor or disfavor their occurrence and recurrence in the analyzed *corpus*, considering different linguistic levels and dimensions of analysis. The contact between Hunsrückisch and Portuguese constitutes, in this perspective, an adequate and favorable context for the analysis and identification of translation processes and their role in the configuration of this immigration language, in terms of its linguistic variation and change in time and space. Typologically, the following translation processes have been identified: 1) neologisms; 2) linguistic appropriations – which can be direct, by translation or semantic; 3) functional and structural replications. Based primarily on the ALMA-H Database (Language contact atlas of the German minorities in the La Plata Basin: Hunsrückisch) by C. V. Altenhofen and H. Thun, evidence of translation processes from Portuguese to Hunsrückisch was analyzed, considering the socio-historical and geographical conditions that acted in the formation, variation, and change of this immigration language in Brazil and in the La Plata Basin. Due to the nature of the object of study, in which relations between translation and linguistic contacts (in orality) are articulated, an interdisciplinary approach was indispensable to account for issues inherent in the fields of plurilingualism, variation, and linguistic contacts, alongside an approach to translation in a broader sense. To this end, the principle of pluridimensionality in the analysis of linguistic variation and change,

characteristic of Pluridimensional and Relational Dialectology, based on Radtke and Thun (1996), as well as theoretical perspectives from the sphere of translation studies, psycholinguistics, and studies on cognition, language acquisition, and learning, served to organize and identify translation processes and their influence on the formation, variation, and change of Hunsrückisch. Fundamental to this analysis was the selection of linguistic variables that could potentially signal the occurrence and influence of translation processes. These were then submitted to a qualitative-interpretative analysis of speech data taken from ALMA-H, aided by writing data from ALMA-Histórico, which brings together a set of private letters, in German and Portuguese, from the beginning of the 19th century to the present day. The results of the research point to evidence that supports, among others, the following hypotheses: **(a)** in order to appropriate the new environment, in the initial phase of the immigration process, the speaker relies above all on creating new denominations with material from their own language, i.e. neologisms; **(b)** linguistic contact and the situation of bilingualism resulting from this contact can lead to the translation process of replicating the structures and functions of one language in the other; **(c)** real-time analyses show that linguistic appropriations have been present since the beginning of contact between Hunsrückisch and Portuguese in the 19th century. Analyses in apparent time show that they intensify in the younger generations.

Keywords: Translation and Language Contact Studies. Typology of translation processes. Immigration language. Hunsrückisch. Linguistic variation and change. Plurilingualism.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Doktorarbeit untersucht die Rolle von Übersetzungsprozessen im Sprachkontakt zwischen Portugiesisch und Hunsrückisch. Ihr zentrales Ziel ist es, den Einfluss dieser Prozesse auf die Konfiguration, die Variation und den Wandel einer Immigrationsprache wie dem Hunsrückischen zu identifizieren und zu verstehen. In dieser Doktorarbeit wird Übersetzung im weitesten Sinne als ein mental-kognitiver und kommunikativer Prozess definiert, bei dem Funktionen, Strukturen und Bedeutungen von einer Sprachvarietät in eine andere übertragen werden. Es handelt sich um einen häufigen Prozess in Situationen des Sprachkontakts, insbesondere in der Mündlichkeit, und findet daher nicht nur auf bewusste und geplante Weise als professionelle Tätigkeit statt. Daher ergeben sich folgende spezifische Zielsetzungen: 1) Identifizierung und Erstellung einer Typologie von Übersetzungsprozessen, die auf Sprachkontakte in der Mündlichkeit, wie im Fall der hunsrückischen Einwanderungssprache im Kontakt mit dem Portugiesischen, überprüft und angewandt werden kann; 2) Überprüfung der Häufigkeit und Repräsentativität, mit der die verschiedenen identifizierten Übersetzungsprozesse auftreten, sowie 3) welche Faktoren ihr Auftreten und ihre Wiederholung im analysierten Korpus begünstigen oder benachteiligen, unter Berücksichtigung verschiedener linguistischer Ebenen und Analysedimensionen. Der Kontakt zwischen dem Hunsrückischen und dem Portugiesischen stellt in dieser Perspektive einen angemessenen und günstigen Kontext für die Analyse und Identifizierung von Übersetzungsprozessen und ihrer Rolle bei der Konfiguration dieser Einwanderungssprache dar, und zwar im Hinblick auf ihre sprachliche Variation und Veränderung in Zeit und Raum. Typologisch wurden die folgenden Übersetzungsprozesse identifiziert: 1) Neologismen; 2) sprachliche Aneignungen – die direkt, durch Übersetzung oder semantisch sein können; 3) funktionale und strukturelle Replikationen. In erster Linie auf der Grundlage der ALMA-H-Datenbank (Sprachkontaktatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch) von C. V. Altenhofen und H. Thun wurden Belege für Übersetzungsprozesse aus dem Portugiesischen ins Hunsrückische analysiert, wobei die sozio-historischen und geographischen Bedingungen berücksichtigt wurden, die bei der Entstehung,

Variation und Veränderung dieser Einwanderungssprache in Brasilien und im La-Plata-Becken eine Rolle spielten. Aufgrund der Natur des Untersuchungsgegenstandes, in dem die Beziehungen zwischen Übersetzung und Sprachkontakten (in der Mündlichkeit) artikuliert werden, war ein interdisziplinärer Ansatz unabdingbar, um neben der Betrachtung der Übersetzung im weiteren Sinne auch Fragen zu berücksichtigen, die den Bereichen Mehrsprachigkeit, Variation und Sprachkontakte innewohnen. Das Prinzip der Pluridimensionalität bei der Analyse von Sprachvariation und -wandel, das für die pluridimensionale und relationale Dialektologie nach Radtke und Thun (1996) charakteristisch ist, sowie theoretische Perspektiven aus dem Bereich der Übersetzungswissenschaft, der Psycholinguistik und der Kognitions-, Spracherwerbs- und Lernforschung dienten dazu, Übersetzungsprozesse und deren Einfluss auf die Entstehung, die Variation und den Wandel des Hunsrückischen zu organisieren und zu identifizieren. Grundlegend für diese Analyse war die Auswahl von linguistischen Variablen, die das Auftreten und den Einfluss von Übersetzungsprozessen anzeigen könnten. Diese wurden dann einer qualitativ-interpretativen Analyse von Sprachdaten aus ALMA-H unterzogen, unterstützt durch Schriftdaten aus ALMA-Histórico, die eine Reihe von Privatbriefen in deutscher und portugiesischer Sprache vom Beginn des 19. Jahrhunderts bis zur Gegenwart umfassen. Die Forschungsergebnisse weisen auf Belege hin, die unter anderem die folgenden Hypothesen stützen: **(a)** Um sich die neue Umgebung anzueignen, stützt sich der Sprecher in der Anfangsphase des Einwanderungsprozesses vor allem auf die Schaffung neuer Bezeichnungen mit Material aus seiner eigenen Sprache, d.h. Neologismen; **(b)** der Sprachkontakt und die daraus resultierende Situation der Zweisprachigkeit können zu einem Übersetzungsprozess führen, bei dem die Strukturen und Funktionen der einen Sprache in der anderen repliziert werden; **(c)** Real-Time-Analyse zeigen, dass sprachliche Aneignungen seit dem Beginn des Kontakts zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch im neunzehnten Jahrhundert vorhanden sind. Apparent-Time-Analyse zeigen, dass sie sich in den jüngeren Generationen intensivieren.

Schlüsselwörter: Übersetzungswissenschaft und Sprachkontaktstudien. Typologie von Übersetzungsprozessen. Einwanderungssprache. Hunsrückisch. Linguistische Variation und Wandel. Plurilingualismus.

LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Gráfico 1: Temporalidade das cartas do <i>corpus</i> de análise.....	122
Gráfico 2: Variação das ocorrências de <i>Es ist am regnen/Es tut regnen</i> na dimensão diatópica	164
Gráfico 3: Variação de <i>hat/ist 7 Jahre</i> no mapa pluridimensional	169
Gráfico 4: Variação diageracional no uso de <i>hat/ist 7 Jahre (alt)</i>	170
Gráfico 5: Variação de <i>für/for...zu – um/um...zu</i> , conforme entrevistas do ALMA-H	175
Gráfico 6: Variação do uso e conhecimento do neologismo <i>Käsebaum</i> , na dimensão diageracional	181
Gráfico 7: Variação das formas para <i>picada</i> na dimensão diageracional	198
Gráfico 8: Frequência de apropriações diretas do português, em diferentes campos semânticos	206
Quadro 1: Periodização da história do contato entre o Hunsrückisch e o português.....	52
Quadro 2: Hierarquia de apropriações linguísticas	104
Quadro 3: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H	123
Quadro 4: Variáveis e processos tradutórios analisados	138
Tabela 1: Marcas características das variedades <i>Deutsch</i> e <i>Deitsch</i>	47
Tabela 2: Exemplos de mudanças linguísticas nos diferentes níveis linguísticos	107
Tabela 3: Formas progressivas no Hunsrückisch nos dados orais do ALMA-H.....	146
Tabela 4: Realização da progressividade com o <i>am</i> -progressivo, conforme as traduções do ALMA-H.....	147
Tabela 5: Realização da progressividade através do <i>Präsens</i> , conforme as traduções do ALMA-H.....	148
Tabela 6: Realização da progressividade através do <i>tun</i> -progressivo, conforme as traduções do ALMA-H.....	150
Tabela 7: Variantes registradas para a construção <i>am + Infinitiv</i> na frase de Wenker nº 24.	159
Tabela 8: Formas progressivas no Hunsrückisch nos dados orais do ALMA-H.....	163
Tabela 9: Apropriações diretas associadas ao complexo do cavalo.....	204
Tabela 10: Exemplos de apropriações por tradução retirados de Oberacker (1957)	208

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1: Rede de pontos de pesquisa do ALMA-H	129
Mapa 2: Distribuição de <i>um/für ... zu kaufen</i> , conforme levantamentos do AdA.....	174
Mapa 3: Distribuição do neologismo <i>Affebeere</i>	179
Figura 1: Barreira do Hunsrück	35
Figura 2: Carta de Carlos Dockhorn ao pai.....	42
Figura 3: Microáreas <i>Deitsch</i> e <i>Deutsch</i> no espaço geohistórico das colônias velhas de imigração alemã nos vales do Sinos, Caí, Taquari e Rio Pardinho	46
Figura 4: Mapeamento das variantes <i>Deitsch</i> e <i>Deutsch</i>	48
Figura 5: Migrações internas e sua difusão no Brasil e na Bacia do Prata	50
Figura 6: Distribuição das variedades de alemão na matriz de origem	54
Figura 7: Interação de fatores presentes na comunicação em situações de contato linguístico	76
Figura 8: Modelo-‘cebola’ dos níveis linguísticos.....	105
Figura 9: Domínios contemplados pelas três línguas de um plurilíngue (La, Lb e Lc).....	113
Figura 10: Esquema em forma de cruz dos grupos de informantes	134
Figura 11: Planilha de dados referentes à pergunta CGramII_16: <i>Er hat/ist 7 Jahre</i>	135
Figura 12: Área no entorno do Hunsrück, selecionada para a análise da frase de Wenker nº 24	158
Figura 13: Distribuição dos processos tradutórios identificados	213

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AdA	<i>Atlas zur Deutschen Alltagssprache</i> (pt. Atlas da língua alemã cotidiana)
ADDU	Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay
ALF	<i>Atlas linguistique de la France</i>
ALGR-S	<i>Atlas Lingüístico Guaraní-Románico. Sociología.</i>
ALMA-H	Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch
AR	Argentina
Ca	Classe sociocultural alta
Cb	Classe sociocultural baixa
DSA	<i>Deutscher Sprachatlas</i> (pt. Atlas Lingüístico da Alemanha)
DiWA	<i>Digitaler Wenker-Atlas</i> (pt. Atlas de Wenker em formato digital)
dt.	<i>Deutsch</i> = (forma do) alemão
DWA	<i>Deutscher Wortatlas</i> (pt. Atlas Lexical Alemão)
DWB	<i>Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm</i> (pt. Dicionário Grimm da Língua Alemã)
ES	Espírito Santo
ESCRITHU	Sistema de Escrita do Hunsrückisch
fr.	(forma do) francês
gal.	(forma do) galego
GI	Geração mais jovem – entre 18 e 36 anos
GII	Geração mais velha – acima de 50 anos
Hes.	Hunsrückisch Espírito-Santense
HrBr.	Hunsrückisch Brasileiro
Hrs.	Hunsrückisch Riograndense
Hsc.	Hunsrückisch Leste-Catarinense
ing.	(forma do) inglês
IPA	<i>International Phonetic Alphabet</i> (pt. Alfabeto Fonético Internacional)

lat.	(forma do) latim
lit.	Literalmente
LO	Língua Original
LT	Língua de Tradução
Mhd.	<i>Mittelhochdeutsch</i> (pt. médio alto alemão)
MRhSA	<i>Mittelrheinischer Sprachatlas</i> (pt. Atlas Linguístico da Renânia Central)
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PfWb	<i>Pfälzisches Wörterbuch</i> (pt. Dicionário do Palatinado)
PR	Paraná
pt.	(forma do) português
PY	Paraguai
REDE	<i>Projekt Regionalsprache.de</i> (pt. Projeto Língua regional.de)
RhHr.	<i>Rheinisches Hunsrückisch</i> (pt. Hunsriqueano Renano)
RHM	<i>Revised Hierarchical Model</i> (pt. Modelo Hierárquico Revisto)
RhWb	<i>Rheinisches Wörterbuch</i> (pt. Dicionário Renano)
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SprachGIS	<i>Geografisches Informationssystem für Sprachen</i> (pt. Sistema de Informações Geográficas para Línguas)
var.	varia com
V _{Inf}	verbo no infinitivo
wgerm.	<i>Westgermanisch</i> (pt. alemão ocidental)

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

A presente pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 – O CONTATO LINGUÍSTICO HUNSRÜCKISCH-PORTUGUÊS	34
1.1 MATRIZ DE ORIGEM	34
1.2 O HUNSRÜCKISCH FALADO NO BRASIL	36
1.3 ASPECTOS HISTÓRICOS DO CONTATO HUNSRÜCKISCH-PORTUGUÊS	37
1.4 TEMPO E ESPAÇO NA ÁREA DE DIFUSÃO DO HUNSRÜCKISCH NO BRASIL ..	43
1.4.1 O processo de ocupação do espaço	44
1.4.2 A mudança linguística no eixo da diatopia	56
CAPÍTULO 2 – PERSPECTIVAS TEÓRICAS	59
2.1 VARIAÇÃO E PLURILINGUISTO EM CONTEXTO DE MIGRAÇÃO E CONTATO DE LÍNGUAS	59
2.2 VARIEDADE TOPOSTÁTICA E TOPODINÂMICA DAS MIGRAÇÕES	60
2.3 TIPOLOGIA DOS CONTATOS LINGUÍSTICOS	63
2.4 O PLURILINGUISTO COMO RESULTADO: PROCESSOS E FUNÇÕES	64
2.5 O CONCEITO DE ‘TRADUÇÃO’	71
2.6 A TRADUÇÃO NOS CONTATOS LINGUÍSTICOS	75
2.7 EM BUSCA DE UMA TIPOLOGIA DOS PROCESSOS TRADUTÓRIOS APLICADA A CONTATOS LINGUÍSTICOS NA ORALIDADE	80
2.7.1 As noções de equivalência e transferência linguística	81
2.7.2 Tipologia dos processos tradutórios aplicada a contatos linguísticos na oralidade	87
2.7.2.1 Neologismos	87
2.7.2.2 O <i>continuum</i> entre <i>code-switching</i> e apropriação linguística	90
2.7.2.3 Classificação das apropriações linguísticas	91
2.7.2.3.1 <i>Apropriação direta</i>	95

2.7.2.3.2 Apropriação por tradução.....	96
2.7.2.3.3 Apropriação semântica.....	97
2.7.2.4 Replicação funcional e estrutural.....	99
2.8 PROCESSOS TRADUTÓRIOS NA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	103
2.9 PROCESSOS TRADUTÓRIOS NOS DIFERENTES NÍVEIS LINGUÍSTICOS	104
2.10 FATORES CONDICIONADORES DOS PROCESSOS TRADUTÓRIOS.....	109
2.11 O PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE DE ANÁLISE DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	115
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	116
3.1 BASE DE DADOS DO ALMA-H.....	116
3.2 PLURIDIMENSIONALIDADE NA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SELECIONADAS ..	122
3.3 ETAPAS DO PROCESSO METODOLÓGICO	125
3.4 REDE DE PONTOS, ENTREVISTAS E PERFIL DOS INFORMANTES	128
3.6 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS ANALISADAS.....	138
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE PROCESSOS TRADUTÓRIOS NO HUNSRÜCKISCH	139
4.1 REPLICAÇÃO FUNCIONAL: A PROGRESSIVIDADE NO HUNSRÜCKISCH	140
4.1.1 “Ainda está chovendo”: análise nos dados do ALMA-H.....	145
4.1.1.1 O <i>am</i>-progressivo.....	146
4.1.1.2 O <i>Präsens</i>	147
4.1.1.3 O <i>tun</i>-progressivo	149
4.1.2 A progressividade no <i>corpus</i> de cartas do ALMA-Histórico	150
4.1.2.1 Análise das ocorrências com o <i>tun</i>-progressivo	151
4.1.2.2 Análise das ocorrências com o <i>am</i>-progressivo.....	154
4.1.2.3 Análise das ocorrências com o <i>Präsens</i>	156
4.1.3 “ <i>und waren fest am schlafen</i> ” (frase de Wenker nº 24): comparação com dados da matriz de origem ..	158
4.1.4 A progressividade no Hunsrückisch enquanto processo tradutório.....	163
4.2 REPLICAÇÃO ESTRUTURAL	166
4.2.1 Replicação estrutural da construção do pt. ‘Ele tem 7 anos’ no Hunsrückisch.....	166

4.2.2	Replicação estrutural da preposição <i>para</i> no Hunsrückisch.....	171
4.3	NEOLOGISMOS NO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	176
4.3.1	Pergunta Clex07_115: <i>Affebeer(e)</i> (pt. ‘araticum’).....	177
4.3.2	Pergunta Clex07_118: <i>Keesboom / Käsebaum</i> (pt. ‘umbu’).....	180
4.3.3	Pergunta Clex08_138: <i>Dreckbauer</i> (pt. ‘joão-de-barro’).....	181
4.4	APROPRIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	182
4.4.1	Apropriações diretas	183
4.4.1.1	<i>Mais / Milge(n) / Milje / Milho</i>.....	183
4.4.1.2	Pergunta Clex13_246: <i>Schneise / Picada</i>).....	194
4.4.1.3	Complexos socioculturais.....	199
4.4.1.3.1	O “complexo do cavalo” (<i>horse complex</i>).....	200
4.4.1.3.2	Outros complexos socioculturais.....	205
4.4.2	Apropriações por tradução.....	208
4.4.3	Apropriações semânticas.....	209
4.4.4	Síntese dos processos tradutórios observados.....	213
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	214
	REFERÊNCIAS	219
	ANEXO A – PARECER CEP	237

INTRODUÇÃO

Todo ato linguístico é uma tradução. Qualquer articulação de material semântico, emitido de uma fonte e recebido, sendo este processo inevitavelmente temporal e sequencial, requer decifração por parte do receptor. Ele ou ela tenta decifrar a mensagem – que pode representar, por si só, um projeto complexo, nunca totalmente realizado. Dificuldades acústicas podem intervir; [...] o contexto mínimo necessário para a compreensão pode faltar. Uma vez que a comunicação pretendida tenha sido ouvida ou lida, ela deve ser decodificada, ou seja, transposta em termos disponíveis para o receptor. Em cada etapa estrutural e funcional, tal transposição é equivalente à tradução (George Steiner, 2004, p. 1 – grifos nossos).¹

A presente tese tem por foco central os processos tradutórios em situação de contato linguístico e sua influência sobre a configuração, variação e mudança de uma língua minoritária de imigração, o Hunsrückisch. Para tanto, parte-se da proposição que inaugura a epígrafe acima: “**Todo ato linguístico é uma tradução**” (Steiner, 2004, p. 1 – tradução e grifos nossos).² Assim, busca-se, nesta tese, ampliar o conceito de tradução, definindo-a como um processo mental-cognitivo e comunicativo em que funções, estruturas e sentidos são transferidos de uma variedade linguística para outra. Trata-se de um processo frequente em situações de contato linguístico, em especial na oralidade, e, portanto, não ocorre apenas de modo consciente e planejado, como atividade profissional. Não é objeto desta tese, portanto, a tradução como atividade profissional e especializada³

¹ Do inglês: “Every language act is a translation. Any articulation of semantic material, emitted from a source and received, this process being inevitably temporal and sequential, necessitates decipherment by the recipient. He or she attempts to make out the message. This may of itself be a complex, never totally-realised project. Acoustic difficulties can intervene; [...] the minimum context required for comprehension may be lacking. Once the intended communication has been heard or read, it must be decoded, which is to say transposed into terms available to the receiver. At every structural and functional step, such transposition is equivalent to translation.”

² Do inglês: “Every language act is a translation.”

³ Nessa noção de tradução como atividade profissional e especializada, inclui-se a atividade profissional da interpretação oral e das diferentes línguas de sinais.

e que demanda o desenvolvimento de uma série de competências específicas (Bevilacqua; Reuillard, 2016; Hurtado Albir, 2005).

Na esfera dos Estudos da Tradução, identificam-se diversas pesquisas que tratam da tradução sob uma perspectiva textual, seja na esfera da tradução escrita ou da interpretação (Barbosa; 1990; Behr, 2014; House, 2015; Leipnitz; Pickbrenner, 2020; Malamatidou, 2016; Pöchhacker, 2022). Entretanto, a maioria dos resultados e contribuições desse campo carece de uma testagem e adequação a situações de contatos linguísticos de imigração, que se dão sobretudo no âmbito da oralidade. Esta tese pretende contribuir nesse sentido, tomando por base o contato da língua de imigração alemã, o Hunsrückisch (pt. ‘hunsriqueano’), com o português falado no Brasil. No presente estudo, essa base de contato Hunsrückisch-português representa, assim, o “meio” de análise e identificação de processos tradutórios, e não propriamente o “fim em si”.

Note-se ainda que processos tradutórios são bi- ou multidirecionais, ou seja, as línguas em contato influenciam umas às outras em grau maior ou menor. A presente pesquisa, contudo, tem por foco o papel desses processos na configuração, variação e mudança do Hunsrückisch. Não se levou em conta, portanto, a influência do Hunsrückisch nas outras línguas com as quais entrou em contato no novo meio.

Até onde se tem conhecimento, não há um estudo que enfoque especificamente como processos tradutórios realizados pelos falantes de Hunsrückisch, em situações de contato com o português, podem influenciar a configuração, mudança e variação dessa língua de imigração. O levantamento de teses e dissertações presentes no banco de dados do projeto ALMA-H⁴ (v. <https://www.ufrgs.br/projalma/bibliografia/tesesedissertacoes/>), bem como a revisão de estudos realizada por Altenhofen (1996, p. 28), abordando o alemão em contato com o português, aponta como tema mais próximo – pelo menos em relação a contatos dessa língua – a análise de empréstimos e de “misturas linguísticas” (*Sprachmischungen*) de modo geral.

No Brasil, na esfera dos estudos sobre línguas de imigração e contatos linguísticos, Altenhofen (1996) apresenta um dos estudos mais abrangentes sobre o Hunsrückisch em

⁴ A presente tese se beneficia do banco de dados do Projeto ALMA-H – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch –, coordenado pelo Orientador, Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, e pelo Prof. Dr. Harald Thun. Esse projeto contou, entre 2008 e 2012, com o apoio financeiro da Fundação Alexander von Humboldt. Trata-se de uma parceria interinstitucional entre o Instituto de Letras/Setor de alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Instituto de Romanística da Universidade de Kiel.

contato com o português brasileiro e com outras variedades de língua alemã no Brasil, bem como sobre sua composição e difusão, descrevendo sobretudo aspectos fonéticos e fonológicos. Esse estudo inaugura uma sucessão de outros estudos, que vão lançar luz também sobre contatos intervaretais, isto é, entre variedades regionais do alemão. É o exemplo da pesquisa de Machado (2016), que se ocupou do papel do alemão *standard* na competência linguística oral de falantes de Hunsrückisch no Brasil. Sua pesquisa evidenciou que os falantes pesquisados demonstram maior competência oral no nível fonético em áreas onde a imigração ocorreu após 1850, entre falantes mais jovens – o que indica uma mudança em curso – e entre aqueles falantes com maior escolaridade, especialmente em pontos onde se verifica a reinserção do ensino de alemão e um possível aumento do intercâmbio e do turismo. O estudo de Habel (2022), por sua vez, enfocou “o contato intervareital nos repertórios linguísticos de descendentes de imigrantes alemães provenientes de regiões diferentes da matriz de origem, na Europa, a partir do século XIX” (Habel, 2022, p. 15), a saber hunsriqueanos (imigrados a partir de 1829), pomeranos (a partir de 1858) e boêmios (1867). Habel observou a tendência dos três grupos no sentido de aumento do grau de proximidade e de aproximação das variedades em contato à norma que os falantes consideram a norma *standard*, bem como o nivelamento linguístico entre as variedades em contato no Brasil. De modo semelhante, porém enfatizando a busca para identificar marcas originais ainda presentes na variedade de alemão falada em comunidades de imigração boêmia no sul do Brasil, Prediger (2019) analisou a topodinâmica da variação e mudança dessa variedade linguística entre a matriz de partida na região da Boêmia (atual República Tcheca), em meados do século XIX, e o alemão falado atualmente em localidades das colônias novas no Rio Grande do Sul, no contato com outras variedades, como vestfaliano e especialmente o Hunsrückisch. Os resultados da pesquisa de Prediger apontam para um processo de perda do *Nordböhmisches* e para a formação de duas variedades regionais a partir da adoção de variantes *standard* e da convergência com variantes em contato. Além disso, na esfera transregional, o estudo mostrou a tendência à incorporação de elementos [+lusos] na geração mais jovem e no grupo mais escolarizado.

Em relação aos Estudos da Tradução no Brasil, Barbosa (1990) apresenta, por exemplo, uma revisão dos procedimentos técnicos da tradução especializada listados por Vinay e Darbelnet (1977). Seu objetivo é, acima de tudo, ampliar a lista de procedimentos necessários na tradução como atividade profissional. Contudo, embora tenha em vista a

tradução como atividade escrita, Barbosa chama atenção para uma nova perspectiva desse campo, identificada a partir da estreita relação entre as pesquisas sobre tradução e aquelas sobre ensino e aprendizagem de línguas: da tradução como processo complexo que se dá na mente dos falantes. Com o objetivo de oferecer a pesquisadores – em especial, docentes e professores universitários – novas perspectivas didáticas para uma formação mais qualificada de tradutores, Leipnitz e Pickbrenner (2020) conduziram um estudo para aprofundar a questão sobre como se dá o processo de tradução na formação de futuros tradutores. O estudo foi realizado com base nas premissas metodológicas do grupo PACTE (*Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació*), contrastando estudos realizados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa/Brasil, e no Instituto de Linguística Aplicada e Translatologia (IALT), na Universidade de Leipzig/Alemanha. Partindo de uma abordagem cognitiva, o estudo buscou enfatizar a tradução como **processo** e não apenas como produto.

Na comunidade acadêmica internacional, apesar do interesse em temas relacionados à tradução e à interpretação, são igualmente raros os estudos que fazem referência ao papel dos processos tradutórios na configuração de línguas de imigração. Juliane House (2015), por exemplo, examinou a tradução como meio de comunicação entre diferentes línguas e culturas, oferecendo uma visão crítica das diferentes abordagens da tradução bem como da conexão entre cultura e tradução. Malamatidou (2016) abordou a influência da tradução na mudança e variação linguística, com base em teorias da área dos contatos linguísticos aplicadas à análise de textos traduzidos. Seu objetivo foi demonstrar que essas teorias – em especial, a teoria de *code-copying*, desenvolvida por Lars Johanson – podem ser úteis para que, na área dos Estudos da Tradução, reconheça-se a tradução como *locus* de contato linguístico. Tymoczko (2006) abordou a tradução fora de um paradigma exclusivamente ocidental, enfatizando que a atividade tradutória, além de social, é uma atividade complexa: na China, por exemplo, trata-se de uma prática que envolve normalmente um grupo considerável de pessoas, cada uma desempenhando um papel específico, no trabalho em uma mesma tradução. Ou seja, a tradução envolve um coletivo que busca um consenso em relação à transposição de sentidos de uma língua a outra. Embora leve em conta o aspecto social, Tymoczko também se refere apenas à tradução como prática profissional.

Em outra perspectiva, Ožbot (2014) discute o impacto da tradução sobre a variação e mudança linguística, levando em conta a influência que textos traduzidos

podem exercer sobre as línguas, ou seja, novamente sob uma perspectiva da tradução como atividade que parte de um texto pré-estabelecido, exercida por tradutores profissionais. É interessante, contudo, que Ožbot aponte para a falta de uma perspectiva mais ampla da tradução como **agente de mudanças linguísticas em situação de contato** entre línguas, como “um mecanismo com potencial para desencadear mudanças ou mesmo transformar a língua” (Ožbot, 2014, p. 133).⁵

Das fontes consultadas, apenas as pesquisas de Andrei Danchev (1988, 2010) e Ad Backus (2010, 2015) abordam a questão de processos tradutórios na variação e mudança linguística para além de perspectivas da tradução enquanto atividade profissional. Danchev (1988) traz exemplos de decalques linguísticos e ressalta que tanto a linguística histórica quanto os estudos de contatos linguísticos se beneficiariam das perspectivas dos Estudos da Tradução, especialmente na pesquisa sobre mudanças sintáticas. Além disso, Danchev argumenta que “muitos casos de transferência em situações de contato linguístico natural e/ou artificial⁶ podem ser vistos em termos de tradução parcial ou completa” (Danchev, 1988, p. 48).⁷ Backus (2010, 2015), por sua vez, aponta para a necessidade de mais pesquisas sobre o papel da tradução nos estudos sobre contatos linguísticos e argumenta que o mecanismo que sustenta “todas as mudanças induzidas por contato em que a fonte da mudança é a influência interlinguística (que representa a maioria das mudanças induzidas por contato, embora não todas) é a tradução” (Backus, 2010, p. 239).⁸

Na área das pesquisas sobre empréstimos linguísticos, observa-se um elevado número de estudos (Aubert, 2003; Gärtner, 2018; Munske, 2001; Tavares de Barros, 2019). Um projeto pioneiro que buscou abordar, de forma sistemática e comparativa, quais tipos de palavras são apropriadas com maior ou menor intensidade, no contato entre duas ou mais línguas, foi o projeto idealizado por Haspelmath e Tadmor (2009), que teve duração de cinco anos e reuniu um grupo de especialistas de diversas línguas. Com financiamento do Departamento de Linguística do Instituto Max Planck, em Leipzig, e direção de Bernard Comrie, o projeto abrangeu 41 línguas majoritárias e minoritárias.

⁵ Do inglês: “a mechanism with potential to trigger change or even transform language.”

⁶ Danchev denomina contato linguístico natural aquele que ocorre em situações como migrações, enquanto o contato linguístico artificial se dá na aprendizagem de uma língua estrangeira.

⁷ Do inglês: “many instances of transfer in situations of natural and/or artificial language contact can be viewed in terms of partial or complete translation.”

⁸ Do inglês: “all contact-induced change in which the source of the change is cross-linguistic influence (by far the majority of contact-induced changes, but not all) is translation.”

Entre elas, a língua com maior número de apropriações é o Selice Romani, uma variedade dialetal do Romani, falada por uma população cigana de cerca de 1.350 habitantes de Selice, localidade multiétnica no sudoeste da Eslováquia. Em contrapartida, a língua com o menor número de apropriações é o chinês, falado por aproximadamente 955 milhões de pessoas. Como resultado desse projeto, Haspelmath e Tadmor publicaram, em 2009, o livro *Loanwords in the world's languages. A comparative handbook* e, simultaneamente ao lançamento do livro, criaram o WOLD (*World Loanword Database* – cf. <https://wold.clld.org/>), que disponibiliza vocabulários (minidicionários de cerca de 1.000-2.000 entradas) das 41 línguas que fazem parte do projeto, com informações abrangentes sobre o estado de cada empréstimo.

A partir do exposto, verificam-se pesquisas muito significativas na esfera dos estudos das variedades de língua alemã como línguas de imigração, que contribuem para preencher lacunas nas pesquisas acerca dessas variedades linguísticas, bem como estudos que oferecem evidências da relevância da tradução em relação a fenômenos linguísticos e sociais, examinando os possíveis efeitos que a tradução profissional pode ter sobre diferentes línguas. Contudo, ainda que tentativas de oferecer alguma explicação sobre o papel da tradução na mudança linguística em contextos específicos tenham sido feitas, por exemplo, observando fatores que podem ter impacto no contato linguístico através da tradução e da interpretação (Kranich; Becher; Höder, 2011), esses estudos oferecem apenas conexões parciais entre a tradução e os processos mais amplos de contato e mudança linguística e estão invariavelmente ligados à tradução como atividade profissional e especializada. Como enfatiza Danchev, “uma discussão de processos tradutórios sem reconhecê-los explicitamente como tal é característica de muitas das pesquisas sobre bilinguismo, interferência e mudança linguística” (Danchev, 2010, p. 51).⁹

Esta tese intenciona, assim, aprofundar a compreensão sobre o que envolvem esses processos tradutórios e como atuam na variação e mudança linguística, considerando o contato entre variedades de alemão, em especial o Hunsrückisch, e o português. A escolha do Hunsrückisch para esse propósito se justifica por se tratar de uma variedade que reúne características importantes para os objetivos desta pesquisa:

⁹ Do inglês: “a discussion of translation processes without explicitly recognizing them as such is characteristic of much of the work on bilingualism, interference and language change.”

1º) trata-se de uma variedade do médio alemão, portanto, mais próxima do *standard*, que

2º) assumiu, na oralidade e no contato entre as diferentes variedades trazidas para o novo meio, a função de língua de mediação (*Mittelfeldsprache*), sobretudo nos períodos iniciais da imigração;

3º) por se tornar uma língua de mediação, o Hunsrückisch assumiu características do que a literatura identifica como sendo uma coiné, embora variável conforme a região e o período de ocupação;

4º) sua variação está amplamente documentada, especialmente por meio do ALMA-H e ainda de estudos anteriores como o de Altenhofen (1996). Entretanto, mesmo em estudos de outras variedades, como o boêmio (Prediger, 2019; Habel, 2017), o vestfaliano (Horst, 2014), o pomerano (Habel, 2022), tem-se, por seu poder de difusão, a presença significativa do Hunsrückisch;

5º) considerando o eixo do tempo, trata-se de uma variedade trazida já pelos imigrantes pioneiros, portanto definidora da base de ocupação linguística e social que vai influenciar e ser influenciada pelos imigrantes posteriores (dt. *Zuwanderer*);

6º) além disso, o Hunsrückisch é uma variedade empiricamente comprovável por meio de dados escritos, como os do acervo de cerca de 1.000 cartas privadas do ALMA-Histórico;

7º) por fim, levando em conta a perspectiva tipológica, colocam-se frente a frente uma língua românica e uma germânica, o que permite um grau de diferenciação e contraste maior do que seria possível no caso de línguas mais próximas, como, por exemplo, espanhol e português.

A compreensão do papel dos processos tradutórios na constituição de variedades linguísticas de imigração no contato com línguas majoritárias do novo meio lança luz sobre uma área que, como mencionado anteriormente, ocupa um espaço ainda pouco explorado nos estudos da interação plurilíngue. A ênfase maior das pesquisas tem recaído nos processos “mais visíveis” e observáveis, como *code-switching* e apropriações lexicais. Enquanto isso, processos envolvendo aspectos sintáticos, pragmáticos e semânticos tendem a ficar em segundo plano – uma lacuna que motiva a realização deste estudo.

Como afirma Steiner, “[...] parte essencial de toda a linguagem natural é privada. Por essa razão, em cada ato de fala completo, haverá um elemento mais ou menos

proeminente de tradução. Toda comunicação “interpreta” entre privacidades” (Steiner, 1998, p. 207 – grifos do autor).¹⁰ A tradução, como prática social, assume um papel dinâmico e variável em contextos espaciais e é influenciada pelas distâncias e pela intimidade das relações que se estabelecem nesses espaços (Creese; Blackledge; Hu, 2018).

A partir dessas considerações, não resta dúvida de que a relação entre a tradução e a estrutura social na qual a língua dos imigrantes se constrói desempenha papel bastante relevante. O imigrante precisa usar a nova língua, participar do novo meio, transformá-lo em seu novo lar. Precisa, portanto, apropriar-se desse novo mundo. Nesse contexto, destacam-se as seguintes opções para apropriar-se e aproximar-se do outro (endógeno ou alógeno): 1) em primeiro plano estão as apropriações lexicais; 2) em um plano subjacente, as apropriações semânticas e sintáticas, ainda não suficientemente exploradas e que deixam marcas muitas vezes imperceptíveis no sistema gramatical da língua.

Note-se que, para os fins desta tese, elegeu-se a noção de “apropriação linguística”, em especial, em oposição a “empréstimo linguístico”, devido sobretudo ao papel ativo que os falantes assumem quando se analisa o contato linguístico sob uma perspectiva que enfoca a agentividade dos falantes. Nessa mesma perspectiva, denomina-se a língua para a qual os falantes fazem apropriações de língua apropriadora.¹¹

Não se trata simplesmente de uma forma de transmitir uma mensagem ao outro; além da função comunicativa, estão em jogo concepções de língua distintas: por que se traduz e em que dimensão se traduz? O que fala a favor de um ou outro procedimento de apropriação do novo mundo e de aproximação ao outro? Pretende-se, assim, analisar

¹⁰ Do inglês: “an essential part of all natural language is private. This is why there will be in every complete speech-act a more or less prominent element of translation. All communication ‘interprets’ between privacies.”

¹¹ Cabe ainda destacar as distinções terminológicas adotadas nos diferentes campos de estudo. Na área dos contatos linguísticos, verifica-se uma variedade de termos, como língua doadora ou modelo (a língua que exerce influência) e língua receptora, alvo, réplica (a língua que recebe influência – cf., por exemplo, Matras, 2020); Os estudos sobre aquisição e aprendizagem de línguas, bem como os estudos na área da psicolinguística, geralmente usam os termos primeira língua (L1) para se referir à língua materna do aluno e segunda língua/ língua estrangeira (L2) para a língua que o aluno está aprendendo (cf., por exemplo, Grosjean, 2010; Kroll *et al.*, 2012). Nos Estudos de Tradução, os termos língua de origem ou língua original e língua de destino ou língua de tradução ou ainda língua fonte e língua alvo são geralmente usados para se referir à língua da qual se traduz e à língua para a qual se traduz, respectivamente. (cf., por exemplo, Barbosa, 1990). Nesta tese, como já esclarecido, opta-se pelas denominações ‘língua fonte’ e ‘língua apropriadora’. Sobretudo o termo ‘língua apropriadora’ é usado com a finalidade de caracterizar o papel agentivo dos falantes.

evidências de processos tradutórios do português para o Hunsrückisch, sob determinadas condições sócio-históricas e geográficas, visibilizando os processos tradutórios como parte elementar nas situações de contato entre variedades de alemão, em especial o Hunsrückisch, e o português no Brasil.

A partir do exposto, são **perguntas de pesquisa** com as quais se ocupa esta tese:

1. É possível distinguir, a partir de evidências no Hunsrückisch em contato com o português, uma tipologia de processos tradutórios aplicada a contatos linguísticos na oralidade?
2. Com que frequência ocorrem os diferentes “tipos” de processos tradutórios no contato linguístico analisado? Ou seja, qual sua representatividade e impacto especificamente na variação e mudança linguística do Hunsrückisch?
3. Quais níveis linguísticos são mais vulneráveis ao recurso da tradução? De modo geral, o nível lexical mostra-se mais propenso a influências decorrentes do contato linguístico (Busse, 1996; Nübling *et al.*, 2017; Matras, 2020). Sabe-se, porém, que outros níveis, como a sintaxe, a semântica e a pragmática costumam ser igualmente afetados por processos tradutórios (Sakel, 2007; Riehl, 2018; Matras, 2020).
4. Quais fatores condicionadores, de ordem intra- e extralinguística, favorecem a ocorrência de processos tradutórios? Há, por exemplo, diferenças conforme a situação de uso, escrita ou falada, formal ou informal, como ocorre na relação entre escrituralidade (nível de fala mais refletido e monitorado) e oralidade (como discurso mais imediatista)? Qual a influência do grau de plurilinguismo ou da maior ou menor dominância do português pelos falantes? Pode-se, além disso, identificar fases históricas, no contato entre o alemão e o português, em que houve mais ou menos condições de uso de recursos tradutórios?
5. Como os falantes da comunidade imigrante, no caso do Hunsrückisch, percebem e valoram variantes derivadas de processos tradutórios, seja em termos de dominância das línguas em contato (grau de plurilinguismo), seja em termos de uso da norma (grau de standardização)?

Essas perguntas de pesquisa constituem diferentes facetas do objetivo geral desta tese – os processos tradutórios e seu papel na configuração, variação e mudança do Hunsrückisch. Diante do exposto, são objetivos específicos da presente tese:

- 1) testar a tipologia de processos tradutórios identificada a partir da literatura e procurar evidências que a comprovem ou que sugiram uma revisão e readequação, levando em conta a situação de contato linguístico na oralidade;
- 2) verificar a frequência e representatividade com que ocorrem os diferentes processos tradutórios identificados;
- 3) verificar quais fatores favorecem ou desfavorecem a ocorrência e recorrência dos diferentes processos tradutórios identificados no *corpus* analisado, considerando diferentes níveis linguísticos e dimensões de análise.

Esses objetivos implicam, metodologicamente (v. cap. 3), um levantamento prévio de variáveis linguísticas que potencialmente sinalizem a ocorrência de processos tradutórios. Por seu teor mais abstrato e muitas vezes “imperceptível”, propõe-se uma análise de ordem qualitativo-interpretativa, a partir do banco de dados de fala do ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), bem como do ALMA-Histórico, que reúne um conjunto de cartas privadas, escritas em alemão e em português desde o início do século XIX.¹² É possível, com essa base de dados, realizar macroanálises pluridimensionais e quantitativas que permitam identificar variantes derivadas de processos tradutórios e sua influência na variação e mudança do Hunsrückisch, considerando grupos etários, microáreas históricas, escolaridade, migrações e contatos linguísticos, entre outros fatores.

Com base nos estudos prévios tanto do campo dos Estudos da Tradução quanto da variação e mudança do Hunsrückisch como “laboratório de aplicação” dos pressupostos teóricos da tese, tem-se como pontos de partida e hipóteses a considerar na análise:

¹² Esta pesquisa está dispensada da submissão ao comitê de ética porque se ocupa dos dados do projeto ALMA-H, que já possui parecer favorável nesse sentido (ver anexo 1).

- 1º) O processo tradutório mais evidente que se pode esperar, especialmente nas fases iniciais do contato linguístico, parece ser a formação de **neologismos**: o falante precisa apropriar-se do novo meio, mas ainda não conhece bem a língua e cria uma denominação nova com material da sua língua.
- 2º) Em um momento posterior, quando o contato linguístico se intensifica, intensifica-se também a **tradução de material léxico da língua X com equivalente da língua Y** (apropriação por tradução – v. seção 2.7.2.3.2), bem como a **transferência de material léxico da língua X para a língua Y** (apropriação direta – v. seção 2.7.2.3.1) e a **replicação de funções e estruturas da língua X para a língua Y** (replicação funcional e estrutural – v. seção 2.7.2.4).
- a) O falante atribui uma denominação equivalente na sua língua, resultante da tradução de uma denominação da língua fonte. Supondo um conhecimento mínimo da língua do novo meio, o português, é de se esperar que o falante faça uso da tradução para i) tornar conhecido seu sentido original a alguém que não domina suficientemente o português (sentido comunicativo), ii) purificar a língua, isto é, retirar dela as marcas alógenas (do português) (sentido atitudinal, que envolve uma concepção de língua contrária à mistura linguística).
- b) Supõe-se que o uso do recurso tradutório com material endógeno da língua apropriadora (no caso, o Hunsrückisch) seja mais frequente do que se imagina, dado que passa muitas vezes despercebido ao falante, que percebe os elementos derivados desse processo tradutório como parte de sua própria língua. Em outras palavras, são recursos de relativa aceitabilidade, conforme diferentes fatores sociais e cognitivos, entre os quais especialmente o grau de bilinguismo e a função comunicativa.
- 3º) Em relação aos **fatores extralinguísticos** favorecedores ou desfavorecedores de processos tradutórios, pode-se formular as seguintes premissas ou pressuposições:
- a) No eixo da **diacronia**, espera-se um comportamento variável no uso do recurso tradutório entre imigrantes e seus descendentes, nas diferentes fases do contato linguístico. Isso implica uma análise em “tempo real” que

contrasta o uso da tradução 1) por imigrantes das fases iniciais [+monolíngues em alemão] e 2) imigrantes posteriores ou remigrantes (dt. *Zuwanderer*) igualmente [+monolíngues em alemão] que, com grande probabilidade, adotam formas criadas ou pré-traduzidas por seus antecessores e, por fim, 3) os descendentes (gerações nascidas no novo meio) que, por já serem [+bilíngues], dispensam com mais frequência o uso da tradução, visto que possuem um domínio mais acentuado da língua fonte, no caso português, em função também da maior presença dessa língua na comunidade.

- b) Assim como na análise em tempo real, é possível observar variação na ocorrência de processos tradutórios em “tempo aparente”, contrastando a fala da geração mais velha com a geração mais jovem (**dimensão diageracional**). É esperado que falantes da geração mais velha façam maior uso de apropriações por tradução, enquanto a geração mais jovem, por já ser mais proficiente nas duas línguas, tenda à incorporação de elementos do português (apropriações diretas).
- c) No eixo da **diatopia**, espera-se um comportamento variável entre localidades [+/- rurais] e [+/- urbanas], com [+/- presença do português], bem como entre microáreas distintas, que, no caso do Hunsrückisch, compreendem, conforme Altenhofen e Thun (2016), as colônias velhas e novas do Hunsrückisch Riograndense (Hrs.), o Hunsrückisch Leste-Catarinense (Hsc.) e o Hunsrückisch Espírito-Santense (Hes.). São pressuposições que implicam análises macrolinguísticas, por meio do mapeamento de variáveis com dados do ALMA-H.
- d) Na dimensão **diastrática**, espera-se um comportamento variável entre imigrantes com [+escolaridade] e, em princípio, [+propensos à incorporação de elementos do português] e imigrantes com [-escolaridade] e, por consequência, probabilisticamente [-propensos à incorporação de elementos do português].
- e) Na dimensão **diamésica**, em que se comparam dados de fala e de escrita, é de se esperar que a escrituralidade – como nível de fala mais refletido e monitorado – favoreça o uso de apropriações semânticas (portanto, com

material endógeno da língua apropriadora) em detrimento de apropriações diretas (de origem alógena). Por outro lado, na oralidade – como discurso mais imediatista (Koch; Oesterreicher, 1985) – o monitoramento é menor, favorecendo o uso de apropriações diretas.

- f) Por fim, na dimensão **diarreferencial**, é esperado que um comportamento mais purista iniba a ocorrência de apropriações diretas e favoreça as apropriações semânticas ou as replicações, enquanto um contexto plural [+plurilíngue] revele maior tolerância em relação ao intercurso de material linguístico de uma língua para outra.

Esta tese está organizada em quatro capítulos, além desta introdução – dedicada à contextualização do objeto de estudo da pesquisa e apresentação dos objetivos, das perguntas e hipóteses que a norteiam. O primeiro capítulo trata do contato linguístico entre o português e o Hunsrückisch, apresentando a definição e as características dessa variedade linguística no Brasil bem como aspectos referentes à sua matriz de origem. Nesse primeiro capítulo são discutidas ainda questões relacionadas à difusão do Hunsrückisch no Brasil e ao processo de ocupação espacial das línguas de imigração no Brasil e na Bacia do Prata, bem como aspectos históricos do contato entre o Hunsrückisch e o português que podem apontar e explicar fatores que favorecem ou desfavorecem processos tradutórios.

No segundo capítulo, são apresentadas as bases teóricas que fundamentam esta pesquisa. Além disso, definem-se conceitos essenciais ao longo desta pesquisa, como o conceito de plurilinguismo, o próprio conceito de tradução, bem como de equivalência e transferência. O objetivo é dialogar, em especial, com autores que investigam processos tradutórios a partir de uma perspectiva interdisciplinar, levando em conta a articulação entre tradução e contatos linguísticos em contextos multilíngues e buscando chegar a uma tipologia dos processos tradutórios aplicada a contatos linguísticos na oralidade.

O terceiro capítulo se ocupa das etapas da metodologia adotadas na seleção e análise dos dados: 1. descrição do banco de dados do ALMA-H, 2. o princípio da pluridimensionalidade na análise das variáveis selecionadas, 3. as etapas do processo metodológico, 4. a rede de pontos e as entrevistas, bem como o perfil dos informantes que compõem o ALMA-H, 5. as dimensões de análise selecionadas e, por fim, 6. a

apresentação das variáveis linguísticas analisadas e que representam evidências de processos tradutórios do português para o Hunsrückisch.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados, os resultados referentes às hipóteses levantadas e a discussão desses resultados bem como de resultados suplementares, que esclareçam os fenômenos pesquisados. Nesse capítulo, contrastam-se as ocorrências dos dados de fala do ALMA-H entre si (sobretudo das seções CLex e CGramII do questionário para as entrevistas do Projeto) e com os dados escrito que compõem o ALMA-Histórico, buscando lograr, assim, uma análise em tempo real e em tempo aparente dos fenômenos pesquisados. Na parte CLex, que compreende unidades lexicais, foram selecionadas algumas ocorrências de neologismos e apropriações linguísticas; na parte CGramII do questionário, que compreende a tradução de frases do português para o Hunsrückisch, foram selecionadas ocorrências que ilustram os processos de replicação funcional e estrutural.

Nas considerações finais, retomamos os objetivos e resultados com o propósito de apresentar as contribuições da pesquisa e seus possíveis desdobramentos futuros.

CAPÍTULO 1 – O CONTATO LINGUÍSTICO HUNSRÜCKISCH-PORTUGUÊS

Este capítulo centra-se nos aspectos históricos e sociais do contato linguístico entre o Hunsrückisch e o português, uma vez que tais aspectos têm evidente influência sobre a língua e sobre as formas de apropriação linguística eleitas pelos falantes no novo meio. Inicia-se com uma visão geral de aspectos referentes à matriz de origem, seguida da definição e das características do Hunsrückisch e de aspectos históricos do contato entre essa variedade linguística e o português bem como da sua difusão no Brasil na Bacia do Prata.

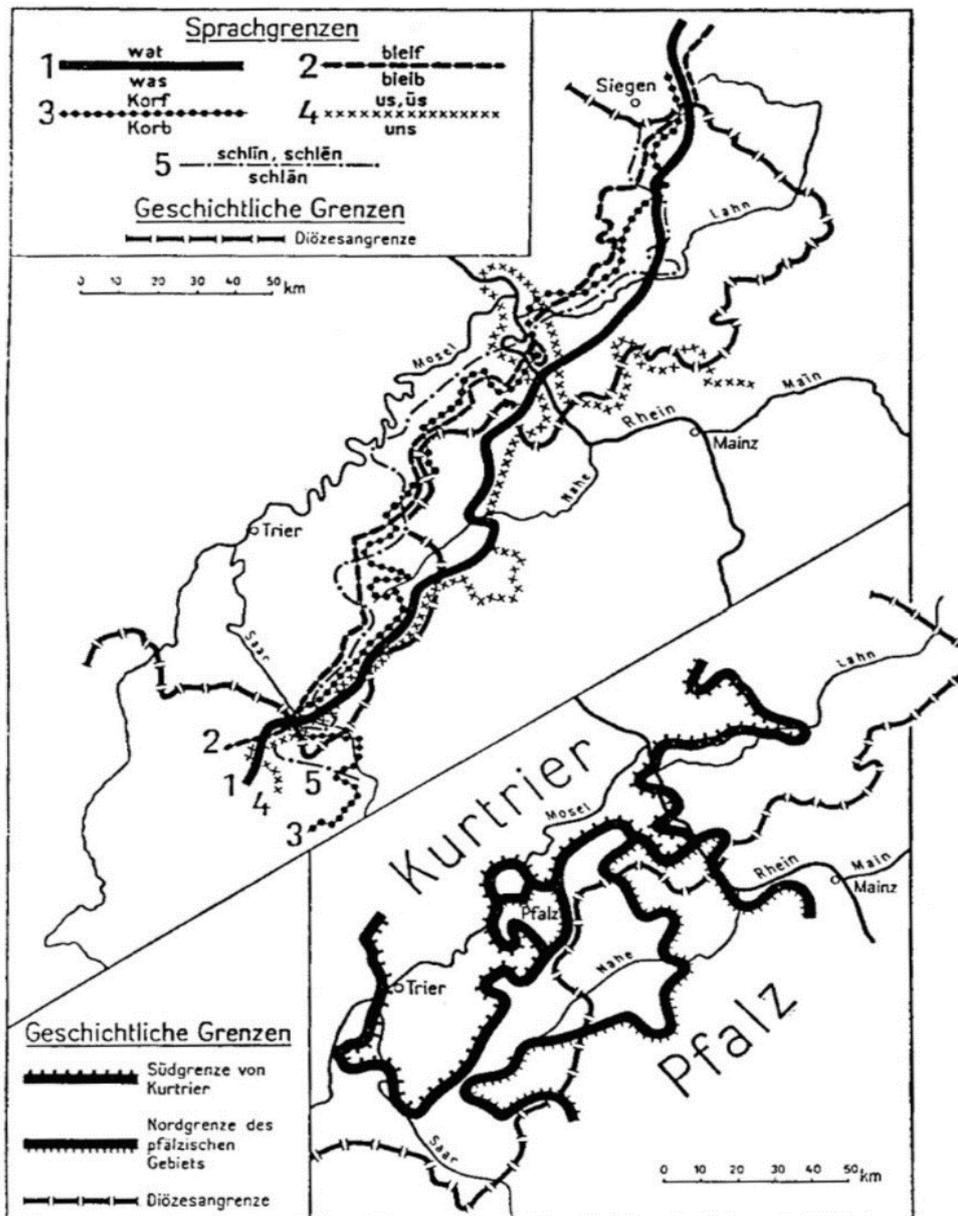
1.1 MATRIZ DE ORIGEM

O Hunsrückisch falado no Brasil (HrBr.) é uma língua de imigração que tem suas raízes na região do Hunsrück – região montanhosa e de clima rigoroso, localizada no oeste da Alemanha, no estado de *Rheinland-Pfalz* (Renânia-Palatinado). Altenhofen (1996, p. 18) denomina a variedade alemã do Hunsrückisch “Hunsrückisch renano” (*rheinisches Hunsrückisch* – RhHr.). Sob esse termo, Altenhofen (1996) logra designar a variedade falada na matriz de origem, ressaltando, porém, que não se trata de forma alguma de uma variedade homogênea, mas que compreende uma extensa região no *continuum* das variedades linguísticas do alemão central ocidental entre o francônio-renano e o francônio-moselano. Na região compreendida por esse *continuum*, o Hunsrück representa a zona de transição entre o francônio-renano e o francônio-moselano.

Ainda não é possível determinar se a maioria dos imigrantes no Brasil veio da área mais moselana ou da área mais renana do Hunsrück. Essas subáreas são separadas por uma área de transição conhecida, na dialetologia alemã, como “barreira do Hunsrück” (*Hunsrückbarriere* ou *Hunsrückschranke* – Frings, 1956 *apud* Altenhofen, 1996), pois

separa uma série de variantes francônio moselanas / francônio renanas, entre as quais se pode mencionar a clássica oposição entre as formas *dat / das* e *wat / was* (Altenhofen, 1996, p. 21).

Figura 1: Barreira do Hunsrück



Fonte: Frings (1956, p. 81 - *apud* Altenhofen, 1996).

Essa “barreira do Hunsrück” constitui um aglomerado disperso de linhas individuais (ou isoglossas), que se aproximam da linha principal *dat/das*, mostrando um percurso muito similar a esta e caracterizando a chamada zona de transição. Assim, essas

linhas, devido aos contrastes que estabelecem entre o francônio-renano e o francônio-moselano, podem ser consideradas como critério para determinar a probabilidade de pertencimento do HrBr. de uma dada localidade e de um informante a um determinado ponto do *continuum* da matriz de origem (Altenhofen, 1996).

1.2 O HUNSRÜCKISCH FALADO NO BRASIL

O Hunsrückisch falado no Brasil é considerado uma língua de imigração, ou seja, tem sua origem em variedades linguísticas alóctones que entraram em contato com o português (considerado como variedade autóctone) bem como com outras variedades linguísticas alóctones presentes no contexto brasileiro. Trata-se da variedade de língua alemã (e, possivelmente, também de língua de imigração – cf. Altenhofen, 1996) mais disseminada no Brasil. Define-se como uma variedade que se formou através do contato e nivelamento linguístico de variedades linguísticas alemãs trazidas para o Brasil, no século XIX, sobre a base dialetal do médio-alemão de imigrantes da região do Hunsrück e do Palatinado, de grande representatividade demográfica.¹³ Essa base dialetal é representada por um *continuum* entre o francônio-renano e o francônio-moselano que, de um lado, apresenta marcas linguísticas que se distanciam ou se aproximam, em grau variável, da norma escrita do alemão *standard* e, de outro lado, incorpora elementos do português e de outras línguas com as quais entrou em contato no seu percurso migratório, ao longo do tempo (Altenhofen, 1996).

O Hunsrückisch se caracteriza, assim, como uma coiné relativa e variável ou um complexo varietal (*variety complex* – cf. Thun, 2010) resultante do contato e da (i)migração de diferentes variedades no *continuum* francônio-moselano (marcas mais dialetais) + francônio-renano (marcas intermediárias) + alemão *standard* + variedades regionais do português em contato. Essa peculiaridade confere ao Hunsrückisch o papel de língua de mediação [*Mittelfeldsprache*], ocupando, por vezes, a função de língua

¹³ Vale lembrar que a Alemanha, como país politicamente unificado, só viria a existir a partir de 1871, até então, tratava-se de uma região de pequenos reinos, independentes uns dos outros (Pavan; Neumann, 2017). Por isso é grande, até hoje, a diversidade de variedades do alemão faladas naquele país e, conseqüentemente, trazidas para o Brasil com os imigrantes.

comum [*Gemeinsprache*], sobretudo na ausência da norma padrão do alemão (Altenhofen, 2019).

1.3 ASPECTOS HISTÓRICOS DO CONTATO HUNSRÜCKISCH-PORTUGUÊS

A imigração europeia no Brasil foi baseada, segundo Woortmann (2016), no modelo desenvolvido por Catarina II da Rússia para a Ucrânia, e sua escolha foi atribuída à imperatriz do Brasil, Leopoldina de Habsburg e Lorena. Esse modelo se assemelhava àquele adotado pelo Império Austro-Húngaro e posteriormente pelo Império Britânico em algumas áreas da Austrália e da Nova Zelândia. Nele, previa-se o assentamento de famílias formadas sobretudo por agricultores em terras do governo e nas proximidades de cidades – como no caso de São Leopoldo, próximo de Porto Alegre – e de tropas militares em pontos estratégicos ao longo das fronteiras brasileiras. Esse modelo explica a formação das picadas, que designam a forma elementar de penetração na mata subtropical, na qual são abertas trilhas com as ferramentas disponíveis, e, ao longo das quais, os imigrantes são assentados nos lotes de terra que lhes foram atribuídos. Inicialmente, portanto, a picada, era apenas uma rota de acesso aos lotes de terra, executada manualmente pelos próprios imigrantes. Com o tempo, transformou-se no centro organizacional da vida das novas comunidades (Dreher, 2019). As picadas eram geralmente ocupadas por um grupo mais ou menos homogêneo de imigrantes, composto por pessoas que compartilhavam laços familiares ou vindas da mesma região. Isso explica também por que, ao menos nas fases iniciais da imigração, o contingente maior de imigrantes é formado por famílias e não por pessoas solteiras: “a lista de imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul entre 1824 e 1853, por exemplo, mostra que eram muito poucos os chamados isolados, ou seja, jovens solteiros, sem nenhum vínculo familiar [...]” (Woortmann, 2016, p. 65 – tradução nossa).¹⁴

A emigração alemã, assim como as demais emigrações europeias, foi motivada pelas indefinições e incertezas políticas, econômicas e culturais que marcavam a Europa já desde o final do século XVIII, bem como pela promessa de uma vida mais próspera no

¹⁴ Do inglês: “The list of immigrants coming into Rio Grande do Sul between 1824 and 1853, for example, shows that there were very few of the so-called isolated, that is, young single men without any family ties.”

Novo Mundo. Esses dois polos caracterizam o modelo de migração baseado na pressão e na atração (*Push and Pull Migration Modell*): enquanto as condições adversas na matriz de origem representam fatores que pressionam à emigração, as possibilidades do Novo Mundo, por outro lado, representam fatores de atração (Alheit, 2019). Essas motivações se intensificam de acordo com as experiências daqueles que migram (Alheit, 2019; Woortmann, 2016). Enquanto boas experiências vão atrair novos imigrantes, experiências ruins serão motivo de nova pressão sobre os já imigrados. Essa pressão pode se dar através do retorno à matriz de origem ou ainda através da emigração para outras áreas. Essas experiências são, em grande parte, compartilhadas através da correspondência pessoal, como será ilustrado a seguir.

Para os imigrantes, o Novo Mundo se apresentava na forma de um ambiente bastante diferente daquele do continente europeu, com o qual estavam acostumados. Assim, nas cartas que trocavam com seus familiares e amigos, os principais temas são exatamente aqueles voltados às novidades do Novo Mundo, do novo ambiente: a viagem, a chegada, a descrição da colônia¹⁵ de cada um, bem como detalhes sobre as plantas e os animais encontrados no novo ambiente, as novas formas de cultivo da terra e de criação de animais, as comidas, a geografia, o clima – como ilustra o seguinte excerto de uma carta privada de 1855:

(1)¹⁶ *Leider haben wir bis jetzt mehr naßes als trocknes Wetter gehabt, da im Sommer täglich Gewitter kommen, u[nd] diß in einem fürchterlichen Grade, nach jedem Blitz knattert es so gewaltig daß man denkt ein hölzernes Gebäude stürzt zusammen, u[nd] darauf folgt ein Donnerschlag daß man glaubt es seien 100 Paukenschläger auf dem Dache. Wer es nicht selbst hört; kann sich keinen deutlichen Begriff davon machen.* • [Infelizmente, tivemos até agora mais chuva do que sol, pois, no verão, as tempestades ocorrem diariamente e são assustadoras: depois de cada relâmpago, há um estrondo tão violento que se tem a impressão de que um prédio de madeira está desmoronando e isso é seguido por trovoadas que parecem como uns 100 timpanistas no telhado.

¹⁵ Enquanto em alemão, a palavra *Kolonie* designa a posse territorial ou a aglomeração de estrangeiros de uma dada nacionalidade no exterior, seu significado no Brasil designa a propriedade ou o lote do colono ou ainda uma região habitada por colonos (Oberacker, 1957). Matzke (2020) também faz referência ao sentido do termo *Kolonie* na época da imigração alemã, observando que se trata de um termo utilizado para designar os assentamentos de imigrantes, cujo sentido está ancorado no uso linguístico do português falado no Brasil. Já para Witt (2015): “Quando escrito com a inicial em maiúsculo, o termo “Colônia” designa o empreendimento agrícola onde colonos foram assentados, o qual, com o tempo, foi elevado à categoria de vila e cidade. Por sua vez, quando for redigido com a inicial em minúsculo, “colônia” terá seu significado vinculado à propriedade territorial recebida pelo imigrante, onde morou, trabalhou e retirou sua subsistência. Dessa forma, a Colônia era dividida em muitas colônias” (Witt, 2015, p. 225 – nota de rodapé).

¹⁶ Todos os excertos das cartas que fazem parte do *corpus* de análise são numerados, como nesse primeiro caso. Suas traduções, exceto quando especificado, são de nossa autoria.

Quem não ouve pessoalmente, não consegue fazer uma ideia clara da situação] (Fonte: Matzke, 2020, p. 113).¹⁷

As estranhezas e novidades com as quais se deparam os imigrantes fazem com que se preocupem em oferecer detalhes bem-informados sobre o novo ambiente para os conterrâneos que também estavam considerando a emigração para o Brasil. O seguinte excerto de uma carta escrita em 1858¹⁸ ilustra essa preocupação:

(2) Ihr werdet vielleicht schon öfter gesagt haben das daß Schreiben euch zu lange ausbleibe aber, ich bite um verzeigung den ich konte mich nicht eher dazufinden den ich wolte zuerst wissen wie es in allen Stücken in diesen Lande aus sähe damit ich ware auskunft erteilen könnte. Sonderbares bietet sich den einwanderer zuerst der da sihet man das ganze Land von lauter Gebirge und Bergen, welches man in Deutschland ja nicht gewohnt ist. • [Vocês provavelmente já comentaram diversas vezes que minha carta demora a chegar. Peço desculpas por não ter escrito antes, mas primeiro queria conhecer cada pedaço desta terra para poder enviar informações fidedignas. Coisas estranhas se apresentam ao imigrante a princípio, pois é uma terra cheia de morros e colinas, coisas com as quais não se está acostumado na Alemanha] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 119).¹⁹

Também a vastidão das novas terras impressionava os imigrantes. Todavia, tinham dificuldade de compreender e aceitar a forma pouco natural da colônia, resultante da divisão realizada pelos agrimensores, e faziam o possível para deixá-las mais orgânicas, mais semelhantes às terras que haviam deixado para trás. Buscavam, então, replicar o modelo dos vilarejos conhecidos, definindo a vizinhança:

Cada vizinhança era composta pelos moradores de uma picada, cujas propriedades ficavam entre dois fenômenos topográficos distintos, como riachos, morros, vales e assim por diante. Esses colonos estavam ligados por um sistema de direitos e deveres que seria inconcebível sem a experiência prévia de viver em um vilarejo fechado. Nenhum estranho suspeitaria da existência de ligações tão fortes entre uma vizinhança tão dispersa (Weimer, 1988, p. 114).

¹⁷ Carta escrita em 15 de março de 1855 por Ida Dörffel, em Dona Francisca, para a sogra, Christiane Charlotte Dörffel, em Glauchau na Alemanha.

¹⁸ Carta escrita em 10 de outubro de 1858 por autor desconhecido, em Teotônia, aos parentes na Alemanha.

¹⁹ As cartas em Altenhofen, Steffen e Thun (2018) foram transcritas com base nos princípios da transcrição diplomática, ou seja, respeitando exatamente tanto a grafia quanto os aspectos referentes à forma do texto original. Nos excertos das cartas que aparecem neste trabalho, manteve-se a grafia original, a forma, contudo, foi adaptada.

Weimer (1988) faz referência à organização das comunidades em picadas que, como já mencionado, desenvolveram-se a partir do modelo de assentamento adotado no período inicial do projeto de colonização do Brasil. O termo “picada”²⁰ se referia inicialmente às trilhas no meio da mata, abertas a facção pelos imigrantes alemães, porém,

a picada, que, inicialmente, nada mais era que a trilha de acesso a uma propriedade, passou a ser, em pouco tempo, orientadora e organizadora de vida comunal, geograficamente identificável. Era unidade humana, na qual se encontravam templo (católico ou luterano, as confissões religiosas às quais pertenciam imigrantes alemães), a escola (tradição trazida pelos imigrantes e que teria importância fundamental para o desenvolvimento do Brasil meridional), o cemitério (espaço de reverência a mortos e de preservação de memória comunal), a residência do professor e do padre/pastor, o salão de festas comunitário (também designado de sociedade ou clube). Cada picada abrigava uma casa comercial, entreposto para o qual eram vendidos os excedentes de produção e através do qual se adquiriam bens não produzidos na comunidade. A casa comercial, muitas vezes conhecida por “venda”, era a porta de comunicação da Picada com o mundo exterior (Dreher, 2019, p. 138).

Essa estrutura permitia à picada, como ressalta Dreher (2019), um alto grau de autonomia, autossuficiência e autoadministração. Além disso, tratava-se de uma organização comunitária e cooperativa, na qual o sistema de vizinhança, formado por moradores da picada, cumpria o importante papel de manter o bem-estar das famílias. Dessa forma, os vizinhos “se auxiliavam mutuamente na colheita, nas festividades e no luto, mas também em época de doença, quando era assumido inclusive o plantio da terra do vizinho doente” (Dreher, 2019, p. 142).

Apegar-se ao familiar é uma atitude natural, como observa Singer (1998), especialmente diante das dificuldades que os imigrantes enfrentaram logo que chegaram ao Novo Mundo, “o ‘velho’ meio continua, de algum modo, no imigrante, influenciando suas decisões e seu entendimento do ‘novo’ meio” (Altenhofen; Von Mühlen, 2023 [no prelo]). Além disso, o sudoeste da Alemanha – região de onde veio grande parte dos imigrantes – caracterizava-se por uma organização político-econômica centrada na comuna (*Gemeinde*), fundamentada no sistema de terras comunais, que se assemelhava ao sistema que os imigrantes buscaram recriar no sul do Brasil através das picadas (Relly, 2013).

²⁰ A expressão “o fim da picada”, que hoje tem o sentido de algo inaceitável, tem sua origem nesse período: “Quem tinha tido azar de receber uma colônia ‘no fim da picada’, se encontrava em situação mais desprotegida” (Altenhofen; Morello *et al.*, 2022, p. 151).

Nesse novo contexto, marcado por uma hibridização identitária,²¹ surge a necessidade de designar elementos ainda desconhecidos ou com os quais tivessem menos contato anteriormente: “o meio físico diferia profundamente do meio ambiente europeu e impunha, paralelamente a outras mudanças culturais, a aquisição de uma terminologia que preenchesse as lacunas existentes no equipamento linguístico trazido dos países de língua germânica” (Willems, 1946, p. 277). Também Nübling *et al.* (2017, p. 190) observam que “o desenvolvimento do vocabulário está intimamente ligado às mudanças nas necessidades comunicativas”, que, por sua vez, estão relacionadas a inovações ou mudanças culturais, sociais, ambientais, entre outras.

Os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil no início do século XIX vinham, em sua maioria, do meio rural e, antes da emigração, haviam sofrido as consequências da industrialização na Alemanha: o êxodo rural e a consequente dificuldade de especialização em atividades industriais levaram as pessoas a condições de vida cada vez mais precárias e muitas delas, à pobreza absoluta. Esse cenário favoreceu a emigração, configurando-se em motivo de pressão (Alheit, 2020).

Esses imigrantes haviam deixado um ambiente de grande pobreza e miséria em busca de uma nova vida e tinham o firme propósito de fazê-la dar certo. Assim, consideravam de grande importância apropriar-se do novo meio bem como aprender a língua portuguesa, que representava a língua de prestígio, mas também de acolhimento. A língua portuguesa encerrava em si, além disso, a possibilidade de crescimento e sucesso profissional, como se pode depreender, por exemplo, a partir do contexto e das cartas trocadas entre Carlos Dockhorn, seu pai Nicolau Dockhorn e seu irmão mais novo, João Dockhorn – descendentes de Johann Dockhorn e Anna Juliana Tatsch.²²

²¹ Segundo Seyferth (2004), já nas primeiras gerações de imigrantes alemães e seus descendentes, é possível perceber o surgimento de uma identidade teuto-brasileira. Contos e romances desse período relatam a presença da duplicidade de pátrias: de um lado, está a exaltação da nova terra, pelas oportunidades que oferece; de outro, os sentimentos de pertencimento e lealdade à pátria alemã, a *Heimat*. Esses aspectos são perceptíveis também na correspondência que os imigrantes e seus descendentes trocam com familiares e amigos.

²² Johann Dockhorn nasceu em Hettstedt, no distrito de Mansfeld-Südharz, localizado no estado da Saxônia-Anhalt. Ele saiu de Hamburgo, na Alemanha, em 19 de novembro de 1824, a bordo do transatlântico à vela Caroline, que chegou ao Rio de Janeiro em 5 de abril de 1825, trazendo 100 colonos e 160 soldados. Em maio de 1825, Dockhorn apareceu registrado em São Leopoldo e em 1828 seu nome consta entre os fundadores da colônia de São José do Hortêncio, onde se estabeleceu como curtidor depois de se casar com Anna Juliana Tatsch em São Leopoldo no dia 10 de fevereiro de 1828 (Dockhorn, 1988). Johann Friedrich Dockhorn fazia parte, portanto, de uma das primeiras levas de imigrantes alemães a se estabelecer no sul do Brasil.

Segundo Dockhorn (1988), Johann Nicolau Dockhorn, nasceu em 31 de agosto de 1849, em São José do Hortêncio, município de São Leopoldo, e em sua certidão de óbito consta que era lavrador; além disso, Nicolau Dockhorn era veterano da Guerra do Paraguai. Carlos Dockhorn nasceu em 11 de agosto de 1879 em Venâncio Aires (ainda não havia completado 18 anos na época em que escreveu a carta reproduzida a seguir):

Figura 2: Carta de Carlos Dockhorn ao pai

Santa Maria, 14 de Abril. de 1897

Meos estimados,

saúde em companhia atados de casa e nossos
 pertencentes é o que de desejo lhes, por inquanto eu por
 a qui vou muito bem. Eu tenho recebido a sua amavel cartinha,
 que o senhor me escreveu do 25 meo passado, e tinha me encontrado bem,
 e com saúde, e o senhor me creveu que a minha iima está oito semanas
 datuente, que ainda não tinha melhorada. Eu estimo muito bem que
 estas poucas mal citadas linhas vão lhe encontra-lhes de saúde e
 melhorada. Por aqui vamos todos ^{ainda} muito bem, e saídas de todas;
 e muit que eu pergunto se o Jorge Fiegel si estabeleceu se na
 terra delle o se elle mudou-se para outro lugar. Eu oir dizer que
 elle está estabelesito em rengão São Pedro.

O senhor Julio vai macatjar no tia 10 deste meo corrente,
 e está com vontade de mudar-se para o Arrenal,
 e com sertera eu vou ficar em esta loja que elle tem ainda
 em Santa Maria. O eu vou para outro lugar, eu já ~~vou~~ ^{vou} desta
 meo de Janeiro na escolla e tenho de pagar por meo deo milreis.

O seu
 querido
 estimado filho,
 Carlos Dockhorn.

Essa é a primeira carta que Carlos Dockhorn escreve em português – até então sempre escrevera aos familiares em alemão. O fato de escrever em português para os pais sugere uma maneira de mostrar-lhes que está aprendendo a língua, tendo em vista que se tratava de uma resposta à carta enviada pelo pai de Carlos em 25 de março de 1897, na qual este expressava sua preocupação com os estudos do filho: leitura, escrita e matemática. Apesar de não especificar na carta que estava se referindo à leitura e escrita em português, pode-se inferir que esse fosse o caso, já que o filho trabalhava no comércio e precisava usar o português na sua atividade profissional. Também em carta posterior, escrita por Nicolau e João Dockhorn, este último incentiva o irmão a aprender a língua: “Também estou feliz de coração que possas permanecer lá fora. Cuida bem da loja e exercita a leitura e a escrita [...] para que mais tarde possas me ensinar também” (Dockhorn, 1988, p. 146 – tradução nossa).²³

Assim, o contato com lusofalantes e a necessidade de aprender a língua majoritária oferecem, por um lado, material linguístico ora assimilado às próprias regras gramaticais e de pronúncia do alemão ora apropriado na forma presente na língua fonte, como se percebe na carta transcrita acima. Por outro lado, as diferenças, as novidades e as exigências do novo meio de vida dos imigrantes alemães levaram à criação de palavras com material linguístico do alemão. Esses processos foram caracterizados, entre outras questões, pela forma de difusão bem como pelas fases de contato das variedades linguísticas alemãs com o português, como será demonstrado a seguir.

1.4 TEMPO E ESPAÇO NA ÁREA DE DIFUSÃO DO HUNSRÜCKISCH NO BRASIL

Diferentes arealidades (eixo espacial) e diferentes fases históricas (eixo temporal) caracterizam a difusão e as mudanças do Hunsrückisch no Brasil. Em termos de espaço, o Hunsrückisch é a variedade mais disseminada, como mostra a rede de pontos do ALMA-H (v. seção 3.4, mapa 1). Segundo Thun (2017),

²³ Do alemão: ““Es freut mich auch von ganzen [Herzen], dass du draussen bleiben kannst. Basse gut auf im Geschäft und übe auch im lesen und schreiben [...] dass du mich später auch lernen kannst.” – Não é possível identificar a data exata em que essa carta foi escrita, mas, pelo contexto, pode-se depreender que é posterior àquela escrita por Carlos Dockhorn em abril de 1897.

através da arealidade, através do estudo da difusão dos fatos comprovados por uma detalhada análise sociolinguística, para além da localidade de entrevista, chega-se a um espaço tridimensional. Esse espaço tridimensional pode reproduzir melhor a estratificação da variedade, a arquitetura de uma língua histórica, bem como também as variedades resultantes de contatos entre diferentes línguas históricas [...] (Thun, 2017, p. 96).

No eixo do tempo, o Hunsrückisch representa a variedade que veio já com as primeiras levas de imigrantes, caracterizando-se, assim, por uma extensa história de contato com o português. Além disso, é importante lembrar que o imigrante alemão não trouxe em sua bagagem linguística apenas uma variedade do alemão, mas seu repertório inclui tanto conhecimentos da variedade dialetal da sua localidade de origem quanto conhecimentos, ainda que parciais, da norma *standard* do alemão (Altenhofen, 2016, 2023; Sschmidt, 2022).

Variação e mudança não representam, portanto, elementos isolados dentro de uma comunidade de fala. Elas resultam de um entrelaçamento entre motivações tanto na estrutura linguística quanto social dessa comunidade (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Tempo e espaço são variáveis fundamentais no registro dos movimentos da língua. Para isso, mais do que uma fotografia da variação linguística, faz-se necessário “um “filme (ou uma sucessão de fotos [estágios])” que permite reproduzir esses movimentos temporais e espaciais da língua em uma trajetória de migração” (Altenhofen; Thun, 2016, p. 377).

1.4.1 O processo de ocupação do espaço

Para compreender o processo de ocupação espacial das línguas de imigração no Brasil e na Bacia do Prata, dois conceitos se mostram fundamentais: **territorialidade** e **territorialização**. Por territorialidade, entende-se “o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística”, enquanto o processo de territorialização linguística deve ser entendido “como o assentamento e delimitação de variantes e variedades linguísticas em uma determinada área de circunscrição e de domínio no espaço pluridimensional” (Altenhofen, 2014, p. 73). Assim, a territorialização se refere à ação de

ocupar territórios, definindo territorialidades – o que se dá em diferentes níveis, que vão desde o situacional até o areal.

A territorialização linguística pode ser dividida em, pelo menos, dois tipos: territorialização horizontal e territorialização vertical. A primeira tem origem nas migrações de grupos sociais e étnicos para novas áreas, consideradas desocupadas; a segunda ocorre sobre uma territorialidade já estabelecida ou em vias de se estabelecer:

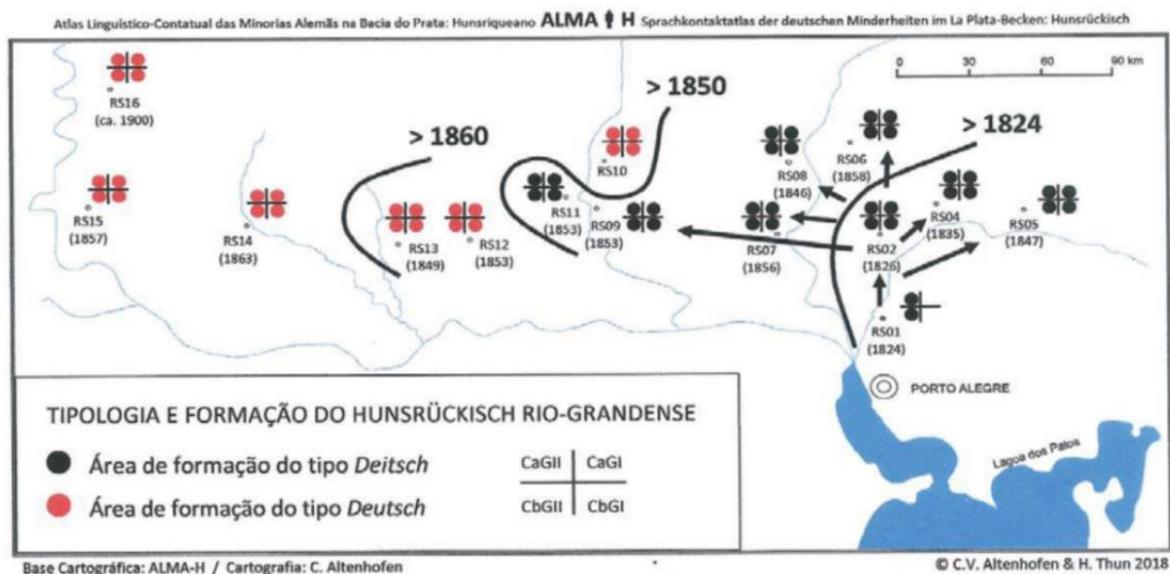
a territorialização horizontal se dá na direção de vazios ou territorialidades mais ou menos esparsas, com menor densidade de ocupação do espaço. Ou seja, ela se vale das brechas ou lacunas que determinada territorialidade coloca em evidência. Por outro lado, a territorialidade vertical implica no contato entre forças antagônicas que disputam o mesmo espaço (Altenhofen, 2014, p. 74).

Nesse movimento, é importante ressaltar que são as pessoas os agentes primordiais na difusão de suas variedades linguísticas (Altenhofen, 2014). Com isso em mente, examina-se a seguir a história da territorialização das variedades de língua alemã no Brasil e na Bacia do Prata.

A primeira grande onda imigratória de alemães no Brasil teve início em 1824, sendo interrompida por volta de 1830 por conta de diversos fatores, como a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul (1835-1845) e a Lei de Orçamento, de 1830, que impunha o fim das despesas com colonização em todas as províncias (Altenhofen; Morello *et al.*, 2022). Nesse período, foram formadas as chamadas “colônias velhas”, que ocuparam inicialmente o Vale do Rio dos Sinos e posteriormente os vales do Caí e do Taquari.

Altenhofen (2016) distingue duas microáreas linguísticas em que se dividem as colônias velhas: de um lado, a área *Deitsch* (faixa leste mais antiga), que se caracteriza por apresentar marcas de dialetalidade mais acentuada, e, de outro lado, a área *Deutsch* (faixa oeste ocupada a partir de 1850), com marcas mais próximas do *standard*. O Vale do Taquari aparece, nessa configuração geolinguística de ocupação histórica, como área de transição entre as duas microáreas, respectivamente de ocupação anterior e posterior a 1850. A Figura 2 a seguir situa os pontos do ALMA-H nessa área:

Figura 3: Microáreas *Deitsch* e *Deutsch* no espaço geohistórico das colônias velhas de imigração alemã nos vales do Sinos, Caí, Taquari e Rio Pardinho



Fonte: Altenhofen; Morello *et al.* (2022, p. 70).

A área do tipo *Deitsch* caracteriza-se pelo padrão de fala de imigrantes anteriores a 1850, no qual predomina um Hunsrückisch com marcas [+dialetais]. Por outro lado, a área do tipo *Deutsch* ou “*abgeschwächtes Hunsrückisch*” (Altenhofen, 2016, p. 119) recebeu imigrantes posteriores a 1850 que, como a maioria dos chamados remigrantes (dt. *Zuwanderer*), tendem a um padrão de fala mais próximo do *standard*. Esses imigrantes posteriores contribuem para “revitalizar” o estado da língua, trazendo inovações da língua alemã em curso na matriz de origem, na Europa, caracterizada pela difusão crescente da variedade escrita e, conseqüentemente, de marcas [+ *standard*]. A tabela a seguir exemplifica algumas das marcas que caracterizam as duas variedades:

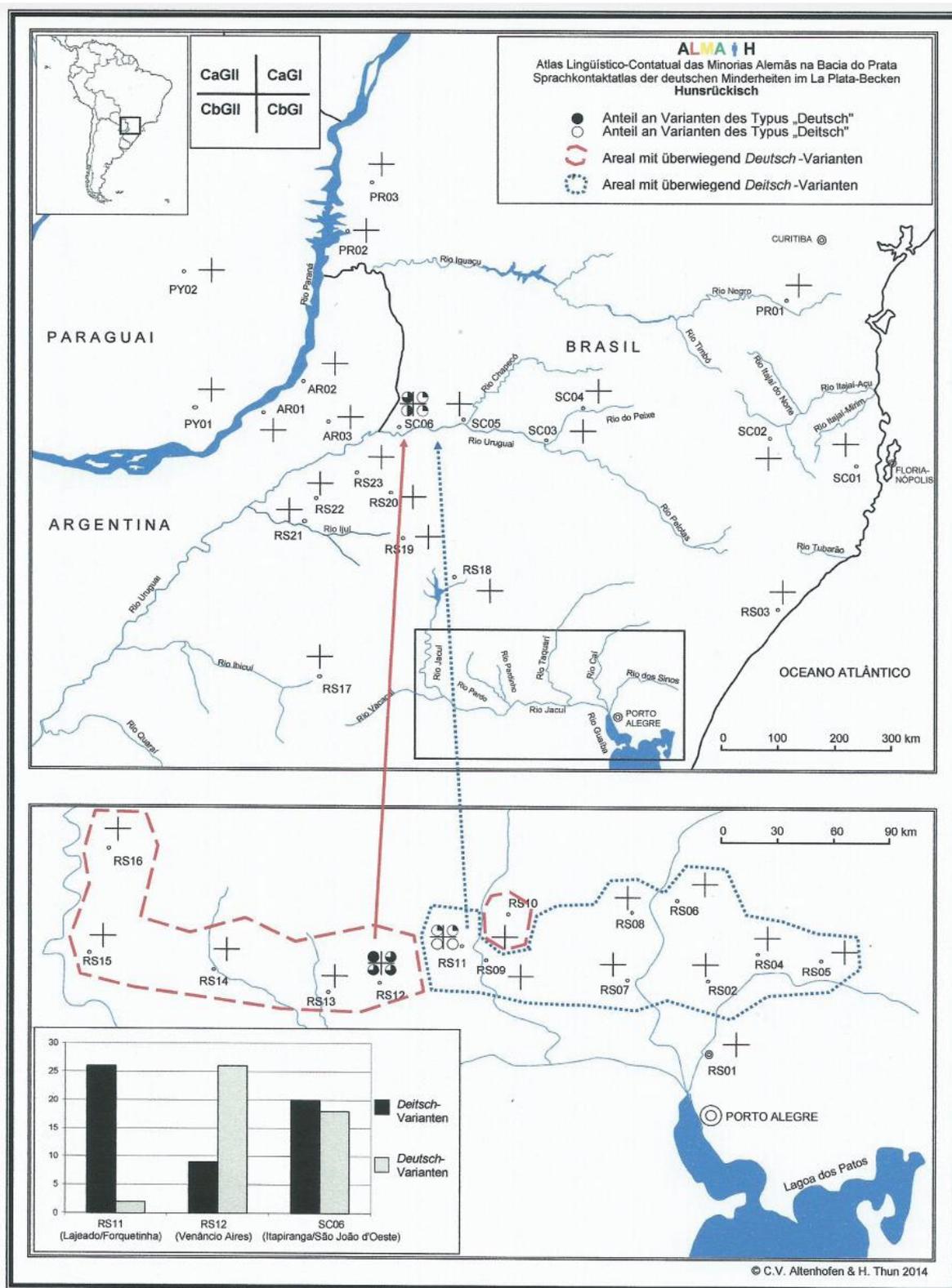
Tabela 1: Marcas características das variedades *Deutsch* e *Deitsch*

Variável	Variantes para o tipo <i>Deutsch</i>	Variantes para o tipo <i>Deitsch</i>
<i>mhd. ei</i>	[aɪ] <i>Reis</i> ›Reise‹, <i>klein</i> , <i>allein</i>	[e:] <i>Rees</i> , <i>kleen</i> , (<i>a</i>) <i>lleen</i>
<i>mhd. ie</i>	[i:] <i>veliere</i> , <i>Schmier</i> ›Marmelade‹, <i>namoriere</i> ›eine(n) Freund(in) haben‹	[e:] <i>veleere</i> , <i>Schmeer</i> , <i>namoreere</i>
<i>mhd. iu</i>	[ɔɪ] <i>Deutsch</i> , <i>Feuer</i> , <i>heut</i>	[aɪ] <i>Deitsch</i> , <i>Feier</i> , <i>heit</i>
<i>mhd. ou</i>	[aʊ] <i>Baum</i> , <i>auch</i> , <i>laufe</i>	[ɔ:] <i>Boom</i> , <i>ooch</i> , <i>loofe</i>
<i>mhd. a</i>	[a:] <i>Hahn</i> , <i>saht</i> ›sagte‹, <i>Fadem</i> ›Faden‹, <i>kaate</i> ›Karten spielen‹, <i>Calçada</i> ›Fußgängerweg‹	[ɔ:] <i>Hoohn</i> , <i>sooht</i> , <i>Foodem</i> , <i>koote</i> , <i>Kalsoode</i>
<i>mhd. â</i>	[ɔ:] var. [o:] var. [a:] <i>Jahre</i> , <i>Straß</i>	[o:] <i>Johre</i> , <i>Stroß</i>
<i>wgerm. pf</i>	[f] <i>Fiesich</i> ›Pfersich‹, <i>flanze</i> ›pflanzen‹	[p] <i>Pesch</i> , <i>planze</i>
<i>wgerm. s</i>	[s] <i>fest</i> , <i>Fenster</i> , <i>bist</i> , <i>leest</i> ›liest‹	[ʃ] <i>fescht</i> , <i>Fenschter</i> , <i>bischt</i> , <i>leescht</i>
<i>wgerm. g</i>	[ç, x] <i>reechne</i> ›regnen‹, <i>Vochel</i> ›Vogel‹	[] <i>reene</i> ›regnen‹, <i>Vohl</i> ›Vogel‹
<i>wgerm. b</i>	[b] <i>lebe</i> , <i>schreibe</i>	[v] <i>lewe</i> , <i>schreiwe</i>
<i>Lexik</i>	z.B. <i>Fead</i> ›Pferd‹, <i>Gorke</i> ›Gurke‹, <i>Friedhof</i>	z.B. <i>Gaul</i> , <i>Gummer</i> , <i>Kerrichof</i>

Fonte: adaptada pela autora a partir de Altenhofen (2016, p. 120).

O mapeamento das variantes *Deitch* e *Deutsch*, como mostra a figura 3 a seguir, espelha, nesse sentido, as mudanças sofridas pela língua alemã na matriz de origem, reforçando a hipótese de que, na primeira fase (pontos RS01 a RS11), a variante dominante se caracteriza por um maior grau de dialetalidade, enquanto os imigrantes posteriores (pontos RS10 e RS12 a RS16) trouxeram uma variedade mais influenciada pelo alemão *standard*.

Figura 4: Mapeamento das variantes *Deitsch* e *Deutsch*

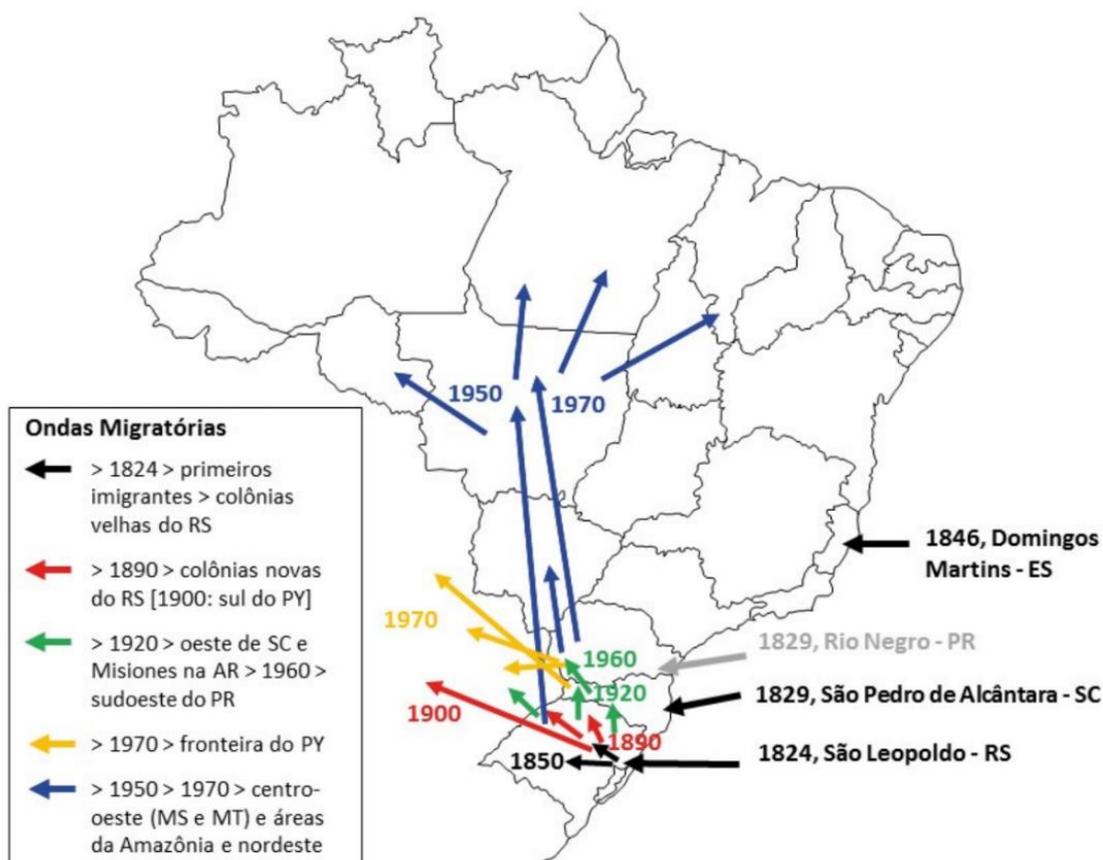


Fonte: Altenhofen (2016, p. 121).

A distância geográfica em relação à matriz de origem e, por conseguinte, em relação ao alemão como língua-teto, bem como os novos contatos levaram o Hunsrückisch a tomar outros rumos no Brasil. Em 1824, com a primeira grande onda de imigração foram formadas, como antecipado acima, as chamadas “colônias velhas”, que ocuparam inicialmente o Vale do Rio dos Sinos e posteriormente os vales do Caí e do Taquari. Em 1829, registrou-se ainda a chegada de alemães em Rio Negro (Paraná) e São Pedro de Alcântara (Santa Catarina), e em 1847, em Domingos Martins (Espírito Santo).

Conforme resultados recentes do ALMA-H (Altenhofen; Morello *et al.*, 2022), o Hunsrückisch falado no Brasil compreende três microáreas, formadas a partir dos respectivos pontos inaugurais de entrada: além do Hrs. (Hunsrückisch riograndense) – que se difundiu por uma área considerável desde sua matriz no Rio Grande do Sul –, tem-se o Hsc. (Hunsrückisch leste catarinense) e o Hes. (Hunsrückisch Espírito-Santense). Na figura abaixo, apresenta-se uma visão geral da formação das primeiras colônias de imigrantes alemães. Além disso, é possível visualizar o fluxo das migrações internas para as colônias novas, a partir de 1890. Essa expansão, que permitiu aliviar o grande contingente de imigrantes das primeiras colônias, também pode ser analisada sob a perspectiva do modelo de pressão e atração (*Push and Pull*): a estrutura nas colônias antigas se torna insatisfatória, levando a novas migrações. A partir de 1920, o fluxo migratório se expande para o oeste de Santa Catarina e para Misiones, na Argentina; e, a partir dos anos 50 do século XX, com a fundação de Porto dos Gaúchos (ponto MT01 do ALMA-H), as migrações avançam por toda a Bacia do Prata, chegam ao centro-oeste do Brasil, à região amazônica e até mesmo ao nordeste (Altenhofen; Morello *et al.*, 2022; Meurer, 2022).

Figura 5: Migrações internas e sua difusão no Brasil e na Bacia do Prata



Fonte: Altenhofen; Morello *et al.* (2022, p. 47).

As ondas migratórias representadas na figura acima “não apenas delineiam uma área geográfica com uma variação diatópica própria, mas também fases históricas e gerações de falantes que podem representar camadas de tempo específicas na mudança diacrônica do Hunsrückisch” (Altenhofen, 2023, p. 17). Estas deixam-se compreender cronologicamente da seguinte forma:

1824>1850: ocupação da antiga Colônia de São Leopoldo, por cerca de 5.000 imigrantes vindos no período entre 1824 e 1829. O fluxo migratório é interrompido em virtude de lei restritiva de 1830 e da Revolução Farroupilha (1835-1845). Surge, porém, a primeira geração de descendentes e se estabelece a base do Hunsrückisch rio-grandense.

1850>1890: com a retomada do fluxo migratório, após o término da Revolução Farroupilha, inicia a ocupação do Vale do Taquari, com descendentes da matriz de origem no Vale dos Sinos e Caí e com novos imigrantes do além-mar. Essa expansão segue na direção oeste, acompanhando a área a norte do rio Jacuí, especialmente também o Vale do Rio Pardo.

1890>1920: ocupação, por excedentes populacionais das “colônias velhas” nos vales do Sinos, Caí e Taquari, da região das Missões, no Rio Grande do Sul, e de Misiones, na Argentina, incluindo a migração para o ponto PY01 – Hohenau e Obligado, no Paraguai. É o surgimento das chamadas “colônias novas”.

1920>1940: ocupação do oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná por descendentes dos imigrantes do Rio Grande do Sul.

1950>1970: migração para a região amazônica, sobretudo Mato Grosso do Sul (MS) e Mato Grosso (MT).

1970>: ocupação de terras no Paraguai, onde aparecem em meio aos chamados “brasiguaios” (Altenhofen, 2023, p. 18).

A partir das fases históricas delineadas no excerto anterior, pode-se depreender o modelo de territorialização do Hunsrückisch, que se inicia com a instalação de grupos de famílias em um núcleo original, criando uma base de sustentação da qual saem os descendentes para fundar novas colônias. Como características básicas desse modelo de territorialização, pode-se citar: a coesão social (grupos familiares), a coesão étnica (identidade distintiva dos grupos em contato), a língua – que, inicialmente, é representada pelo Hunsrückisch nas interações de caráter mais informal e pelo alemão *standard* (*Hochdeutsch*) como língua-teto em contextos de maior formalidade – ou seja, o contato formal com a variedade *standard* do alemão ainda se fazia presente nas colônias alemãs, e os falantes de Hunsrückisch estavam, portanto, sujeitos às normas do alemão *standard*. O português, que mais tarde vai assumir a função de língua-teto nessas comunidades, só aos poucos vai adentrando as relações sociais desses grupos.²⁴ Em torno da língua se dá então o desenvolvimento de bases de sustentação, representadas por estruturas organizacionais como a escola, a igreja, a imprensa e os estabelecimentos comerciais, garantindo a coesão do grupo.

O quadro a seguir ilustra as fases do contato linguístico ente o Hunsrückisch e o português. Vale destacar que, para o objetivo da presente tese, em relação à identificação dos fatores que favorecem processos tradutórios em situações de contato linguístico, essa periodização, assim como a arealização da variação linguística do Hunsrückisch em microáreas tipológicas – que equivalem ao mesmo tempo a camadas históricas do contato e estado da língua –, pode ser especialmente elucidativa:

²⁴ Segundo Altenhofen (2023), pode-se observar o aumento da presença do português na comparação entre os núcleos mais antigos e os mais recentes, bem como entre períodos diferentes do contato linguístico no eixo da diacronia e entre gerações (GI e GII).

Quadro 1: Periodização da história do contato entre o Hunsrückisch e o português

Estado da língua	Fases	Acontecimentos históricos e econômicos	Contexto da colonização
[– bilíngue (dt.)]	G (dt.) G I	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 25.07.1824 – chegada dos primeiros imigrantes ao RS ▪ 1824 – Colônia de São Leopoldo ▪ 1825-1828 – Guerra da Cisplatina ▪ 1828 – Primeiras investidas indígenas ▪ 1835-1845 – Revolução Farroupilha 	1824-1850: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Assentamento em áreas de mata nativa ▪ Situando-se no novo meio ▪ Contato linguístico reduzido
RURAL [– bilíngue (dt.)]	G II	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1850 – Vinda dos Brummer ▪ 1865-1870 – Brasil na Guerra do Paraguai ▪ 1872-1873 – Revolta dos Mucker ▪ 1859 – Rescrito de Heydt 	1850-1890 <ul style="list-style-type: none"> ▪ Consolidação das colônias velhas ▪ Sentimento de enraizamento
URBANO [+ bilíngue]	G III	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1888 – Abolição da Escravatura ▪ 15.11.1889 – Proclamação da República ▪ 1890 – Primeiras colônias novas ▪ 1893-1895 – Revolução Federalista no RS 	1890-1914 <ul style="list-style-type: none"> ▪ Expansão das colônias novas ▪ Difusão do Hunsrückisch através das migrações internas
PERÍODO DE TRANSIÇÃO	G IV	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1914-1918: I Guerra Mundial ▪ 1938: Leis da Política de Nacionalização ▪ 1939: Proibição do ensino em língua alemã ▪ 1939-1945 – II Guerra Mundial ▪ 1942: Brasil na II Guerra Mundial 	1914-1950 <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ruptura e estagnação ▪ Português passa a ser a única língua de ensino ▪ Pressão pela assimilação
RURAL [– bilíngue]	G V	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conseqüências na política de nacionalização ▪ Federação 25 de Julho ▪ Industrialização e urbanização 	1951-1990 <ul style="list-style-type: none"> ▪ Desorientação étnica ▪ Refúgio no dialeto
URBANO [+ bilíngue (pt.)]	G VI	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avanço da industrialização ▪ Progresso urbano através das mídias de massa, bem como de novos meios e novas vias de transporte 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fim do isolamento ▪ Avanço do português
RURAL [+ bilíngue (cfe. a localidade)]	G VII	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Novo influxo do ensino de alemão por meio do princípio de diversificação do ensino de línguas adicionais ▪ Ampliação dos estudos do alemão em contato com o português – sobretudo a partir de 1996.²⁵ 	A partir de 1990 <ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda linguística cada vez mais acentuada. ▪ Ampliação de políticas linguísticas e de estratégias de valorização das línguas minoritárias.
URBANO [+ monolíngue (pt.)]	G VIII	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 2006: Seminário de criação do livro de registro das línguas, promovido pelo IPHAN e IPOL ▪ 2007: Início dos levantamentos do ALMA ▪ 2009: Audiência pública da diversidade linguística ▪ 2010: Decreto nº 7.387, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística ▪ 2017-2018: Inventário do Hunsrückisch ▪ 2024: Bicentenário da imigração alemã no Brasil 	

Fonte: traduzido, adaptado e ampliado pela autora, a partir de Altenhofen (1996, p. 59).

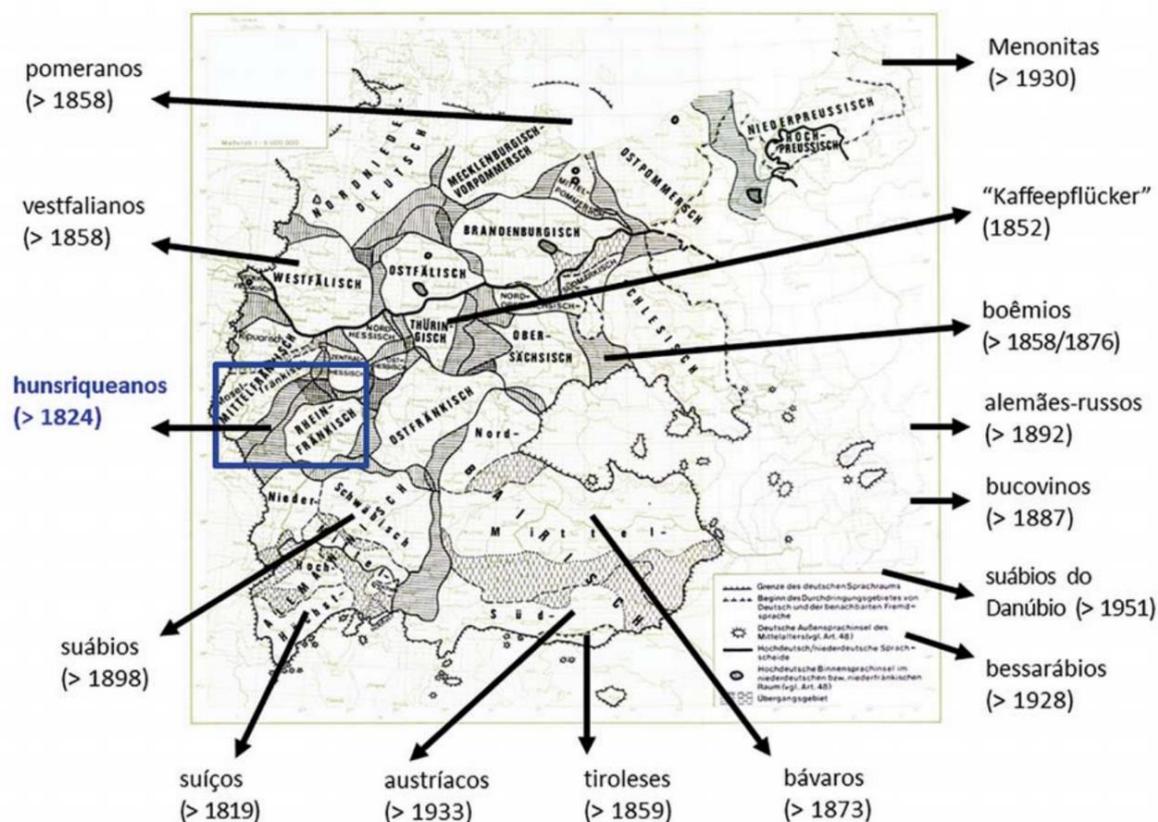
²⁵ Como Altenhofen (1996), Damke (1997), Sambaquy-Wallner (1997) – para citar apenas alguns.

No quadro acima, traduzido, adaptado e ampliado a partir de Altenhofen (1996, p. 59), é possível observar como acontecimentos históricos bem como fatores político-econômicos e sociogeográficos foram cruciais na apropriação do português pelos imigrantes e seus descendentes. Essa apropriação se deu de forma gradativa, partindo do monolinguismo em alemão da geração de chegada representada pelos imigrantes para condições variáveis de bilinguismo em alemão e português das primeiras gerações nascidas no Brasil até um monolinguismo crescente em português, sobretudo em áreas mais urbanizadas, em períodos posteriores que sofrem, com a política de nacionalização do Estado Novo, no período da Segunda Guerra Mundial, um momento de ruptura significativo.

A proibição do uso e do ensino do alemão *standard* imposta pela campanha de nacionalização do governo Vargas a partir de 1938, levou à substituição do alemão como língua-teto [*Dachsprachenwechsel*] em favor do português (Altenhofen, 2016, 2019). Tal proibição acelerou o distanciamento do Hunsrückisch em relação às normas do alemão *standard*, substituído pelo português como língua de referência em situações formais entre os falantes de Hunsrückisch, ou seja, os falantes de Hunsrückisch perderam o contato formal com a variedade *standard* do alemão, ficando sujeitos às normas da língua portuguesa como língua-teto. Como consequência, o português passou a ser a língua em torno da qual as bases de sustentação – representadas, como visto acima, pela escola, a igreja, a imprensa, entre outras organizações – formaram-se. Distante da variedade *standard*, o Hunsrückisch e as outras variedades dialetais imigradas adotaram o português como língua de base, apropriando-se de unidades semânticas, sintáticas e morfológicas dessa língua – entre outras formas, através de processos tradutórios, como se argumenta nesta tese. Como resultado, o contato com o português é responsável pelas diferenças mais significativas entre o HrBr. e o RhHr. (*rheinisches Hunsrückisch* – Hunsrückisch Renano, v. seção 1.1).

Outro ponto relevante para se pensar a questão central da tese – os processos tradutórios a partir do contato linguístico entre as diferentes variedades de língua alemã, sobretudo o Hunsrückisch, e o português local – é conhecer a origem dessas variedades linguísticas. A figura a seguir apresenta uma visão geral da distribuição das variedades de alemão emigradas para o Brasil na matriz de origem, destacando a localização dos falantes de Hunsrückisch:

Figura 6: Distribuição das variedades de alemão na matriz de origem



Fonte: Altenhofen; Morello *et al.* (2022, p. 29).

Entender de onde vieram as diferentes variedades de língua alemã, bem como os possíveis contatos que se estabeleceram já na matriz de origem (v., por exemplo, o caso das variantes para *Mais* [Milho], seção 4.4.1.1), oferece importantes perspectivas, por sua vez, para a compreensão dos processos tradutórios verificados tanto a partir do contato com o português quanto do contato de caráter intervareietal do repertório linguístico de imigrantes alemães vindos de diferentes regiões da matriz de origem. Das variedades linguísticas do alemão é possível identificar pelo menos 14 delas no Brasil. Altenhofen (2004) observa que,

dentre as diferentes variedades dialetais vindas com os imigrantes alemães a partir da primeira metade do século XIX, incluem-se as variedades de pomeranos (segundo maior grupo), menonitas, alemães-russos (Wolgadeutsche ou Deutschrussen) e, em menor número, vestfalianos, suábios, boêmios e bávaros. O hunsrückisch aparece como a variedade dialetal de maior difusão, ao lado de uma série de outras variedades de fala de imigrantes europeus e asiáticos (Altenhofen, 2004, p. 139).

Vale notar, contudo, que as variedades alemãs atuais não devem “necessariamente ser entendidas como a ‘língua de origem’, mas sim como “o alemão de hoje do respectivo grupo de imigrantes” [...], ou seja, o resultado do que ‘sobrou’ após uma longa história de migração e contato” (Altenhofen, 2019, p. 535).²⁶ Essa longa história de migração e contato inclui a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Vargas no Brasil, quando, como se viu, o alemão e todas as outras variedades linguísticas que não o português foram oficialmente proibidas. Ainda assim, as línguas de imigração mantiveram sua vitalidade, como atestam as cartas trocadas pelos imigrantes e seus descendentes mesmo durante o período da proibição:

(3) *Man darf von hier aus keine Deutschen Briefe mehr schreiben und weil ich nicht weiß ob Ihr Brasilianische Briefe lesen könnt deswegen habe ich nicht geschrieben.* • [Aqui não é mais permitido escrever cartas em alemão e como não sei se vocês conseguem ler cartas brasileiras não escrevi] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 290-291).²⁷

Atualmente existem no Brasil em torno de 1.200.000 falantes de Hunsrückisch²⁸ (Flores; Rinke; Wagner, 2020), distribuídos sobretudo nos estados do Rio Grande do Sul (RS), de Santa Catarina (SC) e do Espírito Santo (ES). Essa variedade linguística vem sendo transmitida às novas gerações de descendentes alemães há quase 200 anos. Em Krug e Horst (2022), tem-se um exemplo dessa experiência:

Nossos dois filhos – filho 1 está com 10 anos e filho 2, com 7 anos – ambos possuem a língua alemã como língua materna e, até os três anos, compreendiam o português, mas só falavam em *Deutsch*. A partir dos três anos, com o ingresso na escola, foram se tornando proficientes em língua portuguesa. Porém, em casa ou em algum ambiente em companhia de outras pessoas, nossa comunicação, a língua da família, sempre foi e ainda é em *Deutsch* (Krug; Horst, 2022, p. 233).

²⁶ Do alemão: “sind nicht unbedingt als „ursprüngliche Herkunftssprache“ zu verstehen, sondern eher als „das heutige Deutsch der jeweiligen Einwanderungsgruppe“ [...], also das Ergebnis von dem, was nach einer langen Migrations- und Kontaktgeschichte noch „übrig blieb“.”

²⁷ Carta escrita em 4 de janeiro de 1943 por Emma Stolzenberg em Betania, Curitiba – PR para a família Werner, em Rolante – RS.

²⁸ Altenhofen, Morello *et al.* (2022) chegam a resultado semelhante e explicam que, “para um cálculo do número de falantes de Hunsrückisch, apesar da carência de dados, seria necessário considerar sua difusão do Rio Grande do Sul para as demais regiões do Brasil e países vizinhos. Admitindo que, no total de falantes de alemão do Rio Grande do Sul, a maioria (provavelmente 80%) são falantes da variedade Hunsrückisch, e que proporcionalmente a essa presença de cerca de 980.000 falantes de alemão no Rio Grande do Sul, documentada pelos levantamentos do ALMA-H em 23 localidades de pesquisa, se pode calcular um índice próximo de 30% em Santa Catarina, 83 10% no sudoeste do Paraná e mais 5%, nas demais regiões (amazônica, Espírito Santo, Argentina e Paraguai). Portanto, teríamos um total de 784.000 + 294.000 + 98.000 + 49.000 = 1.225.000 falantes de Hunsrückisch” (Altenhofen; Morello *et al.*, 2022, p. 120).

Ainda que se verifique um processo de substituição linguística [*language shift*] lento e gradual, o Hunsrückisch continua sendo falado ativamente, como se pode observar no excerto acima, pelos descendentes das 6^a, 7^a e 8^a gerações de famílias de imigrantes alemães. atestando sua vitalidade e capacidade de difusão para áreas novas, no Brasil e países limítrofes da Bacia do Prata.

1.4.2 A mudança linguística no eixo da diatopia

No eixo da diatopia – que permite projetar determinada mudança linguística ao longo do tempo, em função dos diferentes fluxos de migração – colocam-se as seguintes perguntas, relevantes para o objeto de estudo desta tese: 1º) a língua de imigração manteve sua configuração original no novo meio ou sofreu inovações? 2º) Houve um processo de nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*) entre as variedades imigradas em favor de uma variedade dominante? (Altenhofen, 2023).

A “convergência de traços dialetais contrastantes” (Altenhofen, 1996, p. 27), a partir da base dialetal de partida trazida da matriz de origem, aparentemente se intensifica ao longo do processo de imigração. Variedades linguísticas entraram em contato entre si, conforme a origem regional dos imigrantes, e com o português local, conforme a área em que se assentaram. O nivelamento linguístico, como um fenômeno contínuo presente já desde o início no Brasil, é uma das possibilidades aventadas na literatura (Koch, 1974). Esse processo de nivelamento linguístico implica, em outras palavras, “uma homogeneização – não completa, mas muito abrangente – das contribuições linguísticas, heterogêneas entre si, dos dialetos locais envolvidos na área inicial da colonização hunsriqueana” (Altenhofen, 1996, p. 27). Mas, como critica Koch (1974), não se pode supor que resultou em uma coíné uniforme e abrangente; pelo contrário, manteve-se grande variação interna que, como agora se sabe, a partir das descrições do ALMA-H, permite identificar microrealidades características, não uniformes, porém com tendências mais ou menos claras, geralmente na direção de marcas do francônio renano, mais próximas do *Hochdeutsch*, portanto [+*standard*].

A formação do HrBr. ocorreu, sobretudo em sua fase inicial, através da seleção de formas concorrentes, absorvidas (seleção positiva) ou rejeitadas (seleção negativa) nessa variedade linguística. Como observa Altenhofen (1996), a seleção positiva é mais típica para elementos linguísticos do francônio-renano, que, na matriz de origem, estende-se por uma área maior e, ao mesmo tempo, apresenta mais traços em comum com a variedade do alemão *standard*. Dessa forma, fenômenos linguísticos característicos do francônio-renano teriam se afirmado mais facilmente e mais rapidamente no Hunsrückisch do que aqueles característicos do francônio-moselano, no qual se supõe mais frequentemente a seleção negativa.

Os imigrantes oriundos da região do Hunsrück representaram o grupo inicial que lançou as bases para a formação do Hunsrückisch riograndense (hrs.) (v. figura 5, p. 51). Grupos posteriores de remigrantes (*Zuwanderer*) juntaram-se a eles em um sistema de encaixe, acoplando-se como vagões de um trem: esses remigrantes se assentam próximos a núcleos já formados, que compartilham semelhanças linguísticas e culturais e que oferecem aos recém-chegados os subsídios necessários para que se orientem no novo meio (Altenhofen, 2023).

Sob uma perspectiva linguística, esses remigrantes desempenham um duplo papel: 1º) ao se juntarem aos imigrantes pioneiros, adotam novos elementos linguísticos utilizados por estes, representados sobretudo por neologismos e apropriações linguísticas; 2º) ao mesmo tempo, trazem em sua bagagem inovações linguísticas da Alemanha, sobretudo no que se refere a uma maior aproximação às marcas do alemão *standard* (cf. Schmidt, 2022). A partir de 1850, chegam ao Brasil imigrantes de camadas sociais distintas, que deixavam sua terra natal não apenas por questões econômicas, mas também por questões políticas. É o caso, por exemplo, de imigrantes como Ida e Ottokar Dörffel que emigraram para o Brasil em 1854: ele era jurista e também foi prefeito de Glauchau, município situado no distrito de Zwickau na Saxônia. Embora não se tenha muitas informações sobre Ida Dörffel antes do casamento, como observa Matzke (2018), tratava-se de uma pessoa culta, como se pode perceber pelo conteúdo e estilo de suas cartas.

O afluxo permanente de novos grupos de remigrantes pode, assim, representar uma explicação para a vigorosa capacidade de difusão migratória do Hunsrückisch. Vale observar ainda que esses imigrantes posteriores vinham sem qualquer conhecimento do português; eles naturalmente buscam o contato com aqueles com quem compartilhavam a língua e hábitos culturais. Isso teve reflexos significativos na dinâmica da territorialização

e na configuração do Hunsrückisch. Além disso, os imigrantes recém-chegados traziam conhecimentos de uma variedade da língua alemã mais próxima da norma culta do *Hochdeutsch*, o que se explica pelo processo de oralização da norma escrita que, em grande parte, foi estimulado pelas leis prussianas de obrigatoriedade do ensino (*preussische Schulpflicht*), bem como pela difusão da língua escrita através da imprensa e do rádio (Herrmann; Müller, 2003).

Desde a fase inicial do processo migratório, o repertório linguístico dos imigrantes alemães era formado por mais de uma variedade linguística, incluindo sua variedade dialetal e, pelo menos algum grau de conhecimento da variedade *standard* regional. Como lembra Fausel (1966, p. 94), “já os primeiros imigrantes representaram vários dialetos e descendências diferentes, o mesmo se repete com a maior parte dos outros que vieram mais tarde”. Contudo, a presença da língua *standard* é ainda mais acentuada no repertório dos remigrantes, o que pode ser explicado, como mencionado anteriormente, pela obrigatoriedade escolar na Alemanha e pela difusão cada vez mais intensa da língua escrita através do rádio e da imprensa.

Retomando as perguntas feitas no início desta seção – 1º) a língua de imigração manteve sua configuração original no novo meio ou sofreu inovações? 2º) Houve um processo de nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*) entre as variedades imigradas em favor de uma variedade dominante? –, verificou-se que as migrações e os contatos ocorridos entre a matriz de origem e o novo meio levaram inevitavelmente a mudanças e inovações no Hunsrückisch como língua de imigração. Estas podem ser explicadas, entre outros fatores, a partir de uma visão de língua como complexo de variedades resultantes tanto de contatos intervaretais (com outras variedades do alemão, regionais e sociais) quanto de contatos interlinguais no novo meio (em especial, com o português e o espanhol). Em relação ao processo de nivelamento linguístico, o contato intervaretal e interlingual, ocorrido desde o início do processo migratório, levou, nesse sentido, a um nivelamento linguístico, ou seja, a “uma homogeneização – não completa, mas muito abrangente – das contribuições linguísticas, heterogêneas entre si, dos dialetos locais envolvidos na área inicial da colonização hunsriqueana” (Altenhofen, 1996, p. 25).

Nos próximos capítulos, pretende-se demonstrar que processos tradutórios também desempenharam – e continuam desempenhando – papel fundamental na configuração do Hunsrückisch no novo meio. Para dar início a essa investigação, no capítulo seguinte, procede-se à discussão das perspectivas teóricas que norteiam esta pesquisa.

CAPÍTULO 2 – PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Este capítulo apresenta a base teórica que norteia a presente pesquisa. Pela natureza de seu objeto de estudo, que articula as relações entre tradução e contatos linguísticos (na oralidade), requer-se uma abordagem interdisciplinar, para dar conta de questões inerentes aos campos do plurilinguismo, da variação e dos próprios contatos linguísticos, ao lado da tradução em um sentido mais amplo. Além das relações entre esses campos, o capítulo foca, de modo especial, o objetivo de identificar nos estudos uma tipologia dos processos tradutórios que possa ser devidamente testada e aplicada a contatos linguísticos na oralidade, como é o caso da língua de imigração Hunsrückisch em contato com o português.

2.1 VARIAÇÃO E PLURILINGUISMO EM CONTEXTO DE MIGRAÇÃO E CONTATO DE LÍNGUAS

De modo geral, pode-se afirmar que o novo meio estabelece, para o imigrante, uma situação de variação otimizada, na qual entram em contato variáveis não só do plano intralingual, mas também extralinguístico, na correlação com falantes de geração, gênero, confissão religiosa e classe social/escolaridade distintas. Nessa última dimensão, de ordem diastrática, é de se esperar que os imigrantes tenham vindo com uma possível diglossia, isto é, falavam a variedade regional ou dialetal da matriz de origem, no contexto das relações informais do dia a dia, e faziam uso da norma escrita ou próxima à norma *standard* nas situações formais, sobretudo na escrita. Em sua matriz de origem, esses falantes faziam uso de uma variedade regional na comunicação cotidiana – com a família e os vizinhos, por exemplo – e, em domínios que exigiam maior formalidade, empregavam, ao menos de forma parcial, a norma local do alemão (Hdt. = *Hochdeutsch*).

Ao mesmo tempo, essa situação impõe demandas teóricas e metodológicas no plano interlingual. Pode-se considerar que o contato com o português, levando em conta a ocupação do novo meio, através do sistema de picadas (v. seção 1.3), apresenta-se de forma complexa: as grandes distâncias, as dificuldades de acesso, a baixa densidade demográfica que ainda caracterizam o século XIX e a própria autonomia dos assentamentos influenciam, de forma variável, o contato com a língua majoritária.

A partir do cenário delineado acima, tem-se um plurilinguismo que ocorre de forma gradual e que é resultado de migrações sucessivas que levam a contatos linguísticos variados. A língua de imigração se encontra no território de domínio de outra língua – oficial e majoritária. Derivam desse contato fenômenos diversos, entre os quais estão os processos tradutórios analisados nesta tese, além de outros fenômenos, que vão desde a alternância de código (*code-switching*) até a substituição linguística (*language shift*). Discute-se, a seguir, o que especificamente diz respeito ao contato e migração de falantes do Hunsrückisch no novo meio no Brasil e na Bacia do Prata, bem como as demandas teóricas e metodológicas implicadas.

2.2 VARIEDADE TOPOSTÁTICA E TOPODINÂMICA DAS MIGRAÇÕES

Como já discutido anteriormente, o alemão não representa uma língua única e homogênea, mas compreende variedades linguísticas provenientes de diferentes regiões, trazidas para o novo meio no processo de imigração. Na própria matriz de origem do Hunsrückisch, por exemplo, observam-se variações entre o francônio-moselano e o francônio-renano, conforme se viu na seção 1.4.2, na qual se apresentou a definição do Hunsrückisch.

Ao se assentarem no novo meio, os imigrantes criam territorialidades conforme suas origens, mas estão, ao mesmo tempo, em contato uns com os outros (contato intervareietal) e gradativamente passam a ter cada vez mais contato também com o português (contato interlingual). Para a análise das áreas linguísticas de domínio e presença das diferentes variedades alemãs no Brasil, as seguintes variáveis devem ser levadas em conta, conforme Altenhofen (2016):

a) na comparação diatópica, é preciso levar em conta a idade das localidades e a duração do contato com o português, que se reflete sobretudo no contraste entre colônias velhas e novas, ou seja, as colônias originais e aquelas formadas posteriormente por grupos de descendentes (*Mutter- e Tochterkolonien*, na nomenclatura de Schirmunski, 1928);

b) a origem dos imigrantes: a ocupação de uma localidade deu-se por imigrantes vindos diretamente da Alemanha/Europa (como é mais frequente no caso das colônias velhas) ou por descendentes dos primeiros imigrantes (mais frequente nas colônias novas)? Esse dado permite identificar quais as consequências para a língua de um indivíduo ou uma comunidade de fala após a permanência por um longo período em um contexto linguisticamente diferente;

c) variedade original (*Stammdialekt*) e seu respectivo grau de dialetalidade. Trata-se de um aspecto nem sempre fácil ou seguro de identificar. Para tanto, constituem um recurso auxiliar importante os trabalhos de genealogia. Embora prevaleçam publicações voltadas à genealogia de famílias em particular, também se encontram listas da origem de grupos de imigrantes, em comunidades específicas (cf. Altenhofen; Von Mühlen, 2023 [no prelo]);

d) origem sociocultural dos imigrantes: a pergunta se esses imigrantes vinham de um contexto [+urbano] ou [+rural] e, por conseguinte, a que tipo de atividade profissional se dedicavam pode lançar luz sobre a questão da presença da norma [+standard] do alemão e, conseqüentemente, confirmar a diglossia entre alemão/dialeto falado e alemão/norma escrita;

e) suporte institucional: pode ocorrer de diferentes maneiras, mas sobretudo por meio da presença do ensino de alemão nas escolas da localidade;

f) confissão religiosa: localidades católicas ou luteranas, como já comprovado por estudos do ALMA-H, correlacionam-se com o “modo de falar” alemão;

g) grau de isolamento e de urbanização: leva em conta aspectos como localização geográfica (por exemplo: vale, serra, fronteira), proximidade de centros urbanos, força demográfica dos falantes etc.;

h) grau de presença e contato com a língua majoritária: no século XIX, os imigrantes ocupavam áreas pouco povoadas, tinham pouco contato com falantes da língua majoritária e, conseqüentemente, um menor grau de contato interlingual. Posteriormente,

em áreas nas quais esse contato foi mais intenso, observa-se uma intensificação do processo de substituição linguística em favor da língua majoritária;

i) diversidade étnica: contrapõe heterogeneidade (mais intensa nas colônias mistas, que predominam na área das colônias novas) vs. homogeneidade étnica;

j) variedades dialetais presentes: compreende a pergunta sobre a coexistência de falantes de diferentes variedades dialetais ou o predomínio de uma variedade dialetal única.

É de se supor que cada uma dessas variáveis desempenhe influência maior ou menor sobre o comportamento linguístico dos falantes. Tal se estende aos processos tradutórios e às marcas deixadas na língua de imigração ao longo do tempo.

Em relação ao aspecto topodinâmico, com o qual Thun (1996) se refere à fala de migrantes, isto é, de falantes móveis que mudaram seu domicílio, adota-se, nesta tese, o conceito ampliado de topodinâmica proposto por Altenhofen (2023 [no prelo]), que não se restringe à topodinâmica “do indivíduo e sua fala em um determinado percurso migratório, contrastando-a com a fala dos falantes topostáticos, nos mesmos pontos de partida e chegada”, mas sim amplia seu uso à “topodinâmica da ‘língua’ num ponto de partida e chegada que contrasta dois momentos distintos da língua da comunidade no seu trajeto migratório, ao longo da história” (Altenhofen, 2023, p. 4 [no prelo]). A topodinâmica da língua implica, desse modo, uma análise que envolve “uma temporalidade no plano macrocronológico, quando contrasta a fala de indivíduos e gerações que viveram em momentos históricos distintos” (idem, p. 5). Dessa forma, é possível rastrear e reconstruir não apenas o percurso migratório, como também a mudança linguística no tempo (*Sprachwandel*), desde o início do processo de imigração no Novo Mundo até a atualidade.

2.3 TIPOLOGIA DOS CONTATOS LINGUÍSTICOS

Em relação aos contatos linguísticos, é importante distinguir uma tipologia intrínseca, acrescentando à observação tradicional de contatos interlinguais o estudo também dos contatos intervaretais, com todas as características que lhe são peculiares. Nos pontos de pesquisa do ALMA-H, os contatos intervaretais assumem papel central, tendo em vista a origem regional diversa dos imigrantes que colocou o Hunsrückisch em contato com o vestfaliano, o pomerano, o boêmio, entre outras variedades. Em termos teóricos, esses contatos são marcados, em especial, pela oposição [+/- *standard*] *versus* [+/- dialetal]. Como resultado do contato intervareital, tem-se o processo de coineização, ou seja, como já mencionado, os imigrantes inicialmente faziam uso diglótico de uma variedade [+*standard*] e outra [+dialeto] e, no contato intervareital, passaram a priorizar as marcas [+*standard*] próprias do Hunsrückisch, o que resultou em um nivelamento linguístico com perda de determinadas marcas dialetais mais desviantes e distantes do *standard* (Altenhofen, 1996; Habel, 2017).

O contato interlingual, por sua vez, é representado pelo contato das variedades da língua de imigração alemã com diferentes línguas presentes no novo meio, não apenas o português, mas também as variedades de línguas indígenas, o italiano e ainda o espanhol e o guarani, nas localidades hispanófonas em Misiones (AR) e no Paraguai. (Steffen, 2014).

Outra distinção relevante no estudo de contatos linguísticos é a distinção entre línguas **em** contato e línguas **de** contato. Quando se faz referência a línguas **em** contato, tem-se inicialmente uma situação de línguas lado a lado, o que remete ao que se costuma distinguir como *multilinguismo* na comunidade (Altenhofen; Broch, 2011). Por outro lado, uma língua **de** contato designa uma língua resultante da interinfluência de duas línguas ou variedades em contato, falada em uma “comunidade bilíngue, portanto, numa perspectiva coletiva: uma variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área” (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 297-298).

Fica a pergunta sobre o papel dos processos tradutórios, na formação da língua **de** contato. Com base em Schmidt (1994), pode-se argumentar que a tradução configura uma estratégia consciente quando o falante sabe que uma palavra, expressão ou frase provém

ou foi motivada pela influência de uma língua **em** contato. Quando, por outro lado, a tradução se torna natural e deixa de causar estranhamento na língua apropriadora, ela passa a fazer parte de seu sistema linguístico, configurando uma inovação linguística, na língua **de** contato, isto é, na língua resultante do contato com outra língua.

Feitas essas distinções no plano do contato linguístico, distingue-se, a seguir, os processos e as funções das línguas e variedades/variantes que compõem o repertório linguístico dos falantes nesses contextos de “variação otimizada”, como se apontou no início deste capítulo.

2.4 O PLURILINGUISMO COMO RESULTADO: PROCESSOS E FUNÇÕES

Considerado de forma abrangente, o plurilinguismo se caracteriza pelo uso alternado de duas ou mais línguas, o “resultado do contato entre pessoas que falam línguas diferentes” (Mackey, 2005, p. 1484 – tradução nossa).²⁹ Mackey (2005) salienta que as muitas definições existentes para esse fenômeno se baseiam em critérios de desempenho e competência bastante arbitrários, relacionados às diferentes ideologias e teorias defendidas por autores da área. Vogel e García (2017), ao propor o conceito de ‘translinguagem’, defendem a perspectiva de que todos os falantes – sejam eles pluri- ou monolíngues – selecionam e utilizam determinados recursos de um mesmo repertório linguístico para produzir sentidos e negociar contextos comunicativos específicos.

A crescente interdisciplinaridade tem colaborado para que a definição de plurilinguismo e o que ela compreende se torne mais inclusiva e abrangente:

como um duplo *continuum* constituído pelos graus de uso e de competência em cada língua e pelos graus de diferença entre elas. Esses *continua* podem ser considerados a partir de um modelo em forma de caixa com dimensões variáveis de comprimento (tempo de uso de cada língua), largura (número de domínios em uso), profundidade (intensidade de interação em cada língua) e velocidade (tempo de mudança de intensidade e domínios de uso) (Mackey, 2005, p. 1484 – tradução nossa).³⁰

²⁹ Do inglês: “the result of contact between people speaking different languages.”

³⁰ Do inglês: “a double continuum made up of the degrees of use and competence in each language and degrees of differences between them. These continua can be envisaged within a box-like model with varying dimensions of length (time in the use of each language), width (numbers of domains in use), depth (intensity of interaction in each language) and velocity (rate of change in intensity and domains of use).”

Diversos autores, entre os quais Romaine (1995) e Mackey (2005), chamam atenção para os graus de plurilinguismo: uma pessoa pode ser considerada plurilíngue mesmo que não tenha um controle produtivo sobre a língua, mas seja capaz de compreender enunciados nessa língua, caracterizando, assim, o que Mackey (2005) nomeia bilinguismo receptivo.

Um bilíngue pode compreender duas línguas igualmente bem, mas ser capaz de falar ou escrever melhor em uma delas. Para aqueles que só conseguem compreender a outra língua, tem-se utilizado o termo *bilinguismo restritivo* ou *bilinguismo passivo*. Esse tipo de competência também tem sido chamado de *bilinguismo receptivo* (Mackey 1983). Alguns bilíngues podem ser receptivos em uma habilidade e produtivos em outra, sendo capazes de falar a outra língua, mas incapazes de escrevê-la. Outros são capazes de escrever em ambas as línguas (biletamento) A competência na outra língua pode até ser limitada a uma habilidade de leitura (leitura bilíngue) ou simplesmente à compreensão auditiva (bilinguismo auditivo) (Mackey, 2005, p. 1487 – tradução nossa).³¹

O plurilinguismo, portanto, não representa a exceção, mas sim a norma e, como observa Romaine (1995), não deve ser considerado um problema a ser superado, mas um recurso a ser cultivado. Trata-se de um conceito de caráter relativo: um falante pode ser plurilíngue sem que tenha, necessariamente, total domínio das outras línguas, pois o plurilinguismo deve ser considerado “como um duplo *continuum* constituído pelos graus de uso e de competência em cada língua e pelos graus de diferença entre elas” (Mackey, 2005, p. 1484 – tradução nossa).³²

Nesta tese, todas as referências ao termo *plurilinguismo* se aplicam ao que muitos teóricos, entre os quais Weinreich (1968), Grosjean (1982, 2010, 2013), Hurtado Albir (2005) denominam *bilinguismo*: o uso alternado de duas ou mais línguas. Além disso, ressalta-se a distinção entre multilinguismo e plurilinguismo: enquanto o termo *multilinguismo* se refere à coexistência de línguas em um mesmo território,

³¹ Do inglês: “A bilingual may understand two languages equally well, but be able to speak or write better in one of them. For those who can only understand the other language the term restrictive bilingualism or passive bilingualism has been used. This type of competence has also been referred to as receptive bilingualism (Mackey 1983). Some bilinguals may be receptive in one skill and productive in another, being able to speak the other language but unable to write it. Others are able to write in both languages (biliteracy). The skill in the other language may even be limited to a reading ability (reading bilingualism) or simply to aural understanding (auditory bilingualism).”

³² Do inglês: “a double continuum made up of the degrees of use and competence in each language and degrees of differences between them.”

plurilinguismo se refere à postura plural do indivíduo, que se reflete através de habilidades/competências em mais de uma língua (Altenhofen; Broch, 2011).

O “estudo sobre a contribuição do multilinguismo para a criatividade” (*Study on the Contribution of Multilingualism to Creativity*), realizado em 2009 por Marsh e Hill a pedido da Comissão Europeia (*European Commission – EC*), apresenta uma compilação de definições e distinções entre plurilinguismo e multilinguismo. O estudo inicia definindo multilinguismo como “a capacidade das sociedades, instituições, grupos e indivíduos de se comunicarem, regularmente, em mais de uma língua na sua vida diária” (Marsh; Hill, 2009, p. 3 – tradução nossa).³³

Essa definição acolhe a distinção feita pelo Conselho Europeu entre *multilinguismo* e *plurilinguismo*, na qual *multilinguismo* se refere à organização social, enquanto *plurilinguismo* se refere a um repertório individual de competências linguísticas. Assim, o multilinguismo trata da presença de várias línguas em determinado espaço, independente de seus falantes: por exemplo, o fato de duas ou mais línguas estarem presentes na mesma área geográfica não indica que todos os habitantes tenham conhecimento de todas elas (Marsh; Hill, 2009).

O plurilinguismo, por sua vez, é definido como

a capacidade “de utilizar línguas para fins de comunicação e de participar em ações interculturais, em que uma pessoa, vista como um agente social, tem proficiência, em diferentes medidas, em várias línguas e experiência de várias culturas”. Essa capacidade se concretiza em um repertório de línguas do qual um falante pode fazer uso (Conselho da Europa *apud* Marsh; Hill, 2009, p. 3 – tradução nossa).³⁴

Essa distinção é importante para que se possa focar o plurilinguismo como uma competência individual, que leva ao desenvolvimento de outras competências linguísticas e culturais. Estas, por sua vez – modificadas através do conhecimento de outras línguas – contribuem para uma maior consciência linguística e intercultural e para que o falante desenvolva “uma personalidade enriquecida e mais complexa, uma maior capacidade de

³³ Do inglês: “the ability of societies, institutions, groups and individuals to engage, on a regular basis, with more than one language in their day-to-day lives”.

³⁴ Do inglês: “the ability ‘to use languages for the purposes of communication and to take part in intercultural action, where a person, viewed as a social agent, has proficiency, of varying degrees, in several languages and experience of several cultures. This ability is concretised in a repertoire of languages a speaker can use”.

aprendizagem de línguas e uma maior abertura a novas experiências culturais” (Marsh; Hill, 2009, p. 3 – tradução nossa).³⁵

Embora o plurilinguismo não represente um fenômeno recente, é somente a partir do século XX que ele assume um papel relevante nas pesquisas sobre diferentes línguas e sobre os contatos linguísticos. Mais precisamente, é a partir da obra de Weinreich, *Languages in contact: Findings and Problems* [Línguas em contato: constatações e problemas] ([1953], 1968), que o plurilinguismo passa a ser considerado, de forma sistemática, na análise das mudanças linguísticas (Mackey, 2005).

Segundo Weinreich, “duas ou mais línguas serão consideradas EM CONTATO quando forem utilizadas alternadamente pelos mesmos sujeitos. Esses sujeitos são, portanto, o *locus* do contato” (1968, p. 1 – tradução nossa, grifos do autor).³⁶ O foco dos seus estudos está, assim, no falante e não nas línguas. Hallowell (*apud* Weinreich, 1968) afirma que “são os indivíduos que respondem e influenciam uns aos outros. [...] Os indivíduos são os centros dinâmicos do processo de interação.” (Hallowell *apud* Weinreich, 1968, p. 6 – tradução nossa).³⁷ As línguas utilizadas influenciam o comportamento linguístico do falante e “é, pois, em um contexto psicológico e sociocultural mais amplo que o contato linguístico pode ser mais bem compreendido” (Weinreich, 1968, p. 4).³⁸

É interessante notar que, embora se trate de uma obra escrita há mais de 60 anos, Weinreich já então constata que a maioria dos falantes são plurilíngues e vivem, portanto, em um ambiente multilíngue – apesar do *status* minorizado do plurilinguismo em relação à noção de legitimidade atribuída ao monolinguismo. Grosjean (1982, 2010) anos mais tarde, confirma a posição de Weinreich afirmando que o bilinguismo – e não o monolinguismo – representa, na verdade, a situação normal da maioria dos falantes.

Nesse sentido, vale notar que o Brasil está entre os países mais multilíngues do mundo. De acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010, são faladas 274 línguas indígenas no Brasil. Em relação às línguas de imigração faladas no país, estas chegam a

³⁵ Do inglês: “an enriched, more complex personality and an enhanced capacity for further language learning and greater openness to new cultural experiences.”

³⁶ Do inglês: “two or more languages will be said to be IN CONTACT if they are used alternately by the same persons. The language-using individuals are thus the locus of the contact.”

³⁷ Do inglês: “it is individuals who respond to and influence one another [...]. Individuals are the dynamic centers of the process of interaction.”

³⁸ Do inglês: “It is thus in a broad psychological and socio-cultural setting that language contact can best be understood.”

56 línguas (Altenhofen, 2013). Contudo, ainda “predomina no senso comum dos brasileiros um ‘desconhecimento’ em relação a este fato e, pelo contrário, uma crença cega no monolinguismo como ‘estado normal e único’ da sociedade brasileira” (Altenhofen; Morello, 2013, p. 24-25).

Contatos linguísticos transcendem fronteiras políticas e, como se pode verificar no contexto brasileiro, as questões relacionadas às línguas em contato não se restringem unicamente às línguas de colonização – no caso, o português e o espanhol – mas incluem “um leque bastante amplo de línguas minoritárias alóctones e autóctones [...]” (Altenhofen, 2014, p. 70). As palavras de George Steiner (2004) mostram de forma tocante e poética a complexidade e engenhosidade do plurilinguismo:

Cada uma das línguas humanas, por mais restrito que seja o número de seus falantes nativos, por mais destituído que seja seu terreno e sua ordem social, constitui uma experiência, percepção, construção integral do mundo. Não existem “pequenas línguas”. Cada uma das vinte mil ou mais línguas pensadas, que etnolinguistas consideram terem sido faladas em algum momento no planeta, gera seu mapeamento particular de possibilidades imaginativas, explicativas e existenciais, e abre, para o inventário ilimitado da vida, sua própria janela. Falar uma nova língua é entrar e habitar um novo mundo. É descobrir espaços e temporalidades, gramáticas de causalidade (as categorias kantianas), uma gama de identificações abstratas e sensoriais, próprias daquela língua. É, também, tomar posse de um novo passado, de um léxico e de uma sintaxe de memórias, de referência incorporada à trama de qualquer língua em particular. O enriquecimento é infinito. [...] a extinção de uma língua, por meio do desaparecimento demográfico ou do apagamento político-econômico, é irreparável. A morte de uma língua, por mais remota, por mais isolada que seja, é, em termos espirituais e concretos, a morte de um mundo. Uma das potencialidades de um passado ou futuro projetado é perdida para o *homo sapiens* cada vez que o último falante nativo morre, deixando sua língua, se é que ela foi gravada, na forma de uma fita em uma prateleira empoeirada (Steiner, 2004, p. 2-3 – tradução nossa, grifos do autor).³⁹

³⁹ Do inglês: “Every single human language, however restricted the number of its native speakers, however destitute their terrain and social order, constitutes an integral experience, perception, construct of the world. There are no ‘small languages’. Each of the twenty-thousand or more distinct tongues thought, by ethno-linguistics, to have at some time been spoken on the planet, generates its particular mapping of imaginative, explanatory and existential possibilities. It throws open onto the boundless inventories of life its own window. To acquire a new language is to enter and inhabit a new world. It is to discover spaces and temporalities, grammars of causation (the Kantian categories), a gamut of abstract and sensory identifications, proper to that language. It is, as well, to come into more or less confident possession of a new past, of a lexicon and syntax of remembrance, of embodied reference built into the fabric of any particular tongue. The enrichment is boundless. Monoglot humanity would be poverty-stricken to the very heart of consciousness. Indeed, it is arguable, in analogy to Darwinism, that ‘Babel’ is the figura of a decisive adaptive advantage. It is multilingualism, it is the condition of the polyglot which have compelled and made possible the evolutionary exploitation of our cerebral potentialities. [...] It follows that the extinction of a language, through demographic disappearance or political-economic effacement, is, in the strict sense, irreparable. The death of a language, however remote, however isolated, is, in spiritual and concrete terms, the death of a world. One of the potentialities of a remembered past or projected future is lost to homo sapiens each and every time the last native speaker dies, leaving his language, if it has been recorded at all, in the guise of a tape on a dusty shelf.”

De fato, a língua que falamos influencia nossa forma de pensar e de ver o mundo, como afirmam Swan (2013) e Boroditsky (2009, 2010). Lera Boroditsky – professora e pesquisadora bielorrussa, conhecida por seu trabalho nas áreas da linguagem e da cognição – observa que pessoas que falam diversas línguas realmente pensam de forma diferente, o que afeta sua forma de ver o mundo. “A língua é um dom exclusivamente humano, central para nossa experiência de ser humano. Valorizar seu papel na construção de nossas vidas mentais representa um passo que nos leva a compreender a própria natureza da humanidade” (Boroditsky, 2009, p. 2).⁴⁰

Boroditsky argumenta, por exemplo, que diferentes línguas estruturam noções de tempo, espaço e de causalidade de formas bastante distintas. Em pesquisas realizadas com uma comunidade aborígine na Austrália, Boroditsky (2010) constatou que os *Pormpuraawans*, falantes de *Kuuk Thaayorre*, não têm palavras para direções relativas, como direita e esquerda, mas utilizam direções absolutas – norte, sul, leste, oeste etc. –, dizendo, por exemplo, “tem uma formiga na sua perna do sudoeste”. Ao serem solicitados a organizar algumas imagens em uma progressão temporal, membros dessa comunidade organizaram as imagens do leste para o oeste, assim,

quando sentados de frente para o sul, o tempo seguia da esquerda para a direita; sentados de frente para o norte, da direita para a esquerda; sentados de frente para o leste, em direção ao corpo e assim por diante. É claro que nunca dissemos a nenhum de nossos participantes para qual direção eles estavam voltados. Os *Pormpuraawans* não apenas sabiam disso, como também usavam espontaneamente essa orientação espacial para construir suas representações do tempo (Boroditsky, 2010, n. p.).⁴¹

O exemplo anterior ilustra como as línguas que falamos afetam nossa percepção do mundo. Tomando por base o objeto de estudo desta tese, pode-se imaginar o impacto que deve ter causado especialmente para o imigrante alemão do séc. XIX, a mudança da matriz de origem para o novo meio, um mundo de flora, fauna, clima e sociedade

⁴⁰ Do inglês: “Language is a uniquely human gift, central to our experience of being human. Appreciating its role in constructing our mental lives brings us one step closer to understanding the very nature of humanity.”

⁴¹ Do inglês: “when seated facing south, time went left to right. When facing north, right to left. When facing east, toward the body, and so on. Of course, we never told any of our participants which direction they faced. The *Pormpuraawans* not only knew that already, but they also spontaneously used this spatial orientation to construct their representations of time.”

significativamente diferentes. Tinha-se, nesse caso, um conjunto de línguas e variedades regionais distintas que, nesse sentido, representavam ainda um multilinguismo de comunidades monolíngues compartilhando lado a lado um espaço social e geográfico. Ainda levaria um tempo, para esses imigrantes recém-chegados se apropriarem da língua do novo meio e olharem o novo mundo com olhos plurilíngues. A tradução coloca-se, nesse contexto, como uma necessidade imanente ao contato linguístico, bem como ao contato de diferentes percepções e valores. O plurilinguismo surge, assim, como uma necessidade de apropriação de um sistema de vida e uma visão de mundo que ainda não faz parte do repertório linguístico do imigrante.

Vale observar, conforme Jarvis (2010), que as escolhas de falantes plurilíngues não parecem limitar-se a fenômenos puramente linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos), mas refletem formas de transmitir informações, intenções e sentidos específicos a determinados contextos linguísticos. Ou seja, falantes plurilíngues oriundos de um determinado contexto linguístico tendem a expressar fenômenos ligados à realidade física, condição social etc. com base nesse contexto. É o caso, por exemplo, da marcação da progressividade de um evento (v. Cap. 4). No contato linguístico, essas diferentes visões de mundo se encontram e através dessas interações, a visão de mundo dos falantes se amplia para acomodar ideias, valores culturais e conceitos únicos: “As lentes da língua tingem a maneira como falamos e pensamos, bem como o processo pelo qual construímos experiências e crenças compartilhadas” (Swan, 2013, p. 8). Assim, quando se apropriam de termos e estruturas de outras línguas, os falantes passam a interpretar conceitos, crenças e ideias da sua língua sob as lentes de outra, ampliando sua língua e sua cultura.

Como se vê, falantes plurilíngues movem-se entre línguas; a tradução é por natureza um dos elementos que caracteriza esse movimento – a tradução entre línguas, entre culturas, entre atitudes, entre experiências diversas. Imigrantes e seus descendentes não devem ser considerados apenas como “herdeiros pacíficos de diferentes contextos linguísticos e culturais: acima de tudo, eles são ‘autotradutores’. Por mais diversas que sejam essas histórias, todas elas mostram ‘vidas em tradução’ [...]” (Besemeres; Wierzbicka, 2007, p. xix).

2.5 O CONCEITO DE ‘TRADUÇÃO’

A tradução representa uma atividade milenar, provavelmente tão antiga quanto a própria humanidade. Seu papel, na mediação entre comunidades e saberes de línguas distintas, é incomensurável. A tradução necessariamente pressupõe indivíduos plurilíngues, falantes de mais de uma língua. São eles, como lembra De Swaan (2013), que mantiveram e mantêm a humanidade conectada e unida, ao longo da história. Por sua vez, mudanças de paradigmas, evoluções tecnológicas e ainda uma crescente preocupação com a esfera social e o papel da tradução em contextos multilíngues implicam novas reflexões sobre o conceito de ‘tradução’ e ‘processos tradutórios’ e sua interface com o plurilinguismo.

A partir dessa perspectiva, a tradução é percebida como um fenômeno de transformações linguísticas, como processo mental ou estratégia em contextos de contato linguístico e não apenas como processo textual consciente e planejado. A tradução configura uma atividade intelectual complexa, que ocorre entre a língua primeira do falante e a língua do novo meio. Essa atividade é precedida de uma “leitura” e de uma interpretação do novo meio pelo sujeito migrante que, em seu papel de falante, realiza, necessariamente, operações tradutórias entre as suas duas (ou mais) línguas (Ožbot, 2014).

Como observam diversos pesquisadores na esfera dos estudos da tradução (Barbosa, 1990; Leipnitz; Pickbrenner, 2020), uma nova perspectiva se faz cada vez mais presente desde os anos 80 do século XX: a tradução como processo complexo, que se dá na mente dos falantes. Tal perspectiva, segundo Barbosa (1990), surgiu da estreita relação entre as pesquisas sobre tradução e aquelas sobre ensino e aprendizagem de outras línguas.

A aquisição ou aprendizagem de uma segunda língua representa um processo de conexão entre L1 e L2. Assim, o desenvolvimento de um vocabulário na L2 se dá com base no vocabulário que o falante já possui na sua L1. Essa referenciação entre as línguas – que leva a criação de um dicionário mental plurilíngue – é feita através de processos tradutórios. A aquisição de palavras em uma segunda língua, sua compreensão e seu

conhecimento representam um processo tradutório, realizado, a princípio, de forma consciente, depois de forma inconsciente da L2 para a L1 (Dechert; Raupach, 1989).

Diversos estudos (Kroll; Stewart, 1994; Thierry; Wu, 2007; Morford *et al.*, 2011) sugerem que falantes plurilíngues ativam processos tradutórios no processamento de uma língua adicional (L2). Segundo o modelo hierárquico revisto [*Revised Hierarchical Model* – RHM], proposto por Kroll e Stewart (1994), palavras de outra língua (L2), aprendidas recentemente, são conectadas à língua primeira dos falantes (L1) através de traduções; essas, por sua vez, são conectadas a conceitos. Quando o falante se torna mais proficiente na L2, assume-se que as palavras nessa língua ganham acesso direto ao conceito sem a necessidade de mediação de processos tradutórios.

Enquanto o modelo de Kroll e Stewart estabelece que, em contraste com falantes plurilíngues proficientes, o falante nos estágios iniciais de contato com uma L2 terá uma maior predisposição em se utilizar de processos tradutórios para acessar os sentidos na L2, estudos mais recentes (Sunderman; Kroll, 2006; Thierry; Wu, 2007; Kroll *et al.*, 2012) sugerem que falantes plurilíngues – independentemente de seu grau de proficiência – ativam processos tradutórios no processamento da L2.

Um estudo realizado por Sunderman e Kroll (2006), por exemplo, aponta que, nos estágios iniciais do contato com uma L2, processos tradutórios podem funcionar – como sugerido pelo modelo hierárquico revisto de Kroll e Stewart (1994) – como um mecanismo de transferência, permitindo o acesso ao sentido lexical na L2. Por outro lado, para aqueles plurilíngues com maior grau de proficiência, a tradução é ativada após o reconhecimento do sentido lexical, como parte da rede de conexões plurilíngues disponíveis, relacionada ao repertório linguístico dos sujeitos.

Falantes plurilíngues criam uma zona translacional, na qual armazenam os resultados das conexões e comparações que realizam entre suas diferentes línguas, esta representa “um espaço compartilhado entre ambas as línguas” (Falla-Wood, 2018, p. 109).⁴² O conteúdo armazenado se transforma em conhecimento processual e se mantém na memória de longo prazo. Falla-Wood (2018) ressalta ainda que, embora a tradução mental tenha as mesmas características da tradução, ela só acontece na mente do falante; enquanto a intenção do tradutor profissional é gerar um produto, oral ou escrito, o falante plurilíngue efetua a tradução mental para compreender ou produzir mensagens na L2.

⁴² Do inglês: “a space shared by both languages.”

A tradução mental “*é uma atividade intelectual complexa, caracterizada pela passagem mental de L2 para L1 ou L1 para L2 em um continuum entre consciente e voluntário e inconsciente e involuntário*” (Falla-Wood, 2018, p. 100 – tradução nossa, grifos da autora).⁴³ Nesse *continuum*, quando consciente e voluntária, a tradução mental representa uma estratégia; quando involuntária e inconsciente, transforma-se em processo (Schmidt, 1994). Tanto como estratégia quanto como processo, a tradução pode constituir uma replicação de elementos totalmente novos (funções, materiais, estruturas) para a língua apropriadora ou um impacto que implica a ativação e o aprimoramento de meios formais já existentes ou potencialmente viáveis (palavras, construções, padrões de frases) encontrados dentro do sistema gramatical da língua apropriadora (Danchev, 2010).

Como apontam Meriläinen *et al.* (2016), há uma base cognitiva comum, subjacente às perspectivas sobre plurilinguismo, aquisição e aprendizagem de segunda língua e processos tradutórios. Ao mesmo tempo, as atitudes referentes a apropriações linguísticas e outros processos tradutórios em cada um desses campos de estudo revelam ideologias, bem como interesses e focos distintos. Considerar essas perspectivas em conjunto na pesquisa sobre contatos linguísticos pode suscitar um diálogo enriquecedor para os campos envolvidos, como se pretende demonstrar nesta tese.

Assim, são privilegiadas, nesta tese, perspectivas que vão além de pensar a tradução apenas como atividade profissional. Faz-se necessário, portanto, considerar a tradução, especialmente em sua relação com a oralidade, como um processo cognitivo e psicológico.

A relação entre oralidade e tradução é íntima e histórica. Como observa Bandia,

o próprio ato de falar, que diferencia o ser humano de outras espécies vivas, envolve a tradução do pensamento em palavras ou discursos audíveis. A sobrevivência de tal pensamento é possível através da transmissão oral, gravação ou escrita, que são todas interfaces que dependem de um ato de tradução (Bandia, 2015, p. 125).⁴⁴

⁴³ Do inglês: “a complex intellectual activity characterized by the mental passage from L2 to L1 or L1 to L2 on a continuum from conscious and voluntary to unconscious and involuntary.”

⁴⁴ Do inglês: “The very act of speaking, which sets humans apart from other living species, involves the translating of thought into audible words or speech. The survival of such thought is made possible through oral transmission, recording or writing, which are all interfaces that depend on an act of translation across language or various communication media.”

Ožbot chama atenção para o fato de que tanto situações de contato linguístico quanto situações translacionais representam situações de **transferências linguísticas**, que compartilham “a presença de uma transposição semântica da língua fonte para a língua-alvo, que pode envolver todos os níveis da estrutura linguística, desde o nível morfêmico até o textual” (Ožbot, 2014, p. 134 – tradução nossa).⁴⁵ Segundo Ožbot (2014), a maior diferença entre a tradução e a comunicação bilíngue está no fato de que a tradução tem por base, invariavelmente, um texto de partida, enquanto a comunicação bilíngue não envolve um texto pré-existente,

apesar disso, qualquer forma de bilinguismo também pode ser relacionada à tradução, e a tradução é de fato uma forma especial de bilinguismo tanto em contextos individuais quanto sociais. Todos os tradutores são, por definição, bilíngues, embora, naturalmente, nem todos os bilíngues sejam tradutores, mas em sua atividade como produtores linguísticos eles necessariamente também realizam "operações translacionais" entre suas duas (ou mais) línguas (Ožbot, 2014, p. 137 – tradução nossa).⁴⁶

Assim, a tradução, enquanto atividade profissional, ocorre entre textos pré-definidos – sejam eles escritos ou orais; os processos tradutórios, enquanto objeto desta tese, são o resultado do encontro entre falantes de diferentes línguas: a língua – diversa, indefinida, cheia de curvas e cantos – é o seu texto.

A tradução, portanto, representa um fenômeno que vai além da dimensão textual, e sem dúvida muitas inovações linguísticas, provocadas por transferência interlingual, foram intensificadas por processos tradutórios (Danchev, 2010; Ožbot, 2014). Se a tradução, como atividade profissional, pode influenciar as línguas em contato, é justificável considerar que como uma atividade da fala, como processo mental ou como estratégia em contextos de contato linguístico, também possa fazê-lo. Nesse sentido, processos tradutórios devem ser tratados a partir de uma perspectiva mais ampla e interdisciplinar, que “implica naturalmente a adoção de definições igualmente mais amplas de noções básicas como **bilinguismo**, **tradução** e até mesmo de **mudanças**

⁴⁵ Do inglês: “the presence of a semantically based transposition from the source to the target language, which may concern all levels of linguistic structure, from the morphemic to the textual.”

⁴⁶ Do inglês: “However, any form of bilingualism can also be related to translation, and translation is indeed a special form of bilingualism, both in individual and societal contexts. All translators are by definition bilinguals, although, of course, not all bilinguals are translators, but in their activity as language producers they necessarily also perform "translational operations" between their two (or more) languages.”

induzidas por contato, como incluindo qualquer mudança desencadeada por influência externa” (Danchev, 1988, p. 49 – tradução nossa, grifos do autor).⁴⁷

Concluindo, pode-se afirmar que a tradução representa um fenômeno que vai além da dimensão textual e consciente ou inconscientemente, faz parte das estratégias de aprendizagem e aquisição linguística em situações de contato, e se orienta a objetivos comunicacionais. O falante plurilíngue, em situação de contato linguístico, realiza uma leitura e uma interpretação não de um texto, mas do contexto em que se encontra e, na sequência, realiza inevitavelmente operações tradutórias entre as suas duas (ou mais) línguas.

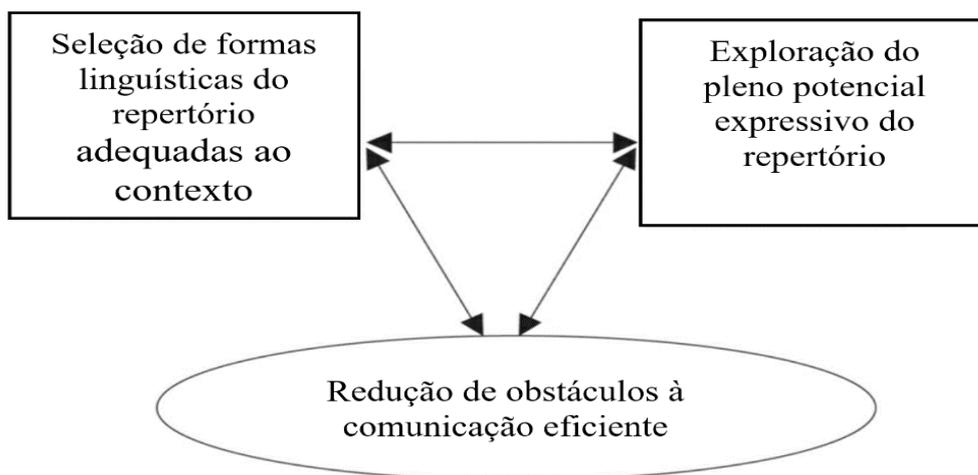
Na próxima seção a relação entre tradução e contatos linguísticos será tratada mais detalhadamente.

2.6 A TRADUÇÃO NOS CONTATOS LINGUÍSTICOS

A comunicação em situações de contato linguístico, conforme antecipado em 2.3, é o resultado da interação entre dois fatores motivacionais: de um lado, encontra-se a lealdade a um conjunto de normas que regulam a seleção de elementos linguísticos do repertório do falante da forma mais adequada a um dado contexto; de outro, o desejo de poder explorar esse repertório em sua totalidade, não obstante as restrições situacionais (Matras, 2020). Essa interação, ilustrada na figura 7, pode resultar em uma mudança linguística, se um determinado comportamento linguístico for disseminado e aceito dentro da comunidade de falantes.

⁴⁷ Do inglês: “implies the adoption of more broadly based definitions of such basic notions as bilingualism, translation and even of contact-induced change as including any change triggered off by outside influence.”

Figura 7: Interação de fatores presentes na comunicação em situações de contato linguístico



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Matras (2020, p. 6).

Tal interação de fatores presentes na comunicação em situações de contato linguístico está intimamente relacionada a processos tradutórios. Como discutido na seção anterior, os falantes plurilíngues criam em suas mentes uma zona translacional, armazenando os resultados das conexões e comparações que realizam entre suas diferentes línguas (Falla-Wood, 2018). Esse processo leva a inovações introduzidas, na fala, por falantes plurilíngues em contextos multilíngues. Essas inovações, por sua vez, permitem ao falante um equilíbrio entre determinados fatores motivacionais: por um lado, a observância das normas de seleção de estruturas apropriadas ao contexto; por outro, a exploração do repertório linguístico em sua totalidade.

Nessa perspectiva, é central a noção de que não são as línguas que traduzem estruturas ou funções umas das outras, e sim são os falantes que se utilizam de estruturas semelhantes em contextos comunicacionais distintos, permitindo, desse modo, que subconjuntos de seu repertório linguístico “se generalizarem, independentemente da escolha da ‘língua’ (socialmente construída) em um determinado contexto de interação” (Matras, 2020, p. 8).⁴⁸

Considerando a língua como atividade social, guiada por objetivos comunicacionais, os falantes são percebidos como agentes que fazem uso da língua como uma atividade voltada ao alcance desses objetivos. Da mesma forma, são as “pessoas em

⁴⁸ “thereby allowing subsets of their linguistic repertoire to become generalized irrespective of the choice of (socially constructed) ‘language’ in a given interaction setting.”

contato linguístico [...] que usam palavras de sua segunda língua em sua primeira” (Munske, 2001, p. 10).⁴⁹ Nesse sentido, Baldiger (1993, p. 2), adequadamente, refere-se aos falantes como “portadores da língua” (dt. *Sprachträger*).

Estruturas, categorias e formas linguísticas podem ser consideradas, nessa perspectiva, gatilhos no processamento linguístico-mental, que implicam a interação entre os falantes. A interação comunicacional representa uma dimensão fundamental nos processos linguísticos – desde a aquisição até a replicação e manipulação deliberada da língua (Matras, 2020). Embora as escolhas dos falantes sejam de ordem funcional, isso não significa que sejam sempre conscientes e deliberadas. Segundo Matras (2020), essas escolhas se organizam em um *continuum* entre escolhas involuntárias – e até mesmo contra-estratégicas – até conscientes e deliberadas.

O contato leva, portanto, a “uma negociação criativa de um complexo repertório de estruturas linguísticas juntamente com convenções sociolinguísticas e pragmáticas que governam sua distribuição” (Matras, 2011, p. 143). O repertório linguístico do falante compreende, nesse sentido, construções sensíveis a inovações – visto que o falante é um agente criativo, que explora novos sentidos em novos contextos e que pode, assim, promover mudanças linguísticas. Nessa perspectiva, processos tradutórios – representados por neologismos, apropriações linguísticas e replicações (v. seções 2.7.2.1, 2.7.2.3 e 2.7.2.4) – são definidores da agentividade e criatividade dos falantes, e se orientam por objetivos não apenas comunicacionais, mas também atitudinais e sociais. Como lembra Matras (2020), as palavras não apenas ocupam um espaço dentro da frase, são dispositivos funcionais, através dos quais os falantes transmitem informações e atitudes, estabelecendo e mantendo relações sociais.

O conceito de ‘repertório linguístico’ compreende dimensões como a diversidade linguística e a multiplicidade de vozes, inerentes a qualquer língua viva. Estabelece-se, assim, um diálogo entre as línguas, tanto dentro do que é referido como uma língua quanto entre línguas diferentes que estabelecem contatos e equivalências entre si (Busch, 2017). Além disso, uma das características fundamentais desse conceito é o deslocamento para além da esfera de uma dada comunidade de fala: como observa Busch (2017), faz-se necessário desenvolver uma perspectiva biográfica, que vincule o repertório sobretudo à

⁴⁹ Do alemão: “Sprachenkontaktleute [...] welche Wörter aus ihrer Zweitsprache in ihrer Erstsprache gebrauchen.”

trajetória de vida dos falantes; ou ainda, de outro lado, adotar uma perspectiva espacial que aborde contatos diversos de contextos linguisticamente distintos.

Em termos de descrição da variação linguística em situações de contato entre línguas e variedades, a noção de repertório linguístico se mostra igualmente propícia às possibilidades que oferece a dialetologia pluridimensional e relacional, que, como já mencionado, leva em conta uma série de dimensões de análise para observar a influência específica de um fator ou parâmetro de análise, seja no viés contatual, seja de ordem diatópico-cinética, no que diz respeito à experiência migratória, em meio à mobilidade espacial e social dos falantes. Nesses contextos, tem-se com frequência – e naturalidade – “falantes plurivarietais e até mesmo plurilíngues que apresentam em seu repertório linguístico competências em mais de uma variedade ou língua que se alternam e se interinfluenciam no uso concreto” (Altenhofen; Thun, 2016, p. 373).

O falante plurilíngue conta, portanto, com um complexo repertório de estruturas e formas linguísticas, e faz uso desse repertório de forma criativa, de acordo com o contexto e com suas intenções e necessidades comunicativas. No entanto, a adequação ao contexto nem sempre representa uma separação de línguas: relevante, nesse sentido, é a aceitação dessas formas e estruturas dentro da comunidade linguística e, nesse processo, as línguas podem se entrecruzar.

Assim, do ponto de vista do falante plurilíngue, o contato entre línguas representa uma oportunidade de empregar os recursos de seu repertório, adquiridos numa sucessão de contextos diferentes, de forma a corresponder às expectativas de interlocutores distintos em contextos interacionais diversos. Trata-se de falantes que dispõem de um repertório linguístico composto por elementos de variedades linguísticas com as quais estão em contato e das quais fazem uso em suas interações plurilíngues. Isso significa que esses falantes fazem uso de mais de uma variedade linguística e “como seu repertório linguístico compreende diversas línguas e variedades, eles dispõem de competências que lhes possibilitam, na comunicação local, cambiar de uma língua e variedade a outra” (Altenhofen, 2019, p. 6 – tradução nossa).⁵⁰

Como mostram diversos estudos no âmbito do projeto ALMA-H (Habel, 2021; Prediger, 2019), a aquisição das variedades de alemão, tanto por falantes de gerações mais

⁵⁰ Do alemão: “Da ihr Sprachrepertoire mehrere Sprachen und Varietäten umfasst, verfügen sie über Kompetenzen, die ihnen ermöglichen, in der lokalen Kommunikation von einer Sprache und Varietät zur anderen zu wechseln.”

velhas quanto mais jovens, antecede a do português, aprendido apenas na escola. Os falantes apresentam, portanto, um repertório linguístico que pode ser caracterizado como um “complexo de variedades” (*variety complex*, cfe. Thun, 2010; ou *Varietätenbündel*, cfe. Altenhofen, 2019, p. 8), cada variedade associada a diferentes funções e graus de domínio. Enquanto está em curso um processo de substituição linguística, seja de variedades da mesma língua (*variety shift*), no contato intervarietal, seja entre línguas distintas (*language shift*), no contato interlingual – por exemplo do alemão para o português – os falantes desenvolvem uma série de modalidades de fala plurilíngue, com elementos de variedades e línguas distintas. Entre essas modalidades de falas plurais que caracterizam o que Vogel e García (2017) chamam de *translinguagem*, estão o *code-switching*, as apropriações linguísticas etc.

Tal como as demais variedades de língua alemã mais ou menos em contato nas áreas de imigração, também o português passa a fazer parte, gradualmente, do repertório desses falantes. O nível de conhecimento dessas variedades pode, entretanto, ser bastante irregular, com uma variedade predominando sobre outra(s). Levando em conta as entrevistas que compõem o banco de dados do ALMA-H, pode-se argumentar que a língua dominante, para os falantes das gerações mais velhas (GII), neste estudo, tende a ser o Hunsrückisch, enquanto para os falantes das gerações mais jovens (GI), progressivamente se desloque já para o lado do português.

É importante salientar que, quando se faz referência a variedades de língua alemã, emprega-se o conceito de ‘língua alemã’ no sentido de uma ‘língua histórica’, ou seja, seguindo a argumentação de Coseriu (1980), quando a oposição entre dialeto e língua é feita dentro de uma língua histórica (e não em relação ao conceito geral de ‘língua’), isto é, considerando “uma estrutura de tradições históricas da fala, reconhecida como ‘língua’ autônoma [...]”,⁵¹ assume-se que todas as variedades de língua alemã trazidas pelos imigrantes estão delimitadas no interior da língua alemã como língua histórica e são, portanto, configurações variáveis da mesma língua. Além disso, Coseriu (1980) também argumenta que “se uma ‘língua’ é um sistema linguístico, um conjunto de tradições da fala, então língua e dialeto designam objetos exatamente do mesmo tipo, pois um dialeto

⁵¹ Do alemão: “ein Gefüge von historischen Traditionen des Sprechens, das eben als autonome “Sprache” [...] anerkannt wird.”

também é um sistema linguístico completo, uma estrutura completa de tradições linguísticas.”⁵²

A complexidade da variação linguística, inerente a toda língua como conjunto de variedades, leva a uma série de dimensões de análise que nada mais são do que um princípio de ordenamento do aparente caos que caracteriza cada língua (Altenhofen, 2013). Quando se lança o olhar sobre as diferentes dimensões de análise – por exemplo, a dimensão diageracional (GI-GII), mencionada acima –, observa-se uma variação no tipo de processos tradutórios utilizados pelos falantes. Nesse sentido, cabe delinear uma tipologia de processos tradutórios, que dê conta das especificidades apresentadas pelo *corpus* desta pesquisa, que envolve um complexo de variedades como resultado de escolhas feitas pelos falantes plurilíngues e plurivarietais a partir de seu repertório linguístico. Essa tipologia é fundamental para compreender o papel da tradução em situações de contato linguístico na oralidade, como veremos a seguir.

2.7 EM BUSCA DE UMA TIPOLOGIA DOS PROCESSOS TRADUTÓRIOS APLICADA A CONTATOS LINGUÍSTICOS NA ORALIDADE

Nesta seção discutem-se primeiramente os conceitos de **equivalência** e **transferência linguística**, este último especialmente em oposição à **interferência linguística**. Em seguida, com base na terminologia adotada tanto nos estudos da tradução quanto na área da sociolinguística e dos contatos linguísticos na classificação de processos tradutórios, busca-se identificar uma tipologia dos processos tradutórios aplicável a contatos linguísticos na oralidade.

⁵² Do alemão: “wenn “Sprache” ein Sprachsystem, ein Gefüge von Traditionen des Sprechens ist, so bezeichnen Sprache und Dialekt Gegenstände genau der gleichen Art, denn auch ein Dialekt ist ein vollständiges Sprachsystem, ein vollständiges Gefüge von sprachlichen Traditionen.”

2.7.1 As noções de equivalência e transferência linguística

Inicia-se esta seção apresentando dois conceitos-chave do âmbito dos estudos tanto da tradução em si quanto da relação específica entre processos tradutórios e contatos linguísticos. Trata-se de conceitos fundamentais para que se conceba uma tipologia de processos tradutórios aplicada a contatos linguísticos sobretudo na oralidade: **equivalência e transferência**.

A noção de equivalência, para os fins desta tese, não está ancorada na noção de igualdade, de correspondência exata, tampouco deve ser considerada como um conceito estático, no qual X **sempre** corresponde a Y. A equivalência implica uma relação dinâmica e flexível. Trata-se, portanto, de uma relação sujeita a variações e à pluralidade, dependente sobretudo da adequação contextual e da aceitabilidade por parte dos falantes (Reiß; Vermeer, 1984).

Segundo Barbosa (1990), “a equivalência consiste em substituir um segmento de texto da LO [Língua Original] por um outro segmento da LT [Língua de Tradução] que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente” (Barbosa, 1990, p. 67 – inserções nossas, conforme terminologia proposta pela autora). Assim, a equivalência é considerada sob uma perspectiva funcional. Na pesquisa de Barbosa (1990), a equivalência é utilizada na tradução de itens específicos da língua fonte, como provérbios e expressões idiomáticas. Essa perspectiva é válida tanto para as pesquisas sobre tradução como atividade profissional quanto como estratégia ou processo de aquisição ou aprendizagem de uma L2.

Dois elementos linguísticos são geralmente considerados equivalentes quando possuem correspondência total de sentido e uso. No entanto, a correspondência total é um fenômeno raro, pois, na maioria das vezes, um termo da língua apropriadora cobre apenas parcialmente o sentido do termo da língua fonte (Rebechi; Tagnin, 2020). Também Coseriu (1981) aponta para a infrequência da equivalência total na tradução e observa que “certos conteúdos da língua A correspondem apenas parcialmente a certos conteúdos da língua B, que, por sua vez, também correspondem a outros conteúdos da língua A [...] e assim por diante” (Coseriu, 1981, p. 19).⁵³

⁵³ Do alemão: “gewisse Inhalte der Sprache A nur z. T. gewissen Inhalten der Sprache B entsprechen, die ihrerseits auch anderen Inhalten der Sprache A entsprechen [...] usw.”

Reiß (1989) chama atenção para a importante distinção entre *equivalência* e *adequação*, reforçando o caráter flexível do conceito e afirmando que a “equivalência não representa uma correspondência 1:1 para a qual não há diferentes alternativas” (Reiß, 1989, p. 166). Assim, a equivalência está atrelada à adequação contextual, social, cultural. Isso se torna ainda mais evidente em situações de contato linguístico entre diferentes culturas e ambientes, como no caso em que estão envolvidos movimentos migratórios. Em situações de contato linguístico, não se pode pensar a noção de equivalência com base no princípio da equidade, uma vez que estamos lidando com realidades distintas, nas quais os elementos sociais, naturais e culturais são igualmente distintos e dinâmicos, isto é, sofrem atualizações ininterruptas dos sentidos que lhes atribuem os falantes em contato.

Em relação à **transferência linguística**, propõe-se inicialmente uma oposição entre *transferência* e *interferência* em relação a processos de tradução. Com base em Vermeer (1992), a tradução representa um “processo de transferência linguística [...]” (Vermeer, 1992, p. 38) que se dá entre línguas. O termo “interferência”, por sua vez, é marcado por uma prosódia semântica em geral negativa: especialmente na área dos estudos da tradução e dos contatos linguísticos, a interferência é definida como erro, ameaça, transgressão, violação.

Juhász (1970) define a interferência como “violação de uma norma linguística causada pela influência de outros elementos linguísticos” (Juhász, 1970, p. 9); Hoock Quadrado, em analogia à autobiografia de Elias Canetti – *A língua salva [La lingua salvata]* –, refere-se à interferência como perda iminente da língua; Wilss (1989) também define-a como a “não observância de uma norma em uma situação de contato linguístico” (Wilss, 1989, p. 9); e, seguindo a mesma linha, Kupsch-Losereit (2004) interpreta a interferência como transgressão da norma, não apenas nos níveis lexicais e semânticos, mas também nos níveis situacionais e culturais (Kupsch-Losereit, 2004). Danchev (2010) observa que, nos Estudos da Tradução, a interferência interlinguística é considerada meramente nos casos em que representa a causa de traduções textuais de má qualidade, ainda que pesquisas recentes confirmem que muitos casos de interferência interlinguística sejam devidos a traduções inconscientes ou 'escondidas' da primeira para a segunda língua (ou vice-versa). Para Johanson (1999, p. 40), o termo “interferência” é inadequado devido à sua conotação como um desvio indesejado das normas monolíngues, que supostamente prejudica a comunicação. “Termos desse tipo, que perderam seu significado originalmente neutro, podem contribuir para estimular preconceitos contra variedades

influenciadas pelo contato, rotulando-as como variedades ‘misturadas’ ou ‘contaminadas’.”⁵⁴

Vale observar, que fenômenos contatuais são fenômenos que viabilizam a comunicação e não que interferem nela. Por essa razão, bem como em função das definições apresentadas acima, considera-se o conceito de ‘interferência’ inadequado para os propósitos desta tese. Ainda que muitos autores utilizem esse termo (Backus, 2010; Weinreich, 1968) sem conferir-lhe tal negatividade, é preferível empregar o termo *transferência*, de sentido mais amplo e mais neutro.

Com base em Riehl (2018), define-se, assim, *transferência* como a adoção, realizada por falantes da língua apropriadora, de um elemento linguístico (por exemplo, uma palavra, som ou morfema), uma estrutura linguística (por exemplo, marcação aspectual) ou uma regra (por exemplo, quando usar o tempo futuro) da língua fonte. A transferência é, segundo Riehl (2018), frequentemente motivada (i) pelo princípio da economia linguística e (ii) pela necessidade de expressar um conceito ausente na língua apropriadora.

Barbosa (1990) refere-se ao termo *transferência* como termo guarda-chuva, do qual fazem parte noções como estrangeirismo e estrangeirismo aclimatado ou decalque. A diferença entre esses dois procedimentos, para Barbosa, é que o estrangeirismo representa a transferência de uma palavra ou expressão da língua fonte para a língua apropriadora, conservando os fonemas, a flexão e a grafia da língua fonte. O estrangeirismo aclimatado ou decalque, por sua vez, revela um processo no qual as unidades lexicais da língua fonte se adaptam à fonologia e à estrutura morfológica da língua apropriadora.

Nübling *et al* (2017), com base na tipologia proposta por Betz (1949), distinguem entre transferência lexical (*Wortentlehnung*), subdividida em: estrangeirismo (*Fremdwort*) e empréstimo (*Lehnwort*) e transferência semântica (*Lehnprägung*), que compreende empréstimo por tradução plena (*Lehnübersetzung*), empréstimo por tradução parcial (*Lehnübertragung*), empréstimo semântico *per se* (*Lehnbedeutung*) e empréstimo por criação (*Lehnschöpfung*).

⁵⁴ Do inglês: “Terms of this kind, which have lost their originally neutral meaning, may contribute to prejudices against contact-influenced varieties as ‘mixed’ or ‘contaminated’.”

Assim, na transferência lexical, tem-se, com base na classificação de Betz (1949), mais precisamente:

- estrangeirismo (*Fremdwort*) – quando a palavra mantém as marcas formais da língua fonte: *Cappuccino*, *Pizza*, *Peeling*.
- empréstimo (*Lehnwort*) – quando a palavra perde as marcas formais da língua fonte, assumindo as marcas formais da língua apropriadora: *Mauer* (lat. *mūrus*), *Tisch* (lat. *discus*).

Na transferência semântica (*Lehnprägung*), seguindo a mesma classificação de Betz (1949), tem-se os seguintes tipos:

- empréstimo por tradução plena (*Lehniübersetzung*) – quando a palavra ou expressão é traduzida para a língua apropriadora com termos equivalentes: dt. *Rechtsschreibung*, a partir de *Ortographie* do francês; pt. *cachorro-quente*, a partir da forma do ing. *hot-dog*.
- empréstimo por tradução parcial (*Lehniübertragung*) – quando palavras ou expressões são formadas a partir de semelhanças formais e estruturais em relação à língua fonte. Quando essa formação se dá de forma mais livre, que se orienta na língua fonte, mas não representa uma tradução plena dos elementos desta, tem-se, na classificação de Betz (1949), a tradução parcial. Exemplo: dt. *Halbinsel* a partir da forma do lat. *península*: a palavra *península* é composta pelo advérbio *paene* (quase) e a palavra *insula* (ilha) – uma quase ilha, não fosse o istmo que a une ao continente. No alemão, a palavra *Halbinsel* é composta pelo advérbio *halb* (meio, parcialmente) e a palavra *Insel* (ilha): meio ou parcialmente ilha. A tradução plena de *península* para o alemão, segundo o Duden (*Halbinsel...*, 2023), seria *Fastinsel* (*Fast* = quase, *Insel* = ilha). Assim, *Halbinsel* configura, segundo Betz (1949), um exemplo de tradução parcial (*Lehniübertragung*).
- empréstimo semântico *per se* (*Lehnbedeutung*) – quando o sentido de uma palavra da língua apropriadora é ampliado, sob a influência da língua fonte ou quando esse sentido está sujeito a mudanças. Exemplo: hrs. *bis* que, além de compartilhar do sentido espacial e temporal de ‘até’, apropria-se também do seu sentido

enfático, como em “até o vovô foi ao jogo” – *Bis der Wowwo is uff's Spiel gang* (cf. também a seção 2.7.2.3.3).

- empréstimo por criação (*Lehnschöpfung*) – quando se trata de um neologismo, criado com material da língua apropriadora, que surge por influência ou indução de uma palavra da língua fonte: dt. *Weinbrand*⁵⁵ (‘vinho queimado/destilado’: *Wein* = ‘vinho’, *Brand* = ‘queima/destilação’) como forma equivalente para o fr. *cognac* – termo que define bebida com alto teor alcoólico, feita a partir de vinho destilado.

O seguinte excerto, do próprio Betz, ilustra bem as diferentes formas de transferências semânticas apresentadas acima:

“Na última sexta-feira, o avô do duque, atento às reclamações de seus súditos, participou de uma reunião na capital.” ›Alemão‹, nesta frase, são apenas os artigos e as preposições, todas as outras palavras são transferências semânticas [*Lehnprägungen*], criadas a partir de modelos estrangeiros. ›*Vergangen*‹ é um empréstimo por tradução parcial [*Lehnübertragung*] de *praeteritus* do latim, ›*Freitag*‹ é um empréstimo por tradução plena [*Lehnübersetzung*] de *Veneris dies*, ›*Großvater*‹ de *Grand-père*, ›*Herzog*‹ do bizantino *stratelâtes*, ›*Rücksicht*‹ de *respectus*, ›*Beschwerden*‹ tem seu sentido específico como empréstimo semântico *per se* [*Lehnbedeutung*] de *gravamina*, ›*Untertaten*‹ é um empréstimo por tradução parcial [*Lehnübertragung*] de *subditus*, ›*Sitzung*‹ é empréstimo semântico *per se* [*Lehnbedeutung*] de *session* do francês, ›*Hauptstadt*‹ é um empréstimo por tradução parcial [*Lehnübertragung*] de *capitale*, ›*teilnehmen*‹ é um empréstimo por tradução plena [*Lehnübersetzung*] do latim *participere* do latim (Betz, 2011 [1974], p. 1 – tradução e inserções nossas).⁵⁶

O excerto acima, vale acrescentar, ilustra a premissa de Coseriu (1983) de que a mudança linguística normalmente não é percebida pelos falantes, que acreditam estar apenas dando continuidade a uma tradição linguística sem mudanças. Além disso, como

⁵⁵ Com a assinatura do Tratado de Versalhes, após sua derrota na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha ficou proibida de fazer uso de certas indicações de origem em vigor na França, isso incluía a designação *Cognac* como indicação de origem da região de Cognac. Como não podiam mais utilizar a designação *Cognac* para destilados de vinho, os alemães criaram a designação *Weinbrand* para esse fim (Instituto Diplomático, 1921, p. 351-352),

⁵⁶ Do alemão: “»Am vergangenen Freitag nahm der Großvater des Herzogs, mit Rücksicht auf die Beschwerden der Untertanen, an einer Sitzung in der Hauptstadt teil.« »Deutsch« sind in diesem Satz nur die Artikel und Präpositionen, alle anderen Wörter sind Lehnprägungen nach fremden Vorbildern. Lehnübertragung von lat. *praeteritus* ist »*vergangen*«, »*Freitag*« ist Lehnübersetzung von *Veneris dies*, »*Großvater*« von *grand-père*, »*Herzog*« von byzantin. *stratelâtes*, »*Rücksicht*« von *respectus*, »*Beschwerden*« hat seine besondere Bedeutung als Lehnbedeutung nach *gravamina*, der »*Untertan*« ist eine Lehnübertragung von *subditus*, »*Sitzung*« hat eine Lehnbedeutung nach frz. *session* angenommen, »*Hauptstadt*« ist Lehnübertragung von *capitale*, »*teilnehmen*« Lehnübersetzung von lat. *participere*.

observa Betz (2011 [1974]), embora essa frase possa parecer, “para um defensor superficial da ›pureza‹ da língua alemã” (Betz, 2011 [1974], p. 1),⁵⁷ absolutamente alemã, ela é praticamente toda constituída de transferências semânticas, o que coloca em dúvida a tese comumente defendida do purismo linguístico, que vê a influência de uma língua sobre a outra como um processo negativo, de empobrecimento da língua.

Ainda sobre a possível influência de uma língua sobre a outra e o papel agente dos falantes na aceitação de transferências linguísticas, Munske (2001) afirma:

as ‘palavras estrangeiras impostas a uma língua’, são exatamente o oposto: elas são acolhidas, prontamente adaptadas. O empréstimo ocorre quando as transferências lexicais dos bilíngues em uma comunidade linguística são aceitas pelos monolíngues. Quando os puristas se opõem à influência de uma língua estrangeira, isso é apenas aparentemente direcionado para fora. Dirige-se muito mais para dentro, contra o uso da língua em sua própria comunidade linguística (Munske, 2001, p. 10 – tradução nossa).⁵⁸

A importância da definição do conceito de ‘transferência’ – bem como sua delimitação em relação à interferência – reside também na íntima relação que se estabelece entre transferência e tradução, como se pode observar a partir das definições e dos exemplos anteriores. Sob uma perspectiva mais ampla, os conceitos de ‘tradução’ e ‘transferência’ podem ser utilizados de forma intercambiável, pois, uma “abordagem mais ampla obviamente reduz significativamente a diferença entre as noções de transferência e tradução” (Danchev, 1988, p. 48).⁵⁹ O que não se pode perder de vista é que “elas são de fato frequentemente usadas em contextos semelhantes com referência a processos lexicais e gramaticais mais ou menos idênticos” (Danchev, 1988, p. 48).⁶⁰

Com essa abordagem mais ampla da noção de tradução, pretende-se significar a tradução – e conseqüentemente os processos tradutórios – como uma atividade orientada

⁵⁷ Do alemão: “einem oberflächlichen Eiferer für die »Reinheit« der deutschen Sprache.“

⁵⁸ Do alemão: “die einer Sprache aufgedrungenen fremden Wörter“, sind genau das Gegenteil: sie sind aufgenommene, bereitwillig adaptierte. Es kommt zu Entlehnungen, wenn die lexikalischen Transferenzen der Zweisprachigen in einer Sprachgemeinschaft von den Einsprachigen akzeptiert werden. Wenn sich Puristen gegen fremdsprachigen Einfluss wenden, dann richtet sich dieser nur scheinbar nach außen, vielmehr nach innen gegen den Sprachgebrauch in der eigenen Sprachgemeinschaft.“

⁵⁹ Do inglês: “a broader approach obviously reduces significantly the difference between the notions of transfer and translation.”

⁶⁰ Do inglês: “they are indeed often used in similar contexts with reference to more or less identical lexical and grammatical processes.”

a objetivos comunicacionais, que faz parte, consciente ou inconscientemente, das estratégias de aprendizagem e aquisição linguística em situações de contato.

2.7.2 Tipologia dos processos tradutórios aplicada a contatos linguísticos na oralidade

Tendo por base os objetivos comunicacionais dos imigrantes alemães e seus descendentes, percebe-se um movimento de conciliação entre a lealdade à língua que os primeiros imigrantes trouxeram consigo – que, afinal, representa um dos mais fortes elos entre eles e sua terra natal – e a apropriação do novo meio que desejam transformar em seu novo lar. Nesse contexto, surgem inicialmente os neologismos – que os imigrantes criam a partir de suas novas experiências, mas ainda com material linguístico das variedades alemãs que falam. Seguem-se as apropriações de elementos linguísticos da língua fonte, que se caracterizam por manter total ou parcialmente sua forma original, as replicações funcionais – que ocorrem quando o falante bilíngue identifica uma estrutura que desempenha função pivotal na língua fonte e atribui função semelhante a uma estrutura presente na língua apropriadora – e as replicações estruturais, caracterizadas pela tentativa do falante de reproduzir uma determinada construção da língua fonte com estruturas que considera equivalentes em sua língua. Com isso, temos um ponto de partida para o que pode constituir ou fazer parte de uma tipologia de processos tradutórios aplicada a situações de contato linguístico na oralidade, como se propõe a seguir.

2.7.2.1 Neologismos

Neologia e tradução estão invariavelmente conectadas. Tanto na esfera da tradução profissional, onde “tradutores se deparam cotidianamente com os problemas relativos à neologia” (Reuillard, 2007, p. 171), quanto em situações de contato com um novo ambiente, quando os falantes precisam dar conta de nomear o que não lhes é familiar. Assim, no escopo desta tese, os neologismos representam a busca por traduzir

para a língua apropriadora o que parece não ter equivalentes. Mesmo quando o neologismo parece não sofrer influência da língua fonte, ele representa a tradução da nova cultura, do novo meio, das novas experiências vividas pelos imigrantes.

A partir de uma perspectiva funcional, o neologismo é motivado pela necessidade de suprir uma lacuna num determinado sistema linguístico, formado com material linguístico da própria língua ou através de apropriações que se dão em contextos de contato com um novo meio e uma nova língua. Ou seja, a formação de neologismos é motivada por necessidades diversas, intimamente relacionadas às necessidades comunicativas que, por sua vez, relacionam-se a inovações culturais, sociais, técnicas ou ambientais (Nübling *et al.*, 2017).

Como alertam diferentes autoras e autores, entre os quais Busse (1996), Cabré (2006) e Nübling *et al.* (2017), definir e classificar neologismos representa uma tarefa complexa, que suscita dúvidas e impasses. Nesta tese, buscou-se classificar os neologismos a partir dos exemplos proporcionados pelos dados do ALMA-H e com base sobretudo nos estudos de Betz (1936, 1949, 2011 [1974]), Busse (1996) e Nübling *et al.* (2017).

Na tipologia proposta por Betz (seção 2.7.1), o neologismo aparece como uma das formas de empréstimo: empréstimo por criação (*Lehnschöpfung*) e é identificado como um elemento linguístico criado com material da língua apropriadora, que surge por influência ou indução de um elemento da língua fonte. Na tipologia proposta nesta tese, o neologismo representa um elemento linguístico criado com material da língua apropriadora para denominar elementos a partir das novas experiências dos imigrantes no meio até então desconhecido. Assim, novas unidades lexicais são criadas para designar, pela primeira vez, novos fenômenos ou fatos do novo meio. A influência da língua do novo meio sobre a formação de neologismos é variável e gradual: aumenta na proporção em que aumenta o contato entre os falantes das diferentes variedades linguísticas. No início do processo de imigração, por exemplo, quando o contato com a língua majoritária era menor, a influência desta não era tão acentuada. Nesse período, os neologismos se relacionam sobretudo ao contato com a flora e a fauna desconhecidas.

Outro elemento que exerce papel fundamental na formação de neologismos é o tempo: um neologismo representa uma formação recente na língua, uma novidade, marcada, portanto, por um aspecto transitório. Além disso, na língua falada, o elemento

“tempo de produção” não está tão disponível como na língua escrita. Isso pode influenciar a proporção de neologismos e de apropriações na produção linguística dos falantes. Como observa Carvalho (2009), “a cunhagem de um novo termo demanda tempo e interesse, enquanto a adoção é instantânea” (Carvalho, 2009, p. 80).

Como apresentado na seção 1.3, a forma de assentamento dos imigrantes alemães através do sistema de picadas favoreceu o desenvolvimento de comunidades bastante autônomas e que, em sua maioria, compartilhavam da mesma variedade linguística. Embora já desde cedo houvesse o contato com a língua local, as experiências mais imediatas eram com o novo entorno, especialmente a fauna e a flora local. Nesse contexto de apropriação do novo meio, os imigrantes introduziram, por criação, novas palavras à sua língua, a fim de nomear objetos ou conceitos que até então desconheciam. Isso não significa que certos conceitos e objetos – mesmo que alóctones – não possuíssem denominações próprias na matriz de origem, significa, porém, que eram desconhecidos (ou não usuais) no contexto de vida dos falantes que emigraram para o Brasil.

No caso do Hunsrückisch, as diferenças e os desconhecimentos do meio ambiente e da cultura do novo meio motivaram a criação de muitas palavras que permanecem na língua até hoje. É provável que o processo de criação de neologismos tenha sido especialmente frequente na fase inicial, das primeiras gerações, que ainda não haviam se apropriado do português. São exemplos característicos desse tipo de neologismos, documentados pelo ALMA-H: hrs. *Keesboom*⁶¹ (lit. ‘árvore de queijo’ – pt. *umbu*), hrs. *Affebeere* (lit. ‘fruta de macaco’ – pt. *araticum, quaresma*).

Vale ressaltar e supor que a gênese de um neologismo ocorre em uma situação particular, por obra de um indivíduo em situação microlinguística de interação; para se tornar efetivamente parte do léxico da língua, em âmbito macrolinguístico, e não propriamente uma idiosincrasia, esse neologismo precisará sofrer um processo de “coletivização” e se tornar, portanto, de uso recorrente. A metodologia de coleta de dados adotada no ALMA-H – de mais de uma entrevista com mais de um informante (pluralidade) em mais de um ponto de pesquisa – foi elaborada justamente para controlar a representatividade e o *status* de uso de determinada variante na língua de imigração, distinguindo o que é individual/idiosincrático e coletivo/sistêmico na língua em estudo.

⁶¹ Cf. mapa em Steffen e Altenhofen (2014, p. 41).

Observa-se, assim, que o neologismo representa uma unidade linguística, a partir da criação produzida pelos falantes com material da sua própria língua. Os neologismos surgem em uma comunidade de fala e se disseminam entre os falantes, até que, com o tempo, passam a integrar o vocabulário da língua. É o que mostra uma série de exemplos presentes no Hunsrückisch que, justamente por se formarem com material da língua dos falantes, passam muitas vezes despercebidos à geração mais jovem, embora na perspectiva diacrônica representem formas novas, incorporadas ao léxico da língua de imigração por influência do novo meio – com sua cultura, sociedade, natureza e língua distintas. Como já mencionado, entre os neologismos no Hunsrückisch, estão palavras como *Affebeere* (lit. ‘fruta de macacos’, pt. ‘araticum’ – *Annona sylvatica*), *Keesboom / Keesbaum* (lit. ‘árvore de queijo’, pt. ‘umbu’ – *Phytolacca dioica*) e *Dreckbauer* (lit. ‘aquele que constrói com barro’, pt. ‘joão-de-barro’ – *Furnarius rufus*). Esses neologismos serão analisados mais detalhadamente no capítulo 4.

2.7.2.2 O *continuum* entre *code-switching* e apropriação linguística

Gumperz (1982) – um dos primeiros teóricos a se ocupar mais detalhadamente do fenômeno de *code-switching* – argumenta que este “pode ser definido como a justaposição em uma mesma interação conversacional de fragmentos de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes” (Gumperz, 1982, p. 59 – tradução nossa).⁶² Grosjean (1982) define *code-switching* como “o uso alternado de duas ou mais línguas em uma mesma asserção ou conversa” (Grosjean, 1982, p. 145 – tradução nossa).⁶³ Pode-se inferir, assim, que o *code-switching* é geralmente definido como o uso de elementos linguísticos de uma língua fonte no curso de uma interação comunicacional entre falantes plurilíngues na qual a maioria dos elementos são próprios da língua apropriadora.

Sob uma perspectiva diacrônica, tais elementos podem ou não representar elementos de uso habitual, compartilhados entre os falantes de uma língua, e que têm

⁶² Do inglês: “can be defined as the juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems.”

⁶³ Do inglês: “the alternate use of two or more languages in the same utterance or conversation.”

origem em outra língua. Se esse for o caso, trata-se de uma apropriação linguística. Percebe-se, assim, que “o empréstimo diacrônico resulta do code-switching sincrônico” (Backus, 2010, p. 230 – tradução nossa),⁶⁴ visto que “o code-switching se refere a um evento sincrônico, enquanto o empréstimo alude a um processo diacrônico” (idem – tradução nossa).⁶⁵ Backus (2015) observa que “em contextos bilíngues, em que os falantes geralmente são capazes de reconhecer de qual língua uma determinada palavra se origina, esta pode *ser* um empréstimo estabelecido e, ao mesmo tempo *funcionar* como codeswitch” (Backus, 2015, p. 27 – tradução nossa, grifos do autor).⁶⁶ Matras (2020) propõe que se considere *code-switching* e apropriações linguísticas “como pontos inter-relacionados em um continuum” (Matras, 2020, p. 115 – tradução nossa).⁶⁷ Para os fins desta tese, na qual se pretende uma análise que “contrasta a fala de indivíduos e gerações que viveram em momentos históricos distintos” (Altenhofen, 2023, p. 5) – sob uma perspectiva, portanto, diacrônica –, foca-se no ponto do *continuum* no qual se encontram as apropriações linguísticas.

2.7.2.3 Classificação das apropriações linguísticas

Importa contrapor, inicialmente, o conceito de ‘apropriação linguística’ a conceitos como ‘assimilação’, ‘aculturação’ e ‘integração’, correntes na literatura sobre migrações (Singer, 1998; Hofmann, 2014). Por ‘apropriação’, entende-se, em sentido amplo, o “**ato** ou efeito de apropriar(-se); **ação** de apoderar-se de algo [...]; **ato** de tornar algo adaptado ou adequado a um fim ou uso; **ato** de apoderar-se de algo abandonado ou aparentemente sem dono; invasão, ocupação (Apropriação..., 2009, n. p. – grifos nossos). Como sugere a referência às palavras *ato* e *ação*, a apropriação pressupõe agentividade, mesmo quando se trata de um sentido negativo. É essa agentividade do imigrante alemão em sua relação com o novo meio que se pretende destacar ao longo desta tese.

⁶⁴ Do inglês: “diachronic borrowing results from synchronic codeswitching.”

⁶⁵ Do inglês: “codeswitching pertains to a synchronic event while borrowing pertains to a diachronic process.”

⁶⁶ Do inglês: “in bilingual contexts, where speakers will usually be able to recognize from which language a particular word originates, a word can be an established loanword and at the same time function as a codeswitch.”

⁶⁷ Do inglês: “as related points on a continuum.”

A aculturação e a assimilação, por seu lado, fazem parte de um *continuum*, no qual a aculturação representa a acomodação parcial a uma nova cultura e a assimilação, por sua vez, a acomodação total a esta (Singer, 1998). Em contrapartida, diversos autores usam o conceito de ‘integração’ como sinônimo de ‘assimilação’. Para Giddens (1984), por exemplo, assimilação é sinônimo de ‘integração social’, que implica a assimilação do conjunto de valores, normas e regras do novo meio pelo imigrante. Esse é o caso também da definição dada pelo dicionário Houaiss, que apresenta esse conceito sob a rubrica da sociologia, como “ação, processo ou resultado de **assimilar completamente os indivíduos de origem estrangeira** ao seio de uma comunidade ou nação (do ponto de vista jurídico, linguístico e cultural), formando um único corpo social” (Assimilação..., 2008 – grifos nossos). Spreafico (2009), que discute a noção de integração especificamente na sua relação com as sociedades de imigrantes, aponta para seu caráter polissêmico, visto que, “em contextos diversos e para usos sociais diferentes, foi também chamada de ‘assimilação’, ‘incorporação’, ‘inserção’, ‘adaptação’, ‘inclusão’” (Spreafico, 2009, p. 129).

É certo que não se pode resumir em poucos parágrafos os diversos aspectos relacionados a cada uma dessas noções. Para o contexto e objeto de estudo da tese, vale definir a ‘apropriação linguística’ como o processo de ‘tornar próprio’ do seu domínio de linguagem e não como ‘algo exclusivo do outro (exógeno)’, isto é, assumir o outro diferente como parte de si e do qual o imigrante se aproxima, quando entra em contato, no novo meio. Esse é um processo dinâmico, característico de situações de migração, que leva tempo e que se desdobra em passos ou fases de alternância entre o monolinguismo e bi-/plurilinguismo na língua da matriz de origem e na língua em contato, no novo meio. Vale observar que, enquanto a assimilação, aculturação e integração pressupõem uma ação sobre os imigrantes, a apropriação linguística pressupõe uma ação dos imigrantes sobre o novo meio, no sentido de ‘apreender’ e ‘dominar’ o conhecimento que possui nele e sobre ele. Nesse sentido e por essa razão, opta-se por *apropriação linguística* em lugar do conceito clássico de *empréstimo linguístico*. A noção de empréstimo encerra em si a devolução do que se tomou emprestado, o que não ocorre (Matras, 2020). Ao se estabelecer no novo meio, o imigrante tem de se apropriar do conhecimento de seu entorno para dar conta das mudanças com as quais entra em contato.

As **apropriações linguísticas** caracterizam geralmente fenômenos típicos dos contatos linguísticos (Van Coetsem, 2000) e podem ser definidas como a replicação de

elementos da língua fonte na língua apropriadora. Embora *empréstimo* seja um termo já bem estabelecido tanto na terminologia dos contatos linguísticos quanto na terminologia dos estudos da tradução, trata-se, como observam Matras (2020) e Swan (2013), de um termo bastante criticado, pois, além de não ser preciso, não veicula a noção agentiva dos falantes da língua que “tomou o empréstimo”.

Além disso, o termo se mostra inadequado porque, como já mencionado, um empréstimo implica a devolução do item que se tomou emprestado – o que não ocorre no caso de empréstimos linguísticos: não só os falantes não têm “intenção de devolver o item ‘emprestado’ ao seu legítimo ‘proprietário’, como também para a maioria dos falantes sua ‘propriedade’ original nem sempre é rastreável” (Matras, 2020, p. 158).⁶⁸ Falantes plurilíngues podem ter consciência da origem de uma palavra ou morfema de uma determinada língua “doadora”, contudo essa consciência pode, com o tempo, tornar-se vaga, especialmente se o bilinguismo ativo diminuir, ou ainda na possibilidade do uso do item em questão se difundir para setores monolíngues da comunidade de fala (Matras, 2020). Como exemplo, pode-se citar, na língua alemã, termos como *Tisch* (‘mesa’), *Mauer* (‘muro’), *Straße* (‘via, rua’), *Wein* (‘vinho’), que representam apropriações do latim, mas que foram integradas à língua alemã de tal forma que sua origem estrangeira não é mais reconhecida por grande parte dos falantes (Munske, 2001; Nübling *et al.*, 2017).

Outro conceito utilizado para definir o fenômeno de apropriação linguística é ‘replicação material’ (*matter replication*). Matras (2011, 2020), Matras e Sakel (2007) e Sakel (2007) definem o conceito como a replicação de palavras da língua doadora para a língua receptora. Para Matras, a noção de ‘replicação material’ captura com mais precisão o fato de não se tratar de questões de propriedade, nem de imitação ou duplicação direta, mas do emprego de um item a fim de atingir um objetivo comunicativo. Do ponto de vista sociolinguístico, a apropriação linguística é considerada como o uso que os falantes da língua apropriadora fazem de material linguístico da língua fonte – caracterizando a agentividade na língua apropriadora, termos como *empréstimo* “não indicam a direção da influência, deixando assim de revelar o agente da ação (Van Coetsem, 1988, p. 2).⁶⁹ Johanson (1999) também considera tratar-se de um fenômeno complexo, fortemente

⁶⁸ Do inglês: “Not only is there no intention to return the ‘borrowed’ item to its rightful ‘owner’, but for most speakers its original ‘ownership’ may not always be traceable.”

⁶⁹ Do inglês: “do not indicate the direction of the influence, and thus fail to bring out the agent of the action.”

dependente da situação do contato linguístico, no qual aspectos estruturais interagem com questões sócio- e psicolinguísticas.

Embora em termos sociolinguísticos a apropriação não seja analisada como um recurso, uma estratégia tradutória, pressupõe-se nesta tese que as perspectivas combinadas dos Estudos da Tradução e da sociolinguística se complementam na definição da apropriação linguística como um processo tradutório. Como bem observa Aubert (2003),

o empréstimo deixa traços nos substratos e, principalmente, nos superestratos descritos pela ciência filológica. O empréstimo, em suas diversas matizes, enriquece as línguas ou as desfigura, a depender do ponto de vista cultural assumido e da correlação – momentânea ou duradoura – das forças de dominação e de resistência em confronto e a depender, ainda, do recorte sincrônico assumido. O destino dos empréstimos, em qualquer momento dado, é sempre incerto: ou desaparecem, substituídos por soluções vernaculares; ou passam por transformações, quer de significante, quer de significado, e, deste modo, deixam de lado seu caráter de empréstimo para tornarem-se parte integrante do universo cultural que os acolheu. (Aubert, 2003, p. 27-28).

Sakel (2007) ressalta que tanto a replicação material quanto a estrutural representam duas formas básicas de apropriação de elementos e estruturas de uma língua por outra. Assim como na replicação estrutural, também na replicação material nem sempre ocorre uma apropriação formal completa, mas apenas parcial dos elementos.

Vale lembrar que perspectiva semelhante já fora adotada por Werner Betz que, em 1936, propôs a categorização de apropriações linguísticas de acordo com sua influência sobre o vocabulário da língua apropriadora. Seguindo o modelo proposto por Betz, estas são divididas em: i) *lexicais*, quando palavras e expressões da língua fonte são utilizadas na língua apropriadora, preservando a unidade lexical total ou parcialmente; e ii) *semânticas*, vinculadas a um processo no qual os sentidos são transferidos da língua fonte para a língua apropriadora, sem que, necessariamente, sejam preservadas as unidades lexicais – o que dificulta sua identificação.

Para os fins desta tese, elegeu-se a noção de ‘apropriação linguística’, em especial, em oposição a ‘empréstimo linguístico’, devido sobretudo ao papel ativo que os falantes assumem quando se analisa o contato linguístico sob uma perspectiva agentiva, uma vez que as noções de ‘propriedade’ e de ‘devolução ao proprietário’, implícitas no conceito de ‘empréstimo’, obscurecem a agentividade dos falantes. Com base sobretudo na

tipologia proposta por Betz (1949) e Nübling *et al.* (2017), classifica-se nesta tese as apropriações linguísticas em apropriação direta, apropriação por tradução e apropriação semântica.

2.7.2.3.1 Apropriação direta

Nesta tese, a apropriação direta é considerada uma estratégia tradutória, que se caracteriza pela transferência direta de um item da língua fonte para a língua apropriadora. A apropriação direta não representa uma estratégia isolada, mas sim mobiliza um conjunto de recursos para superar a barreira imposta por diferentes realidades extralinguísticas (Aubert, 2003).

Na tipologia proposta por Betz (1936, 1949) e por Nübling *et al.* (2017), a apropriação direta é considerada um estrangeirismo (*Fremdwort*) e se caracteriza pela adoção de traços linguísticos não pertencentes ao sistema da língua apropriadora. Muito conceitos – em geral, aqueles conceitos culturalmente específicos – “não encontram equivalência na língua e na cultura de chegada” (Rebechi; Schabbach; Freitag, 2021, p. 449), o que motiva a apropriação elementos da língua fonte. Dessa forma, na esfera dos Estudos da Tradução, a apropriação direta se caracteriza pela transferência direta de um item da língua fonte para a língua apropriadora. A apropriação direta representa sim uma estratégia tradutória, ainda que alguns autores, como Vinay e Darbelnet (1958), considerem-na “a própria negação da tradução” – exatamente por representar a transferência direta de um item da língua fonte para a língua apropriadora, ou seja, mantendo total ou parcialmente o material linguístico da língua fonte.

Nesta tese, compartilha-se das perspectivas de autores que se opõem a perspectivas como as de Vinay e Darbelnet, uma vez que a apropriação direta se dá “quando há uma divergência tão grande entre as línguas, entre as realidades extralinguísticas expressas por meio delas, que falta a uma itens lexicais possuídos pela outra para designar objetos ou exprimir conceitos desconhecidos pela primeira [...]” (Barbosa, 1990, p. 100). Também para Aubert (2003, p. 31), “os empréstimos se mostram menos simples e transparentes do que se poderia supor”, pois não se trata de uma estratégia isolada, mas de um conjunto de recursos, utilizados na superação da barreira

imposta pelas diferentes realidades extralinguísticas (Aubert, 2003). Além disso, apropriações diretas não devem ser consideradas idênticas às estruturas originais, pois sofrem inevitavelmente algum tipo de adaptação – seja de caráter fonético, semântico, gramatical, relacionado à frequência e aos domínios de uso etc. (Johanson, 1999).

2.7.2.3.2 Apropriação por tradução

A apropriação por tradução ocorre quando elementos da língua fonte são traduzidos para a língua apropriadora. Backus (2010, p. 231) define apropriações por tradução (na sua terminologia, empréstimo por tradução ou decalque) como “palavras ou frases que são reproduzidas como traduções mais ou menos literais de uma língua para outra”.⁷⁰ Segundo Meriläinen *et al.* (2016), apropriações por tradução caracterizam-se por dois aspectos centrais: i) o conteúdo semântico e não a forma é transferido da língua fonte para a língua apropriadora; ii) trata-se de um processo que envolve, logicamente, a tradução, ou seja, a substituição das palavras ou morfemas da língua fonte por elementos equivalentes na língua apropriadora.

Os exemplos mais típicos de apropriações por tradução são os substantivos compostos, como em *Stachelkraut* – “erva espinhosa”; *Bocksbart* – “barba-de-bode” (Oberacker, 1957, p. 5). Contudo, apropriações por tradução podem envolver também unidades lexicais simples, bem como expressões idiomáticas ou outros tipos de expressões, como provérbios. No alemão *standard*, muitas expressões idiomáticas correspondem a expressões conhecidas no português, o que se dá por conta da influência do latim nas variedades de alemão – o que ocorreu a partir do século I a. C., com a expansão do Império Romano até as áreas ocupadas pelas tribos germânicas (Eggers, 1986; Nübling, 2017): “mentira tem perna curta” [*Lüge haben kurze Beine*], “uma mão lava a outra” [*Eine Hand wäscht die andere*], “Dos males, o menor” [*Von zwei Übeln das kleinere wählen*].

⁷⁰ Do inglês: “words or phrases that are reproduced as more or less literal translations from one language into another.”

A apropriação por tradução representa uma estratégia bastante utilizada pelos imigrantes europeus, como será ilustrado na seção 4.4.2.

2.7.2.3.3 Apropriação semântica

A apropriação semântica compreende dois processos principais: 1. a **extensão semântica** representa o processo de ampliação do campo de referência de uma unidade lexical, ou seja, novos sentidos são atribuídos a uma unidade lexical, que passa a cobrir itens que anteriormente não se encontravam dentro de seu campo de referência; 2. a **restrição semântica**, ao contrário, caracteriza-se pela redução do campo de referência de uma unidade lexical, estreitando seus sentidos.

Segundo Bechara (2009, p. 397), “no decorrer de sua história, nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva ‘esfera semântica’ e assume valores novos.” Por conseguinte, embora a forma de determinada palavra permaneça inalterada, ela sofre transformações semânticas.

No contexto de contatos linguísticos, a extensão semântica se dá quando o sentido de uma unidade linguística da língua fonte é acrescido a uma unidade da língua apropriadora, ampliando, assim, seus sentidos. Em Hunsrückisch, por exemplo, a partícula *bis* (advérbio, conjunção e preposição) compartilha com seu equivalente em pt. ‘até’ os sentidos de indicação de um limite de tempo, de espaço ou de uma quantidade; porém, assumiu, por extensão semântica, o sentido de inclusão, de ênfase a uma declaração e de expressão de surpresa, presente no português, como mostra o exemplo d) a seguir. Vale lembrar que, nesse último sentido, há também a opção de uso da forma *sogar* var. *sogoo*. Contudo, devido à influência do português, houve a substituição dessa variante original pela forma mais frequente *bis*, conforme documentado pelo ALMA-H:

- a) Preciso terminar este trabalho **até** amanhã. > *Ich muss die Oorwet bis moje fettich mache.*
- b) Ele foi **até** a vila. > *Der is bis in die Ville gefoohr.*

- c) A criança já sabe contar **até** dez. > *Das Kind kann schon bis zehn zehle.*
- d) **Extensão semântica:** Até o professor riu. > *Bis [cf. sogar var. sogoo] der Lehrer hot gelacht.*

No caso da restrição semântica, uma unidade linguística assume características que reduzem sua amplitude de uso. Em Nübling *et al.* (2017), tem-se o exemplo do verbo dt. *fahren* ('dirigir'): no alto-alemão antigo, *faran* referia-se a qualquer forma de locomoção humana, como se observa na frase de abertura da Canção de São Jorge (*Georgslied*), escrita no século IX:

- e) *Georio fuor ze malo* [Jorge dirigiu-se ao tribunal]

Atualmente, porém, *fahren* pressupõe o uso de algum meio de transporte. Verifica-se, então, que a característica semântica 'com meio auxiliar' foi incorporada ao sentido de *fahren*, restringindo-o.

A apropriação semântica pode ocorrer ainda por conta da semelhança fonética entre palavras da língua fonte e da língua apropriadora (Riehl, 2018). É o caso, por exemplo, de dt. *Ros[s]* – que no alemão é uma das palavras para denominar “cavalo”, mas em Hunsrückisch ocorre como forma posterior (que substituiu a forma do hrs. *Plantoosch* var. *Plantasch* (cfe. fr. *plantage*), para significar ‘roça’, em função da semelhança fonética entre hrs. *Ros[s]* e pt. *roça*:

(4) *Seidem wir die Hedi haben bin ich oft kränklich, arbeite aber trotzdem noch viel in der ros* • [Desde que tivemos a Hedi, estou frequentemente doente, mas ainda continuo trabalhando muito na roça] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 292).⁷¹

(5) *Die Elli brauchte ja [eingefügt: sonst?] nicht in der ros arbeiten nur wen es ihr freier wille war [...] ich arbeite jetz wider täglich in der ros, das ist das beste vür mich es fehlt aber sehr an regen es ist übermäsig heis* • [A Elli não precisava trabalhar na roça, só quando tinha vontade [...] agora estou trabalhando todos os dias na roça, é o melhor para mim, mas a chuva está fazendo falta e está quente demais].⁷²

⁷¹ Carta escrita em 4 de janeiro de 1948 por Aloysio e Alwine Bruch, de Linha Lajú, Mondai – SC, a Henrique Petry, em Linha Nova – RS.

⁷² Carta escrita em 13 de novembro de 1949 por Aloysio e Alwine Bruch, em Linha Lajú, Mondai – SC, aos familiares, em Linha Nova – RS. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

(6) *Wens wetter so weiter bleibt, dan können wir vielleicht unsere **Waldros** doch noch brennen, und einflanzen, dem Willi Bruch seine Buben, habens gehelf hauen.* • [Se o tempo continuar assim, talvez possamos queimar nossa roça próxima à mata e plantar, os filhos do Willi Bruch nos ajudaram a derrubar as árvores.] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 312).⁷³

(7) *Der João wandert bis ausgangs Juli nach Villa Ricca, und wird Schullehrer dort und die Helena arbeitet dann in der **Roß**.* • [O João está indo, até início de julho, para Vila Rica e vai ser professor lá, e a Helena vai trabalhar na roça].⁷⁴

Embora os três primeiros excertos acima venham de cartas escritas por membros da mesma família, Altenhofen, Steffen e Thun (2018) salientam, com base nos levantamentos para o ALMA-H, que o termo *Ros[s]* parece estar substituindo, nas colônias novas, a variante *Plantasch* (ou *Plantoosch*), mais comum nas colônias velhas, sobretudo de tipo *Deitsch*, dos vales do Sinos e Caí.

2.7.2.4 Replicação funcional e estrutural

Através do mecanismo de replicação funcional, que se baseia no conceito de construções-réplica [*Replika-Konstruktionen*], proposto por Heine e Kuteva (2005) e no processo de replicação estrutural [*pattern replication*], proposto por Matras (2020), busca-se demonstrar que o falante bilíngue Hunsrückisch-português identifica uma estrutura na língua modelo, o português, e atribui função semelhante a uma estrutura presente na língua réplica, o Hunsrückisch.

O processo de **replicação estrutural** (*pattern replication*), segundo Matras (2020), consiste em identificar a função essencial de uma determinada construção da língua tomada como modelo e encontrar um pivô correspondente na língua réplica, replicando as características do modelo. Matras denomina esse mecanismo de *pivot-matching*. Segundo Matras (2020), o *pivot-matching* é essencialmente uma estratégia

⁷³ Carta escrita em 19 de novembro de 1963 por Aloysio e Alwine Bruch, em Linha Lajú, Mondai – SC, a Henrique Petry, em Linha Nova – RS.

⁷⁴ Carta escrita em 29 de junho de 1934 por Elvira Müller, em Carazinho – RS, à cunhada Elvira. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

oportunista, que permite ao falante fazer uso de seu repertório linguístico em sua totalidade, ao mesmo tempo em que se adapta às expectativas de seleção de elementos em uma dada interação comunicacional. Trata-se, assim, de uma mudança baseada em um modelo externo, mas que envolve a reorganização de material linguístico interno.

Na replicação estrutural, são os padrões estruturais da língua fonte que são replicados, ou seja, a organização, a distribuição e o mapeamento do sentido gramatical ou semântico, enquanto a forma em si não é replicada. Riehl (2018) caracteriza o processo de replicação estrutural como tradução 1:1, “[quando] falantes plurilíngues usam todas as palavras de uma língua em uma expressão, mas a estrutura sintática respeita os princípios da outra língua” (RIEHL, 2018, p. 41).⁷⁵

Riehl (2018) ilustra esse fenômeno com um caso do alemão australiano (*Australiendeutsch*): quando questionam se alguém está suficientemente aquecido, os alemães australianos usam a expressão *Bist du warm?*, análoga à expressão em inglês *Are you warm?* (pt. ‘você está aquecido?’). Embora a expressão seja compreensível para um falante de alemão *standard* devido ao contexto, ela não corresponde à forma usual nessa língua: *Ist dir warm?*. Os falantes de alemão australiano, portanto, adotaram a estrutura da língua de contato e a traduziram para a sua variedade linguística. O mesmo ocorre no *Hunsrückisch*, como mostram as análises feitas no capítulo 4.

No português, a perífrase formada pela construção “estar + gerúndio”, por exemplo, marca o curso de uma ação ou de um evento. O mesmo mecanismo existe em outras línguas, como no inglês, através da construção *to be + -ing*. Riehl (2018) observa que o contato linguístico com o inglês fez com que o *am*-progressivo – que é uma construção existente em variedades linguísticas do alemão, mas usada apenas opcionalmente para marcar a progressividade – tenha se tornado uma construção gramaticalizada, cujo uso é amplamente aceito entre os falantes do *Pennsylvaniadeutsch*. Heine e Kuteva (2005) denominam esse tipo de replicação gramatical de “**construção-réplica**” e ressaltam que, embora em muitas variedades linguísticas essas construções ainda não estejam totalmente gramaticalizadas, é apenas uma questão de tempo para que isso venha a acontecer.

Riehl (2018) verifica que outras variedades de língua alemã em contato com o inglês não apresentam o *am*-progressivo, o que provavelmente se deve ao fato de que os

⁷⁵ Do alemão: “[wenn] mehrsprachige Sprecher in einer Äußerung alle Wörter aus der einen Sprache verwenden, aber die syntaktische Struktur völlig den Prinzipien der anderen Sprache folgt.”

falantes de *Pennsylvaniadeutsch*, assim como os de *Hunsrückisch*, tenham trazido essa construção consigo ao imigrarem. Essas estruturas, portanto, já existem e são utilizadas para marcar a progressividade no *Hunsrückisch* e em outras variedades da língua alemã. Sua frequência, porém, parece ser bem maior quando em contato com uma língua na qual a progressividade é gramaticalizada, como é o caso do português.

Além disso, é bem provável que o uso dessas estruturas para marcar a progressividade tenha surgido já na matriz de origem, por conta do intenso contato com línguas que apresentam esse mecanismo, como o latim e o francês. A influência do latim já se faz presente no antigo alto-alemão, quando os romanos ocuparam parte do que hoje equivale ao território da Alemanha:

as tribos germânicas que viviam nas proximidades da fronteira romana entraram em contato com uma cultura mais avançada que possuía maiores conhecimentos técnicos. Juntamente com as tecnologias, os germânicos se apropriaram também das palavras latinas que as denotavam. Contudo não apenas conhecimento técnico, como também novos materiais foram trazidos para as tribos germânicas através do comércio. Todas essas palavras foram tomadas emprestadas no contato oral com os romanos (Schumann, 2009, p. 333 – tradução nossa).⁷⁶

Mais tarde, no final da Idade Média, ao lado do latim também a língua francesa passa a ser considerada como língua de prestígio, vindo inclusive a substituir o latim nessa função no final do século XVIII (Grzega, 2012; Von Polenz, 2013).⁷⁷ É certo, portanto, que processos de replicação e apropriação linguística já ocorriam nas variedades de língua alemã antes das migrações para o Novo Mundo no século XIX. Thun e Wilkin (2018, p. 45), por exemplo, observam que “a nova romanização do *Hunsrückisch* na América foi de certo modo facilitada, graças aos galicismos paralelos que já estavam presentes nessas línguas e também, naturalmente, devido à proximidade [linguística] entre essas línguas românicas.”

Com base nos mecanismos de replicação estrutural e construção-réplica, propõe-se o mecanismo de **replicação funcional**, no qual – a partir do exemplo das línguas

⁷⁶ Do inglês: “the Germanic tribes living in the neighborhood of the Roman border came in contact with a more advanced culture which had greater technical knowledge. Together with the technologies also the Latin words denoting these technologies were borrowed. But not only technical knowledge, also new materials were brought to the Germanic tribes through trade. All these words were borrowed in oral contact with the Romans.”

⁷⁷ Ainda que a influência do francês fosse mais pronunciada entre os falantes das classes mais altas, que, segundo Von Polenz (2013), eram de fato plurilíngues, o uso de elementos isolados da língua francesa se fazia presente em quase todos os extratos da população de falantes de alemão.

tratadas nesta tese – o falante bilíngue Hunsrückisch-português identifica uma estrutura que desempenha função pivotal na língua modelo, o português, e atribui função semelhante a uma estrutura presente no Hunsrückisch (língua réplica). O falante, então, produz uma construção com material linguístico previamente existente no Hunsrückisch, baseado na função de uma construção do português. A função pivotal, à qual se faz referência no capítulo 4, é a função de progressividade desempenhada, em português, pela perífrase “estar + gerúndio”

Como será demonstrado no capítulo 4, essas estruturas existem – com valor de progressividade – em múltiplas variedades da língua alemã. Sua frequência, contudo, parece ser bem maior quando em contato com uma língua na qual a progressividade é gramaticalizada. A replicação de estruturas é mais provável quando se verifica um grau de bilinguismo bem desenvolvido entre os falantes da língua apropriadora e quando o contato já se estende por um longo período (Heine; Kuteva, 2005), como é o caso do Hunsrückisch no Brasil.

Nota-se que, no processo de replicação funcional, a agência não está na língua doadora, mas na língua apropriadora, razão pela qual se rejeita a noção de interferência linguística, como discutido anteriormente. Além disso, fenômenos contatuais, sob essa perspectiva, são fenômenos que viabilizam a comunicação e não que interferem nela. Por isso, considera-se o conceito de ‘interferência’ inadequado para os propósitos desta pesquisa.

Como observa Matras (2020), não se trata de uma aquisição imperfeita da segunda língua, mas da expansão ativa e criativa do repertório linguístico do falante, que elege – com base nesse repertório – a construção que julga mais apropriada. Trata-se, assim, da expansão do uso de material linguístico de uma língua, inspirada em um modelo externo, que representa, segundo Heine e Kuteva (2005), uma das mudanças tipicamente estimuladas pelo contato linguístico e que representa ainda, com base nas perspectivas defendidas nesta tese, um processo tradutório.

A principal diferença do mecanismo de replicação funcional, proposto nesta tese, em relação ao mecanismo de replicação estrutural (*pattern replication*) proposto por Matras, é que, na replicação estrutural, o falante procura reproduzir uma determinada construção da língua modelo com estruturas que considera equivalentes em sua língua. Tome-se como exemplo uma das construções que será analisada no capítulo 4:

- (1) a. Ainda está chovendo

A replicação dessa estrutura no Hunsrückisch, segundo o mecanismo do *pattern replication* resultaria na seguinte estrutura:

- (2) b. *Noch ist es regnend.*

Ou seja, o falante reproduz em sua língua, com estruturas que considera equivalentes àquelas do português, uma determinada construção da língua modelo. O que ocorre no Hunsrückisch é o que, nesta tese, denomina-se replicação funcional. A função de progressividade do português é replicada através das construções com “*am + Infinitiv*” e com o auxiliar *tun* (a chamada *tun-Periphrase*).

- (3) c. *Es is noch om/am Reene/Reechne.*

- (4) d. *Es tut noch reene/reechne.*

Essas construções em si são próprias do Hunsrückisch e não reproduzem a forma progressiva do português, mas sim sua função, como será demonstrado no capítulo 4.

2.8 PROCESSOS TRADUTÓRIOS NA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Para analisar a influência de processos tradutórios na variação e mudança da língua de imigração Hunsrückisch, é necessário, além do levantamento prévio de variáveis linguísticas que potencialmente sinalizem sua ocorrência, realizar uma análise de ordem qualitativo-interpretativa, a partir do banco de dados de fala do ALMA-H, bem como do ALMA-Histórico. Esses dados permitem macroanálises pluridimensionais e quantitativas que, por sua vez, levam à identificação de variantes derivadas de processos tradutórios e sua influência na variação e mudança do Hunsrückisch, considerando grupos

etários, microáreas históricas, escolaridade, migrações e contatos linguísticos, entre outros fatores. Nesse processo, é fundamental levar em conta o princípio da pluridimensionalidade, bem como as diferentes dimensões a serem analisadas e os níveis linguísticos mais propensos à influência de processos tradutórios, como será visto a seguir.

2.9 PROCESSOS TRADUTÓRIOS NOS DIFERENTES NÍVEIS LINGUÍSTICOS

Conforme já discutido no início deste capítulo, mudanças nos sistemas linguísticos naturais, como aquelas ocasionadas por processos tradutórios, são observáveis mais frequentemente no nível lexical (Busse, 1996; Matras, 2020; Nübling *et al.*, 2017). Com base em uma análise comparativa de 27 línguas em contato, Matras (2007) definiu uma hierarquia baseada na frequência de apropriação de diferentes categorias, ou seja, a probabilidade de, em situações de contato linguístico, elementos pertencentes a uma determinada categoria serem mais ou menos apropriados pelos falantes.

Quadro 2: Hierarquia de apropriações linguísticas

substantivos, conjunções > verbos > marcadores discursivos > adjetivos > interjeições > advérbios > outras partículas, adposições > numerais > pronomes > afixos derivacionais > afixos infleccionais
--

Fonte: adaptado pela autora, a partir de Matras (2007, p. 61).

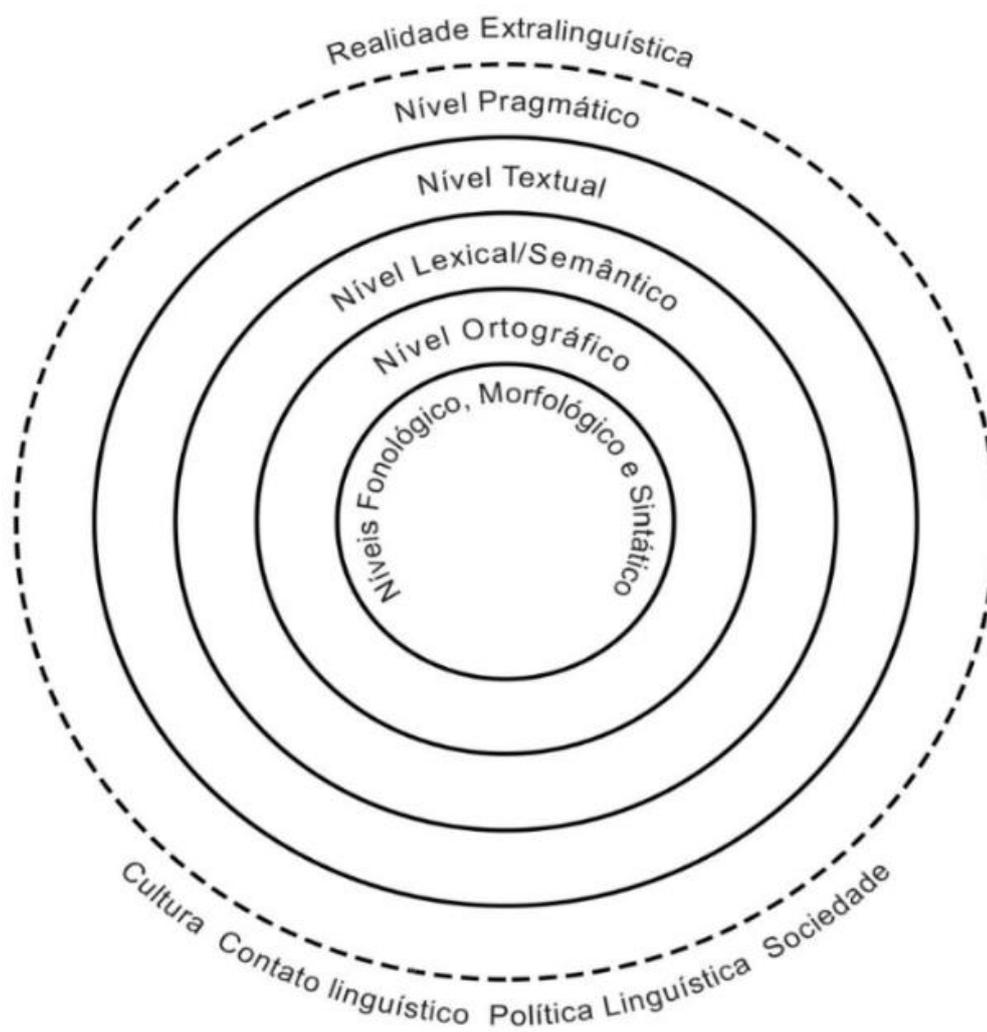
Embora substantivos e conjunções sejam mais propensos ao processo de apropriação em relação a elementos pertencentes a outras categorias,⁷⁸ isso não significa que elementos de outras categorias não passem pelo mesmo processo. No estudo de

⁷⁸ Determinados elementos linguísticos são adotados pelos falantes com mais frequência do que outros. Palavras de conteúdo – aquelas que carregam um maior conteúdo semântico, ou seja, que expressam um conteúdo semântico com referencial no entorno da cultura, tais como substantivos, verbos, adjetivos e advérbios – e palavras de função – normalmente palavras com menor conteúdo semântico, porém com função gramatical (no sistema e funcionamento da língua), como preposições, conjunções e artigos – são mais propensas a processos de apropriação (Field; Comrie, 2012).

Matras (2007), enquanto todas as línguas se apropriaram significativamente de substantivos e conjunções usuais na língua fonte em contato, nem todas apresentaram apropriações de elementos das demais categorias.

Nübling *et al.* (2017), exemplificam a unidirecionalidade das mudanças nos sistemas linguísticos naturais através de um modelo multinível, que se assemelha a uma cebola. De acordo com o princípio da unidirecionalidade, a origem de determinado signo linguístico procede sempre do concreto/lexical para o abstrato/gramático e nunca vice-versa. Assim, alguns níveis linguísticos são mais suscetíveis de serem posicionados nas áreas mais externas da ‘cebola’, enquanto outros aparecem nas áreas mais internas, como ilustra a figura a seguir:

Figura 8: Modelo-‘cebola’ dos níveis linguísticos



Fonte: adaptado pela autora a partir de Nübling *et al.* (2017, p. 14).

Conforme esse modelo, as camadas externas da “cebola” são mais suscetíveis a influências extralinguísticas tais como contato linguístico, políticas linguísticas, mudanças histórico-culturais etc. A pragmática, como nível de contato da língua com o contexto extralinguístico, forma a camada mais externa. A próxima camada é formada pelo nível textual, como uma unidade funcional e temática, fortemente influenciada por funções pragmáticas e pelo contexto extralinguístico dos produtores e destinatários do texto. A camada seguinte é formada pelo nível lexical e semântico: o nível lexical é bastante receptivo à absorção, mas também à perda de signos linguísticos, enquanto o nível semântico é fortemente moldado pela percepção humana da realidade e ainda por circunstâncias sociais, políticas e culturais. Em contraposição, o núcleo interno consiste em níveis menos suscetíveis a influências externas, envolvendo aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe.

Embora o modelo sugira limites bem definidos, essas camadas não são totalmente estáveis, mas sim permeáveis, permitindo transições. Unidades lexicais, por exemplo, podem alcançar o “interior da cebola”, mas precisam de muito mais tempo para fazê-lo. É o caso da partícula *-lich* (como em *ausführlich* e *reichlich* [detalhadamente, abundantemente]), que tem sua origem em uma unidade lexical independente. No médio alto alemão (Mhd. – *Mittelhochdeutsch*), *lich* significava ‘corpo’, ‘forma’, sentido que ainda se encontra no alemão contemporâneo em *Leiche* ‘corpo morto, cadáver’. Vale observar que, ao contrário, uma palavra estrangeira entra rapidamente na camada externa da língua através da sua apropriação pelos falantes (Nübling *et al.*, 2017).

Nübling *et al.* (2017) listam, além disso, processos de mudança linguística que ocorrem nos diferentes níveis linguísticos. A tabela a seguir traz uma síntese dos processos considerados:

Tabela 2: Exemplos de mudanças linguísticas nos diferentes níveis linguísticos

Nível linguístico	Exemplos
Fonológico	
Prosódico (suprasegmental)	Mudança do acento indogermânico livre em acento germânico inicial (<i>Initialakzent</i>)
Fonológico em sentido mais restrito (segmental)	Mudanças de vogais e consoantes, por exemplo, alto-alemão médio /u:/ > fnhd. /au/ em <i>mûs</i> > <i>Maus</i>
Morfológico	
Flexão	Transição de verbos fortes para fracos. Exemplo: <i>bellen – ball – bullen – gebollen</i> > <i>belle – bellte – gebellt</i>
Formação de palavras	Surgimento de novos afixos a partir de lexemas. Ex: o sufixo adjetival <-lich>, compartilhando a origem com palavras como <i>Leiche</i> , que, na época, tinha o sentido de ‘corpo, forma’.
Sintático	Mudança na ordem das palavras. Ex.: <i>des Teufels Sohn</i> > <i>der Sohn des Teufels</i>
Semântico	Mudança de sentido. Ex.: <i>billig</i> ‘angemessen’ > ‘preiswert’ > ‘wertlos’
Lexical	Apropriações como <i>Cousin</i> , <i>Cousine</i> ou formação de fraseologismos, vocabulário especializado
Textual	Surgimento de alterações em tipos textuais como, por exemplo, receitas, Obituários e anúncios de nascimento
Pragmático	Mudança nas formas de polidez, como <i>Ihr</i> > <i>Sie</i>
Grafêmico	Desenvolvimento da capitalização dos substantivos, do uso do trema e do apóstrofo

Fonte: adaptado pela autora, a partir de Nübling *et al.* (2017, p. 16).

A partir dos exemplos apresentados na tabela acima, é possível inferir que processos tradutórios – como resultado das conexões e comparações que os falantes realizam entre suas diferentes línguas (Falla-Wood, 2018) – podem influenciar a mudança linguística. Danchev (2010), referindo-se à flexão morfológica, declara: “além da eliminação de morfemas inflexionais, até agora também não foi dada atenção suficiente à **tradução** interlingual dos morfemas [...]. Dos vários exemplos possíveis, vale citar o artigo definido posposto em algumas das línguas balcânicas.” (Danchev, 2010, p. – tradução nossa, grifos do autor).⁷⁹

Ainda que o nível lexical se mostre mais propenso a influências decorrentes do contato linguístico (Busse, 1996; Nübling *et al.*, 2017; Matras, 2020) e conseqüentemente a influências de processos tradutórios, outros níveis linguísticos podem ser igualmente afetados na interação entre falantes de diferentes variedades linguísticas (Sakel, 2007; Riehl, 2018; Matras, 2020). Em algumas das cartas do *corpus* de análise, pode-se inferir

⁷⁹ Do inglês: “In addition to the elimination of inflectional morphemes, insufficient attention has also been given so far to the interlingual **translation** of morphemes [...]. Out of the various examples one could mention here, I cite the post-positated definite article in some of the Balkan languages.”

a influência de processos tradutórios, por exemplo, no nível morfossintático, como ilustra o seguinte excerto:

(8) Guerida Ida!

Im ersten Platz will ich Dir Glück wünschen für dein Geburtstag. • [Em primeiro lugar, quero te desejar felicidades pelo teu aniversário] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 273).⁸⁰

Em alemão, seriam usadas, entre outras opções, as expressões *an allererster Stelle, als Erstes, anfänglich, zuallererst, zunächst* para externar o sentido equivalente a ‘em primeiro lugar’. Logo, a expressão inicial *Im ersten Platz* representa uma clara tradução da unidade fraseológica do português ‘Em primeiro lugar’.

Muitos exemplos encontrados na literatura sobre contatos linguísticos podem ser explicados através de processos tradutórios envolvendo mudanças inter- e intralinguísticas como *adição, supressão, substituição, reordenação etc.*, e muitos são os exemplos que comprovam a tradução interlinguística de unidades fraseológicas (Danchev, 1988, 2010). Compare-se, por exemplo, o francês suíço *attendre sur quelqu'un*, para o alemão *auf jemanden warten* (‘esperar por alguém’); no francês canadense *au-delà de notre controle* do inglês *beyond our control* (‘fora do nosso controle’); no alemão *das Beste aus etwas machen* do inglês *to make the best of something* (‘tirar o melhor proveito de algo’). Embora inovações fraseológicas desse tipo não afetem a estrutura sintática profunda das línguas, elas ilustram com que facilidade os falantes se apropriam de estruturas estrangeiras – o que ocorre não apenas no nível lexical.

É preciso levar em conta, contudo, que influências resultantes de processos tradutórios, bem como de contatos linguísticos em geral, pressupõem normalmente um contato mais intenso e, por conseguinte, um nível mais avançado de plurilinguismo, uma vez que se baseiam na habilidade do falante de estabelecer relações de equivalência entre as variedades linguísticas em contato (Thomason; Kaufman, 1988; Van Coetsem, 2000). O excerto apresentado acima valida essa premissa, pois foi retirado de uma carta escrita na década de 30 do século XX, portanto mais de 100 anos após a primeira grande onda de imigrantes alemães chegar ao Brasil.

⁸⁰ Carta escrita em 12 de agosto de 1936 por Leopold H., em Rolante/RS, à Ida Werner.

Viu-se, nesta seção, a relevância do princípio da pluridimensionalidade como princípio ordenador dos fatos da língua na sua correlação com diferentes fatores e dimensões de análise, entre as quais as dimensões diatópica, diageracional e diastrática. Viu-se ainda que mudanças nos sistemas linguísticos podem ser motivadas por fatores internos, inerentes às línguas, mas também por fatores extralinguísticos. A próxima seção apresenta uma visão mais detalhada desses fatores e sua relação com processos tradutórios.

2.10 FATORES CONDICIONADORES DOS PROCESSOS TRADUTÓRIOS

Como mostra a literatura (Grzega, 2012; Haspelmath; Tadmor, 2009; Matras, 2020; Thomason; Kaufmann, 1988; Winford, 2005), entre as motivações que levam às apropriações linguísticas, às replicações de funções e estruturas e aos neologismos, as principais parecem ser **necessidade** e **prestígio**. A necessidade representa uma motivação interna, provocada por mudanças socioculturais dentro de uma determinada comunidade – como é o caso das intensas mudanças em contextos de imigração. O contato com diferentes culturas e contextos leva os falantes à necessidade de preencher certas lacunas em seu vocabulário. Em geral, como já discutido anteriormente, essa necessidade pode ser satisfeita através 1) da criação de novas unidades lexicais na língua apropriadora, ou ainda 2) da apropriação de unidades lexicais ou de sentidos da língua fonte. Estas representam também as formas principais que induzem a mudanças linguísticas (Grzega, 2012; Winford, 2005). A motivação devida ao prestígio equivale, por sua vez, a uma motivação externa, provocada por uma relação de poder e influência que se estabelece entre a língua fonte e a língua apropriadora. Em outras palavras, a língua que desfruta de maior representatividade nas esferas públicas e institucionais, e que é escolhida como língua de interação entre falantes originários de diferentes contextos linguísticos, é geralmente considerada a língua de maior prestígio (Matras, 2020).

Vale acrescentar, contudo, que motivações extralinguísticas no uso da língua desempenham papel relevante também na forma como processos tradutórios são colocados em prática pelos falantes, pois estes são, em grande parte, influenciados pela realidade extralinguística dos falantes. Além disso, as **atitudes dos falantes** em relação à

língua – à sua própria e à outra – são cruciais na adoção de estratégias tradutórias específicas. As atitudes dos falantes “podem tanto representar obstáculos à mudança, quanto podem promovê-la” (Thomason, 2001, p. 85).⁸¹ Daí decorre que sentimentos de purismo e lealdade à própria língua podem favorecer neologismos e replicações – uma vez que estes mantêm o material linguístico da língua apropriadora – em prejuízo das apropriações linguísticas com material linguístico da língua fonte.

Estudos sobre apropriações (Busse, 1996; Haspelmath; Tadmor, 2009; Matras, 2020; Nübling *et al.*, 2017; Riehl, 2018), como visto anteriormente, mostram que substantivos são apropriados com mais frequência do que, por exemplo, verbos. Hock e Joseph (2019) argumentam que a resistência na apropriação de verbos em relação aos substantivos “está provavelmente no fato de que é mais fácil fazer perguntas do tipo ‘como se chama isso [essa coisa]?’ do que ‘qual verbo se usa para designar que alguém está fazendo isso/agindo dessa forma?’” (Hock; Joseph, 2019, p. 245).⁸² Essa resistência, porém, não significa impossibilidade. Note-se, por exemplo, a diversidade de verbos apropriados da língua francesa por falantes de inglês, como *perceive* (‘perceber’), *receive* (‘receber’) e *derive* (‘derivar’) (Hock; Joseph, 2019, p. 245). No Hunsrückisch, também se observa a apropriação de verbos, como no caso de *namorar* e *arrumar*: enquanto, de fato, não há no alemão um verbo que exprima o conceito de ‘namorar’ como no português, há equivalentes para o verbo *arrumar*: *aufräumen*, *ordnen*, *putzen*, *organisieren*. Uma explicação para a apropriação do verbo *arrumar* pode estar no seu uso, em português, com o sentido de ‘providenciar, ‘arranjar’, inexistente no alemão – como ilustra o seguinte excerto:

(9) *Elvira die Mama läßt dir sagen, du sollst zum Edgar sagen, wenn er doch ein Gesell **arrumieren** könnte für sich, der Carlos sagte Er wäre als mal Leibkrank, er könnte noch nicht mal richtig essen immer muß er so schnell essen, daß ist nicht gut die Mamma macht sich Gedanken wegen Ihm.* • [Elvira, a mamãe pede que você diga ao Edgar se ele poderia arranjar um ajudante, o Carlos disse que ele estava com dor de barriga, não consegue nem comer direito, sempre tem que comer muito rápido, isso não é bom, a mamãe está preocupada com ele] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 259).⁸³

⁸¹ Do inglês: “can be either barriers to change or promoters of change.”

⁸² Do inglês: “probably lies in the fact that it’s easier to ask questions like ‘What do you call this (thing)?’ than something like “What is the verb you use to designate that somebody is doing this/acting in this way?’”

⁸³ Carta escrita em 8 de dezembro de 1926 por Alma Schneider, em Carazinho – RS, a Elvira Schneider, em Porto Alegre – RS.

Também itens considerados como parte do vocabulário básico de uma língua, relacionados a necessidades e atividades essenciais dos falantes, como numerais, adjetivos de uso frequente, termos indicativos de parentesco, órgãos do corpo – são classificados como resistentes à apropriação, uma vez que fazem parte do dia a dia dos falantes, não representam conceitos desconhecidos, ao contrário, são termos bastante familiares e, por isso, não há necessidade de criá-los ou substituí-los. Contudo, os falantes nem sempre respeitam as estatísticas dos estudos e apropriam-se de termos de forma que parece arbitrária: o *Opa* transforma-se em *Wowwo* no Hunsrückisch, como mostram os dados do ALMA-H; a *Urmutter* vira *bisa* (cf. Horst, 2011). Essa arbitrariedade talvez se deixe explicar pelo **tempo** e pela **intensidade do contato** – variáveis que podem igualmente exercer influência sobre o tipo de processo tradutório utilizado pelos falantes. A mudança linguística nem sempre é percebida pelos falantes, a ação do tempo sobre as línguas apaga certas marcas e deixa outras. Dessa forma, os falantes das gerações mais jovens acreditam estar dando continuidade a uma tradição linguística e nem sempre têm consciência das mudanças que provocam (Coseriu, 1983). Nesse sentido, percebe-se também como gerações mais jovens tendem a se apropriar mais facilmente de unidades lexicais da língua fonte. Kaufmann (2017) constatou em seu *corpus* de estudo entre falantes de Hunsrückisch, ao analisar a frequência de uso das formas do pt. *amigo* e do dt. *Freund*, que

em Hunsrückisch, tanto a forma em alemão quanto em português da palavra ocorre com frequência. Aqui, as diferenças na idade dos informantes são novamente evidentes, bem como seu conhecimento de alemão. Os informantes que usam *Freund* são, em média, 9,7 anos mais velhos [...] e têm um nível mais alto de competência no Hunsrückisch e no alemão standard [...] (Kaufmann, 2017, p. 266).⁸⁴

Thomason e Kaufman (1988) alegam que a intensidade do contato – que envolve fatores como domínio socioeconômico, duração do período de contato, nível e proporção de bilinguismo, e ainda as atitudes dos falantes – costuma determinar a probabilidade de ocorrência ou não de diferentes tipos de apropriações. Pode-se argumentar, portanto, que a intensidade do contato influencia também outros tipos de processos tradutórios.

⁸⁴ Do alemão: “im Hunsrückischen kommt sowohl die deutsche als auch die portugiesische Wortform häufig vor. Hierbei zeigen sich wieder Unterschiede im Alter der Informanten diesmal aber auch in deren Deutschkenntnissen. Informanten die *Freund* benutzen, sind im Schnitt 9,7 Jahre älter [...] und verfügen über ein höheres Kompetenzniveau im Hunsrückischen und im Hochdeutschen [...]”

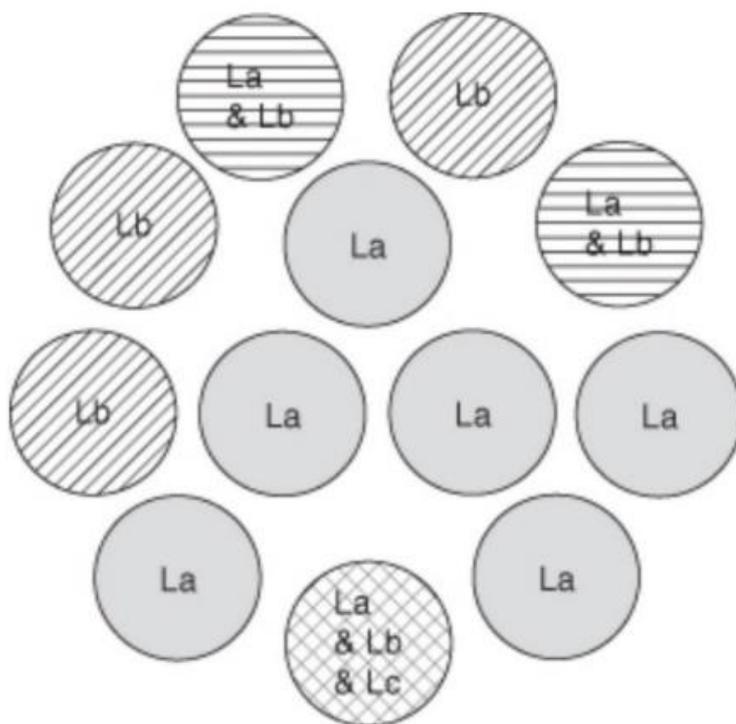
Outra variável que pode ter influência no tipo de processo tradutório adotado pelos falantes é representada pelos **domínios de interação**. Como observam Grosjean e Li (2013, p. 12), “bilíngues geralmente adquirem e usam suas línguas com diferentes propósitos, em diferentes domínios da vida, com diferentes pessoas. Aspectos distintos da vida geralmente demandam línguas diferentes.”⁸⁵ Assim, o nível de fluência, bem como o uso de apropriações, replicações e neologismos vão depender da necessidade dos falantes em cada um desses domínios. Como exemplos de domínios de interação, pode-se citar: família, amigos, escola, religião, trabalho, instituições governamentais. Enquanto nos domínios ligados à esfera pública, a língua de imigração tende a desempenhar um papel secundário, nos domínios relacionados à vida privada seu papel é especialmente relevante (Matras, 2020). Em decorrência disso, pode-se observar que os falantes de variedades de alemão integraram termos do português relacionados à esfera da vida pública já desde muito cedo, como, por exemplo: “*vila* (Stadt), *câmara* (Stadtrat), *praça* (Platz), *coletor* (Steuereinnnehmer), *fiscal* (Kontrollbeamter), *multa* (Strafe), *salvo-conduto* (Ausweis), *santa-casa* (Armenspital)” (Fausel, 1962, p. 215 – grifos do autor). Além disso, como se viu na seção 1.4.1, a proibição do uso e do ensino do alemão no Brasil, imposta pela campanha de nacionalização do governo Vargas a partir de 1938, acelerou a posição do português como língua de referência em situações formais entre os imigrantes e seus descendentes. Antes desse período de profunda ruptura, os falantes de línguas de imigração utilizavam-se de suas variedades linguísticas em um número maior de domínios, pois a sua língua representava o ponto de referência em torno do qual se formavam as bases de sustentação da comunidade: a escola, a igreja, a imprensa, entre outras organizações. Com a proibição de seu uso, o português assumiu esse papel de “língua-teto” (*Dachsprachenwechsel*, cf. Altenhofen, 2016).

A figura abaixo ilustra o que Grosjean e Li (2013) denominaram de “princípio da complementaridade”. Segundo esse princípio, plurilíngues utilizam suas línguas com diferentes propósitos, em diferentes esferas de suas vidas e, portanto, a fluência em cada uma de suas línguas é diretamente proporcional à amplitude dessas esferas de utilização, visto que “quando uma língua é utilizada em um número muito restrito de esferas, é bem

⁸⁵ Do inglês: “Bilinguals usually acquire and use their languages for different purposes, in different domains of life, with different people. Different aspects of life often require different languages.”

provável que seja utilizada com menos frequência e que sua fluência seja, portanto, menor” (Grosjean, 2010, p. 12).⁸⁶

Figura 9: Domínios contemplados pelas três línguas de um plurilíngue (La, Lb e Lc)⁸⁷



Fonte: Grosjean; Li (2013, p. 12).

A interação nos diferentes domínios exclusivamente em uma mesma língua e a infiltração dessa língua em domínios anteriormente reservados à outra língua, leva, a longo prazo, ao processo de perda linguística (*language loss*), como complementam Grosjean e Li (2013), Matras (2020), entre outros. Pode-se inferir ainda que o princípio da complementaridade influencia também os processos tradutórios utilizados pelos falantes, pois, quando precisam utilizar uma língua que normalmente não utilizam em determinado domínio, esses falantes muitas vezes não encontram – ou não possuem – o vocabulário previsto para aquele domínio, levando-os a fazer uso de alguma das

⁸⁶ Do inglês: “[w]hen a language is used in a very restricted number of domains, then there is every chance that it will be used less frequently and that it will have a lower fluency”.

⁸⁷ Grosjean e Li (2013) destacam que os símbolos utilizados na figura acima (La, Lb, Lc) não devem ser confundidos com L1, L2, L3 – símbolos que também utilizam e que representam respectivamente as línguas 1, 2 e 3 de um determinado falante. No caso ilustrado pela figura, o que interessa é a relação entre o número de domínios e as línguas utilizadas por um falante.

estratégias discutidas anteriormente nesta tese. “Isso não os torna menos bilíngues, apenas reflete o fato de que suas diferentes línguas se distribuem entre diferentes domínios de suas vidas, sobrepondo-se apenas em alguns deles” (Grosjean, 2010, p. 37).⁸⁸ Nesse sentido, vale ressaltar que a dominância linguística pode se alterar ao longo do tempo. A primeira língua de um falante não necessariamente representa sua língua dominante,⁸⁹ “a história pessoal da língua pode apresentar configurações bilíngues bastante diferentes em diferentes momentos ao longo do tempo” (Grosjean; Li, 2013, p. 13),⁹⁰ falantes plurilíngues podem, assim, apresentar maior proficiência em uma ou outra língua em momentos diferentes. O seguinte excerto, que trata da biografia linguística de Cristóvão Colombo – cuja primeira língua teria sido o genovês –, ilustra bem essa dinâmica:

Ele aprendeu a escrever cartas comerciais em latim, [...] casou-se com uma portuguesa e provavelmente esqueceu o italiano quase por completo. Ele falava português, mas nunca escreveu uma palavra nessa língua. Durante seus nove anos em Lisboa, acostumou-se a escrever em espanhol. [...] Colombo, portanto, escrevia em duas línguas que não falava, e falava várias outras (Apeltauer, 1997, p. 10 *apud* Altenhofen, 2002, p. 150).⁹¹

No capítulo 4, que trata da análise de processos tradutórios no Hunsrückisch, percebe-se mais detalhadamente o papel dessas variáveis – necessidade, prestígio, atitude dos falantes, tempo e intensidade do contato linguístico e domínios de interação – nos processos tradutórios decorrentes de situações de contato linguístico, ainda que nem sempre seja possível definir motivações objetivas que favoreçam ou desfavoreçam um ou outro processo tradutório.

⁸⁸ Do inglês: “This does not make them any less bilingual; it simply reflects the fact that their different languages are distributed across different domains of their lives and they overlap only in some of them”.

⁸⁹ Nesse sentido, focar em domínios de interação auxilia também na compreensão do conceito de ‘língua materna’ como um conceito dinâmico e variável ao longo da vida de um falante, sem restringi-lo obrigatoriamente a noções que servem apenas para encobrir e excluir outras facetas da realidade linguística dos falantes (Altenhofen, 2002).

⁹⁰ Do inglês: “Personal language history may show quite different bilingual configurations at different moments in time.”

⁹¹ Do alemão: “Er lernte Geschäftsbriefe in Latein zu schreiben, [...] heiratete eine Portugiesin und vergass wahrscheinlich das Italienische fast ganz. Er sprach Portugiesisch, schrieb aber nie ein Wort in dieser Sprache. Während seiner neun Jahre in Lissabon gewöhnte er sich an, in Spanisch zu schreiben. [...] Kolumbus schrieb also zwei Sprachen die er nicht sprach, und er sprach mehrere andere.”

2.11 O PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE DE ANÁLISE DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

O princípio da pluridimensionalidade serve, acima de tudo, para “ordenar o “aparente caos” da variação e da diversidade linguística observadas na área em estudo da Bacia do Prata” (Altenhofen, 2013, p. 65). Sua proposição, no entanto, principalmente a partir de Thun (1998, 2005, 2009, 2010b), surgiu da necessidade de reunir sob o mesmo modelo a descrição da variação no espaço (na dimensão diatópica), comumente enfatizada pela dialetologia tradicional, e a influência de variáveis sociais presentes em cada ponto de pesquisa (tradicionalmente abordadas pela Sociolinguística). Segundo Thun (2010b),

a dialetologia pluridimensional não representa apenas a fusão metodológica da dialetologia tradicional com princípios sociolinguísticos, mas envolve ainda aspectos e técnicas de análise de contatos linguísticos. Isso é particularmente importante quando se leva em conta a paisagem linguística do Novo Mundo, moldada, desde a chegada dos europeus, por múltiplos contatos entre culturas e línguas. Ao contrário dos estudos clássicos sobre contato linguístico (como WEINREICH, 1970), que tendem a reduzir a configuração do contato à influência mútua de duas línguas consideradas como sistemas homogêneos, propomos a análise da configuração do contato como uma aproximação de dois ou mais complexos de variedades (Thun, 2010b, p. 706).

Embora em estudos anteriores, como no ALF (*Atlas linguistique de la France*, 1902-1914) ou no questionário de Wenker (1876-1888), os autores tenham levado em consideração aspectos sociais no uso da língua, estes não representavam o foco central da pesquisa, que se orientava por uma abordagem essencialmente monodimensional. Em atlas atuais, tem-se estabelecido um novo enfoque, dirigido não apenas às variedades individuais, mas também às práticas comunicativas de seus falantes (Lameli, 2010).

O princípio da pluridimensionalidade prevê três principais dimensões: a dimensão diatópica, a dimensão diastrática e a dimensão diageracional. Estas, por sua vez, relacionam-se a outras dimensões, como: dimensão dialingual, diarreligiosa e diarreferencial. No próximo capítulo, no qual se apresentam os procedimentos metodológicos empregados nesta tese, detalham-se a aplicação do princípio da pluridimensionalidade, bem como as dimensões de análise citadas acima.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados na seleção e análise dos dados. Nas próximas seções, descrevem-se: 1. a base de dados do ALMA-H, 2. o princípio da pluridimensionalidade na análise das variáveis selecionadas, 3. as etapas do processo metodológico, 4. a rede de pontos e as entrevistas, bem como o perfil dos informantes que compõem o ALMA-H, 5. as dimensões de análise selecionadas e, por fim, 6. as variáveis linguísticas analisadas.

3.1 BASE DE DADOS DO ALMA-H

Conforme já antecipado, a presente tese se vale do banco de dados do ALMA-H para analisar e confirmar suas hipóteses e seus objetivos. Ao todo, são mais de 800 horas de gravação de entrevistas com quatro grupos de falantes, conforme a geração jovem (GI = 18 a 36 anos) e mais velha (GII = acima de 55 anos), com escolaridade até o ensino médio (Cb) e com ensino superior (Ca), nos seguintes pontos de pesquisa: 23 no RS; 6 em SC; 3 no PR, 2 no MT; 2 no ES; além de 3 em Misiones, AR; e 4 no PY: Hohenau e Obligado, Santa Rosal del Monday, Mbaracaju e Passo Tuiá (Altenhofen, 2016). A maior dificuldade que se coloca é a grande representatividade e o grande alcance dos dados, tendo em vista os objetivos específicos da tese, focados na relação e papel de processos tradutórios no uso, na variação e na mudança do Hunsrückisch em contato com o português, espanhol, guarani entre outras línguas e variedades. A seleção dos dados deu-se a partir de reuniões com o grupo de pesquisa do Orientador e da análise minuciosa do questionário utilizado para as entrevistas, para identificar perguntas que gerassem dados de interesse especial para os objetivos da tese.

Para a seleção dos dados, foi priorizada a parte linguística (C), sobretudo os aspectos semântico-lexicais e morfossintáticos – uma vez que tais aspectos são fundamentais para a presente pesquisa, cujo objetivo principal é analisar evidências de processos tradutórios, como ocorrências de replicações, apropriações, extensões e restrições semânticas e de outros processos tradutórios, do português para o Hunsrückisch. A parte sociológico-linguística do questionário (A e B) – que compreende dados extralinguísticos do informante e da localidade de pesquisa, bem como dados metalinguísticos, que oferecem importantes *insights* em relação à percepção linguística dos informantes – oferece, por outro lado, informações sobre os contextos de uso de cada uma das variedades linguísticas em contato, sobre a competência linguística dos informantes, os papéis sociais que desempenham e a influência de uma variedade linguística sobre a outra.

Ao lado de **I. dados de fala do banco de dados do ALMA-H**, foram considerados, para análise diacrônica, **II. fontes escritas**, mais precisamente do acervo de cartas privadas do ALMA-Histórico, isto é, dados de um gênero textual que, em certo sentido, favorece a ocorrência de marcas da oralidade (cf. Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Seu uso justifica-se, além disso, por propiciar uma possível datação e correlação com o período de contato com o português, para subsidiar o objetivo de identificar fatores que correlacionem o tipo de processo tradutório com o estado de plurilinguismo dos usuários da língua de imigração.

Esses bancos de dados foram produzidos a partir de uma perspectiva macrolinguística (geolinguística) e pluridimensional que priorizou as dimensões diatópica, diatópico-cinética, diastrática, diageracional e diarreligiosa. Isso significa que as amostras se apresentam estratificadas de acordo com a realidade, a escolaridade, a geração e a religião dos informantes. Essas dimensões não representam apenas critérios para seleção de informantes, mas são fundamentais para a formulação de hipóteses e para a interpretação dos resultados obtidos.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir da exploração detalhada dos bancos de dados do ALMA-H e do ALMA-Histórico em busca de evidências de processos de tradução do português para o Hunsrückisch e da seleção de ocorrências de apropriações e de outros processos tradutórios provenientes das amostras que compõem as bases de dados mencionadas. O material selecionado foi, posteriormente, submetido a procedimentos analítico-interpretativos das condições de sua ocorrência. Os dados de fala

do ALMA-H permitem, além disso, macroanálises da abrangência/validade e do condicionamento dos diferentes exemplos de tradução. Pode-se, por exemplo, verificar a correlação entre a ocorrência de determinado processo tradutório e fatores sócio-históricos, como grau de bilinguismo e período histórico do contato linguístico (refletidos nas microáreas do ALMA-H equivalentes a camadas temporais de ocupação do espaço pelos imigrantes e seus descendentes, cfe. Altenhofen, 2016).

Em relação aos dados de fala selecionados para esta tese, são de grande relevância os aspectos semântico-lexicais e morfossintáticos. Isso se aplica especialmente aos itens lexicais e às frases que compõem as partes Clex e CgramII do questionário do ALMA-H. Na parte Clex, foram selecionadas unidades lexicais que ilustram a ocorrência de neologismos e apropriações como, por exemplo, *Affebeere* (pt. ‘araticum’) e *Keesboom* (pt. ‘umbu’). Na parte CgramII, na qual o entrevistador apresenta uma frase em português e solicita sua tradução para o Hunsrückisch, foram selecionadas frases que ilustram a replicação funcional e estrutural do pt. para o hrs. (v. seções 4.1 e 4.2). A tradução, vale ressaltar, funciona, nesse momento, como procedimento metodológico, não como processo de tradução; estes podem ser controlados pela interação na entrevista que se dá em Hunsrückisch, valendo-se sempre que possível da técnica em três tempos (v. seção 3.4).

Assim, selecionaram-se determinadas frases e itens lexicais dessas duas partes do questionário para aprofundar a análise específica para os objetivos da tese. Cite-se, para a parte CgramII, a pergunta 07 – “Ainda está chovendo, é melhor levar um guarda-chuva”) e suas possíveis traduções para o pt., entre as quais “*es is noch am reene [...]*” e “*es tut reene [...]*”. Para comparar os resultados obtidos através dos dados orais e escritos do ALMA-H com a variedade dialetal da matriz de origem num período próximo à época da emigração no século XIX, fez-se uso dos dados coletados do Atlas de Wenker em formato digital (*Digitaler Wenker-Atlas – DiWA*), em especial, a frase de Wenker nº 24: *Als wir gestern abend zurück kamen, da lagen die anderen schon im Bett und waren fest am schlafen* [Quando voltamos ontem à noite, os outros já estavam na cama dormindo profundamente]. Exemplos como esses ora foram analisados qualitativamente ora de forma mais aprofundada, buscando identificar macrotendências e fatores na sua abrangência de uso.

Além disso, a parte sociológico-linguística do questionário – que compreende dados extralinguísticos do informante e da localidade de pesquisa, bem como dados

metalinguísticos relacionados à percepção que os informantes têm da língua – é bastante relevante, uma vez que esses dados oferecem informações sobre os contextos de uso de cada uma das variedades linguísticas em contato, a competência linguística dos informantes, os papéis sociais que desempenham e ainda a influência de uma variedade linguística sobre a outra. Motivações extralinguísticas no uso da língua desempenham papel significativo também na forma como processos tradutórios são colocados em prática pelos falantes. Como observa Coseriu (1978), a distinção entre velho e jovem, por exemplo, não é de natureza linguística, mas influenciada por fatores de natureza extralinguística que, por sua vez, influenciam as escolhas linguísticas dos falantes – a relação entre velho e jovem se modifica tão logo outras pessoas passam a ser levadas em consideração. Da mesma forma, processos tradutórios que, como já discutido, iniciam-se na mente dos falantes, são influenciados pela realidade extralinguística dos falantes.

Na busca por evidências que comprovem o papel dos processos tradutórios na configuração, variação e mudança do Hunsrückisch, foi fundamental também o acervo do Alma-Histórico, que inclui dados de língua escrita, entre os quais documentos como atas de sociedades, cartões postais e diários, além do acervo de cerca de “mil cartas privadas, escritas em comunidades de imigração alemã, na comunicação tanto intercontinental (“*von drüben / de além-mar*”) quanto intracontinental (por terra, no novo mundo)” (Altenhofen; Morello *et al.*, 2022, p. 17-18). Grande parte desse acervo de cartas privadas foi levantado por Joachim Steffen, entre agosto de 2011 e novembro de 2013;⁹² outra parte surgiu das entrevistas para o Projeto ALMA-H, na sua rede de pontos de pesquisa.

A base de cartas analisadas resulta, em parte, da publicação de Altenhofen, Steffen e Thun (2018), acrescida de cartas recém transliteradas e disponibilizadas pela coordenação do Projeto. No caso da publicação feita, trata-se de uma seleção de cartas privadas, “organizadas cronologicamente, em períodos que se estendem desde antes da emigração, em 1824 [...], até a história mais recente no Brasil (ao todo 71 cartas, sendo a última datada em 1992)” (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 10). Segundo os autores, a seleção de cartas apresentada no livro representa, porém, apenas um pequeno recorte, perfazendo menos de 10% do acervo existente.

⁹² Durante estágio de pesquisa pós-doutoral como Bolsista do Programa Feodor Lynen da Fundação Alexander von Humboldt, na UFRGS/Proj. ALMA-H, sob a supervisão de Cléo V. Altenhofen.

As cartas trocadas nesse período, como as que fazem parte do acervo do ALMA-Histórico, representam testemunhos valiosos do olhar dos imigrantes sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas naquela época. Nelas, os imigrantes compartilham suas opiniões, emoções e frustrações, bem como detalhes específicos do seu novo lar. As cartas trocadas entre os imigrantes e seus entes queridos são, ao mesmo tempo, documentos inestimáveis para o estudo da mudança e variação linguística que passaram a ocorrer a partir do contato das variedades de alemão faladas pelos imigrantes com as variedades linguísticas do novo meio.

Como observam Steffen e Altenhofen (2014), essas cartas se caracterizam por um estilo bastante espontâneo e coloquial, próprio da conversa entre pessoas próximas. Em muitas delas, os únicos elementos que podem ser classificados como inteiramente característicos da escrituralidade são as frases de abertura e de fechamento. Por se encontrar próxima do pólo comunicativo (Koch; Oesterreicher, 1985), a correspondência pessoal contém elementos da oralidade, permitindo, assim, uma visão sobre o contato linguístico entre as variedades de alemão faladas pelos imigrantes e a língua portuguesa local já naquela época. Outra peculiaridade da correspondência epistolar trocada entre os imigrantes no século XIX é que, em sua maioria, as cartas não se dirigiam a destinatários individuais, mas a grupos inteiros de pessoas: a familiares, amigos, vizinhos e conhecidos, a quem as cartas eram repassadas a pedido dos próprios remetentes, pois continham notícias e informações relevantes para todos esses grupos (Singer, 1998; Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Além disso,

se concordarmos que, por muitos séculos, saber escrever foi privilégio e prática de uma pequena elite, também sabemos que uma escrituralidade popular pode emergir a qualquer momento – longe da escrita oficial e dos textos canônicos – quando se aprendeu a escrever e se tem um motivo para fazê-lo. [...] O mais produtivo desses motivos, em termos do número de textos produzidos por “pessoas comuns”, é a distância. Ela atinge soldados, emigrantes, prisioneiros e outros, e os separa de suas famílias, seus vizinhos e amigos (Steffen; Thun; Zaiser, 2018, p. 5-7 – tradução nossa, grifos dos autores).⁹³

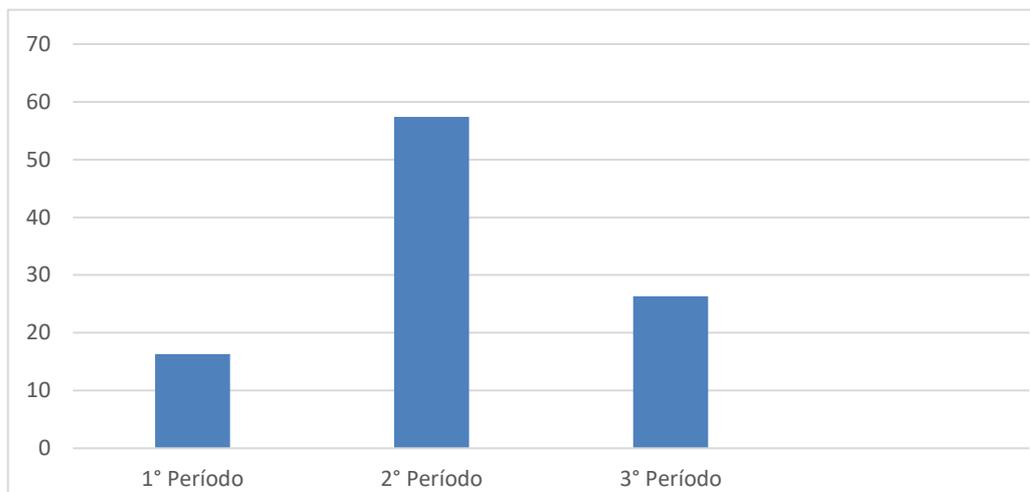
⁹³ Do francês: “Si l’on est d’accord sur le fait que, pour de longs siècles, savoir écrire était privilège et pratique d’une petite élite, nous savons aussi qu’une scripturalité populaire peut émerger à tout moment, et loin de l’écriture officielle et des textes canoniques, si l’on a appris à écrire et si on a un motif pour écrire. [...] Le plus productif de ces motifs quant au nombre des textes produits par des « petites gens » c’est l’éloignement. Il frappe les soldats, les émigrés, les prisonniers et d’autres et les sépare de leurs familles, voisins et amis.”

Essa troca de cartas motivada pela distância associa-se normalmente a grandes eventos históricos, como as ondas de emigração/imigração no século XIX, que não se limitaram a, mas atingiram sobretudo pessoas comuns. A importância dessas cartas reside “não apenas em ser a primeira vez na história linguística em que membros de classes distintas – e em especial das classes mais baixas – da população passam a se expressar, mas justamente por conta do seu valor para a reconstrução da oralidade histórica” (Elspaß, 2008, p. 151 – tradução nossa).⁹⁴ Além disso, as cartas de pessoas não habituadas à escrita se aproximam mais da oralidade do que as daquelas habituadas a escrever (Elspaß, 2008), aspecto valioso para os objetivos desta tese.

A correspondência privada trocada entre os alemães que emigraram para o Brasil (e seus descendentes) e seus familiares e amigos compreende um período de cerca de cinco gerações e permite, além da reconstrução da oralidade histórica, como observado por Elspaß (2008), uma visão mais clara sobre questões como a manutenção, a variação e a mudança das variedades linguísticas em contato (Steffen, 2016). A análise dessas cartas torna possível, conseqüentemente, uma correlação entre a ocorrência de processos tradutórios e os fatores sócio-históricos, como grau de bilinguismo e período histórico do contato linguístico (refletidos nas microáreas do ALMA-H, equivalentes a camadas temporais de ocupação do espaço pelos imigrantes e seus descendentes cf. Altenhofen, 2016).

A temporalidade das cartas escritas no Brasil e analisadas nesta tese respeita a divisão proposta por Altenhofen, Steffen e Thun (2018): **1º período** – entre 1824-1890: Primeiras gerações no Brasil, novas gerações da Alemanha; **2º período** – entre 1890-1940: Pontes de papel em terras brasileiras; **3º período** – após 1940: Entre perdas e reminiscências. Foram analisadas 190 cartas, escritas ao longo dos séculos XIX e XX, compreendendo um período de quase 200 anos: 31 cartas escritas no 1º período; 109, no 2º período e 50, no 3º período, como ilustra o gráfico a seguir:

⁹⁴ Do alemão: “nicht nur darin, dass zum erstens Mal in der Sprachgeschichte Angehörige breiter – und besonders auch unterer – Bevölkerungsschichten zu Wort kommen, sondern gerade auch in ihren Wert für die Rekonstruktion der historischen Mündlichkeit.“

Gráfico 1: Temporalidade das cartas do *corpus* de análise

Fonte: elaborado pela autora.

Após a transliteração das cartas, procedeu-se à identificação e análise das ocorrências das variáveis selecionadas (v. seção 3.6). Para se estabelecer a correlação entre a ocorrência de processos tradutórios e os fatores sócio-históricos mencionada acima, bem como para o tratamento e análise da tradução na oralidade e, por conseguinte, da variação e mudança linguística, recorreu-se nesta tese ao princípio da pluridimensionalidade, como descrito a seguir.

3.2 PLURIDIMENSIONALIDADE NA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SELECIONADAS

O princípio da pluridimensionalidade funciona, como visto na seção 2.11, como princípio ordenador dos fatos da língua na sua correlação com diferentes fatores, especialmente localidade/região e geração dos falantes, situação de uso. É objetivo central da abordagem pluridimensional oferecer uma perspectiva mais ampla da inserção social da língua, bem como retratar o uso de línguas em situações de contato, levando em conta variáveis sociais, espaciais e linguísticas, a partir de dimensões de análise distintas (Altenhofen, 1996, 2019; Thun 1998, 2010). “Cada dimensão pressupõe uma relação

opositiva, na maioria dos casos binária, entre parâmetros definitórios, como geração dos velhos (GII) e dos jovens (GI)” (Altenhofen; Thun, 2016, p. 375), como sintetiza o quadro a seguir:

Quadro 3: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Topostático (informantes em um domicílio fixo)	44 pontos de pesquisa
Diatópico-cinética	Topodinâmico (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Refere-se, em grande parte, à relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada).
Diastrática	Ca = grupo de falantes com mais escolaridade Cb = grupo de falantes com menos escolaridade	Ca – com formação universitária, parcial ou completa Cb – formação até o ensino médio e profissão que não exija o uso da escrita
Diageracional	GII = geração velha GI = geração jovem	GII – acima de 55 anos GI – entre 18 e 36 anos
Diassexual	Ho = homens Mu = mulheres	
Dialingual	hrs = Hunsrückisch hdt = alemão <i>standard</i> (Hochdeutsch) pt = português sp = espanhol	
Diafásica	Resp = respostas ao questionário Leit = Leitura Tx = Conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua
Diarreferencial	Lg = fala “objetiva” MLg = fala metalinguística	Dimensão estimulada pela técnica de entrevista em três tempos: pergunta (resposta espontânea), insistência, sugerência
Diarreligiosa	Cat = católica Lut = luterana	Tipo de localidade, conforme as confissões religiosas presentes
Diamésica	Esqr = língua em meio escrito Fal = língua em meio oral	Coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (impressos, cartas privadas, inscrições em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos e sepulturas)
Diacontatual	hrs = Hunsrückisch hdt = alemão <i>standard</i> (Hochdeutsch) pt = português sp = espanhol	Refere-se ao contato entre as diferentes variedades linguísticas

Fonte: elaborado e ampliado pela autora, a partir de Altenhofen e Thun (2016, p. 375).

Esta tese orienta-se pelos pressupostos metodológicos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (cf. Radtke; Thun, 1999; Thun, 2005, 2009, 2011), em consonância com a base de dados do ALMA-H. Considera-se, assim, não apenas o questionário comum para o conjunto de entrevistas do Projeto, com o qual se assegura a comparabilidade dos dados, como também as técnicas de entrevista e de obtenção dos dados em diferentes dimensões sociais apresentadas no quadro acima. Nesse contexto, o mapa configura um instrumento de análise e identificação não apenas de macrotendências de um comportamento linguístico, como também de possíveis fatores que explicam a difusão ou retração de determinada variante no espaço pluridimensional de uso do Hunsrückisch. O mapa centraliza, nesse sentido, diferentes tipos de informação, o que permite uma compreensão visual da língua no espaço (Lameli, 2010). A dimensão diageracional, por exemplo, contrasta a fala de informantes com idade entre 18 e 36 anos (GI) e informantes acima de 50 anos (GII); a dimensão diatópica visualiza a área de uso de determinada variante na rede pontos de pesquisa pré-estabelecida; a dimensão diacontatual, especialmente relevante para esta tese por proporcionar o olhar mais acurado sobre processos tradutórios em jogo, representa, segundo Radtke e Thun (1996, 1999), uma dimensão independente, que viabiliza novos caminhos no estudo da variação e da mudança linguística e novos campos de trabalho na esfera da dialectologia e da geolinguística. Essa dimensão compreende questões de ordem sociológica e de contexto de uso das variedades linguísticas em questão, que incluem, além da influência de uma variedade sobre a outra, os usos que os falantes plurilíngues fazem dessas variedades, bem como sua competência em cada uma delas e ainda questões relacionadas à posição social dos falantes, como escolaridade, profissão, hábitos culturais e condições econômicas (Prediger, 2019).

Em relação aos processos de variação e mudança linguística, deve-se observar que estão condicionados por fatores de natureza linguística (i.e., fatores intralinguísticos) e de natureza social (i.e., extralinguísticos). Vale lembrar que a variação linguística não é obra do acaso, mas sim reflete a natureza heterogênea da sociedade. Enquanto a variação está relacionada à coexistência de formas alternativas, em um recorte sincrônico – as variantes linguísticas –, a mudança relaciona-se a seu uso e manutenção no eixo da diacronia, isto é, do tempo. Assim, se todo processo de mudança linguística pressupõe a ocorrência anterior de um processo de variação, nem todo processo de variação representará efetivamente uma mudança, uma vez que, em qualquer língua, é possível que ocorram

casos de variação estável (ou de reversão do processo): aqueles em que duas ou mais variantes coexistem por um longo período (Weinreich; Labov; Herzog, 1968).

O contato entre línguas e variedades linguísticas representa, portanto, uma das dimensões na análise da variação e mudança linguística para o modelo teórico-metodológico da dialetologia pluridimensional e relacional, uma vez que “é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre as outras” (Radtke; Thun, 1999, p. 41).

O princípio da pluridimensionalidade guiou os passos do processo metodológico desta tese. A análise qualitativa e quantitativa, em recortes específicos do banco de dados, dividiu-se nas etapas descritas na próxima seção.

3.3 ETAPAS DO PROCESSO METODOLÓGICO

Inicialmente, realizou-se um **levantamento** bruto nos bancos de dados do ALMA-H e do ALMA-Histórico para reunir fenômenos linguísticos que pudessem representar a ocorrência de processos tradutórios implícita ou explicitamente. Após esse levantamento, as transcrições dos dados de fala foram realizadas com o auxílio do software Audacity. Trata-se de um software gratuito e de código aberto (*Open source software* – OSS), que pode auxiliar o pesquisador na tarefa de transcrição das gravações em áudio. Para as transcrições, foram utilizadas as convenções adotadas pelo Projeto ALMA-H. As transcrições fonéticas basearam-se no protocolo de transcrição do IPA (*International Phonetic Alphabet*), enquanto as transcrições ortográficas tiveram por base o sistema de Escrita do Hunsrückisch – ESCRITHU (Altenhofen *et al.*, 2007). Esse sistema foi estabelecido com o objetivo de transcrever os dados gravados do ALMA-H. Para garantir a comparabilidade entre as variedades do alemão, o ESCRITHU parte das regras do alemão *standard* e considera a história e a tradição escrita da comunidade de falantes de Hunsrückisch.

Vale acrescentar que o tratamento dos dados linguísticos, nesta tese, envolve, além da transcrição, a transliteração, a etiquetagem e organização dos arquivos e das anotações provenientes da análise, bem como de cartografia, em variáveis específicas, em que se

queira correlacionar a ocorrência de processos tradutórios com diferentes dimensões de análise da variação e do uso do Hunsrückisch (princípio da pluridimensionalidade). É importante salientar que o tratamento dos dados pressupõe a organização e legibilidade destes, o que descomplica e agiliza seu estudo sem deixar de lado a preservação de sua autenticidade.

Em relação à atividade de tradução, foco de análise do Hunsrückisch nesta tese, parte-se da premissa de que as soluções apresentadas pelos falantes sejam aceitáveis dentro de suas respectivas comunidades de fala. No entanto, como observa Emmel (2005), é possível que os falantes, em situações de interação específicas, apresentem uma solução que não apresentariam em uma conversa natural, deixando-se influenciar pelo que pensam que o entrevistador “quer ouvir”. Nesse sentido, Thun (2017 [2005], p. 92) afirma: “enquanto não houver confiança, facilitando a transição às variedades mais espontâneas, o estilo linguístico que os informantes escolhem nas entrevistas [...] responde à questão: como se fala com desconhecidos?” Contudo, Thun (2017 [2005]) observa que mesmo nos estilos de fala mais controlados é possível identificar fragmentos do estilo espontâneo, uma vez que “muito do que conseguimos registrar nos estilos controlados, também se repete nos espontâneos” (Thun, 2017 [2005], p. 93).

Vale notar também que a tradução da variedade *standard* do alemão para a variedade dialetal dos falantes pode provocar o processo de decalque sintático: “o método de traduzir as frases dadas na língua *standard* para o dialeto conduz inevitavelmente a decalques sintáticos, que distorcem as formas da língua coloquial vernácula” (Schirmunski, 1956 *apud* Kakhro, 2005).⁹⁵ Assim, uma construção já dada na variedade *standard* do alemão pode interferir na tradução realizada pelos informantes para a sua variedade dialetal e mascarar os resultados. O mesmo não ocorre, ao menos não no mesmo grau, quando a tradução é feita do português para o Hunsrückisch. Por exemplo, no caso da tradução do português para a variedade dialetal dos falantes da frase “Ainda está chovendo...” (v. seções 2.7.2.4 e 4.1) não ocorre esse mesmo tipo de interferência, uma vez que nas variedades alemãs não há perífrases gerundivas. Nesse caso, a tradução representa uma excelente oportunidade de compreender como os falantes replicam a construção encontrada na língua fonte.

⁹⁵ Do alemão: “die Methode, die in der Hochsprache vorgegebenen Sätze in den Dialekt zu übersetzen, führt unvermeidlich zu syntaktischen Kalkierungen, die die Formen der [...] volkstümlichen Umgangssprache verdrehen.”

A próxima etapa metodológica foi a **análise** e o **tratamento** do *corpus*, envolvendo o seguinte roteiro de operações:

- a) Classificação tipológica dos dados do *corpus*;
- b) Busca de comprovações empíricas da ocorrência de processos tradutórios atuando nesse contexto:
 - b1) análise contrastiva entre o português local e o Hunsrückisch;
 - b2) verificação em fontes da matriz de origem, a saber:
 - b2.1) *Wenker-Atlas* (DiWA), *Deutscher Sprachatlas* (DSA), *Deutscher Wortatlas* (DWA), plataforma REDE-SprachGIS do *Forschungszentrum Deutscher Sprachatlas* da Universidade de Marburg;
 - b2.2) *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA);
 - b2.3) *Rheinisches Wörterbuch* (RhWb);
 - b2.4) *Südhessisches Wörterbuch*;
 - b2.5) *Schweizerisches Idiotikon*;
 - b2.6) *Mittelhochdeutsches Wörterbuch von Matthias Lexer*.
 - b2.7) *Pfälzisches Wörterbuch* (PfWb)
 - b2.8) *Atlas zur deutschen Alltagssprache* (AdA)
- c) Seleção de casos com evidência comprovada;
- d) Verificação da amplitude através de:
 - d1) mapeamento;
 - d2) quantificação por meio de gráficos;
- e) Verificação da temporalidade e ambiência da gênese dos dados em fontes antigas, a exemplo das cartas que fazem parte do acervo do ALMA-Histórico;
- f) Abstração de explicações para a interpretação do papel da tradução na variação e mudança linguísticas.

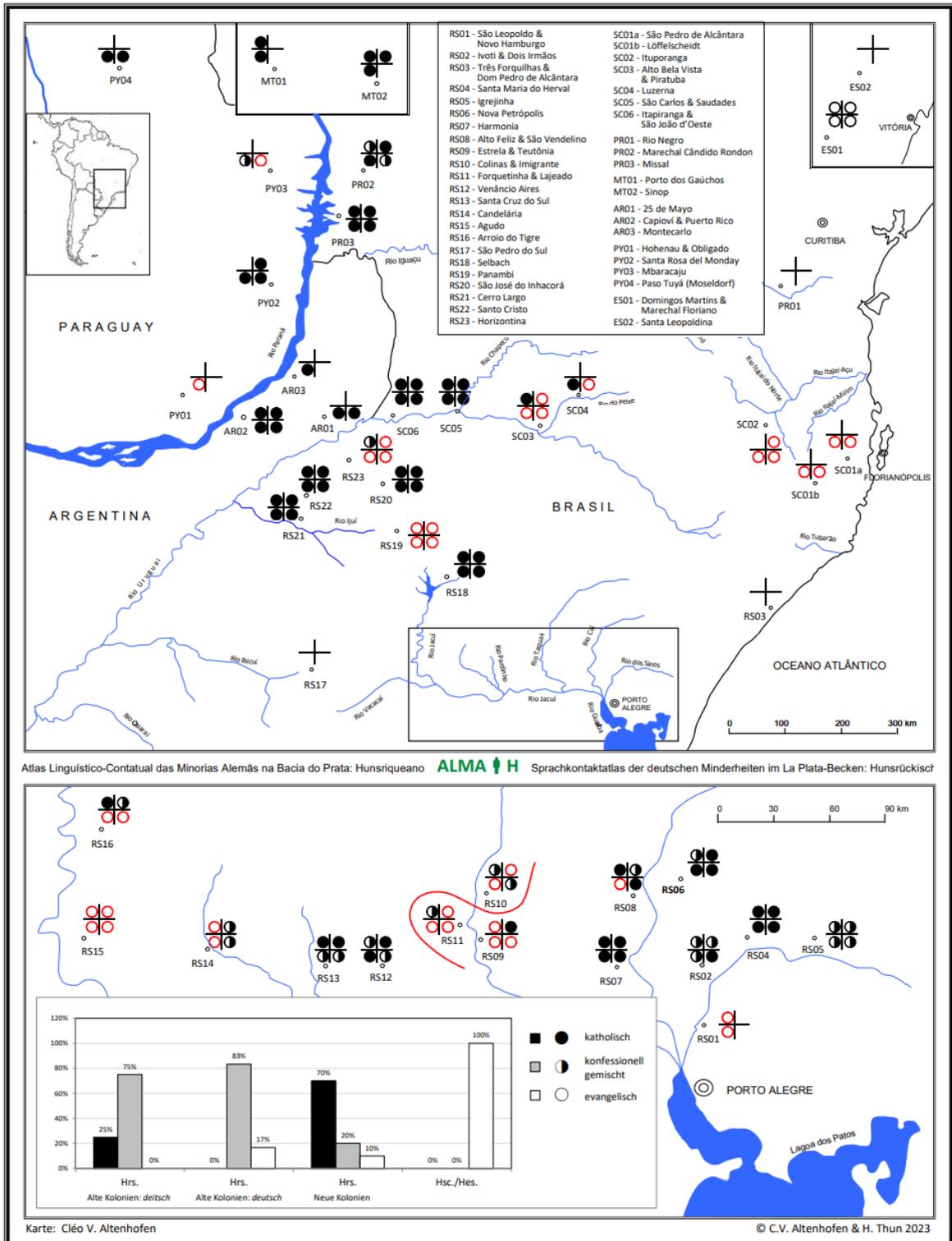
Todos esses passos de análise tiveram por propósito, acima de tudo, identificar evidências para os objetivos estabelecidos para este estudo e que dizem respeito ao papel dos processos tradutórios na sua relação com a variação e mudança linguística do Hunsrückisch como língua de imigração em contato com o português. Ou seja, sua função principal – e objetivo desta pesquisa – consiste em compreender o papel dos processos tradutórios na configuração da língua alemã em contato com o português local, mais precisamente em relação à variação e mudança linguística do Hunsrückisch. Esses passos de análise não tiveram, portanto, o propósito de elencar a totalidade dos dados linguísticos de cada banco de dados.

Na próxima seção, apresenta-se a rede de pontos de pesquisa do ALMA-H e descrevem-se as técnicas empregadas nas entrevistas, bem como o perfil dos informantes entrevistados.

3.4 REDE DE PONTOS, ENTREVISTAS E PERFIL DOS INFORMANTES

A rede de pontos de pesquisa do ALMA-H se estende por uma área que compreende 44 localidades. A seleção dos pontos que compõem essa rede de pesquisa se deu com base na mobilidade espacial dos imigrantes, uma vez que a comparação entre os dados da matriz de origem e do ponto de chegada, “considerando o tempo transcorrido entre a migração e o momento da entrevista, pode revelar relações importantes de mudança e conservação no comportamento linguístico dos falantes migrados” (Altenhofen, 2004, p. 146).

Mapa 1: Rede de pontos de pesquisa do ALMA-H



Fonte: Projeto ALMA-H.

As entrevistas, que somam mais de 800 horas de gravação, foram realizadas entre 2007 e 2013, a partir de um questionário exaustivo, no qual são tratados diferentes níveis da língua e diferentes campos semânticos. Esse questionário se subdivide em três partes. A primeira parte (A) diz respeito aos dados do perfil dos informantes; a segunda parte (B), às informações acerca da localidade onde vivem os informantes; a terceira parte (C), às questões linguísticas, referentes aos aspectos lexicais (Clex), fonéticos (Cfon) e gramaticais (CgramI, CgramII e CgramIII).

Na parte Clex do questionário do ALMA-H, que apresenta variantes semântico-lexicais, as perguntas são feitas de forma onomasiológica: o entrevistador apresenta o conceito ou a definição e pede quais formas os informantes utilizam para denominá-lo. Em contrapartida, a parte Cgram (I, II e III) registra fundamentalmente variantes sintático-morfológicas, por meio da tradução de frases: do alemão *standard* para a variedade dialetal dos falantes (CgramI), do português para a variedade dialetal dos falantes (CgramII) e do português para a variedade do alemão *standard* (CgramIII). Para os objetivos desta tese, Clex e CgramII são as partes do questionário de maior interesse.

A comparação entre os dados do ALMA-H e o questionário de Wenker (v. seção 4.1.3) permite traçar um paralelo entre dados do Hunsrückisch contemporâneo e estágios mais antigos das variedades linguísticas faladas na matriz de origem. Esse procedimento possibilita que se verifique se determinados fenômenos identificados representam processos tradutórios por influência do português ou se já faziam parte do repertório linguístico trazido pelos imigrantes da matriz de origem.

O questionário de Wenker foi compilado com vistas a analisar sobretudo fenômenos de ordem fonética e morfológica. Assim, as frases do questionário não tinham a intenção de servir para análises sintáticas, o que os mapas revelam em relação a questões sintáticas resulta do acaso (Wrede, 1926). Contudo, como observa Fleischer (2017), não se pode afirmar que o questionário de Wenker não tenha utilidade alguma para análises sintáticas, uma vez que este é formado por frases.

Wenker decidiu-se por frases, consideradas por ele cotidianas e facilmente compreensíveis, para os exercícios de tradução do alemão padrão para as variedades dialetais de cada localidade. Segundo ele, traduzir frases seria mais interessante e natural do que traduzir palavras isoladas (Wenker, 2013, p. 918). Essas traduções eram realizadas em parte pelos professores e em parte pelos alunos com a ajuda dos professores que

recebiam o questionário. Dessa forma, pode-se considerar que o preenchimento do questionário se dava em dois momentos: no primeiro momento, o professor fazia a pergunta aos alunos, caracterizando um método direto; no segundo momento, com base nas respostas obtidas, completava o questionário – método indireto (Fleischer, 2017). Vale notar ainda que, nessa situação, o professor desempenha um papel semelhante ao papel do entrevistador em levantamentos diretos, ou seja, o professor apresenta as frases oralmente – como faz o entrevistador – e os alunos realizam a tradução, também oralmente, na presença desse professor/entrevistador.

Assim, embora o questionário seja classificado como um método de levantamento indireto, pode-se considerar, na verdade, que se trata de um método híbrido, realizado em dois tempos. Esse procedimento aproxima o questionário de Wenker a outros levantamentos orais, como aqueles realizados no âmbito do projeto ALMA-H, e torna possível realizar comparações entre o estado atual do Hunsrückisch com estágios mais antigos da variedade linguística falada na matriz de origem.

Em relação ao questionário do ALMA-H, é importante salientar que foi conduzido de modo a estabelecer um vínculo de informalidade entre os falantes e o entrevistador: as perguntas foram contextualizadas e esclarecidas, e o termo *tradução* não foi utilizado. Ao invés disso, perguntou-se como seria [a forma equivalente] no seu alemão local [de casa]. Ou seja, o questionário foi iniciado sempre com a pergunta *wie seht ma das uff Hunsrickisch?* [‘Como se diz isso em Hunsrückisch?’] ou *wie seht du das uff Hunsrickisch?* [‘Como você diz isso em Hunsrückisch?’]. Além disso, as entrevistas foram, muitas vezes, entrecortadas por conversas espontâneas. Sendo, como já se mencionou, os entrevistadores igualmente falantes de Hunsrückisch, conduziram-se as entrevistas na variedade linguística dos informantes, reforçando, desse modo, o vínculo de informalidade.

Nas entrevistas, procurou-se seguir, sempre que possível, a técnica de três tempos (cf. Thun, 2005, 2017). O objetivo dessa técnica é assegurar que não só a reflexão linguística dos entrevistados seja documentada, mas também seu conhecimento acerca de outras variantes linguísticas. O primeiro passo (pergunta) consiste em coletar a(s) resposta(s) espontânea(s) em relação à variável inquirida. No passo seguinte (insistência), o entrevistador insiste na pergunta com o objetivo de propiciar comentários e outras variantes conhecidas pelos entrevistados. Muitas vezes, por exemplo, apenas um dos informantes responde e os outros simplesmente concordam ou não dizem nada. Com a

insistência, o entrevistador pode obter informações mais precisas, sobretudo em relação à ocorrência de outras variáveis. O excerto a seguir ilustra essa dinâmica, justamente em relação a uma das variáveis em estudo nesta tese, a frase CGramII_16: “o menor deles se chama Pedro e recém tem 7 anos de idade”, que os informantes foram solicitados a traduzir para o Hunsrückisch (v. seção 4.2):

PY03 – CbGI

f ⁹⁶ - der kleenste von (:) ihre heisst Peter	f- o menor de::les se chama Pedro
I⁹⁷- der kleenste von	I- o menor de
f- denne heisst Peter	f- deles se chama Pedro
f- is grood 7 Joher alt	f- tem apenas 7 anos de idade (verbo <i>sein</i>)
I- seest‘de ooch so?	I- você também diz assim?
m ⁹⁸ - nein, hat erst 7 Jahre	m- não, tem recém 7 anos (verbo <i>haben</i>)

A etapa da insistência, nesse caso, permitiu que se obtivesse a perspectiva do informante mais reservado e que justamente contrasta com a resposta oferecida pela informante anterior. Não fosse a etapa da insistência, não teria sido possível registrar a variável com o verbo *haben*. e que justamente indica uma mudança em curso, atestando o processo tradutório por replicação estrutural (v. seção 4.2).

Por fim, no terceiro passo (sugestão), o entrevistador menciona outras variantes previstas no questionário como respostas possíveis e pergunta se o informante as conhece e se está de acordo. Trata-se de uma etapa de “escavação” dos conhecimentos linguísticos dos falantes entrevistados, para captar o conjunto do espectro de variantes que possivelmente fazem parte do repertório linguístico do falante e da comunidade. Pode-se registrar, com isso, o conhecimento passivo dos falantes (“conheço, mas não uso”) e ainda obter informações metalinguísticas valiosas sobre o *status* social de cada variante. Além disso, mesmo o desconhecimento confere representatividade e clareza em relação à situação linguística local, já que, de outra forma, não se saberia ao certo se uma determinada variante realmente não é mais conhecida.

A etapa da sugestão leva os informantes a refletir e lembrar de outras formas não mencionadas. Como salienta Thun (2010b), as respostas dadas pelos falantes

⁹⁶ f - informante do sexo feminino

⁹⁷ I - insistência

⁹⁸ m- informante do sexo masculino

informam sobre formas linguísticas disponíveis ativa ou passivamente, e a etapa da sugerência,

que está sempre subordinada à elicitación de respostas espontâneas, leva em conta as funções da memória humana, oferecendo informações importantes sobre o progresso da mudança linguística em dois sentidos: a generalização de novas formas e o desaparecimento gradual de elementos (Thun, 2010b, p. 510 – tradução nossa).⁹⁹

O conhecimento passivo dos falantes pode, portanto, dar pistas sobre inovações linguísticas ou sobre formas em desaparecimento. A etapa da sugerência permite, assim, reconhecer variantes que não são totalmente desconhecidas pelos falantes. Além disso, o recurso da sugerência se baseia na noção de que, mesmo aquelas formas não mencionadas pelos informantes, fazem parte de seu repertório linguístico, pois são, ao menos, de seu conhecimento passivo – o que pode significar que estão desaparecendo de seu repertório.

Vale notar que ‘sugerência’ não é sinônimo de ‘sugestão’, pois o foco dessa etapa está em rememorar, trazer à tona alguma denominação que faz parte do repertório do falante, e não em sugerir no sentido de ‘propor’, ou seja, apresentar uma forma nova, diferente das que ele usa ou conhece. Além disso, as formas propostas são formas apreendidas pelo entrevistador no contato com outros falantes, pertencentes ou não ao mesmo grupo (Thun, 2010a, 2017). Quando se sentem à vontade, os falantes não demonstram o menor receio em negar categoricamente alguma sugerência feita pelo entrevistador.

A técnica da entrevista em três tempos ajuda a promover um diálogo mais dinâmico com os informantes, estimulando-os a tecer comentários metalinguísticos. Tanto a etapa da insistência quanto a da sugerência são essenciais para auxiliar na ativação da memória dos informantes, o que favorece a referência a outras variantes que o próprio informante talvez não utilize ativamente, mas que, de forma passiva, são parte de sua bagagem linguística, através das experiências compartilhadas com seus pais, avós etc. Dessa forma, a memória de um informante – expressa em comentários como “meu avô falava assim” – possibilita acesso a uma pluralidade de informantes que não se

⁹⁹ Do inglês: “The suggestion method, which is always subordinated to the elicitation of spontaneous answers, takes into account the functions of human memory and furnishes important information about the progress of linguistic change in two senses: the generalization of new forms and the gradual disappearance of elements.”

encontram presentes no momento da entrevista – ou que, por pertencerem a gerações passadas, não se encontram mais entre nós –, atestando a relevância da dimensão diarreferencial (Thun, 2004, 2017 [2005]).

Como antecipado na seção 3.1, para as entrevistas em cada um dos pontos que compõem a rede de pesquisa do ALMA-H, foram selecionados informantes seguindo critérios para a comparabilidade de dados linguísticos próprios de situações de contato. Na dimensão diastrática, tem-se a distinção entre as classes sociais Ca e Cb: Ca representa os informantes que cursam ou cursaram o ensino superior; Cb representa informantes com escolaridade até o ensino médio e cuja ocupação profissional não exija o uso da escrita.¹⁰⁰ É importante salientar que o conceito de classe social adotado pelo ALMA-H baseia-se exclusivamente na escolaridade e na ocupação profissional dos informantes – se esta exige ou não o uso da escrita – visto que “as práticas de letramento e o acesso aos bens escritos atuam no habitus linguístico e no ‘modo de falar’ (gr. dialéktos) local (Horst; Krug, 2021, p. 95). Na dimensão diageracional, distinguem-se as gerações GI – que compreende informantes entre 18 e 36 anos – e GII – informantes acima de 50 anos (Altenhofen; Morello *et al.*, 2018). A figura a seguir ilustra o modelo seguido nas entrevistas do ALMA-H:

Figura 10: Esquema em forma de cruz dos grupos de informantes

CaGII [+ velhos] [+ escolaridade]	CaGI [+ jovens] [+ escolaridade]
CbGII [+ velhos] [- escolaridade]	CbGI [+ jovens] [- escolaridade]

Elaborado pela autora, a partir de Thun (2010, p. 518).

¹⁰⁰ A combinação entre a dimensão diastrática e diageracional levou o ALMA-H a elevar o critério da escolaridade para Cb, já que na maior parte dos pontos de pesquisa não foram encontrados jovens falantes de Hunsrückisch (GI = 18 a 36 anos) com escolaridade inferior ao Ensino Médio completo. Já na geração mais velha (GII = acima de 50 anos), muitos falantes da área rural nem chegaram a concluir o Ensino Fundamental (Altenhofen; Morello *et al.*, 2018).

Assim, cada cruz representa um dos pontos de pesquisa e, sempre que possível, constitui-se de oito informantes, quatro homens e quatro mulheres, garantindo o caráter pluridimensional da pesquisa. Além disso, todos os informantes entrevistados evidenciavam conhecimentos de no mínimo duas variedades linguísticas: no Brasil, ao menos português e Hunsrückisch; na Argentina e no Paraguai, os informantes eram, em grande parte, trilingües – evidenciando conhecimentos de português, espanhol e Hunsrückisch e, em alguns casos, conhecimentos ativos ou passivos de guarani (Tavares de Barros, 2019).

Para a interpretação dos dados e elaboração dos mapas e gráficos, que oferecem uma perspectiva visual dos fenômenos analisados, os resultados referentes às variáveis selecionadas foram convertidos em símbolos e inseridos em uma planilha do Excel a partir do arquivo do mapa-base (matrix) do ALMA-H. A figura a seguir, que traz dados da pergunta CGramII_16, que será analisada na seção 4.2.1, oferece uma visão parcial dessa planilha:

Figura 11: Planilha de dados referentes à pergunta CGramII_16: *Er hat/ist 7 Jahre*

ALMA # H	Symb.	VARIABLEN		CgramII_16a1: Er hat 7 Jahre / Er ist 7 Jahre alt	CgramII_16a1: Er hat 7 Jahre / Er ist 7 Jahre alt				
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch	Q = ●	a_x: y	●	Er hat 7 Jahre	● Er hat 7 Jahre				
	R = ●	b_(x)yz	●		[+] Er hat 7 Jahre				
	S = ○	c_(x)yz	○	hat / ist	○ hat / ist				
	T = ○	d_xy(z)	○		[+] Er ist 7 Jahre alt				
	U = ○	e_x_y_z	○	Er ist 7 Jahre alt	○ Er ist 7 Jahre alt				
ORTSPUNKT	Gruppe (Link Audio)	Pluri.	Diastr. Ca/Cb	Diagen. GII/GI	Topo-/ Fenotyp.	Interviewer / Inf. (Genre + Religion)	< F > = Frage / pergunta • < I > = Insistenz / insistência	< S 's sintese > + ... *	< S > = Suggestierung / sugerência • < MK > = metasprach Kommentar / comentário metalinguístico • < T > = Ethn etnotexto
							< F1 > • m1-f1- [var] • < I-xxx > • m2-f2- [var] < F2 > • m1-f1- [var] • var-sug +-*	< S-xxx > • m1-f1- var < S-xxx > • m1-f1- var • < N	
	Alto Paraná	CbGI				e-CA ...			
RS04 C (1835) - Santa Maria do Herval	CaGI	○	●	○		e-CA+GN (+MM) m1C m2C f1C	< F1 > • f1- der kleinste heesht Peter, unn er hat äscht 7 Joher. Unn isch äscht 7 Joher alt ore hot 7 Joher	< S- Kan'ma ooch Pitt soohn? > • f1- ia, Pet • < S jiingschte, kan'ma ooch soohn? > • f1- ähã < S- Siebe f- ja. Sieve soohnt mea	
	CaGI	●				e-CA+GN m1C f1C f2C	< F1 > • f1- dene kleinschte heesht () Pedro • < I- E recém tem 7 anos de idade > • m1- unn hot äscht... • f1/f2- 7 Joher • f1- Pedro eles chamam de Peter, né?	< S- Kan'ma ooch vielleicht Pitt soohn? > • f- também Sieben? > • f/m- ja	
	CbGI	○	○	○		e-GN+KS m1C f1C	< F1 > • m1- der klein heescht Peter und er hat äscht 7 Joher • f1- hot ore ischt 7 Joohre • f2- ähã < I- siewe? > • f1- siewe Joohre		
	CbGI	○				e-GN+KS / e-GN+CA m1C f1C	< F1 > • f1- dem sein kleinste heesht Peter... • m1- unn is erst 7 Joher alt		
	CaGI	○				e-CA+GN m1E m2E f1C f2E	< F1 > • m1/f1/f2- der kleinschte heisst Peter • m1- unn hot äscht 7 Joohre • f1- unn ist erst 7 Joohre alt • m1- unn isch äscht 7 Joohre alt • < I- siewe? > • m1/f1- siewe • < I- loohre? > • m1/f1/f2- loohre • f1- loohre 6 um	< S- Pitt? > • f/m- ja	
<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> Pluridimensional Diastratisch Diagenationell Diareligiös Topo... Fenotypisch Synthese Tabelle der Daten IPA ESCRITHU Diasexuell ... </div>									

Fonte: Projeto ALMA-H

A área em destaque na figura 11, mostra, por exemplo, que, na análise pluridimensional, as ocorrências de *er hat 7 Jahre* são sinalizadas pelo símbolo ● enquanto as ocorrências de *er ist 7 Jahre [alt]*, pelo símbolo ○. Já quando as duas formas ocorrem no mesmo grupo, elas são sinalizadas pelo símbolo ○.

Na análise das gravações e transcrições, é de grande importância a interpretação dos dados e das respostas obtidas: por vezes, os informantes têm o desejo de responder às expectativas que imaginam que o entrevistador tenha, tentam usar formas que consideram mais próximas da forma *standard* e não aquela que realmente usam. A entrevista, realizada em tom de conversa informal e amigável, objetiva fazer com que os informantes se sintam à vontade e compartilhem suas experiências linguísticas com o entrevistador sem receio de serem julgados. Ainda assim, como observa Thun (2017 [2005]), nem sempre é possível registrar o estilo mais espontâneo de fala e, por isso, uma análise cautelosa dos dados é fundamental, especialmente para identificar aspectos relativos ao papel dos processos tradutórios. Para tanto, é fundamental definir as dimensões de análise efetivamente consideradas nesta tese, o que se verá a seguir.

3.5 Dimensões de análise selecionadas

Conforme visto, o princípio da pluridimensionalidade compreende diferentes dimensões e parâmetros que se relacionam à variação da língua. Às principais dimensões – diatópica, diastrática e diageracional – relacionam-se outras, como detalhado a seguir.

Thun (2010a) identifica, ao lado da dimensão **diatópica**, a dimensão **diatópico-cinética**, que trata das migrações, e a subdivide em **topostática**, a partir da qual se analisa a variação da língua de informantes com domicílio fixo, e **topodinâmica**, na qual se leva em conta a variação linguística de falantes que se caracterizam pela mobilidade espacial, lembrando que o conceito de ‘topodinâmica’, nesta tese, não se restringe à topodinâmica do indivíduo e de sua fala particular “em um determinado percurso migratório, contrastando-a com a fala dos falantes topostáticos, nos mesmos pontos de partida e chegada”; em sentido mais amplo, considera-se, de acordo com Altenhofen (2023), a “topodinâmica da ‘língua’ num ponto de partida e chegada que contraste dois momentos distintos da língua da comunidade no seu trajeto migratório, ao longo da história” (Altenhofen, 2023 [no prelo]). Com isso, considera-se uma análise que envolve “uma temporalidade no plano macrocronológico, quando contrasta a fala de indivíduos e gerações que viveram em momentos históricos distintos” (idem).

A dimensão **diastrática**, por outro lado, refere-se à variação linguística entre informantes de classe socioculturalmente alta (Ca) e baixa (Cb). O critério usado para tanto é o grau de escolaridade maior (ensino superior parcial ou completo, no caso de Ca) e menor (até ensino médio, porém com ocupação que não exija o uso da escrita, no caso de Cb). Pretende-se compreender, desse modo, o papel da escolaridade na variação do Hunsrückisch em direção da norma escrita ou não e, por conseguinte, na relação com processos tradutórios.

Na dimensão **diageracional**, considera-se a variação linguística de falantes da geração mais velha (GII – falantes acima de 50 anos) e da geração mais nova (GI – falantes entre 18 e 36 anos). As entrevistas com falantes de diferentes grupos etários permitem analisar possíveis mudanças em progresso – em tempo aparente – no comportamento linguístico de uma dada comunidade de fala. Assim, esse contraste entre gerações – fundamental para esta pesquisa – representa “uma possibilidade de tornar visível o tempo num momento concreto da pesquisa, entrevistando pelo menos duas gerações” (Krug; Horst, 2022, p. 10).

É importante ressaltar que nenhuma das dimensões compreendidas no modelo pluridimensional “é irrelevante, porém, cada uma delas – segundo o material linguístico – revela diferentes graus de variação” (Thun, 2017, p. 99). Para os objetivos desta tese, além das dimensões detalhadas acima, serão consideradas ainda as dimensões **diarreligiosa**, que compreende a variação linguística entre informantes católicos e protestantes; a dimensão **diacontatual**, que compreende questões de ordem sociológica e de contexto de uso das variedades linguísticas em questão, incluindo, além da influência de uma variedade sobre a outra, os usos que os falantes plurilíngues fazem dessas variedades, bem como sua competência em cada uma delas; a dimensão **diamésica**, em que se comparam dados de fala e de escrita; e, por fim, a dimensão **diarreferencial**, na qual se analisam aspectos da percepção e valoração de variantes e variedades pelos falantes, isto é, de como se referem à fala do outro.

A pluralidade de dimensões e de informantes possibilita uma perspectiva ampliada dos processos analisados nesta tese, a partir das variáveis selecionadas, apresentadas na próxima seção.

3.6 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS ANALISADAS

Levando em conta os objetivos da tese, as variáveis selecionadas têm de preencher requisitos e expectativas para: **1º)** representar evidências que comprovam a tipologia de processos tradutórios aplicada a contatos linguísticos na oralidade, apresentada na seção 2.7, **2º)** serem representativas dos diferentes processos tradutórios identificados e **3º)** permitir analisar esses processos na variação e mudança do Hunsrückisch. O quadro a seguir apresenta as variáveis escolhidas e o processo tradutório correspondente:

Quadro 4: Variáveis e processos tradutórios analisados

Variável	Processo tradutório
Realização da progressividade	Replicação funcional
<i>Er is 7 Johr alt</i> ou <i>Er hot 7 Johr</i> (pt. ‘Ele tem 7 anos’)	Replicação estrutural
Prep. for (dt. <i>für</i>)	Replicação estrutural
<i>Affebeere</i> (pt. ‘araticum’)	Neologismo
<i>Keesboom / Keesbaum</i> (pt. ‘umbu’)	Neologismo
<i>Dreckbauer</i> (pt. ‘joão-de-barro’)	Neologismo
<i>Mais / Milgen / Milje</i> (pt. ‘milho’)	Apropriação direta
<i>Schneise / Pikood</i> (pt. ‘picada’)	Apropriação direta
Complexos socioculturais, complexo do cavalo	Apropriação direta
<i>Erva de porco, onze horas, etc.</i>	Apropriação por tradução
O verbo <i>schicken</i>	Apropriação por extensão semântica

Fonte: elaborado pela autora.

No próximo capítulo, apresenta-se a análise dos processos tradutórios relacionados a cada uma dessas variáveis. Como já antecipado, não é objetivo desta tese elencar a totalidade de variáveis que possam evidenciar processos tradutórios no banco de dados do ALMA-H, mas sobretudo apontar para a presença e o papel da tradução na configuração, variação e mudança do Hunsrückisch.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE PROCESSOS TRADUTÓRIOS NO HUNSRÜCKISCH

Este capítulo é dedicado à análise de processos tradutórios observados no Hunsrückisch, com o objetivo de: 1) a compreender seu papel na configuração dessa língua de imigração, 2) testar e verificar a tipologia de processos identificada no cap. 2, a partir da literatura e 3) identificar os fatores subjacentes que favorecem ou desfavorecem sua ocorrência, considerando os contatos linguísticos do Hunsrückisch no tempo e no espaço, especialmente com as variedades regionais do português falado no Brasil. Vale lembrar que esses objetivos seguem uma análise qualitativo-interpretativa, focada primordialmente nas variáveis selecionadas, portanto sem a pretensão de uma descrição exaustiva do *corpus* da pesquisa, e sim com intuito inicial de constatar as hipóteses estabelecidas.

O capítulo inicia com a análise da replicação funcional no Hunsrückisch, buscando demonstrar que os falantes dessa variedade linguística replicam as funções da perífrase “estar + gerúndio”, do português brasileiro, através de estruturas que lhe são próprias, como o *tun-* e o *am-*progressivo. Em seguida, discute-se o processo de replicação estrutural (*pattern replication* – Matras, 2020) a exemplo da replicação da forma correspondente à frase “ele tem 7 anos” no hrs. *er hot 7 Johr*, e da locução *um für/for*, na qual a preposição *für/for* do Hunsrückisch replica a preposição *para* do português. Apresentam-se ainda alguns dos neologismos encontrados no *corpus* da pesquisa e suas possíveis motivações. Finaliza-se o capítulo com a análise de apropriações diretas, apropriações por tradução e apropriações semânticas selecionadas no *corpus*.

4.1 REPLICAÇÃO FUNCIONAL: A PROGRESSIVIDADE NO HUNSRÜCKISCH

Levando em conta as reflexões teóricas desenvolvidas sobretudo por Matras e Sakel (2007), Matras (2020) e Riehl (2019), dedica-se esta seção à análise de dados que exemplificam os mecanismos envolvidos quando recursos linguísticos de uma língua são reorganizados para replicar o modelo proveniente de outra. Essa replicação pode ser material, estrutural ou funcional.

A replicação de funções sintáticas pode ser explicada através do processo de replicação funcional (v. seção 2.7.2.4), baseado no conceito de ‘construções-réplica’ (*Replika-Konstruktionen*) proposto por Heine e Kuteva (2005) e no processo de replicação estrutural (*pattern replication*), proposto por Matras (2020). Através do mecanismo de replicação funcional, busca-se demonstrar que o falante bilíngue Hunsrückisch-português identifica uma estrutura na língua modelo, o português, e atribui função semelhante a uma estrutura presente na língua apropriadora, o Hunsrückisch.

A seguir, são apresentados os resultados da análise da possível replicação funcional da perífrase “estar + gerúndio”, do português brasileiro, no Hunsrückisch, através da realização da progressividade nessa variedade dialetal da língua alemã. Além disso, pretende-se proporcionar um panorama das construções mais utilizadas pelos falantes de Hunsrückisch contemporâneo no Brasil, para a realização da progressividade: o *am*-progressivo, o *Präsens* (presente do indicativo) e o *tun*-progressivo, argumentando a favor da hipótese de que o uso mais frequente do *am*- e do *tun*-progressivo tem, entre suas motivações, o contato linguístico com o português local, bem como a situação de bilinguismo decorrente desse contato e a consequente necessidade dos falantes de replicar as funções da perífrase “estar + gerúndio”, no Hunsrückisch, caracterizando assim um processo tradutório por replicação funcional.

Para verificar essa hipótese, parte-se da análise do uso atual do *Präsens*, do *tun*-progressivo e do *am*-progressivo por falantes de Hunsrückisch, bem como da análise do uso dessas construções em cartas pessoais escritas por imigrantes alemães e seus descendentes nos séculos XIX e XX, a partir de dados orais do projeto ALMA-H e do acervo de cartas escritas por imigrantes alemães e seus descendentes entre os séculos XIX e XX que compõem o subprojeto ALMA-Histórico. Além disso, realizou-se um

levantamento aleatório de traduções feitas por falantes da região francônio-renana, na qual o questionário enviado por Wenker, descrito no capítulo anterior, foi preenchido.

A análise enfoca as construções com o auxiliar *tun* – que, como verbo pleno, encerra normalmente o sentido de ‘fazer’ – e com *am + Infinitiv* [*am* + infinitivo]. Vale destacar que essas construções representam, juntamente com o *Präsens* [presente do indicativo], as estruturas eleitas pelos falantes de Hunsrückisch no momento de replicar a função da perífrase gerundiva do português na sua variedade dialetal da língua alemã. Embora, assim como no inglês e no português, a progressividade se faça presente em outros tempos verbais, também no alemão e no Hunsrückisch, leva-se em conta, nesta seção, apenas o tempo presente, pois os dados orais analisados estão nesse tempo verbal.

Para os fins desta análise, a progressividade é considerada como a expressão de uma situação (ação ou evento) que é descrita como estando em curso, ou seja, o desenrolar de uma situação no momento de referência – quer se trate ou não de uma situação que se estende por um período mais longo ou que é recorrente (cf. Riehl, 2018). Nesse conceito, pretende-se compreender, assim, a realização iterativa e habitual, cuja distinção nem sempre é evidente, visto que podem ser percebidas como um *continuum* entre uma atividade consciente e intencional (iteratividade) e inconsciente e automática (habitualidade) (Travaglia, 2016). Comrie (1976) observa que a progressividade não é incompatível com a habitualidade, uma vez que uma determinada situação pode ser vista tanto como habitual quanto como progressiva, ou seja, “cada ocorrência individual da situação é apresentada como sendo progressiva, e a soma total de todas essas ocorrências é apresentada como sendo habitual” (Comrie, 1976, p. 33).

No português, a perífrase formada pela construção “estar + gerúndio” tem como característica principal a realização da progressividade, isto é, a função de veicular o desenrolar de uma situação no momento de referência. A produtividade dessa perífrase no português brasileiro é um dos fatores essenciais para a análise apresentada a seguir. Tal produtividade se mostra em constante expansão, como se pode perceber, por exemplo, através do seu uso com verbos estativos, como ‘saber’ e ‘poder’ (Bertinetto, 2008).

Assim como no alemão, também no português é possível expressar o desenrolar de uma situação através do presente do indicativo. No entanto, os falantes preferem marcar esse aspecto através da perífrase “estar + gerúndio”, pois a frase no presente do indicativo tende a ser interpretada apenas como habitual, caso em que o sentido de

progressividade praticamente se anula (Travaglia, 2016). Dessa forma, enquanto a habitualidade pode ser expressa através do tempo presente, a expressão da progressividade torna-se ambígua quando realizada através desse tempo (Bertinetto; Ebert; De Groot, 2000).

Nesse sentido, pode-se explicar a maior ocorrência da marcação da progressividade, através das construções com o auxiliar *tun* e com *am + Infinitiv* no Hunsrückisch, através da influência de “estar + gerúndio”, uma vez que, em situações de contato linguístico, por meio do mecanismo de replicação funcional, as estruturas de uma língua podem influenciar as estruturas de outra, levando à ampliação das funções de determinadas estruturas de uma língua, inspirada no modelo de outra. Percebe-se, assim, a busca dos falantes para estabelecer relações de equivalência entre as variedades linguísticas em contato (Thomason; Kaufman, 1988; Van Coetsem, 1988, 2000), o que, como se propõe nesta tese, pode ocorrer por processos tradutórios realizados pelos falantes através das conexões e comparações que realizam entre suas diferentes línguas (Falla-Wood, 2018), com o objetivo de compreender ou produzir mensagens que **traduzam** os diferentes matizes do novo meio.

O alemão *standard* não exige o uso de um marcador gramatical para expressar progressividade, ainda que existam maneiras de fazê-lo. No alemão *standard*, a progressividade é geralmente implícita ou expressa lexicalmente através de um modificador adverbial como *gerade* [agora, neste momento] ou *jetzt* [agora] (Flick; Kuhmichel, 2013; Riehl, 2018).

Adiante, discute-se a realização da progressividade no Hunsrückisch falado atualmente no Brasil através das três variantes – com uso do *Präsens*, do *am*-progressivo e do *tun*-progressivo. Embora existam outras formas progressivas em variedades dialetais de língua alemã, como *beim*-progressivo: *sein + beim + V_{Inf}*: *Er ist beim Arbeiten* [Ele está trabalhando] (cf. Emmel, 2005), e *dabei zu*-progressivo: *sein + dabei + etwas + zu + V_{Inf}*: *Der älteste der Jungen war dabei, die Maschine zu betreiben* [O menino mais velho estava operando a máquina] (cf. Van Pottelberge, 2004), elas não são tratadas nesta tese.

Como já mencionado, pretende-se verificar a hipótese de que o uso mais frequente das construções com o auxiliar *tun* e com *am + Infinitiv* no Hunsrückisch falado atualmente no Brasil – na função de marcadores da progressividade – tem, entre suas

motivações, o contato linguístico com o português local, bem como a situação de bilinguismo decorrente desse contato e a necessidade dos falantes de replicar, na sua língua, as funções da perífrase “estar + gerúndio”.

Para a identificação do uso atual que falantes de Hunsrückisch fazem das construções com o auxiliar *tun*, com *am + Infinitiv* e com o *Präsens*, na função de progressividade, foram analisadas as traduções propostas por falantes dessa variedade linguística para a primeira parte da frase “Ainda está chovendo, é melhor levar um guarda-chuva” (CgramII_07), que integra a seção CgramII do questionário do ALMA-H.

Considera-se que os dados orais analisados – que representam o uso atual do Hunsrückisch –, ainda que em termos quantitativos não sejam tão expressivos, possibilitam uma boa perspectiva em relação à resposta de diferentes falantes a um mesmo estímulo: a tradução da primeira parte da frase “Ainda está chovendo, é melhor levar um guarda-chuva” (CgramII_07). Além disso, esses resultados são comparados aos resultados de outros estudos, como os de Emmel (2005), Maselko (2013) e Gärtner (2017), detalhados adiante.

Para a análise dos usos das construções formadas com o *Präsens*, com o auxiliar *tun* e com *am + Infinitiv* nos séculos XIX e XX, partiu-se de dados escritos do ALMA-Histórico,¹⁰¹ mais precisamente do acervo de cerca de mil cartas privadas, escritas em comunidades de língua alemã em diferentes períodos históricos desde 1824, quando se iniciou a imigração no sul do Brasil (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018; Steffen, 2016). Após a transliteração das cartas, procedeu-se à identificação e análise das ocorrências das construções com o *Präsens*, com o auxiliar *tun* e com *am + Infinitiv* para determinar sua função e sua produtividade no *corpus* em questão, como será demonstrado em seguida.

Para comparar os resultados obtidos com aqueles da matriz de origem em período próximo à época da emigração para o Brasil, tomou-se por base a análise de uma amostra de dados que compõem o atlas de Wenker, referentes à forma como os falantes da região do Hunsrück reproduzem a frase de Wenker nº 24: *Als wir gestern Abend zurück kamen, da lagen die Andern schon zu Bett und waren fest am schlafen.* / Quando voltamos ontem à noite, os outros já estavam na cama, dormindo profundamente.

¹⁰¹ Um total de 82 cartas do acervo foram publicadas, em 2018, no livro *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*, organizado por Cléo Altenhofen, Joachim Steffen e Harald Thun.

A hipótese apresentada nesta seção apoia-se ainda em estudos como os de Emmel (2005), Maselko (2013) e Gärtner (2017). Emmel (2005) enfoca, em sua pesquisa, a realização progressiva na variedade dialetal do alemão falado em Pomerode, Santa Catarina. Embora o enfoque de sua pesquisa seja a formação do progressivo com a partícula *bei(m)*, a autora dedica uma seção ao *tun* perifrástico como marcador de progressividade também presente na variedade linguística falada em Pomerode. Em comparação com os estudos de Langer (2001) e Schwarz (2004), cujos resultados apontam para a não ocorrência de *tun* como marcador de progressividade em variedades do alemão europeu, Emmel (2005) assinala “a reiterada aparição do *tun*, como **solução de tradução** de contextos progressivos dados no input [...]” (Emmel, 2005, p. 225 – grifos nossos), afirmando que o *tun* perifrástico foi utilizado por alguns falantes nos mesmos contextos em que outros falantes utilizaram a construção com *bei(m)*. Por exemplo, ao solicitar que um falante explicasse qual seria a diferença entre (i) “João lê jornal” e (ii) “João está lendo jornal”, obteve como resposta para (i): *der João liest jornal*, e para (ii): *der tut diesen Moment lesen* (Emmel, 2005, p. 226).

Maselko (2013), em sua pesquisa sobre o sistema modo-temporal do Hunsrückisch riograndense, traz uma seção sobre o aspecto progressivo e observa que tanto o *am*-progressivo quanto o *tun*-progressivo são utilizados com destaque no Hunsrückisch para especificar mais detalhadamente eventos que estão em curso. Em seus dados, o *Präsens* aparece com menos frequência: “[e]m comparação com essas duas construções, a utilização do *Präsens* simples é claramente inferior” (Maselko, 2013, p. 111),¹⁰² e conclui que, “no sistema gramatical do Hunsrückisch riograndense, a construção progressiva é considerada correta e, portanto, arquetípica para descrever o curso de um processo” (Maselko, 2013, p. 149).¹⁰³

Também Gärtner (2017), em estudo sobre a aprendizagem de alemão *standard* por jovens falantes de Hunsrückisch, verifica a alta frequência do uso de *am* + *infinitiv* por esse grupo de falantes como forma substituta do “gerúndio ou alguma outra forma com o mesmo significado” (2017, p. 38), ressaltando que os estudantes fazem uso dessa construção tanto na oralidade quanto em textos escritos. Gärtner (2017) esclarece que a alta frequência do uso de *am* + *Infinitiv* pelos estudantes, na replicação do gerúndio,

¹⁰² Do alemão: “Im Vergleich zu diesen beiden Konstruktionen ist der Gebrauch des einfachen Präsens eindeutig niedriger.“

¹⁰³ Do alemão: “im Grammatiksystem des Hunsrückischen [gilt] die Progressivkonstruktion als richtig und somit archetypisch für die Beschreibung des Prozessverlaufs.“

deixa-se explicar por se tratar de uma construção bastante utilizada na comunicação oral em Hunsrückisch, fazendo com que os falantes a percebam como adequada também no alemão *standard*: (i) *Nur dann merkte sie, dass sie am schlaffen war* [Só então percebeu que ela estava dormindo], (ii) *Zwei Studenten sind ein kleines Wohnungsplatz am suchen* [Dois estudantes estão procurando um pequeno apartamento] (Gärtner, 2017, p. 39).

Nas seções seguintes, serão apresentadas a descrição e análise das ocorrências das construções com o auxiliar *tun*, com *am* + *Infinitiv* e com o *Präsens* para determinar sua função e sua produtividade no *corpus*.

4.1.1 “Ainda está chovendo”: análise nos dados do ALMA-H

Para verificar a hipótese de que a realização da progressividade no Hunsrückisch falado atualmente no Brasil pode ser motivada pelo contato linguístico com o português local, pela situação de bilinguismo decorrente desse contato e pela possível influência da perífrase formada por “estar + gerúndio”, caracterizando um processo tradutório por replicação funcional (v. seção 2.7.2.4) – levaram-se em conta, conforme já se colocou, as traduções da parte inicial da frase “Ainda está chovendo, é melhor levar um guarda-chuva” para o Hunsrückisch, ou seja, as traduções propostas pelos falantes para “Ainda está chovendo”. Realizou-se, então, um levantamento de quantas traduções foram feitas com a utilização do *Präsens* – *es regnet* –, do *tun*-progressivo – *es tut regnen* –, ou do *am*-progressivo – *es ist am regnen*. Nesse levantamento, foram contabilizadas apenas as respostas espontâneas dos falantes.

No total, foram propostas 231 soluções tradutórias. Destas, registraram-se 65 ocorrências de *es regnet*, 54 ocorrências de *es tut regnen* e 112 ocorrências de *es ist am regnen*. Além disso, fez-se uma análise da utilização de modificadores adverbiais junto às construções mencionadas acima e realizou-se a distribuição das ocorrências por grupos de falantes (GI = 18 a 36 anos e GII = acima de 50 anos), a fim de identificar possíveis diferenças na realização da progressividade entre esses dois grupos geracionais. Essa distribuição será abordada em detalhes na seção 4.1.4, na qual serão discutidos os resultados deste estudo.

A tabela a seguir apresenta um panorama geral das formas utilizadas para a expressão da progressividade no Hunsrückisch e sua distribuição nos dados orais do ALMA-H.

Tabela 3: Formas progressivas no Hunsrückisch nos dados orais do ALMA-H

Construção progressiva	Forma	Realização	Distribuição
Präsens		<i>Es regnet</i>	65 (28,1%)
<i>am</i> -progressivo	<i>sein + am + V_{Inf}</i>	<i>Es ist am regnen</i>	112 (48,5%)
<i>tun</i> -progressivo	<i>tun + V_{Inf}</i>	<i>Es tut regnen</i>	54 (23,4%)

Fonte: elaborada pela autora.

Depois dessa breve introdução aos dados, inicia-se a análise pela construção mais utilizada pelos falantes entrevistados, o *am*-progressivo.

4.1.1.1 O *am*-progressivo

O *am*-progressivo é a forma mais utilizada na realização da progressividade nos dados orais analisados: tem-se 112 ocorrências, perfazendo 48,5% do total de traduções. O *am*-progressivo, muitas vezes, aparece acompanhado por um modificador adverbial (Flick; Kuhmichel, 2013). O advérbio que aparece com mais frequência nos dados orais apresentados neste estudo é *noch* [ainda], seguido pela locução *immer noch* [ainda] – o que se explica sobretudo pela presença do advérbio “ainda” na frase traduzida do português pelos falantes de Hunsrückisch.

Tabela 4: Realização da progressividade com o *am*-progressivo, conforme as traduções do ALMA-H

Forma	Distribuição
Es ist noch am regnen	57 (50,9%)
Es ist immer noch am regnen	52 (46,4%)
Es ist am regnen	2 (1,8%)
Es ist immer am regnen	1 (0,9%)
Total	112

Fonte: elaborada pela autora.

Os valores apresentados na tabela acima indicam, além do uso do *am*-progressivo, a frequência do uso de advérbios de intensidade em combinação com essa construção. O uso de *noch* e *immer noch*, como já mencionado, era esperado, em função do advérbio “ainda” presente na frase em português e comumente traduzido para o alemão como *noch*. Ainda assim, esse uso pode ser interpretado como uma forma suplementar de replicação funcional, o que será discutido em mais detalhes a seguir.

4.1.1.2 O *Präsens*

No alemão *standard*, a progressividade é geralmente implícita ou expressa lexicalmente através de modificadores adverbiais opcionais como *gerade* (Flick; Kuhmichel, 2013; Riehl, 2018):

Er arbeitet gerade [Ele trabalha / está trabalhando no momento] (Riehl, 2018, p. 42).

Flick e Kuhmichel observam, entretanto, que quando se faz uso de advérbios, como *gerade* e *jetzt*, não é o curso da ação ou do evento que é focado, mas sim um

momento específico no tempo, fixado pelo advérbio temporal, “semelhante a uma espécie de fotografia linguística” (Flick; Kuhmichel, 2013, p. 55).¹⁰⁴

Assim como no alemão *standard*, o *Präsens* é bastante utilizado para expressar progressividade no Hunsrückisch, aparecendo como a segunda opção mais produtiva na tradução da frase proposta. Do total de 231 traduções, 65 (28,1%) foram feitas com o *Präsens*, acompanhado de modificadores adverbiais, como ilustra a tabela abaixo:

Tabela 5: Realização da progressividade através do *Präsens*, conforme as traduções do ALMA-H

Forma	Número de ocorrências
Es regnet immer noch	32 (49,2%)
Es regnet noch	31 (47,7%)
Es regnet	2 (3,1%)
Total	65

Fonte: elaborada pela autora.

Segundo os dados apresentados na tabela 4, apenas dois informantes utilizaram a opção *es regnet*, sem o acompanhamento adverbial. Note-se que esses dois informantes pertencem à geração mais velha (GII). É interessante notar que o uso da locução *immer noch* pode funcionar como um elemento desambiguador, pois, assim como no alemão *standard*, também no Hunsrückisch o contexto se mostra essencial para a desambiguação no uso do *Präsens* com valor de progressividade.

As soluções apresentadas pelos falantes para replicar a frase do português no Hunsrückisch mostram que o *Präsens* continua sendo bastante usado na realização da progressividade.

¹⁰⁴ Do alemão: “gleich einer Art sprachlicher Momentaufnahme.”

4.1.1.3 O *tun*-progressivo

O auxiliar *tun* se destaca por sua polifuncionalidade (Elspaß, 2005; Fischer, 2013). Elspaß e Fischer enfatizam, entre suas funções: a topicalização verbal, a formação do subjuntivo e a reprodução do discurso indireto; a marcação do aspecto cursivo e habitual:¹⁰⁵

Verspreche tut e viel, awer es is keh Verlaß uffn • [Ele promete muito, mas não se pode contar com ele] (topicalização verbal)

tütse mer net kinne e paar Mark Gald borng? • [Não poderia me emprestar algum dinheiro?] (formação do subjuntivo).

ihr werdets euch wohl nicht gedacht haben daß ich Waschen thu aber in Amerika darf man sich nicht schämen wenn mann arbeitet, wenn mann in Amerika nicht arbeitet u. nicht spart u. so hatt man auch nichts • [Vocês provavelmente não pensavam que eu estaria lavando roupa, mas na América você não pode se envergonhar de trabalhar, na América se você não trabalha e não economiza não tem nada] (aspecto habitual).

Euren Brief habe ich den 30 Oktober Abens richtig erhalten aber ich habe nicht zu Nacht könne Essen vor Freude, und daraus ersehen daß Ihr noch Alle recht Gesund seid welches mich von Herzen freuen thut • [Recebi sua carta na noite de 30 de outubro. Nem pude comer à noite de tanta alegria, e vejo que todos vocês continuam com muita saúde, o que me deixa muito feliz. (aspecto cursivo).

Maselko (2013) argumenta que a construção com o auxiliar *tun* é usada com mais frequência na realização da habitualidade. Também Ebert (2000) faz observação semelhante ao referir-se ao uso da construção com o auxiliar *tun* no alemão *standard*. Para a presente discussão, cabe lembrar que o conceito de ‘progressividade’ inclui o de ‘habitualidade’, pois representa a expressão de uma ação ou de um evento, descrito como estando em curso, ou seja, o desenrolar de uma situação no momento de referência – independente da duração ou recorrência dessa situação.

As realizações com o *tun*-progressivo nos dados do ALMA-H são ilustradas na tabela a seguir.

¹⁰⁵ Exemplos retirados de Elspaß (2005, p. 263) e Fischer (2013, p. 139-140).

Tabela 6: Realização da progressividade através do *tun*-progressivo, conforme as traduções do ALMA-H

Forma	Número de ocorrências
Es tut immer noch regnen	38 (70,4%)
Es tut noch regnen	15 (27,8%)
Es tut regnen	1 (1,8%)
Total	54

Fonte: elaborada pela autora.

O levantamento realizado nessa etapa mostra que, em mais de 70% das traduções, os falantes optam pelo uso do *am*-progressivo (48,5%) ou do *tun*-progressivo (23,4%) para expressar a progressividade própria da perífrase “estar + gerúndio” presente na frase proposta para tradução, ainda que o *Präsens* seja bastante utilizado. Isso parece apontar para a consciência dos falantes bilíngues de que o tempo presente (*Präsens*) não cobre plenamente a função de oferecer uma perspectiva do desenrolar de uma situação no momento de referência – como também verificaram Emmel (2005) e Maselko (2013) – e da sua conseqüente tentativa de buscar uma estrutura no Hunsrückisch para replicar a função da estrutura da frase proposta em português.

A seguir, são analisadas as construções formadas com *am* + *Infinitiv*, com o auxiliar *tun* e com o *Präsens* em cartas pessoais escritas por imigrantes alemães e seus descendentes entre os séculos XIX e XX para, juntamente com os dados apresentados nesta seção, legitimar a plausibilidade da hipótese apresentada.

4.1.2 A progressividade no *corpus* de cartas do ALMA-Histórico

Como antecipado no capítulo 3, foram analisadas 190 cartas, escritas ao longo dos séculos XIX e XX. Nestas, na função de progressividade, foram encontradas 6 ocorrências de construções com o auxiliar *tun*, 10 ocorrências de construções com *am* + *Infinitiv* e 68 ocorrências com o *Präsens*. A maior parte das ocorrências com o *am*- e o *tun*-progressivo ocorreram já no século XX.

4.1.2.1 Análise das ocorrências com o *tun*-progressivo

Como previamente discutido, as perífrases com o auxiliar *tun* se destacam por sua polifuncionalidade (Elspaß, 2005; Fischer, 2013), incluindo: formação do subjuntivo, fraseologismo, topicalização verbal. Todas essas funções são amplamente verificadas nas cartas escritas ao longo do século XIX, como mostra o exemplo a seguir, retirado de uma carta escrita por um descendente de imigrantes alemães que serviu como soldado na Guerra do Paraguai (1864-1870). Nota-se que não se trata de um escritor experiente, o que torna suas cartas ainda mais interessantes, pois oferecem uma visão sobre o estado da língua de pessoas comuns daquela época (Elspaß, 2005, 2008):

(10) *Soh Sah ich mich ge zwingen am 15 den Tach Unser Alde Dokdor Schnab aufzusugen welger ain Fürdel Stunde emd Fernd ist im Hospital mit aller mihe Langte ich Bai Schnab an we l ger Mier Soh Glaich Mittel gab und mier Sohgar Geld anbot wedas [wenn das] Mainige nicht Raigendet [reichen tät]. • [Assim, no dia 15 fui obrigado a ir consultar nosso velho médico Schnab, que se encontra a um quarto de hora de distância. No hospital, com grande dificuldade, cheguei ao Schnab, que imediatamente me medicou e até me ofereceu dinheiro se o meu não fosse suficiente] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 132).¹⁰⁶*

O *tun* perifrástico, na formação do subjuntivo, mostrou-se a ocorrência mais frequente no *corpus* analisado – 54,3% do total. Essa produtividade é igualmente atestada em outras pesquisas sobre esse fenômeno (Ebert, 2000; Elspaß, 2005; Fischer, 2013). No século XIX, uma das perífrases mais utilizadas para a marcação do discurso indireto era justamente aquela formada com o auxiliar *tun*, porém altamente estigmatizada (Elspaß, 2005). Essa produtividade de formas perifrásticas se deve, ao menos em parte, à insegurança relativa às formas pouco frequentes do subjuntivo no uso linguístico regular desses falantes. Assim, o princípio de evitar formas difíceis ou pouco conhecidas, reduzindo o esforço cognitivo, poderia ser considerado como parte do princípio da economia linguística (Elspaß, 2005; Fischer, 2013).

¹⁰⁶ Carta escrita em 3 de maio de 1866 por Carlos J. Schnell, no contexto da Guerra do Paraguai, em Santo Tomé (não Santo Tomás, como escreve), em Corrientes, Argentina, a seus parentes, nas colônias velhas do Rio Grande do Sul.

Elspaß (2005) observa ainda que, em muitas ocasiões, os autores se utilizam de certos fraseologismos para guiar seu caminho ao longo da escrita, como um recurso para atenuar a insegurança em relação ao texto escrito:

(11) *Zum Schlus wil ich Euch noch zu **wisen Tun** welge Draí Bur sche waren die aufs grigschüf kamen nemlig die desendir waren.* • [Por fim, quero contar-lhes quais foram os três jovens que foram para o navio de guerra, ou seja, aqueles que haviam desertado] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 125).¹⁰⁷

O excerto anterior ilustra a asserção de Elspaß (2005), de que esses fraseologismos ajudavam escritores menos experientes – ou “escritores populares” (*scripteurs populaires*) nas palavras de Thun (2018, p. 672) – a avançar na escrita de suas cartas.

Na realização da progressividade, o “estar em curso” de um evento ou uma ação, foram registradas 6 ocorrências com o auxiliar *tun*, distribuídas da seguinte forma no eixo da temporalidade (v. seção 3.1): uma carta escrita em 1867, no contexto da Guerra do Paraguai (1º período), 2 cartas escritas no 2º período – entre 1890 e 1940 – e 3 cartas escritas no 3º período – após 1940. O seguinte excerto traz a ocorrência registrada na carta escrita no 1º período:

(12) Der Loppes verdunerte uns jeten tag mit Bom[b]en von 68 Pfund schwär aber jetz seid (-) Neujahr **thut er** schond nicht mehr **Schüssen.** • [Loppes (Solano Lopoez) nos assaltou com bombas todos os dias, mas agora, desde o Ano Novo, ele não está mais atirando].¹⁰⁸

As outras ocorrências do uso de perífrases com o auxiliar *tun* na realização da progressividade encontram-se em cartas escritas já no século XX: 2 cartas escritas no 2º período – entre 1890 e 1940 – e 3 cartas escritas no 3º período – após 1940:

¹⁰⁷ Carta escrita em 26 de novembro de 1865 por Carlos J. Schnell, no contexto da Guerra do Paraguai, em Cachoeira do Sul - RS, a seus parentes, nas colônias velhas do Rio Grande do Sul.

¹⁰⁸ Carta escrita em 26 de janeiro de 1867 por Johannes Feiten, em Forte Cururu- PY, ao cunhado Michael Marmit, em Dois Irmãos – RS. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

(13) *Vor 14 Tage war ich die kleine Clarinda besuchen sie freut sich sehr un **thut auch gut lernen***. • [Duas semanas atrás, fui visitar a pequena Clarinda, ela está feliz e está aprendendo bastante].¹⁰⁹

(14) *Hir war es noch nicht sehr kalt, gefroren hat es noch nicht auch **Regnen tut es nicht fiel***. • [Aqui ainda não fez muito frio, ainda não congelou e também não está chovendo muito].¹¹⁰

(15) ***Regnen tuts jetzt oft, aber nicht sehr viel***. • [Tem chovido / Está chovendo com frequência no momento, mas não muito] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 293-294).¹¹¹

(16) *Hier **tut es fiel Regnen**. unsere Strasse wirt Asfaltirt*. • [Aqui está chovendo muito. Nossa estrada vai ser asfaltada].¹¹²

(17) *Hir ist es schon lange trocken. Sodas **die Gurken und sonstiges Gemüse aptroknen tut***. • [Aqui já está seco há tempos. De modo que os pepinos e as outras verduras estão ressecando].¹¹³

Os excertos (14) e (15) ilustram uma das funções mais frequentes do *tun* perifrástico: a topicalização do verbo principal. Contudo, ao traduzi-los para o português, é possível fazê-lo através de uma perífrase gerundiva, o que permite incluir esses excertos em nosso inventário de realizações progressivas. Também seria possível, nesses e em outros excertos, traduzir para o português o *tun*-perifrástico, bem como o *Präsens*, com o uso da construção ‘ter + particípio’: “Tem chovido com frequência [...]” / “Não tem chovido muito [...]”. Segundo autores como Castilho (2000) e Travaglia (2016), a perífrase formada por ‘ter + particípio’ pode ser usada para expressar a continuidade, ou seja, a progressividade de uma ação. Nos casos apresentados nesta tese, optou-se pela perífrase formada com “estar + gerúndio” por ser esta a principal forma da realização da progressividade no português e o objeto de estudo desta seção.

¹⁰⁹ Carta escrita em 17 de outubro de 1921 por Ida, em Entropellado – RS, ao irmão Paul, em São Leopoldo. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹¹⁰ Carta escrita em 6 de julho de 1947 por Clementina Stein, em Cachoeira – RS, à irmã Anna. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹¹¹ Carta escrita em 4 de janeiro de 1948 por Aloysio e Alwine Bruch, em Linha Lajú, Mondaí – SC, a Henrique Petry, em Linha Nova – RS.

¹¹² Carta escrita em 2 de setembro de 1986 por Leopold H., em São Cristóvão, a Ida Werner. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹¹³ Carta escrita em 17 de novembro de 1986 pelo pai, em Capanema – PR, à filha Ely e aos netos. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

4.1.2.2 Análise das ocorrências com o *am*-progressivo

Nas cartas analisadas, o *am*-progressivo ocorre em nove cartas, todas elas escritas a partir da segunda década do século XX. Seis dessas cartas foram escritas no 2º período – entre 1890 e 1940 – e três, no 3º período – após 1940:

(18) *Papa ist am Kafémahlen die Alma in der Handarbeitstunde und ich mus heute Nachmittag Brot backen.* • [O papa está moendo café, a Alma está nos trabalhos manuais, e eu hoje à tarde preciso fazer pão].¹¹⁴

(19) *Die Olg[a] ist fleisig am Nähen u. ich am Klavier üben, u am Nam[o]jrenen.* • [A Olg[a] está costurando com afinco, e eu estou praticando o piano e namorando] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 209).¹¹⁵

(20) *Die Sälina von Antonio Renz ist am sterben sie hat Operation am Köpfchen gemacht jetzt hat sie Krämpfe.* • [A Sälina do Antonio Renz está morrendo. Ela fez uma cirurgia na cabecinha e agora tem tido convulsões].¹¹⁶

(21) *Was macht denn die Annita Ruschel ist sie noch zimmlich am hinterherlaufen?* • [O que a Annita Ruschel anda fazendo, ela ainda está meio correndo atrás?].¹¹⁷

(22) *Jetzt bin ich am Walt hauen für Milhe.* • [Agora estou derrubando a floresta para [plantar] milho].¹¹⁸

(23) *Der liebe Gott Lohne es ihm die Schule hat nicht 's gekostet wäre ein Junge nur mal gesehen worden am rauchen, [unötig?] Geld ausgeben u. was [nichts?]* • [O bom Deus lhe recompensa, a escola não custava nada. Se um menino fosse visto fumando, gastando dinheiro [desnecessariamente?] e tudo mais].¹¹⁹

(24) *Der Aloÿsio ist am zackern, die kinder und ich wollen hacken, Loni und Hedi wissen nichts besonderes zu schreilen [schreiben] weil ich so viel geschriben hab.* • [O Aloÿsio está lavrando, eu e as crianças queremos cortar lenha, Loni e Heidi não têm nada especial para contar porque eu escrevi tanto] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 313).¹²⁰

¹¹⁴ Carta escrita em 31 de julho de 1919 por Sra. Schneider, em Estrela – RS, à filha Elvira, em Porto Alegre – RS. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹¹⁵ Carta escrita em setembro de 1919 por Meda Schneider, em Estrela – RS, a sua prima Elvira Schneider, em Porto Alegre – RS.

¹¹⁶ Carta escrita em 2 de fevereiro de 1920 por Alma Schneider, em Estrela – RS, à irmã Elvira Schneider, em Porto Alegre. No final da carta, Alma acrescenta a informação de que Sälina faleceu: “Das Kind von Antonio Renz ist schon gestorben” [A filha do Antonio Renz já faleceu]. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹¹⁷ Carta escrita em 20 de outubro de 1922 por Alma Schneider, em Porto Alegre, à irmã Elvira. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹¹⁸ Carta escrita em 8 de setembro de 1926 por Pedro Willibaldo Steffens, em Linha Bonita – RS, a Balduvin Steffens. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹¹⁹ Carta escrita em 9 de julho de 1927 pela mãe, em Santa Maria – SC, ao filho Alfons, de São Pedro de Alcântara – SC. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹²⁰ Carta escrita em 19 de novembro de 1963 por Aloÿsio e Alwine Bruch, em Linha Lajú – SC, a Henrique Petry, em Linha Nova – RS.

(25) *unsere Strasse wirt asphaltirt. [...] Sogar die Strase nach Midianeira sent sie am asphaltiren. Die Preise von Terenos sent am steigen.* [Nossa rua vai ser asfaltada. [...]. • [Eles estão asfaltando até a estrada para Medianeira. Os preços dos terrenos estão subindo].¹²¹

(26) *Die Tage hat sie mehrere Prüfungen zu machen und ist immer am lernen.* • [Durante esses dias ela tem quantidade de exames e está sempre estudando].¹²²

Assim, a favor da hipótese de que a progressividade expressa no português através da perífrase “estar + gerúndio” influencia a maior frequência do *am*-progressivo no Hunsrückisch, representando um processo tradutório por replicação funcional, está o fato de que todas as ocorrências registradas realizaram-se a partir da segunda década do século XX, ou seja, cerca de 100 anos após a primeira grande onda imigratória de falantes de variedades de língua alemã no Brasil. Além disso, como mencionado anteriormente, é importante lembrar da proibição do uso e do ensino do alemão *standard* imposta pela campanha de nacionalização do governo Vargas a partir de 1938, que teve por consequência a substituição da língua-teto [*Dachsprachenwechsel*] em favor do português (Altenhofen, 2016, 2019). Tal situação provocou o distanciamento cada vez maior do Hunsrückisch em relação às normas do alemão *standard*, substituído pelo português como língua de referência em situações formais entre os falantes de Hunsrückisch, ou seja, os falantes de Hunsrückisch perderam o contato formal com a variedade *standard* do alemão, ficando sujeitos às normas da língua portuguesa como língua-teto.

O excerto a seguir, também escrito nos anos 20 do século XX, não foi incluído na relação das amostras da perífrase com a construção *am* + *Infinitiv*:

(27) *Jetzt bin ich fleisig an der Arbeit Bohnen und Kartoffel hab ich geflanzt.* • [Agora estou trabalhando com afinco. Plantei feijão e batata].¹²³

¹²¹ Carta escrita em 20 de setembro de 1986 pelos avós, em São Cristóvão, a Eliane Wilker. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹²² Carta escrita em 21 de março de 1992 por Anna Isernhagen, em Toledo – PR, a Walter e Maria Isernhagen, em Porto dos Gaúchos – MT. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹²³ Carta escrita em 8 de setembro de 1926 por Pedro Willibaldo Steffens, em Linha Bonita – RS, a Balduvin Steffens. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

Porém, talvez se trate de uma forma de expressar progressividade, aliada à tentativa de aproximar a construção do alemão *standard* [*verhochdeutschen*], como comenta Elspaß (2005) ao apresentar o seguinte caso:

Wir sind jetzt an der Baumwolle zu bearbeiten, und können den Herbst schon einen schönen Ertrag ernten. • [Agora estamos trabalhando no algodão, e já podemos colher uma boa safra no outono] (Elspaß, 2005. p. 269).

A análise das cartas aponta para um uso incipiente, se houver, do *am*-progressivo pelos falantes de Hunsrückisch no século XIX, visto que as primeiras ocorrências dessa função foram registradas cerca de 100 anos após a primeira grande onda imigratória de alemães no Brasil.

4.1.2.3 Análise das ocorrências com o *Präsens*

Na variedade *standard* do alemão, a progressividade é geralmente implícita ou expressa lexicalmente através de modificadores adverbiais como *gerade* (Flick; Kuhmichel, 2013; Riehl, 2018). Outros modificadores adverbiais encontrados com frequência são *immer*, *immer wieder*, *jetzt*, como se pode observar nas seguintes ocorrências do *Präsens* com valor de progressividade nas cartas analisadas:

(28) *Es regnet hier ziemlich viel jetztzeit, es haben die wenigsten Leute schon viel Milho geerntet.* • [Está chovendo muito aqui atualmente, são poucas as pessoas que já colheram bastante milho].¹²⁴

(29) *Es regnet immer wieder, vor fast 14 Tage war hir eine Überschwämmung wie noch nie, es hat sehr viel Schaden gemacht.* • [Está chovendo sem parar. Há 14 dias, tivemos uma enchente como nunca, fez muitos estragos].¹²⁵

¹²⁴ Carta escrita em 2 de junho de 1950 pela família Bruch, em Porto Feliz, aos pais e irmãos. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹²⁵ Carta escrita em 19 de novembro de 1963 por Erica Petry, em Lajú Mondai – SC, a seu sogro, sua cunhada e seu cunhado. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

(30) *Aber **jetzt regnet** es leider zu viel, faßt jeden Tag, und faßt immer schwere Gewitterungen.* • [Mas agora, infelizmente, está chovendo demais, quase todos os dias, e quase sempre com fortes tempestades].¹²⁶

(31) *Deinen Brief haben wir gestern erhalten u. daraus ersehen das Du noch munter, und auf einen Ball gewesen bist, und freuen uns das **Du Dich amüsierst.*** • [Recebemos tua carta ontem e vimos que continuas bem disposta e que foste a um baile, e ficamos felizes que estejas te divertindo].¹²⁷

(32) *Heute **endlich schicke ich Ihre bestellung** was recht lange gedauert hat, erst vor acht Tagen habe ich die Seide erhalten.* • [Hoje estou finalmente enviando seu pedido, que demorou bastante, pois só recebi a seda há oito dias].¹²⁸

(33) *Gerade kommt der Karl angefahren und dann werden wir einen Chimarrão trinken.* • [O Karl está chegando neste momento e logo vamos tomar um chimarrão].¹²⁹

É interessante notar quantos excertos referem-se justamente à chuva – compreensível, dada a importância das condições climáticas para a agricultura, que representa um pilar fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento das comunidades teuto-brasileiras e que se estende desde o início do processo imigratório até o século XX, como ilustram os excertos acima. O excesso de chuva ou a falta dela impactam a plantação e a colheita e são temas constantes nas cartas analisadas.

Embora o *Präsens* seja certamente bastante comum nas variedades de língua alemã, os tempos verbais que se destacam nas cartas são aqueles que fazem referência ao passado, pois os autores estão dando notícias do que ocorreu anteriormente: quem chegou, quem casou, quem morreu, o que se plantou e se colheu. Isso explica também a ocorrência do *Präsens* na realização da progressividade, uma vez que, além de fatos passados, os autores fazem, com frequência, referência a suas atividades diárias – em curso ou habituais. Assim, o *Präsens* se apresenta como a forma de realização da progressividade mais utilizada nesse tipo de dado, representado pelas cartas analisadas.

¹²⁶ Carta escrita em 20 de março de 1949 por J.J. Fröhlich, em São Carlos – SC, à sua mãe e irmã. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹²⁷ Carta escrita em 9 de agosto de 1919 por mama (provavelmente sra. Schneider), em Estrela - RS, à filha Elvira. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

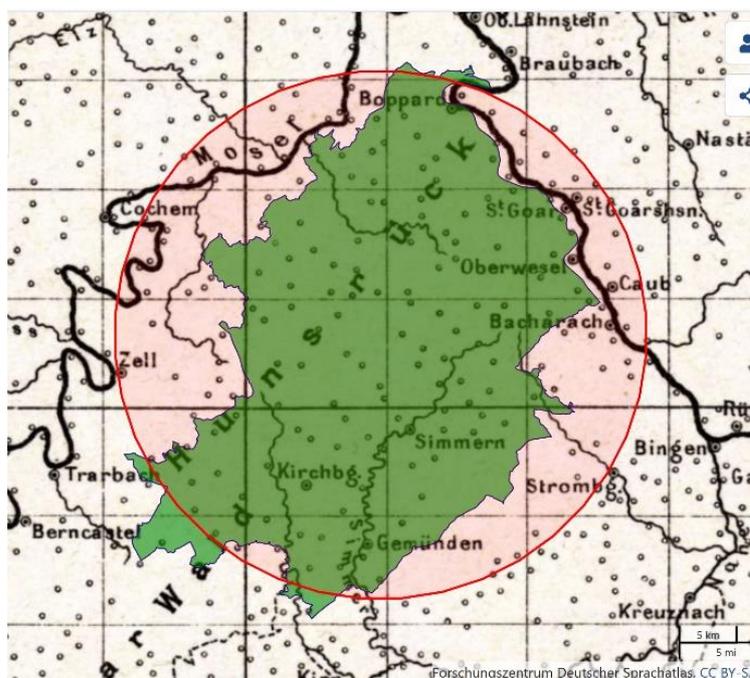
¹²⁸ Carta escrita em 17 de abril de 1940 por Carolina Nabinger, em Estância Velha, a Anna. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹²⁹ Carta escrita em janeiro e fevereiro de 1998 por Anna Isernhagen, em Toledo – PR, a Walter e Maria Isernhagen, em Porto dos Gaúchos – MT. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

4.1.3 “und waren fest am schlafen” (frase de Wenker nº 24): comparação com dados da matriz de origem

Na área selecionada (figura 12), no entorno da matriz de origem do Hunsrück, foram relacionados 140 formulários, dos quais se analisou a tradução da frase de *Wenker* nº 24 do alemão *standard* para a variedade local: *Als wir gestern Abend zurück kamen, da lagen die Andern schon zu Bett und waren fest am schlafen* / Quando voltamos ontem à noite, os outros já estavam na cama, dormindo profundamente.

Figura 12: Área no entorno do Hunsrück, selecionada para a análise da frase de Wenker nº 24



Fonte: elaborado pela autora, com base nas ferramentas do projeto REDE-SprachGIS

A figura anterior delimita, em verde, a região do Hunsrück e, em vermelho, a seleção feita para gerar uma amostra aleatória de respostas à frase *Als wir gestern abend zurück kamen, da lagen die anderen schon im Bett und waren fest am schlafen* [Quando voltamos ontem à noite, os outros já estavam na cama, dormindo profundamente], do questionário de Wenker, a partir de dados do Atlas de Wenker (DiWA).

O levantamento realizado para esta pesquisa foi baseado em uma amostra de pontos da região do Hunsrück, nos quais o questionário enviado por Wenker foi preenchido, conforme a figura 12. Na área selecionada, foram relacionados 140 formulários, dos quais se analisou a tradução realizada para a frase de Wenker nº 24. Na tabela a seguir, apresenta-se a tradução registrada para a construção *am + Infinitiv* presente na frase de partida.

Tabela 7: Variantes registradas para a construção *am + Infinitiv* na frase de Wenker nº 24

	Localidade	Variante registrada	Número do arquivo
1	Alterkülz	Am schlofe	Wenkerbogen 10098
2	Altlay	Im schlafen	Wenkerbogen 15323
3	Altstrimmig	Um geschlof	Wenkerbogen 10247
4	Altweidelbach	Hon fest geschlof	Wenkerbogen 15342
5	Argenthal	Ware fest imgeschlof	Wenkerbogen 15347
6	Bacharach	Am schlofe	Wenkerbogen 10124
7	Bad-Kreuznach	Hon fest geschlof	Wenkerbogen 15209
8	Badenhard	Am schlofe	Wenkerbogen 10275
9	Bärenbach	Waren fest ingeschlof	Wenkerbogen 15328
10	Basselscheid	Am schlofe	Wenkerbogen 10265
11	Bell	Am schlofe	Wenkerbogen 10093
12	Beltheim	Am schlofe	Wenkerbogen 10258
13	Beulich	hon geschlof	Wenkerbogen 10442
14	Bickenbach	Eingeschlof	Wenkerbogen 10269
15	Biebern	Fest imgeschlof	Wenkerbogen 15333
16	Biebernheim	Am schlofe	Wenkerbogen 10277
17	Blankenrath	Am schlofe	Wenkerbogen 10085
18	Braunshorn	Im Schlof	Wenkerbogen 10272
19	Breitscheid	Am schlofe	Wenkerbogen 10121
20	Bubach	Hon geschloof	Wenkerbogen 10104
21	Buch	Am schloofe	Wenkerbogen 10092
22	Budenbach	Am schlofe	Wenkerbogen 10112
23	Damscheid	Om schlofe	Wenkerbogen 10289
24	Dellhofen	Am schlofe	Wenkerbogen 10293
25	Dichtelbach	hon geschlof	Wenkerbogen 10129
26	Dickenschied	im schlofe	Wenkerbogen 15155
27	Dill	am schlofe	Wenkerbogen 15153
28	Dommershausen	am schlofe	Wenkerbogen 10250
29	Dörrebach	schlofe fescht	Wenkerbogen 15352
30	Dörscheid	am schlofe	Wenkerbogen 10292
31	Dörth	hon schon fest geschlofe	Wenkerbogen 10266
32	Ebschied	hon feßt geschlof	Wenkerbogen 10103
33	Ellern	honn schon fescht geschlof	Wenkerbogen 15349
34	Erbach	waren fescht imgeschlof	Wenkerbogen 10127
35	Gau Algesheim	fest ingeschlof	Wenkerbogen 15383
36	Gaulsheim	hän fescht geschlof	Wenkerbogen 15377
37	Gehweiler	am schlofe	Wenkerbogen 15161
38	Gemünden	am schlofe	Wenkerbogen 15162
39	Gödenroth	fest geschlof	Wenkerbogen 10263
40	Halsenbach	am schlofe	Wenkerbogen 10451
41	Hasselbach	am schlofe	Wenkerbogen 10097
42	Hausbay	am schlofe	Wenkerbogen 10273
43	Hausen	fest eng gescholf	Wenkerbogen 15157

44	Heizenbach	am schlofe	<i>Wenkerbogen 15332</i>
45	Henschhausen	am schloofe	<i>Wenkerbogen 10120</i>
46	Herschwiesen	am schlofe	<i>Wenkerbogen 10440</i>
47	Heyweiler	am schlofe	<i>Wenkerbogen 10257</i>
48	Hirschfeld	am schlofe	<i>Wenkerbogen 15149</i>
49	Hirzenach	am schlofe	<i>Wenkerbogen 10454</i>
50	Holzbach	(Satz nicht vervollständigt)	<i>Wenkerbogen 15344</i>
51	Holzfeld	hon fest geschlof	<i>Wenkerbogen 10268</i>
52	Horn	waren fest ingeschlof	<i>Wenkerbogen 10108</i>
53	Kappel / Cappel	ware fest ingeschlof	<i>Wenkerbogen 10099</i>
54	Karbach	am schlofe	<i>Wenkerbogen 10267</i>
55	Kastellaun	fäst am schlofe (traço sobre o)	<i>Wenkerbogen 10094</i>
56	Kaub / Caub	fescht am schlof	<i>Wenkerbogen 10294</i>
57	Kempton	hun fescht geschlof	<i>Wenkerbogen 15376</i>
58	Kirchberg	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15334</i>
59	Kisselbach	hoon fescht geschloof	<i>Wenkerbogen 10110</i>
60	Klosterkumbd	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10111</i>
61	Kratzenburg	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10450</i>
62	Külz	ware fest am schlofe (traço)	<i>Wenkerbogen 10102</i>
63	Kümbdchen	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15340</i>
64	Lahr	ware fest am schloofe	<i>Wenkerbogen 10253</i>
65	Langscheid	ware fest am schlafe	<i>Wenkerbogen 10119</i>
66	Laubach	ware fest am schlof	<i>Wenkerbogen 10107</i>
67	Laudert	hon schon fest geschlohf	<i>Wenkerbogen 10105</i>
68	Leideneck	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10095</i>
69	Leiningen	waren fest am schlofen	<i>Wenkerbogen 10270</i>
70	Lieg	waren fest am schlafen	<i>Wenkerbogen 10249</i>
71	Liesenfeld	wahre fest am schlofen	<i>Wenkerbogen 10264</i>
72	Liesenich	waren fest emschlofen	<i>Wenkerbogen 10245</i>
73	Lindenschied	und fest geschlof	<i>Wenkerbogen 15154</i>
74	Löffelscheid	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10089</i>
75	Lütz	han geschlof	<i>Wenkerbogen 10248</i>
76	Macken	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10441</i>
77	Mannebach	honn fest geschlof	<i>Wenkerbogen 10256</i>
78	Manubach	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10130</i>
79	Masterhausen	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10091</i>
80	Meckenbach	honn fest geschloof	<i>Wenkerbogen 15012</i>
81	Mengerschied	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15169</i>
82	Mermuth	woren fest am schloafen	<i>Wenkerbogen 10443</i>
83	Mittelstrimmig	waren fest am schlofen	<i>Wenkerbogen 10246</i>
84	Morhausen	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10438</i>
85	Mörschbach	ware fest ingeschlof	<i>Wenkerbogen 10117</i>
86	Mörsdorf	waren fest ehgeschlof	<i>Wenkerbogen 10259</i>
87	Mörz	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10260</i>
88	Moselkern	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10433</i>
89	Mutterscheid	honn fescht geschlof	<i>Wenkerbogen 15346</i>
90	Nannhausen	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15336</i>
91	Neuerkirch	un fest geschlof	<i>Wenkerbogen 10101</i>
92	Neurath	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10123</i>
93	Ney	ware fest am schloofe	<i>Wenkerbogen 10449</i>
94	Niederburg	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10290</i>
95	Nieder-Gonderhausen	hon fest geschlof	<i>Wenkerbogen 10252</i>
96	Niedersohnen	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15329</i>
97	Norath	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10271</i>
98	Ober Kostenz	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15330</i>
99	Ober-Gonderhausen	hon fest geschlof	<i>Wenkerbogen 10251</i>
100	Oberwesel	hon fescht geschlof	<i>Wenkerbogen 10291</i>
101	Ohlweiler	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15337</i>

102	Oppenhausen	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10439</i>
103	Panzweiler	ho fäßt geschlof	<i>Wenkerbogen 10088</i>
104	Perscheid	waren fescht am schlofe	<i>Wenkerbogen 10118</i>
105	Peterswald	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10087</i>
106	Pfalzfeld	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10274</i>
107	Pleizenhausen	ware fest am Schloofe	<i>Wenkerbogen 10113</i>
108	Ravengiersburg	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15339</i>
109	Rayerschied	waren fest am schlofen	<i>Wenkerbogen 10114</i>
110	Reckershausen	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15331</i>
111	Reich	waren fest ingeschlof	<i>Wenkerbogen 10100</i>
112	Reidenhausen	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10086</i>
113	Rheinböllen	un geschlof	<i>Wenkerbogen 10128</i>
114	Riegenroth	un fest geschlof	<i>Wenkerbogen 10109</i>
115	Riesweiler	un fescht geschlof	<i>Wenkerbogen 15345</i>
116	Rödelhausen	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15325</i>
117	Roth	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10262</i>
118	Sabershausen	warehn fest eingeschlof	<i>Wenkerbogen 10255</i>
119	Sankt Goar	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10278</i>
120	Schnorbach	ware fest engeschlof	<i>Wenkerbogen 15348</i>
121	Schöneberg	ware fescht ingeschlof	<i>Wenkerbogen 15357</i>
122	Seibersbach	waren fescht am schlofe	<i>Wenkerbogen 15350</i>
123	Simmern	waren fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15341</i>
124	Sosberg	woren fäst engeschlaf	<i>Wenkerbogen 10090</i>
125	Steeeg	hon fescht geschlof	<i>Wenkerbogen 10122</i>
126	Tellig	ware fest om schlofe	<i>Wenkerbogen 10084</i>
127	Tiefenbach	um fescht geschlof	<i>Wenkerbogen 15343</i>
128	Uhler	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10261</i>
129	Unzenberg	waren fest am schlafe	<i>Wenkerbogen 15335</i>
130	Urbar	un fescht geschlof	<i>Wenkerbogen 10286</i>
131	Völkenroth	ware fest ingeschlof	<i>Wenkerbogen 10096</i>
132	Wahlbach	waren fescht am schlofe	<i>Wenkerbogen 10116</i>
133	Weiler bei Bingen	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15364</i>
134	Weiler	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 10453</i>
135	Werlau	ware fest engeschlof	<i>Wenkerbogen 10276</i>
136	Wiebelsheim	ware fescht am schlofe	<i>Wenkerbogen 10106</i>
137	Wonrath	ware fest am schlofe	<i>Wenkerbogen 15338</i>
138	Würrich	un hon geschlofe	<i>Wenkerbogen 15324</i>
139	Zell	ware fest am schlafe	<i>Wenkerbogen 10083</i>
140	Zilshausen	honn geschlof	<i>Wenkerbogen 10254</i>

Fonte: elaborada pela autora, a partir de dados dos *Wenkerbogen* (formulários de Wenker), disponíveis na plataforma SprachGIS (Forschungszentrum Deutscher Sprachatlas, Univ. Marburg).

É interessante notar que a construção *am + Infinitiv* é dada na frase em alemão *standard*. Mesmo assim, das 140 frases analisadas, mais de 40% dos informantes escolheram uma forma alternativa para a tradução, substituindo a construção *am + Infinitiv* do texto de partida. Das 140 frases analisadas, uma está incompleta (*Holzbach – Wenkerbogen 15344*) e não apresenta a tradução para *am + Infinitiv*; 83 frases (59,71%) utilizam *am-* ou *om + Infinitiv*; 56 frases (40,29%) apresentam outras soluções para a tradução de *am + Infinitiv*.

Ramelli (2016) realizou a contagem de 369 formulários do mesmo questionário de Wenker, também da região do Hunsrück, com a tradução dessa mesma frase, e verificou que a construção *am + Infinitiv* foi adotada em 174 das traduções para as variedades dialetais locais, enquanto em 195 formulários outras formas foram utilizadas, ou seja, em mais de 52% dos formulários, os informantes optaram por uma construção alternativa à construção *am + Infinitiv*.

A partir desses resultados, pode-se inferir, como observa Ramelli (2016), que a construção *am + Infinitiv* era conhecida à época dos levantamentos realizados por Georg Wenker, embora não fosse, contudo, amplamente utilizada pelos informantes. Além disso, como mencionado anteriormente, a tradução das frases do alemão *standard* para a variedade dialetal local pode ter levado ao decalque sintático, ou seja, devido à proximidade entre as variedades linguísticas, uma construção já dada na variedade *standard* pode ter interferido na tradução realizada pelos falantes para a sua variedade dialetal. Assim, é possível que os respondentes do questionário tenham sido influenciados pela estrutura gramatical utilizada na língua-fonte, replicando-a, mesmo que esta não fosse necessariamente a forma local mais usual. Levando-se tal possibilidade em consideração, a porcentagem de construções alternativas a *am + Infinitiv* seria ainda maior. Vale lembrar, por fim, que as frases do questionário de Wenker não tinham como propósito principal a sintaxe, mas ofereciam, acima de tudo, dados para a descrição da variação fonética.

Na próxima seção, discute-se mais detalhadamente os resultados apresentados anteriormente em relação à realização da progressividade no Hunsrückisch.

4.1.4 A progressividade no Hunsrückisch enquanto processo tradutório

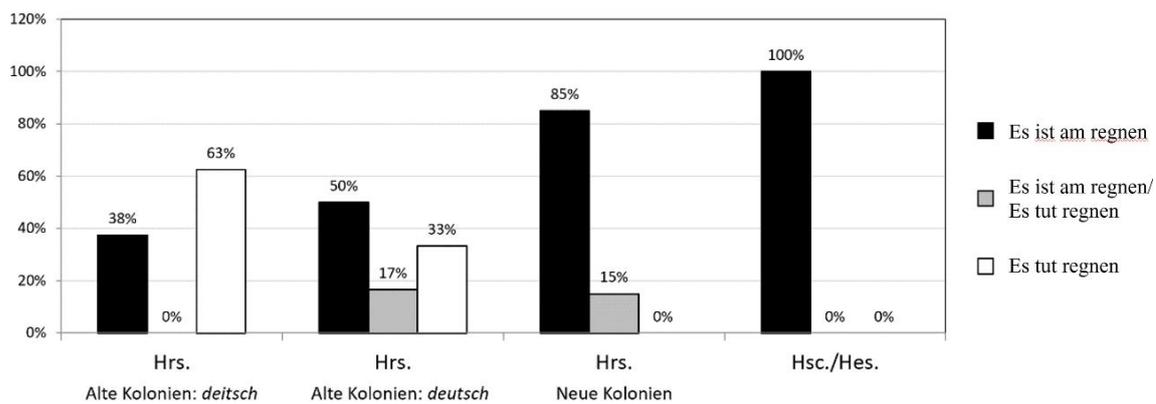
A tabela a seguir ilustra a distribuição das formas progressivas utilizadas no Hunsrückisch, incluindo a distribuição geracional, nos dados de fala do ALMA-H.

Tabela 8: Formas progressivas no Hunsrückisch nos dados orais do ALMA-H

Construção progressiva	Realização	Distribuição	GII	GI
<i>Präsens</i>	<i>Es regnet</i>	65 (28,1%)	36 (55,3%)	29 (44,7 %)
<i>am</i> -progressivo	<i>Es ist am regnen</i>	112 (48,5%)	50 (44,6 %)	62 (55,4 %)
<i>tun</i> -progressivo	<i>Es tut regnen</i>	54 (23,4%)	35 (64,8 %)	17 (35,2 %)

Fonte: elaborada pela autora.

Enquanto as realizações da progressividade no *Präsens* se distribuem de forma mais proporcional entre GII e GI, o uso do *am*-progressivo e do *tun*-progressivo apresenta diferenças mais pronunciadas: o *tun*-progressivo é mais utilizado pelos falantes mais velhos (GII) enquanto o *am*-progressivo predomina entre os falantes mais jovens (GI), sinalizando uma mudança em curso na direção de *am*-progressivo. Além disso, como ilustra o gráfico a seguir, o *tun*-progressivo ocorre com mais frequência na área das colônias velhas da área *Deutsch*, portanto dos imigrantes iniciais vindos no período entre 1824 e 1830, onde representa 63% das ocorrências. Em contrapartida, o *am*-progressivo parece ser uma variante mais recente, visto que seu uso predomina em áreas de ocupação posterior, já na área de tipo *Deutsch*, de ocupação posterior a 1850, porém com avanço considerável nas colônias novas, onde atinge 85% das ocorrências. Resumindo, também na análise diatópica e diatópico-cinética, que levam em conta as migrações e períodos de ocupação de cada microárea, observa-se, a exemplo do que ocorreu na comparação diageracional, uma mudança em curso da variante *tun*-progressivo, na área mais antiga das colônias velhas, em favor do uso do *am*-progressivo, nas áreas de ocupação posterior:

Gráfico 2: Variação das ocorrências de *Es ist am regnen/Es tut regnen* na dimensão diatópica

Fonte: Projeto ALMA-H, gráfico de frequência do mapa topotípico para a pergunta CGramII_07.

O uso do *Präsens*, embora não expresse com a mesma clareza o modelo de progressividade da construção gerundiva no português, era esperado entre falantes da geração mais velha e da classe mais escolarizada, visto que se trata da forma característica e usual do alemão *standard*, com o qual a geração mais velha apresentava maior familiaridade, principalmente devido ao acesso maior à imprensa de língua alemã, ao ensino formal em língua alemã e às atividades religiosas ainda na variedade *standard* da língua, pelo menos até os anos 70 do século XX (Altenhofen, 2016).

A alta frequência do uso do *tun*-progressivo pelos falantes da geração mais velha pode, por outro lado, ser resultado da polifuncionalidade do auxiliar *tun*, atestada já no século XIX, nas cartas analisadas. Levando em conta o processo de replicação funcional, pode-se inferir que a construção com o auxiliar *tun* passou a ser usada pelos falantes de Hunsrückisch na função de marcador da progressividade, replicando a função da perífrase “estar + gerúndio” do português através dessa estrutura previamente conhecida e já bastante presente no Hunsrückisch.

A alta frequência do *am*-progressivo é verificada também nas pesquisas de Maselko (2013) e de Gärtner (2017), tanto na geração mais velha quanto na mais jovem – nesta com ainda mais intensidade. A observação de que a construção com *am* + *Infiniv* não sofre a mesma estigmatização do que as construções com o auxiliar *tun* (Elspaß, 2005) vale provavelmente, contudo, em maior grau para a matriz de origem, na Europa. Isso pode explicar por que se estende para o novo meio, sobretudo a partir de 1850, onde seu uso se expande ainda mais para replicar a função de “estar + gerúndio”.

Nas cartas analisadas, como visto, o *Präsens*, com 68 ocorrências, mostrou-se a forma mais utilizada como “norma escrita”, para expressão da progressividade. Dessas 68 ocorrências, 13 foram registradas no período entre 1824 e 1890; 35, no período entre 1890 e 1940; 20, no período após 1940. O registro de 6 ocorrências do *tun*-progressivo e de 10 ocorrências do *am*-progressivo, apesar de menor, deve ser visto como “norma da oralidade”. Sua ingerência na escrita, mesmo que pontual, pode ser vista como uma “prova de força” em contraposição a um relativo enfraquecimento do domínio da norma escrita. Tal é corroborado pelo fato de ocorrerem apenas em cartas escritas já no século XX, portanto cerca de 100 anos após a primeira grande onda de imigrantes alemães no Brasil.

Tanto o maior uso do *tun*-progressivo quanto a alta frequência do *am*-progressivo nos dados do Hunsrückisch contemporâneo – sobretudo em comparação com a baixa frequência dessas construções nas cartas analisadas na função de marcadores da progressividade – apontam para a validação da hipótese de que a realização da progressividade no Hunsrückisch pode ser motivada pelo contato linguístico com o português local – lembrando que o contato linguístico representa um importante fator extralinguístico que pode desencadear e acelerar a mudança linguística (Nübling *et al.*, 2017). Além disso, a situação de bilinguismo decorrente desse contato, a possível influência de “estar + gerúndio” e a consequente necessidade de replicar a função dessa estrutura no Hunsrückisch podem motivar a realização da progressividade no Hunsrückisch, caracterizando assim um processo tradutório por replicação funcional.

Além da replicação funcional, outro processo tradutório analisado nesta tese é o de replicação estrutural, como ilustram os casos apresentados na próxima seção.

4.2 REPLICAÇÃO ESTRUTURAL

Como visto na seção 2.7.2.4, o processo tradutório por replicação estrutural consiste em replicar padrões estruturais de determinada construção da língua fonte na língua apropriadora. Ou seja, replica-se a organização, a distribuição e o mapeamento do sentido gramatical ou semântico de uma construção, mas não sua forma. A seguir, procura-se ilustrar como isso ocorre no Hunsrückisch através da replicação da construção *er hot 7 Johr*, que replica a construção do pt. ‘ele tem 7 anos’. Paralelamente, analisa-se também o uso da preposição *für/for*, que replica os padrões estruturais da preposição *para* do português.

4.2.1 Replicação estrutural da construção do pt. ‘Ele tem 7 anos’ no Hunsrückisch

Nas variedades de língua alemã, assim como no inglês, usa-se o verbo *ser/estar* (*sein*) para expressar a noção de idade: *er ist 7 Jahre alt*. Já no português, o uso do verbo *ter* constitui a forma mais frequente: ‘ele tem 7 anos (de idade)’. No Hunsrückisch, contudo, observa-se, como mostram os dados do ALMA-H, uma crescente replicação estrutural da construção do português, ou seja, a estrutura da construção em português, com o verbo *ter*, é replicada no Hunsrückisch com o verbo *haben* (pt. ‘ter’). Daí resulta a construção *er hot 7 Johr* (lit. ‘ele tem 7 anos’), como mostra a tradução para o Hunsrückisch da pergunta CgramII_16: ‘O menor deles se chama Pedro e recém tem 7 anos de idade’.

Nas cartas do *corpus* de análise, portanto no nível da escrituralidade, registraram-se, por outro lado, 8 ocorrências da construção com o verbo *sein* (pt. ‘ser, estar’) e nenhuma ocorrência da replicação estrutural com o verbo *haben* (pt. ‘ter’):

(34) *Unser Gustav ist erst 13 Jahr alt.* • [Nosso Gustav tem recém 13 anos de idade].¹³⁰

(35) *Kinder habe ich noch drei [...] Karl ist 15 Jahre alt Josef [...] ist 13 Jahre und Emil ist 6 Jahre.* • [Ainda tenho 3 filhos [...], Karl tem 15 anos de idade, Josef [...] tem 13 anos e Emil tem 6 anos].¹³¹

(36) *Unser Brüderchen ist nun schon 8 Tage alt es ist sehr lieb und braf.* • [Nosso irmãozinho já tem agora 8 dias de idade e é muito doce e bem-comportado].¹³²

(37) *Jetzt will ich dir sagen wie alt du bist den 30 Mai Geboren 1891 der tag Gristihimelfar.* • [Agora quero te dizer quantos anos tu tens, nasceste no dia 30 de maio de 1891, dia da Ascensão de Jesus].¹³³

(38) *Elvira ich weiß nicht ob Ihr es wißt, daß der João ein Mädchen hatt, es ist schon 7 Monate, am 8 November ist es geboren, und heißt Nelzi Ivonne.* • [Elvira, não sei se vocês já sabem que o João teve uma menina, ela já tem 7 meses, nasceu dia 8 de novembro e se chama Nelzi Ivonne].¹³⁴

(39) *Hier ist ein alter Wittmann zu meinem Bruder gekommen 64 Jahre ist er alt seine Frau ist jetzt bald ein Jahr tot dann möchte er wieder Heiraten.* • [Um viúvo visitou meu irmão. Ele tem 64 anos de idade, sua esposa morreu há quase 1 ano, e ele gostaria de se casar novamente].¹³⁵

(40) *Du hast gefragt nach mein. u. Walter seine Kinder, sie sind noch nicht groz, dem Walter sein älteste junge ist 6 Jahr. u. etwas. u. unser älteste Mädchen wurde 5 Jahr im November 1949.* • [Tu perguntaste sobre os meus filhos e os do Walter, eles ainda não são grandes, o menino mais velho do Walter tem 6 anos e alguma coisa e nossa menina mais velha fez 5 anos em novembro de 1949] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 302).¹³⁶

(41) *Die Familie ist zimlich reich und fleizig, man hängt alles an Ihr sie hat auch schon schöne grosse Kinder das Jüngste ist 10 Jahre. das Älteste 17.* • [A família é relativamente rica e trabalhadora, todos dependem muito dela. Ela já tem filhos bem grandes, o mais novo tem 10 anos e o mais velho 17].¹³⁷

¹³⁰ Carta escrita em 19 de maio de 1887 de irmão, em Horbruch – DE, para irmã e filhos em Alto Feliz – RS. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹³¹ Carta escrita em 13 de fevereiro de 1897 por Karl, em Drausendorf – DE, para pai e irmãos. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹³² Carta escrita em 11 de dezembro de 1919 por Alma Schneider, em Estrela – RS, para a irmã Elvira, em Porto Alegre – RS. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹³³ Carta escrita em 6 de agosto de 1927 por mãe aos filhos Josua e Juliana. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹³⁴ Carta escrita em 29 de junho de 1934 por Elvira, em Carazinho – RS, para a cunhada Elvira. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹³⁵ Carta escrita em 6 de setembro de 1936 por Emma Stolzenberg, em Canoas – RS, para a sobrinha Ida. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹³⁶ Carta escrita em 11 de fevereiro de 1949 por Oswino Briccius, em Linha Laju – SC, para Fridolin Petry, em Linha Nova – RS.

¹³⁷ Carta escrita em 19 de novembro de 1963 por Erica Petry, em Linha Laju – SC, para sogro e cunhados. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

Nas ocorrências identificadas nas cartas do *corpus* de análise – que compreendem os três períodos da divisão temporal proposta por Altenhofen, Steffen e Thun (2018), relembrando: **1º período** – entre 1824-1890 –, **2º período** – entre 1890-1940 – e **3º período** – após 1940 (v. seção 3.1) – ainda não se verifica o processo de replicação estrutural, como ocorre nos dados de fala do ALMA-H, nos quais esse processo aparece em franca consolidação, sobretudo na geração mais jovem.

Nos excertos a seguir, percebe-se que os falantes – independente da geração e do nível de escolaridade – têm conhecimento das duas formas e as consideram intercambiáveis. A replicação da construção com o verbo *haben* (pt. ‘ter’) – *er hat 7 Jahre* – está já tão inserida no Hunsrückisch que os falantes – principalmente, mas não exclusivamente da geração mais jovem (GI) – percebem-na como própria da sua língua.

RS02 – CaGI

- m1- *der kleenschte heisst Peter und hot äscht 7, isch äscht 7 Joher alt.* • [o menor se chama Pedro e tem recém 7, é/está (com) 7 anos de idade]
- f1- *der kleenschste ore der jingschte* • [o menor ou o mais novo]
- m1- *der kleenschte ore der jingschte, é, os dois* • [o menor ou o mais novo, é, os dois]

I- E recém tem 7 anos de idade

- m1- *unn hat äscht* • [e recém tem]
- f1- *isch äscht 7, is äscht ore hot äscht 7* • [é/está (com) 7, é/está ou tem recém 7]
- m1- *isch erst 7 Joher alt ore hot äscht 7 Joher, bem isso* • [é/está (com) 7 anos de idade ou tem 7 anos, bem isso]
- f1- *é, é.*

RS10 – CbGI

- m1- *der kleinste heisst Pedro und hat erst 7 Jahr* • [o menor se chama Pedro e tem recém 7 anos]
- f1- *ore is 7 Jahre alt, honn ich ooch schon geheert* • [ou é/está (com) 7 anos de idade, eu também já ouvi]

RS16 – CbGII

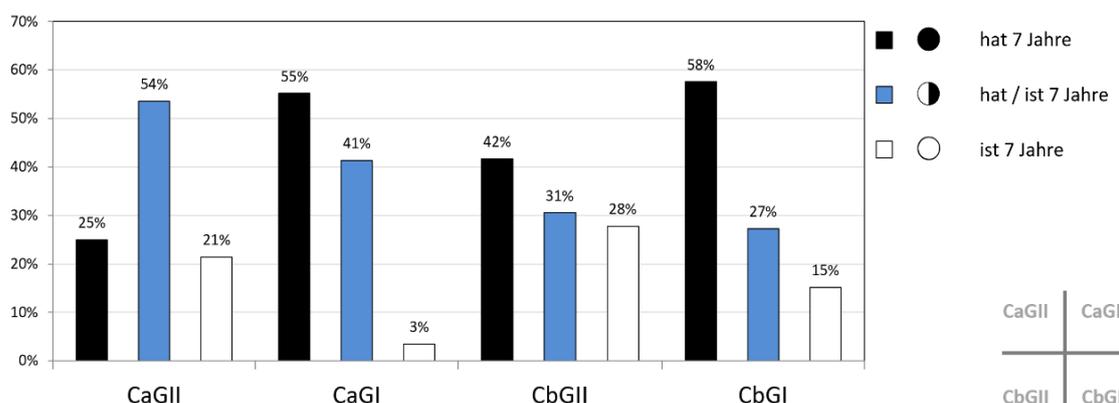
- f1- *der kleinste...* • [o menor...]
- m1- *der jingste* • [o mais novo]
- f1- *der jingste (:) chama-se?...* • [o mais novo se chama?...]
- f2- *heisst Peter* • [se chama Pedro]

- f1- *heisst Peter unn hot mol erst 7 Joher* • [se chama Pedro e tem apenas 7 anos]
- f2- *und is nun mal 7 Jahre alt* • [e é/está (com) apenas 7 anos]
- f1- *ah, unn is erst 7 Joher alt kan'ma ooch sahe* • [ah, e é/está (com) 7 anos também se pode dizer].

Essa percepção dos falantes, que se confirma em comentários metalinguísticos (dimensão diarreferencial), como “tem gente que diz *is*, eu digo *hat*” ou “é, dá pra dizer tanto *is* quanto *hat*“, além dos excertos mencionados acima, sustenta uma das hipóteses levantadas na introdução desta tese: processos tradutórios com material da língua apropriadora são mais frequentes do que se imagina, pois os falantes geralmente percebem os elementos derivados desse processo como parte de sua própria língua, sem ter consciência das mudanças que ocorrem (Coseriu, 1983).

O gráfico a seguir ilustra o avanço da variante de replicação estrutural – *er hat 7 Jahre* – na geração mais jovem (tanto CaGI quanto CbGI), portanto independentemente do nível de escolaridade (Ca/Cb):

Gráfico 3: Variação de *hat/ist 7 Jahre* no mapa pluridimensional



Fonte: Projeto ALMA-H, gráfico de frequência do mapa pluridimensional para a pergunta CGramII_16.

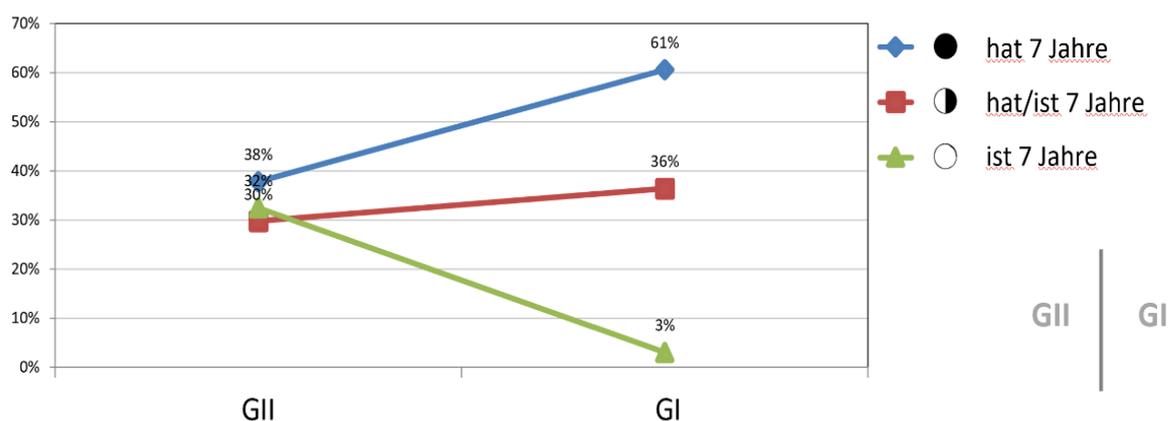
Fica evidente nos índices do gráfico acima, portanto, uma mudança em progresso em favor da replicação estrutural representada pela construção *er hat 7 Jahre*, que já se faz presente na GII e se acentua substancialmente na GI. Pode-se ainda inferir, a partir do gráfico, que a escolaridade parece desempenhar um papel no que diz respeito à

consciência do uso das duas formas pelos falantes: tanto na GII quanto na GI, quanto maior o nível de escolaridade, maior o conhecimento das duas formas.

No mapeamento da variável *Er hat erst 7 Jahre*, verificou-se ainda que esta ocorre em todos os pontos de pesquisa, em pelo menos um dos quatro grupos de entrevistados. A única exceção é o ponto AR03 (Montecarlo – Argentina), cuja entrevista contou com a participação de apenas um grupo de informantes: CbGII. No Brasil, portanto, essa variável ocorre em todos os pontos de pesquisa.

No gráfico a seguir, que leva em conta apenas a dimensão geracional, percebe-se claramente a mudança em progresso, de consolidação e avanço da replicação estrutural em *hat 7 Jahre* e consequente recuo da forma *ist 7 Jahre alt*, na geração dos jovens:

Gráfico 4: Variação diageracional no uso de *hat/ist 7 Jahre (alt)*



Fonte: Projeto ALMA-H, gráfico de frequência do mapa diageracional para a pergunta CGramII_16.

Através da “comparação de duas séries de material que pertencem a períodos diferentes, mas que se recolhem num mesmo período no presente” (Thun, 2009, p. 542) pode-se perceber, por outro lado, mudanças em tempo real. É o que permite a análise das cartas escritas, datadas do início do século XIX até o período recente, com dados de fala do Hunsrückisch contemporâneo. Cabe lembrar que, nas cartas, ainda não aparecem indícios da replicação estrutural discutida nesta seção, a qual, entretanto, é bastante presente nos dados de fala analisados. Por sua vez, como mostra o gráfico acima, através da análise diageracional é possível observar uma mudança em tempo aparente: enquanto na geração mais velha mais de 20% dos falantes ainda usam exclusivamente a forma *er ist 7 Jahre alt*, a geração mais jovem está abandonando essa forma (apenas 3% da CaGI e 15% da CbGI ainda optam pelo seu uso).

4.2.2 Replicação estrutural da preposição *para* no Hunsrückisch

Nas variedades de língua alemã, já na matriz de origem, observa-se um movimento de substituição do dativo livre (que indica quem é afetado por uma dada ação) pela construção com a preposição *für* (Steffen, 2016). Tal movimento é observado também nas cartas analisadas nesta tese:¹³⁸

(42) *Ich dachte du würdest für so ein Kolonist wie ich keine Briefe schreiben.*
(Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 223).¹³⁹

→ [Hdt.] *Ich dachte, du würdest einem Bauern wie mir keine Briefe schreiben.*

→ [Pt.] Achei que **não escreverias cartas para um colono** como eu.

(43) *Die Arnoldina war krank gewesen und sie hate auch Grüßen geschiet für dich.*¹⁴⁰

→ [Hdt.] *Arnoldina war krank, und sie lässt auch dir Grüße ausrichten.*

→ [Pt.] A Arnoldina estava doente, e também **mandou lembranças para ti**.

(44) *Für euch alle wünsche ich gute Gesundheit.*¹⁴¹

→ [Hdt.] *Euch allen wünsche ich gute Gesundheit.*

→ [Pt.] **Para todos vocês**, desejo saúde.

Contudo, Steffen (2016) também argumenta a favor da probabilidade de se tratar da adoção de uma estrutura do português, observando que não se deve descartar a ideia de que tal mudança esteja relacionada tanto ao contato com o português quanto a questões internas da língua. Da mesma forma que se viu com o *am-* e o *tun-*progressivo (v. seção 4.1), embora já se verifiquem esses usos de *für* na matriz de origem,¹⁴² as evidências sugerem que o contato com o português fez com que tais usos se intensificassem.

¹³⁸ Nesses excertos, apresentam-se a forma registrada nas cartas, a forma em alemão *standard* e a forma em português respectivamente.

¹³⁹ Carta escrita em 25 de novembro de 1920 por Theobald Schwambach, em Lininha – RS, a Elvira Schneider.

¹⁴⁰ Carta escrita em 1925 por Cecilia Wildner, em Estrela – RS, a Elvira Schneider, em Porto Alegre – RS.

¹⁴¹ Carta escrita em fevereiro de 1998 por Anna Isernhagen, em Toledo – PR, a Walter e Maria Isernhagen, em Porto dos Gaúchos – MT.

¹⁴² Tanto o *RhWb* (*Rheinisches Wörterbuch*) quanto o *PfWb* (*Pfälzisches Wörterbuch*) apontam o uso de *für* (*for/fo*) substituindo o dativo livre e também a locução *um zu*.

Nas cartas analisadas, a preposição *für* aparece ainda em outros contextos, substituindo outras preposições, em situações não relacionadas ao dativo livre, especialmente em frases em que, nas variedades do alemão europeu, o uso da construção “*um zu* + verbo no infinitivo” seria a escolha mais provável. Essa construção, que indica finalidade, deixa-se traduzir, em português, por ‘para + infinitivo’. Pode-se inferir, assim, que também nessa situação esteja em jogo um processo tradutório, influenciado pelo valor semântico da preposição *para* na indicação de finalidade, caracterizando um processo de replicação estrutural, como ilustram os seguintes excertos:

(45) *Hilda Kerben lasst auch bei die Schwestern Blumen machen für zu geben.*
• [Hilda Kerben também pede que as irmãs façam flores **para presentear**].¹⁴³

(46) *Ida entschuldige das ich dich noch nicht ehr geschrieben habe weil die Nene und Mamae in Kolonien waren vier sich zu zu erholen.* • [Ida, desculpa que não te escrevi antes, porque a Nene e a mamãe estavam nas colônias **para se recuperarem**].¹⁴⁴

(47) *Wie sieht's mit der Palmeira Schule aus? Hast Du geschrieben? Hätte sehr Lust für dorthin, wenn ich Kompetent dazu wäre.* • [E a escola Palmeira? Você já escreveu? Eu gostaria muito de **ir para lá** se tivesse competência para isso].¹⁴⁵

(48) *Ich bin mehr gefallen als gegangen, ich glaub du hattest schnaps dabei getahn, und noch gern, für mich betrünken zu machen.* • [Eu mais caí do que caminhei. Acho que colocaste cachaça nele, e com prazer, **para me embebedar**].¹⁴⁶

(49) *Mama war auch ferdig für runter zu komen, ist auch in den Trek gefallen.*
• [A mama estava pronta **para descer**, ela também caiu no barro] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 230).¹⁴⁷

(50) *Bitte liebe Elvira, wenn die mama es sollte vergessen dann sei Du so gut und ermahne sie, sie soll farbe von Dir kaufen für meinen Hut zu färben, sei so gut!* • [Por favor, querida Elvira, se a mamãe se esquecer, tenha a bondade de pedir a ela que compre tinta **para colorir meu chapéu**, por favor!].¹⁴⁸

¹⁴³ Carta escrita em 18 de outubro de 1919 por Alma Schneider, em Estrela – RS, a Elvira Schneider, em Porto Alegre – RS.

¹⁴⁴ Carta escrita em 1 de dezembro de 1920 por Otilia Keßler, em São Leopoldo – RS, a Ida.

¹⁴⁵ Carta escrita em 17 de outubro de 1921 por Ida, em Entropellado, ao irmão Paul.

¹⁴⁶ Carta escrita em 26 de outubro de 1921 por Clemente, em São Leopoldo, a Clementina.

¹⁴⁷ Carta escrita em 30 de maio de 1922 por Lydiane Herrmann, em Estação Pulador (Passo Fundo) – RS, a Elvira Schneider, em Estrela – RS.

¹⁴⁸ Carta escrita em 10 de janeiro de 1923 por Lydiane Herrmann, em Passo Fundo – RS, a Alma e Elvira Schneider, em Estrela – RS.

(51) *Jetzt bin ich am Walt hauen für Milhe.* • [Agora estou derrubando a mata **para o milho / para plantar milho**].¹⁴⁹

(52) [...] *denn schicken wir ein Pferd oder sonst was für abzuholen.* • [...] então enviaremos um cavalo **para buscá-lo**] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 273).¹⁵⁰

(53) [...] *lieber bleibe ich so lange zu Hause bis ich viel Zeit habe für zu nähen.* • [...] prefiro ficar em casa até ter bastante tempo **para costurar**].¹⁵¹

(54) [...] *ich will dan geld schiken für die Steuer zu zalen.* • [...] quero enviar dinheiro **para pagar os impostos**].¹⁵²

Note-se que em diversas ocorrências registradas nas cartas, é comum a construção *für/for ... zu*. Trata-se, conforme registros no dicionário renano (RhWb – *Rheinisches Wörterbuch*) e no dicionário do Palatinado (PfWb – *Pfälzisches Wörterbuch*), de uma construção já presente na matriz de origem, antes mesmo do século XIX. A análise em tempo aparente das ocorrências no *corpus* de fala do ALMA-H demonstra, contudo, que a construção *für... zu* está cedendo espaço ao uso de *für/for* sem o complemento da partícula *zu/ze*. Os falantes replicam a preposição *para* do português através de *für/for* e abandonam a partícula *zu/ze*, visto que esta se torna desnecessária no processo de replicação estrutural. Essa relação pode ser observada, por exemplo, por meio da frase CgramII_01, do questionário do ALMA-H:

- Trabajamos [...] **para** ∅ pagar nossas dívidas
- Wir arbeiten [...] **für** ∅ bezahlen unsere Schulden
- Wir arbeiten [...] **für** unsere Schulden **ze** bezahlen
- Wir arbeiten [...] **für** unsere Schulden ∅ bezahlen.

Além disso, é interessante observar que, embora o uso da construção *für/for...zu* já pudesse ser identificado na matriz de origem à época da emigração para o Brasil, o AdA (*Atlas zur Deutschen Alltagssprache* – Atlas do Alemão Coloquial) registra um uso

¹⁴⁹ Carta escrita em 8 de setembro de 1926 por Pedro Willibaldo Steffenz, em Linha Bonita – RS, a Balduvin Steffenz.

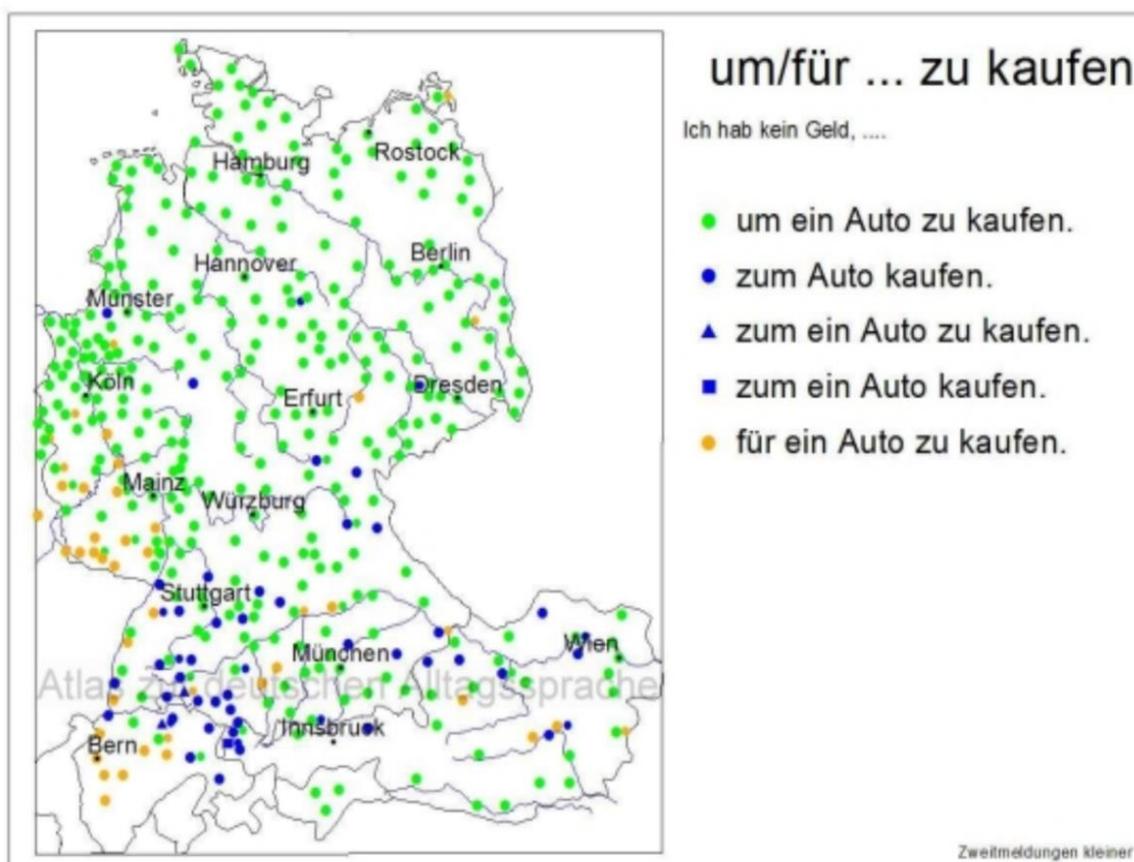
¹⁵⁰ Carta escrita em 12 de agosto de 1936 por Leopoldo H., em Rolante – RS, a Ida Werner.

¹⁵¹ Carta escrita em 25 de dezembro de 1938 por Emma Stolzenberg, em Canoas – RS, à família Werner.

¹⁵² Carta escrita em 13 de fevereiro de 1971 por Clementina Stein, em Cachoeira – RS, à sobrinha Ana.

restrito dessa construção na atualidade. Enquanto na Alemanha e na Áustria, é comum que se diga “*Ich habe kein Geld, **um** ein Auto **zu** kaufen*” [pt. ‘não tenho dinheiro para comprar um carro’], na Suíça e no Sarre, e com menos frequência também na Renânia, é possível ouvir “*Ich habe kein Geld, **für** ein Auto **zu** kaufen*” [pt. ‘não tenho dinheiro para comprar um carro’] (AdA, 2011). O mapa a seguir ilustra a distribuição de *um/für ... zu kaufen*, conforme dados do AdA.

Mapa 2: Distribuição de *um/für ... zu kaufen*, conforme levantamentos do AdA

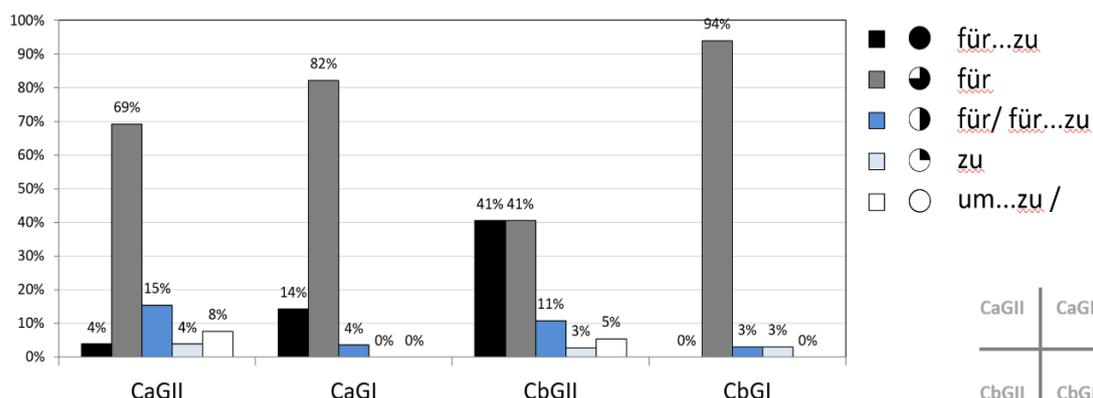


Fonte: AdA (*Atlas zur Deutschen Alltagssprache*, 2011).

O uso de *für/for... zu*, portanto, atenua-se nas variedades linguísticas da matriz de origem, sendo substituído pela forma [+ *standard*] *um...zu*. Já no Hunsrückisch, o uso de *für/for...zu*, e principalmente de *für/for* se intensifica enquanto o uso de *um...zu* mostra-se em declínio. A variante *um...zu*, certamente, esteve mais presente nos anos iniciais da imigração, sendo veiculada, por exemplo, através da imprensa em alemão *standard*.

Os dados de fala do ALMA-H, a exemplo dos dados referentes à tradução para o Hunsrückisch da frase CGramII_01: “trabalhamos de manhã até a noite para pagar as nossas dívidas”, comprovam a tendência de ampliação do uso de construções com *für/for... zu*, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 5: Variação de *für/for...zu* – *um/um...zu*, conforme entrevistas do ALMA-H



Fonte: Projeto ALMA-H, gráfico de frequência do mapa pluridimensional para a pergunta CGramII_01.

No gráfico acima, pode-se observar que o uso de *um...zu/ze* ocorre somente na geração mais velha (CaGII e CbGII) e, aparentemente já desapareceu na geração mais jovem (CaGI e CbGI). Além disso, há casos de *zu/ze* como preposição – que semanticamente é equivalente a *para* – no lugar de *für/for*, o que também pode ser analisado como influência do português, como ocorre no ponto RS07 (Harmonia), em que um informante CaGII responde: *m- mea schaffe von moints bis omds zu unsre Schulde bezahle* [pt. ‘trabalhamos de manhã até a noite para pagar nossas dívidas’].

Há ainda outras pesquisas que comprovam o avanço de *für/for* no Hunsrückisch. É o caso do estudo realizado por Gärtner (2017), que observa que a preposição *para* é traduzida para *für* e utilizada por jovens falantes de Hunsrückisch no processo de aprendizagem do alemão *standard*. Nos exemplos que a autora apresenta, trata-se igualmente de frases que indicam finalidade, nas quais a construção com “*um zu + infinitivo*” seria a mais esperada no alemão *standard*:

Als sie es gemerkt hat, gingen sie und ihre Freundin hin für die Geschenke abgeben [Quando percebeu, ela e sua amiga foram até lá para entregar os presentes] (Fonte: Gärtner, 2017, p. 40).

Der Vater hat den Baum hin und her moviert für den Apfel hinfallen [O pai sacudiu a árvore para frente e para trás **para as maçãs caírem**] (Fonte: Gärtner, 2017, p. 40).

É incontestável, portanto, o avanço da forma *für/for*, mostrando a influência do português e o conseqüente deslocamento da variante com uso de *zu/ze*. Vale lembrar que, ao contrário, nas cartas analisadas não foram registradas ocorrências de *für/for* sem o complemento de *zu/ze*, como nos dados de fala do ALMA-H. Ainda que a variante *für/for... zu* já ocorresse na região do Hunsrück e do Palatinado à época da emigração para o Brasil, sua manutenção e difusão, bem como o declínio de uso, nos dados atuais, da forma com *zu/ze* indicam um processo tradutório por replicação estrutural.

Na próxima seção, analisa-se outro tipo de processo tradutório relativamente recorrente no Hunsrückisch: os neologismos.

4.3 NEOLOGISMOS NO CORPUS DA PESQUISA

O surgimento de neologismos, como antecipado anteriormente, está relacionado à necessidade de apropriação e aproximação da cultura do novo meio e é marcado, portanto, por aspectos culturais e comunicacionais. Dentre os neologismos, encontram-se especialmente denominações para a fauna e a flora desconhecidas pelos imigrantes recém-chegados (Altenhofen; Morello *et al.*, 2022).

A seguir, analisam-se exemplos, classificados nesta tese como neologismos: *Affebeer(e)* (pt. ‘araticum’ – *Annona sylvatica*), *Keesboom / Käsebaum* (pt. ‘umbu’ – *phytolacea dioica*) e *Dreckbauer* (pt. ‘jão-de-barro’ – *Furnarius rufus*).

4.3.1 Pergunta Clex07_115: *Affebeer(e)* (pt. ‘araticum’)

No Hunsrückisch, *Affe[n]beer* (pl. *Affebeere*) é a denominação dada para a fruta conhecida como araticum ou quaresma no português. No RS, há mais de 80 espécies nativas de araticum, sendo que pelo menos ¼ delas são endêmicas, ou seja, ocorrem exclusivamente no Brasil (Cortez, 2018; Facundo, 2022). Entre essas espécies, o araticum ou araticum do mato (bot. *Annona sylvatica*) é um dos mais comuns. A palavra *araticum* é de origem tupi-guarani e significa ‘fruto mole’, uma referência à consistência da polpa da fruta (Facundo, 2022; Miranda; Passos, 2004).

O *Affebeer* faz parte da memória afetiva dos hunsriqueanos, como ilustra o excerto a seguir:

Unn wie viel Obst mia gess hann, kann keiner glaube! Wenn das mo Februar ore Mätz war, ging’s los, Affebeere suche. Mit’n lange Stecke hann’me die greßte unn gelbste Affebeere runnergezoh E ninguém consegue acreditar quanta fruta a gente comia! Quando chegava fevereiro ou março, a gente saía à procura de araticum. Com uma vara bem longa, derrubávamos os araticuns maiores e mais amarelos] (Prediger, 2022, p. 297 e 301).

Em dicionários de língua alemã, *Affenbeere* aparece como substantivo feminino para designar bot. *Empetrum nigrum*: trata-se de “uma fruta comestível que, supostamente, intoxica e, portanto, faz de quem a consome um tolo, um macaco” (*Affenbeere...*, 2023).¹⁵³ É também conhecida como *Rauschbeere* (‘fruta intoxicante’).

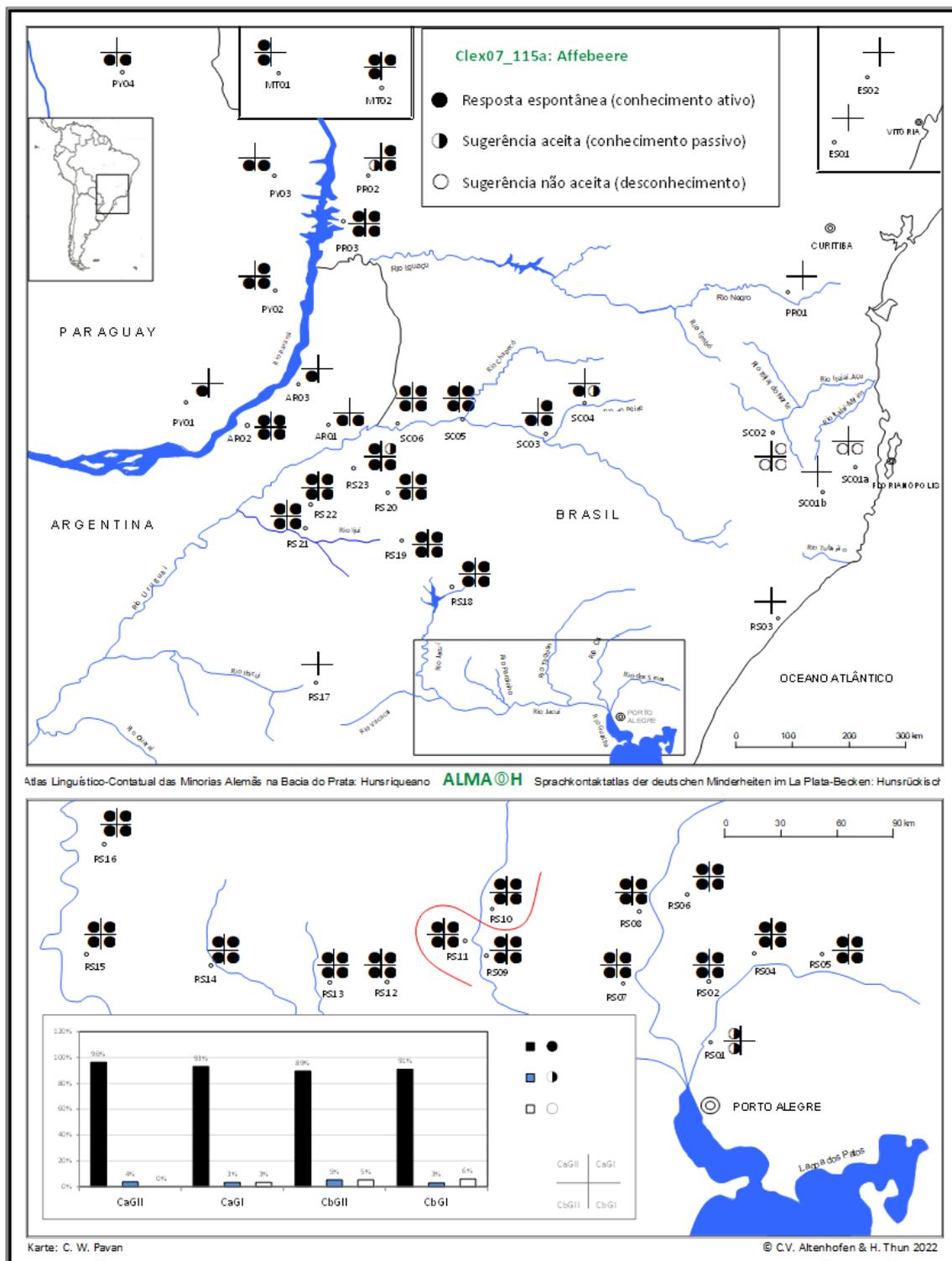
Affenbeere é uma das denominações populares para dt. *Schwarze Krähenbeere* (pt. ‘fruta ou baga do corvo’, bot. *Empetrum nigrum*), especialmente nas regiões da Pomerânia e da Silésia (Pritzel; Jessen, 1882). Trata-se de uma frutinha pequena e preta, própria de um arbusto que mede em torno de 30 cm de altura. Gessner (1953) reforça as propriedades intoxicantes dessa fruta, mencionando que o teor de andromedotoxina presente nela pode causar efeito levemente intoxicante e vertiginoso.

¹⁵³ Do alemão: „eine eszbare beere, die berauschen, also zum thoren, affen machen soll.“

As informações acima deixam claro de que se trata de duas frutas bastante distintas. Segundo Miranda e Passos (2004), o araticum é um dos alimentos usuais na dieta dos macacos bugios – espécie bastante comum na região sul do Brasil. Confirmando a predileção dos bugios pelo araticum, Carvalho (2014) menciona que esses animais são uns dos maiores responsáveis pela propagação das sementes dessa fruta no seu meio ambiente. Dado o caráter rural da colonização alemã (v. seção 1.3), supõe-se que essa característica tenha motivado os falantes de Hunsrückisch a denominar o araticum *Affebeer(e)* (lit. ‘fruta do macaco’).

No *corpus* de cartas do ALMA-Histórico, não foram registradas ocorrências do termo *Affebeer(e)*; já nos dados de fala do ALMA-H, são poucas as áreas nas quais o termo é desconhecido, como mostra o mapa a seguir, referente à distribuição de *Affebeere* na área de difusão do Hunsrückisch:

Mapa 3: Distribuição do neologismo *Affebeere*



Fonte: Projeto ALMA-H, mapa pluridimensional da pergunta Clex07_115.

4.3.2 Pergunta Clex07_118: *Keesboom* / *Käsebaum* (pt. ‘umbu’)

O umbu (*phytolacea dioica*)¹⁵⁴ é uma árvore nativa do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma árvore de porte grande e folhas largas, famosa nas histórias e lendas gaúchas pela sombra que oferece. Sua madeira, contudo, é muito porosa, apodrece facilmente, “é farelenta, quebradiça, de pouca duração, parece feita de uma casca em cima da outra” (Jaekel, 2021). A porosidade dessa árvore explica, assim, o nome que lhe foi dado pelos imigrantes alemães, *Keesboom* [lit. ‘árvore de queijo’], pois faz lembrar os buracos de um queijo.

Como observam Steffen e Altenhofen (2014), nota-se que a variante *Kessboom*, a exemplo do que se viu em relação a *Affebeere*, ocorre ou ao menos é conhecida em toda a área das colônias velhas, ilustrando a intensidade de difusão desse neologismo sobretudo nos períodos iniciais do processo de imigração. Embora não se tenha encontrado registros de *Käsebaum* e suas variantes nas cartas analisadas, também a literatura do século XIX ampara a ocorrência do termo, como se verifica, por exemplo, em Canstatt (1877):

Uma das mais impressionantes é uma árvore de tamanho considerável, cujo tronco não é formado por uma fibra de madeira propriamente dita, mas por uma massa macia e porosa semelhante à polpa do sabugueiro. Por isso, os colonos alemães deram a ela o significativo nome de “Käsbaum”, e os brasileiros a chamam de Maria Mole (Canstatt, 1877, p. 23 – tradução nossa, grifos do autor).¹⁵⁵

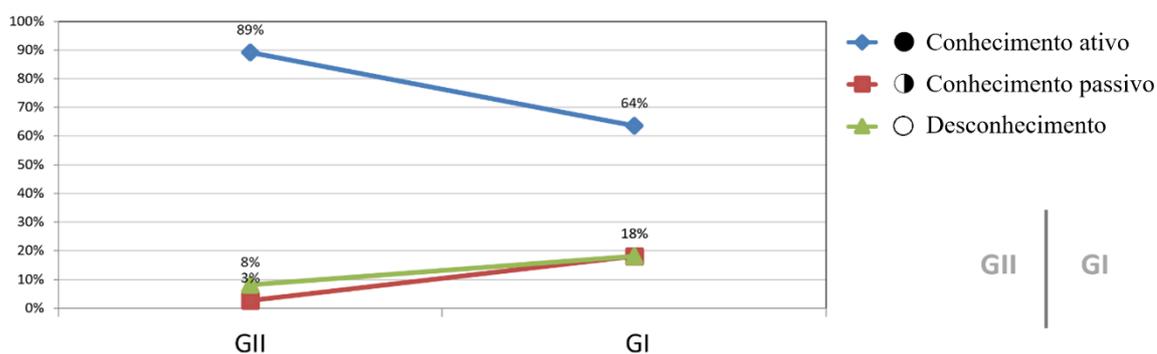
Esses dados reafirmam o que postula Haspelmath (2009): quando a língua fonte ainda não é suficientemente conhecida pelos falantes da língua apropriadora, o mais comum é que estes se sirvam de neologismos para dar conta dos novos conceitos com os quais são confrontados no novo meio, traduzindo, assim, o novo meio e a nova cultura para sua língua. Os dados confirmam, ao mesmo tempo, uma das hipóteses desta tese: o

¹⁵⁴ A árvore conhecida como umbu (*phytolacea dioica*), típica do Rio Grande do Sul, não é a mesma que ocorre no nordeste do Brasil, chamada de umbuzeiro (*Spondias tuberosa* L), cujo fruto se chama umbu.

¹⁵⁵ Do alemão: “Am auffallendsten ist ein Baum von bedeutendem Umfange, dessen Stamm von keiner eigentlichen Holzfasern, sondern von einer porösen weichen, unserm Hollundermark ähnlichen Masse gebildet wird. Die deutschen Kolonisten haben ihm deshalb den bezeichnenden Namen Käsbaum gegeben, die Brasilianer nennen ihn Maria Moll.”

falante precisa apropriar-se do novo meio, mas ainda não conhece bem a língua e cria uma denominação nova com material da sua língua, ou seja, um neologismo. No entanto, com o passar do tempo e a conseqüente intensificação do contato com o português, o neologismo *Keesboom* começou a ceder lugar à apropriação de termos da língua fonte. O gráfico a seguir ilustra certo decréscimo de seu uso ativo, na comparação entre membros da geração velha e jovem:

Gráfico 6: Variação do uso e conhecimento do neologismo *Käsebaum*, na dimensão diageracional



Fonte: Projeto ALMA-H, gráfico de frequência do mapa diageracional para a pergunta Clex07_118.

Como se vê, o conhecimento ativo das formas de *Keesboom*, medido através das respostas espontâneas, diminui consideravelmente na relação entre GII e GI, enquanto o conhecimento passivo (sugestão aceita) e o desconhecimento (sugestão não aceita) avançam. Esse decréscimo, possivelmente, está relacionado, de um lado, a mudanças sociais como a urbanização e conseqüente distanciamento do mundo rural e, de outro lado, às migrações para regiões onde não se encontra essa espécie de umbu conhecida no RS, o que impacta na estatística refletida pelo gráfico.

4.3.3 Pergunta Clex08_138: *Dreckbauer* (pt. ‘joão-de-barro’)

O joão-de-barro é um dos pássaros mais populares das regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil e está presente também em áreas não florestadas de estados como Goiás, Piauí e Alagoas. O pássaro tem esse nome por construir ninhos de barro em postes,

porteiros, galhos de árvores e até mesmo beirais de janelas. O nome dado pelos imigrantes alemães, *Dreckbauer*, expressa o sentido de ‘aquele que constrói com barro’. Trata-se de uma denominação que já aparece no século XIX, como registra o *Südhessisches Wörterbuch* – dicionário, compilado na Universidade de Gießen, que documenta os dialetos francônio-renanos do sul do Hesse e do Hesse renano.

Nesse dicionário, o termo guarda um sentido bastante diferente daquele utilizado no Brasil: *Dreckbauer* é usado com sentido pejorativo, como xingamento. Entre os sentidos apresentados pelo dicionário do sul do Hesse, *Dreckbauer* faz referência à (1) falta de higiene de pessoas da área rural; (2) a. pessoa suja, b. pessoa repugnante (*Dreckbauer...*, 2023). Contrariamente, a significação que a denominação adquire no novo ambiente parece ser totalmente inédita e não pode ser compreendida como a atribuição de um nome que designava algo encontrado na terra natal para um elemento considerado, de algum modo, semelhante no novo ambiente.

As experiências iniciais dos imigrantes no novo meio, especialmente o contato com novas espécies da fauna e da flora, motivaram, portanto, neologismos como *Dreckbauer*. Altenhofen, Morello *et al.* (2022) observam, porém, que, enquanto no Hrs. os neologismos são mais frequentes, no Hsc. e no Hes. as apropriações linguísticas, sobretudo as apropriações diretas, são mais comuns. Nessas variedades do Hunsrückisch, os falantes chamam o *Dreckbauer* de João-de-barro, caracterizando um processo tradutório por apropriação direta.

Apropriações diretas, bem como apropriações por tradução e apropriações semânticas, são o objeto de análise da próxima seção.

4.4 APROPRIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO *CORPUS* DA PESQUISA

Nesta tese, classificam-se as apropriações linguísticas, como demonstrado na seção 2.7.2.3, em apropriações diretas, por tradução e semânticas. Lembrando que a apropriação direta ocorre quando palavras e expressões da língua fonte são utilizadas na língua apropriadora, preservando total ou parcialmente a forma estrangeira; a apropriação por tradução envolve a tradução total ou parcial de elementos da língua fonte para a língua

apropriadora; a apropriação semântica vincula-se a um processo no qual os sentidos são transferidos da língua fonte para a língua apropriadora, sem que, necessariamente, sejam apropriadas as formas da língua fonte.

4.4.1 Apropriações diretas

Desde cedo, os imigrantes alemães percebem como a agricultura, ao lado da criação de animais, é essencial para a sobrevivência e subsistência da vida nas colônias (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Assim, são adotadas diversas palavras relacionadas ao campo dos animais domésticos e ao campo da agricultura. Esse comportamento reforça a hierarquia de apropriações proposta por Matras (2007), segundo a qual substantivos são os elementos mais propensos ao processo de apropriação em situações de contato linguístico. A seguir são apresentados exemplos encontrados na pesquisa que ilustram a dinâmica de seu uso e difusão.

4.4.1.1 *Mais / Milge(n) / Milje / Milho*

Como antecipado nos capítulos anteriores, ao chegarem ao Brasil no século XIX, os imigrantes alemães precisaram se apropriar do conhecimento de novas plantas, de novos alimentos, de novas formas de cultivo: nem tudo que plantavam na sua terra natal dava frutos ou estava disponível no novo meio. A cultura do trigo, por exemplo, trouxe grandes dificuldades e desafios para os imigrantes. As plantações de trigo sofriam com as oscilações climáticas, com o excesso de chuva, com pragas e doenças – como a ferrugem (Cunha, 1988).¹⁵⁶

Assim, a farinha de milho, bem como a de mandioca e de outras variedades de cereais e farinhas eram utilizadas como alternativas ao uso da farinha de trigo na

¹⁵⁶ Além disso, outros problemas contribuíram para o fracasso do cultivo de trigo no sul do Brasil, entre os quais estão a criação de gado, graças ao desenvolvimento das charqueadas e “a concorrência americana que põe fim à produção gaúcha de trigo e transforma o próprio Rio Grande do Sul em consumidor de seu cereal e de sua farinha” (Cunha, 1988, p. 47).

confeção do pão (ou até para substituí-lo) como mostram cartas pessoais escritas naquela época:

(55) *Ferner habe ich Dir zu erzählen daß ich schon seit längerer Zeit recht gutes Brod backe, aus einen Gemisch von Maismehl, Reismehl und Farinja.* • [Além disso, tenho para contar que, há algum tempo, faço um pão bem bom, com uma mistura de farinha de milho, farinha de arroz e farinha de mandioca]¹⁵⁷ (Fonte: Matzke, 2018, p. 189).¹⁵⁸

Como se observa no excerto acima, os imigrantes precisavam encontrar alternativas para a farinha de trigo na produção do pão, pois os cuidados que esta exige em seu cultivo, fazem com que se torne cara e escassa. Contudo, não é apenas no Brasil que o cultivo do trigo exige maiores cuidados. Trata-se de fato de uma cultura mais frágil, suscetível a pragas e que necessita de uma infraestrutura agrícola mais complexa e, por consequência, mais trabalhosa e mais cara (Barghini, 2004).

Na Europa, tem-se notícia da superioridade da produção de milho em relação à de trigo, por exemplo, em livro publicado durante a Revolução Francesa para incentivar o cultivo desse cereal, no qual se encontra a informação de que a produção do milho representava quase o dobro da produção do trigo. Barghini menciona ainda que, no século XVI, a superioridade da produção de milho em relação à do trigo é atestada quando “o veneziano Giovanni Lano ofereceu ao grão-duque da Toscana sementes dessa nova planta [...], já que ela proporcionava o dobro do rendimento do trigo” (Barghini, 2004, p. 22).

Trata-se, assim, de uma planta vigorosa, de crescimento rápido e produção abundante. Por essas características, o cultivo do milho pode ser associado ao cultivo de outras plantas (cultura consorciada – Barghini, 2004), como o feijão e a abóbora¹⁵⁹ – duas culturas igualmente importantes no Brasil e que faziam parte do cotidiano dos imigrantes já no século XIX, como se observa nos seguintes excertos:

(56) *Der Boden hier ist im Allgemeinen sehr ergiebig, manches wie z. B. Kartoffeln erntet man 2 mal jährlich. Die Hauptprodukte aber, die der Bauer zu Markte bringt, sind in erster Reihe der Mais (Miljos) od. [er] Welschkorn, von was er auch sein Brod bäckt, sodann schwarze Bohnen, Reis, Tabak, und*

¹⁵⁷ O termo “farinja”, ou na variedade do Hunsrückisch “Farin”, refere-se à farinha obtida da mandioca (cf. Altenhofen; Steffen; Thun, 2018; Matzke, 2018).

¹⁵⁸ Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, 22 de setembro de 1857, para a sogra, Christiane Charlotte Dörffel, em Glauchau na Alemanha.

¹⁵⁹ Sobre o cultivo e as denominações de abóbora na América Latina, cf. Tavares de Barros (2020).

Wein, letzteren jedoch meistens nur von den Italianern gezogen. • [O solo aqui é muito fértil, alguns produtos, como por exemplo a batata, podem ser colhidos duas vezes por ano. Porém, os principais produtos que o colono comercializa são, em primeiro lugar, o milho (Milios) ou Welschkorn, do qual ele também faz seu pão, e ainda feijão preto, arroz, tabaco e vinho, este último, contudo, é normalmente produzido apenas pelos italianos] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 164).¹⁶⁰

(57) *Mein freies ungestörtes Landeseigentum enthält 400 Morgen, ein Morgen besteht wie in Deutschland aus 160 Ruten. Des Waldes Boden ist noch ergiebiger und fruchtbarer, als der des freien Landes, bedarf in den ersten 10 Jahren keines Düngers, keiner Besserung. Das **Welschkorn** und die Bohnen sind hier das Hauptprodukt.* • [Minha propriedade livre e desimpedida tem 400 acres, um acre mede, como na Alemanha, 160 varas. O solo da floresta é ainda mais fértil que do campo aberto, e nos primeiros 10 anos não precisa de adubação nem de melhorias. O milho e os feijões são os principais produtos aqui]. (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 85 – tradução nossa).¹⁶¹

(58) *Hannes Müller Christian der hat seinen Bruder gefolget der kauft sich eine koloni weit im wald an der Rio der kann seine Bonen **Milgen** gut auf der fort trantzporttieren dann die Rio wird mit der Kanoen gefahren.* • [Hannes Müller Christian seguiu seu irmão e comprou uma colônia que adentra a floresta, às margens do rio. Ele pode transportar bem seus feijões e milho, pois o rio é navegado com canoas] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 98-99- tradução nossa).¹⁶²

O seguinte excerto confirma que os imigrantes alemães praticavam a cultura consorciada:

(59) *Es stehen auch Kürbisse (Bobern) und Maniok (Manjock) unter den Maisen (**Milgen**). Die Kürbisse pflanzt man mit dem Mais und zwar sechs Schritte voneinander.* • [Pode-se também plantar abóbora e mandioca no meio do milho. As sementes de abóbora são plantadas, no meio do milho, seis passos uma da outra] (Engelmann, 2004, p. 300-301 – tradução do autor).¹⁶³

Desde cedo, os imigrantes alemães percebem como a agricultura, juntamente com a criação de animais, é essencial para a sobrevivência e subsistência da vida nas colônias (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Em consequência disso, diversas são as palavras das quais se apropriam nesses contextos:

¹⁶⁰ Carta escrita em 03.01.1889 por Johann Diemer, de “São João do Monte Negro”, a seu amigo Seibert, na Alemanha, passados mais de 30 anos de sua chegada ao Brasil.

¹⁶¹ Carta escrita em 01 de janeiro de 1832 por Johann F. Friedrich, em São Leopoldo, a seu irmão Claudius, na Alemanha.

¹⁶² Carta escrita em 22 de fevereiro de 1856 por Johannes Gisch, Johannes Gäsche e Peter Seibert, da colônia de Feliz, a seus parentes na Alemanha.

¹⁶³ Carta escrita em 24 de julho de 1859, em São Leopoldo, por Konradt Engelmann a seus familiares na Alemanha.

(60) *Patrer* [...] ist eine Weide für das Fieh da wird ein Zaun darum gemacht und es werden Pfähle aufgestellt und es kompt den der is durch zuliegen und so wird der Zaun fest und stark das kein Fieh heraus kan in solche *Patrer* geht das Fieh die das ganze Jahr Tag und Nacht und kommen wie auf den Stall und das ist ja viel beser für das Fieh [...] im Winter wird etwas *Milge* und *Poben* zugefüttert [...]. Für die Schweine wird ein Hoff gemacht [...] aber man nent ihn nicht Hoff sondern *Korahl* in diesen *Korahl* gehen die Schweine Tag und Nacht. • [**Potreiro** [...] é um campo para o gado, em volta dele se faz uma cerca e são colocadas estacas que deixam a cerca firme e robusta para que nenhum animal possa sair. O gado fica nesse potreiro o ano todo, dia e noite, e vem como no estábulo e isso é muito melhor para o gado [...] no inverno, acrescenta-se um pouco de **milho** e **abóbora** [...]. Para os porcos, constrói-se um cercado [...], só que não é chamado de cercado, mas de **curral**. Os porcos ficam nesse **curral** dia e noite] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 120 – tradução e grifos nossos).¹⁶⁴

O autor da carta esclarece, nesse excerto, a adoção e o sentido das palavras *Patrer* (pt. *potreiro*) e *Korahl* (pt. *curral*), salientando que esses são os termos utilizados no novo meio. Nota-se, porém, que não explica a adoção de *Poben* (pt. *abóbora*) e *Milge* (pt. *milho*), como se assumisse que seus interlocutores já estivessem familiarizados com essas palavras.

Poben é uma das variantes para o pt. *abóbora* que aparecem nas cartas analisadas. Altenhofen (1996) ressalta que é rara a ocorrência de palavras proparoxítonas no *Hunsrückisch*, o que justificaria a redução de formas como o pt *abób[ora]* ou ainda pt. *fósforo* (reduzido p. ex. para *Fosfer*). Steffen (2016) acrescenta que a desonorização inicial de consoantes sonoras, como ocorre em *Poben*, representa um reflexo da variedade dialetal falada na grafia. Atualmente, a forma mais difundida no *Hunsrückisch* é *Bower*, conforme dados do ALMA-H: “[e]m todos os pontos, pelo menos um grupo de informante usa *Bower* de forma espontânea” (Tavares de Barros, 2020, p. 989).

Contudo, o motivo pelo qual o autor dessa carta não considera necessário explicar o referido termo não está claro. Na mesma carta, ele explicita que se trata da primeira vez que escreve para dar notícias sobre o novo ambiente. Conclui-se, portanto, que não teve oportunidade anteriormente de mencionar ou explicar seu significado. Uma hipótese para a falta de explicação seria a importância do cultivo da abóbora para as comunidades de imigrantes já nas fases iniciais da imigração e a conseqüente familiarização com o termo, a ponto de não ser mais percebido como estrangeiro e, por isso, dispensar uma explicação

¹⁶⁴ Carta escrita em 10 de outubro de 1858, em Teotônia, por autor desconhecido aos familiares na Alemanha.

mais específica. A mudança linguística, assim, não é percebida pelos falantes: estes “normalmente estão convencidos – no que diz respeito à sua própria atividade – de que estão continuando uma tradição linguística sem mudanças” (Coseriu, 1983, p. 53).

Em relação à variante *Milge(n)*, supõe-se que se trate de um termo já utilizado ou semelhante a outro utilizado na matriz de origem do autor da carta à época de sua partida. É, além disso, curioso notar que o correlato atual do alemão *standard, Mais*, pouco uso encontra nas cartas analisadas. Em outras cartas, igualmente escritas ainda no século XIX, *Milge(n)* é uma das variantes mais utilizadas. Nos seguintes excertos, verificam-se as variantes *Milgen, Milchen, Mülgen* e *Mühlgen*:

(61) *Ehr verkauft auch noch 70 bis 80 Metter **Milgen** wo von hier Brodt von Backt.* • [Ele vendeu também entre 70 e 80 metros de milho, do qual se faz pão aqui].¹⁶⁵

(62) *In die Weinachtszeit, war es hier zimlich trocken jetzt hat es immer schön geregnet, die **Milge** stehen schön das Sommergetreide war auch schön, die Kartoffeln sind auch gut geraten Nur das Schleggras Weizen hat hier dies Jahr überal den Rost bekommen. Es hat nich viel gegeben.* • [Na época do Natal esteve bastante seco por aqui, agora temos tido belas chuvas. O milho está bonito. O cereal de verão também estava bonito. As batatas também se desenvolveram bem. O problema é a grama de ponta. O trigo teve a ferrugem aqui em todos os lugares. Não deu muita coisa] (Fonte: Dreher, 2003, p. 486-488 – tradução do autor, grifos nossos).¹⁶⁶

(63) *Wir haben auch vor der **Milgenärnte** eine neue **Milgenhütte** in die Blandasche, so nennt man hir das eingeflanzte Land, gebaut von 12 Fuß breit und 16 Fus lang, um die weiten **Milchen** hinein zufahren, bis besser Gelegenheit ist, um sie heim zufahren.* • [Também construímos, antes da colheita do milho, um novo celeiro para o milho na plantação – que é como se chama aqui a terra cultivada. O celeiro tem 12 pés de largura e 16 de comprimento e serve para colocar o milho até que se tenha uma oportunidade melhor para levá-los para casa] (Fonte: Steffen, 2016, p. 141).¹⁶⁷

(64) *[Unser?] hannes hat vor sich eine Kolonie von Johannes Assmann von alten Sim[m]ern vor 1200 zwölf [hun]tert Milreis der Milreis der hat 25 silber groschen hält 200 Morgen mit mit **Milgen** vor Brod vor ein Jahr]. [...] noch will ich euch zu wissen Thun was die Früchten der Hat Bohnen kostet 9 Mühlreh der sack **Mülgen** 9 Mühlreh kartofeln der sak krieg[t] zu 4 Mühlreh].*

¹⁶⁵ Carta escrita em 15 de abril de 1859 por Anton Anschau, em Picada 48, a sua mãe. . Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹⁶⁶ Segundo Dreher (2003), essa carta foi escrita por Auguste Polenz, natural de Neu-Balupöhnen, município de Gumbinen, na Prússia Oriental, que migrou para o Brasil, em 1872, com o marido, August Eduard Polenz. Embora a autora não mencione o ano em que escreveu a carta, Dreher (2003) argumenta que, a partir do conteúdo desta, pode-se inferir que foi escrita durante o período da Revolução Federalista, entre 1893 e 1895.

¹⁶⁷ Carta escrita em 12 de agosto de 1891 por Johann und Angela, em Picada Café [Pickade Caffè].

[...] *wenn sie kommen wolt das wär uns alle sehr lieb dann das Monats vom kind zwey franken da noch bohnen ein Quart ein Quart **Mühlgen** 2 von jedem Kind f davon kann einer sich reichlich sich ernähren.* • [[Nosso?] hannes comprou uma colônia de Johannes Assmann da velha Sim[m[ern por 1200 milréis. O milréis vale 25 moedas de prata. Ele plantou 200 acres com milho para um ano Também quero informar vocês sobre as frutas que tem. Feijão custa 9 milréis o saco, milho 9 milréis, batata se consegue o saco por 4 milréis. [...] Se elas quiserem vir, ficaríamos felizes, pois por mês se gasta 2 francos por criança para um quarto de feijão e um quarto de milho. 2 de cada criança, com isso podem se alimentar o suficiente] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 98-104).¹⁶⁸

As variações ortográficas entre *Milge[n]*, *Milchen*, *Mülgen* e *Mühlgen* podem ser explicadas, por um lado, pela falta de prática na escrita – comum até o século XIX (Elspaß, 2008; Thun, 2018). Por outro lado, no segundo excerto, trata-se de uma carta escrita por três falantes distintos que, por sua vez, utilizam o mesmo termo, o que, além de explicar a variação ortográfica, enfatiza tratar-se de um termo corrente na época.

James (1970) observa que o termo *Meliga* já era usado na Anatólia e entrou no norte da Itália e para a língua italiana com o cultivo da planta no ano de 1205. James faz referência também ao *Nouveau Dictionnaire Italien et François*, publicado em Basel, na Suíça, em 1794, no qual aparecem os termos *Meliga*, *Melica* e *Melga*, termos utilizados para denominar o trigo sarraceno. Em textos e dicionários de língua italiana, o termo *Melica* e suas variantes *Melga*, *Melega*, *Meliga* são utilizados indiscriminadamente para denominar tanto o milho quanto o sorgo e o trigo sarraceno, especialmente em variedades dialetais do norte da Itália, como o piemontês (James, 1970).

Além da importância do cultivo do milho, como já referido, as imprecisões terminológicas, apontadas por autores como Barghini (2004) e Álvarez (2002), provavelmente justifiquem as variantes encontradas para o termo. Barghini (2004) menciona que o milho era conhecido, já no século XVI, como *Meliga* ou *Melica* no norte da Itália – denominação que se mantém na variedade dialetal daquela região ainda atualmente, como ilustram os seguintes excertos:

Especialmente nesta época do ano, é lindo observar a paisagem campestre e capturar toda a beleza em um campo de *meliga*, *granoturco* ou *mais* [milho], como você quiser chamá-lo (Pepe, 2018, n. p. – tradução e grifos nossos).¹⁶⁹

¹⁶⁸ Carta escrita em 22.02.1856 por Johannes Gisch, Johannes Gäsche e Peter Seibert, da colônia de Feliz, a seus parentes na Alemanha.

¹⁶⁹ Do italiano: “Bello in questo particolare periodo dell’anno osservare la campagna e cogliere tutta la bellezza in un campo di meliga, granoturco o mais, come lo volete chiamare.”

O segredo das *Paste di Meliga*: farinha de milho. Outrora criados como solução emergencial, os delicados biscoitos são agora embaixadores culinários de toda uma região. (Dorigato, 2020, n. p. – tradução e grifos nossos).¹⁷⁰

Álvarez detalha o avanço do cultivo do milho americano em detrimento do milho miúdo (*Panicum Miliaceum*) – cereal cultivado, por exemplo, na área litorânea e pré-litorânea da Galícia – e argumenta que a substituição de um pelo outro “sustenta as mudanças produzidas no plano terminológico” (Álvarez, 2002, p. 73 – tradução nossa).¹⁷¹ Ao que tudo indica, o novo cereal chegou à Europa com denominações adaptadas de *maíz* e passou a concorrer com variantes de *milho* (gal. *millu*), que, até então, referiam-se sobretudo ao milho miúdo, que foi perdendo cada vez mais espaço para o milho gordo, até desaparecer completamente. Processo semelhante deve ter ocorrido no plano terminológico, como observado por Álvarez (2002). Assim, por algum tempo, os adjetivos *miúdo* e *gordo/grosso* serviram para diferenciar as duas espécies. Contudo, com a intensa expansão da cultura do milho gordo, o termo *milho* passou por um processo de restrição semântica, denominando apenas o milho gordo.

Em relação aos falantes de alemão, deve-se considerar que, ainda que grande parte dos imigrantes alemães chegados ao Brasil no século XIX viessem da região do Hunsrück, tratava-se, nesse período, de uma região de fronteiras difusas, na qual não havia uma variedade linguística única (Altenhofen, 1996). Embora se possa identificar a variedade dessa região como *rheinisches Hunsrückisch* (RhHr.), é preciso considerar a possibilidade de que “certos fenômenos transcendam os limites do RhHr. devido à heterogeneidade dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e à forma particular de composição do Hrs. [*Riograndenser Hunsrückisch*]” (Altenhofen, 1996, p. 18). Assim, visto que os imigrantes vinham de diferentes regiões, a associação histórica com a base de partida deve ser considerada como um critério relativo.

Observe-se ainda que acontecimentos religiosos conectam falantes de suíço alemão – que usam variantes como *Melga/Melge*, como será demonstrado adiante – a regiões próximas do Hunsrück. Como observa Loudon (2019), em 21 de janeiro de 1525, um grupo de cristãos reformistas, que se opunham à prática do batismo de crianças, rebatizaram-se mutuamente em Zurique. Isso causou grande descontentamento nas

¹⁷⁰ Do alemão: “Geheimnis der *Paste di Meliga*: Maismehl. Einst als Notlösung entstanden, sind die feinen Kekse heute die kulinarischen Botschafter einer ganzen Region.”

¹⁷¹ Do galego: “sustenta as mudanzas producidas no plano terminolóxico.”

autoridades religiosas locais, que passaram a denominar o grupo de rebatizadores (*Wiedertäufer*) ou anabatistas.

Em função de tais conflitos religiosos, entre os séculos XV e XVI, muitos anabatistas deixaram a Suíça, dirigindo-se sobretudo para áreas de ambos os lados do Reno, como o Palatinado – que faz fronteira com o Hunsrück a noroeste – e a Alsácia – que, por sua vez, faz fronteira com o Palatinado. Vale lembrar ainda que motivações religiosas estão entre os fatores que levaram à emigração para as Américas, caracterizando pressão para emigrar, segundo o modelo de migração *Push and Pull*, a que faz menção Alheit (2019). Descendentes dos anabatistas também estão entre aqueles que emigraram para a América do Sul e do Norte, no século XIX (Louden, 2019). Esse acontecimento religioso-histórico pode ser considerado como um indício do caminho percorrido pelas variantes alemãs para a designação do milho, uma vez que, como será visto a seguir, algumas das variantes que aparecem nas cartas escritas no Brasil ao longo do século XIX já estão presentes em textos e dicionários suíços de séculos anteriores.

A ocorrência da variante *Melga* e de variantes semelhantes, como aparece no *Nouveau Dictionnaire Italien et François* (James, 1970), também aparece em outros textos e dicionários de língua alemã de séculos passados. Salis (1781), por exemplo, descreve, em texto para a revista *Der Sammler*, publicada em Chur/Suíça, entre os anos de 1779 e 1784:

Entre todos os cereais cultivados na Valtelina, nenhum é tão pouco conhecido nos Grisões como aquele chamado **Melga** (Melica). [...] Três tipos são plantados na Valtelina: 1. Melga-vassoura [**Besenmelga**], 2. Melga de espiga [**Kolbenmelga**] marrom escuro, 3. e Melga de espiga [**Kolbenmelga**] marrom claro. [...] A Melga-vassoura [**Besenmelga**] é plantada apenas para fazer da palha vassouras, esfregões e escovas. Os grãos são usados apenas para alimentar aves. Já da Melga de espiga [**Kolbenmelga**] obtém-se uma farinha que, por ser muito curta, não serve para nada a não ser para fazer polenta (Salis, 1781, p. 73-75– grifos e tradução nossos).¹⁷²

As denominações *Melga*, *Besenmelga* e *Kolbenmelga*, descritas por Salis (1781), ainda são encontradas atualmente no suíço alemão, na variedade dialetal falada na região

¹⁷² Do alemão: “Unter allen Getreidarten, die in Veltlin gepflanzt werden, ist keine in Bündten weniger bekannt, als diejenige, die man in Veltlin Melga (Melica) nennet. [...] Es werden im Veltlin dreierlei Arten gepflanzt: 1. die Besenmelga, 2. Die dunkelbraune Kolbenmelga, 3. und die hellbraune Kolbenmelga. [...] Die Besenmelga wird vornemlich nur darum gepflanzt, um aus dem Stroh Besen, Kehrwische und Bürsten zu verfertigen. Die Körner dienen allein das Federvieh zu füttern; hingegen mahlt man aus der Kolbenmelga Mehl, welches, weil es sehr kurz ist, zu nichts taugt, als Polenta daraus zu verfertigen.”

dos Grisões:¹⁷³ *Melge*, *Bäse-Melge* e *Cholbe-Melge* respectivamente, referem-se, porém, apenas à espécie *Sorghum Bicolor*, conhecida no Brasil como sorgo ou milho-zaburro. No dicionário de suíço alemão *Schweizerisches Idiotikon* (1881), aparecem duas entradas para a variante *Melge*: (1) Milho, (2) Sorgo. Por outro lado, o dicionário do médio-alto-alemão de Matthias Lexer (1878) [*Mittelhochdeutsches Wörterbuch von Matthias Lexer*], registra a variante *milgen* como verbo, com sentido de ‘demolhar o cereal, escaldá-lo, prepará-lo como alimento (comida) para animais’ (Milgen..., 1878).¹⁷⁴

Esse contexto, que envolve aspectos históricos, geográficos, linguísticos e religiosos, combinado às imprecisões terminológicas relacionadas ao milho, à heterogeneidade dos grupos emigrados e à difusão das fronteiras na época da emigração para o Brasil podem representar indícios que esclareçam o uso das variantes *Milge(n)*, *Mülge*, *Mühlge* nos excertos apresentados anteriormente, explicitando sobretudo o motivo que levou os autores a não considerar necessário explicar o sentido da palavra para seus interlocutores alemães.

Nas cartas do ALMA-Histórico, escritas ao longo do século XIX, observou-se, além das variantes de *Milge(n)*, a ocorrência das variantes *Mais*, *Welschkorn* e *türkischer Mais*:

(65) *Mein freies ungestörtes Landeseigentum enthält 400 Morgen, ein Morgen besteht wie in Deutschland aus 160 Ruten. Des Waldes Boden ist noch ergiebiger und fruchtbarer, als der des freien Landes, bedarf in den ersten 10 Jahren keines Düngers, keiner Besserung. Das **Welschkorn** und die Bohnen sind hier das Hauptprodukt.* • [Minha propriedade livre e desimpedida tem 400 acres, um acre mede, como na Alemanha, 160 varas. O solo da floresta é ainda mais fértil que do campo aberto, e nos primeiros 10 anos nem precisa de adubação nem de melhorias. O milho e os feijões são os principais produtos aqui] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 85).¹⁷⁵

(66) *Der Boden hier ist im Allgemeinen sehr ergiebig, manches wie z. B. Kartoffeln erntet man 2 mal jährlich. Die Hauptprodukte aber, die der Bauer zu Markte bringt, sind in erster Reihe der **Mais** (Miljos) od. **Welschkorn**, von was er auch sein Brod bäckt, sodann schwarze Bohnen, Reis, Tabak, und Wein, letzteren jedoch meistens nur von den Italianern gezogen.* • [O solo aqui é muito fértil, algumas coisas, como por exemplo batata, colhe-se duas vezes por ano. Porém, os principais produtos que o colono comercializa são, em primeiro lugar, o milho (Milios) ou Welschkorn, do qual ele também faz seu pão, e ainda

¹⁷³ Conforme descrição do Projeto Alemannische Pflanzennamen, que tem por objetivo reunir os nomes de plantas presentes nas regiões de língua alemã nas diversas variedades dialetais germânicas. Disponível em: [https://als.wikipedia.org/wiki/Alemannische_Pflanzennamen_\(nach_Systematik\)](https://als.wikipedia.org/wiki/Alemannische_Pflanzennamen_(nach_Systematik)).

¹⁷⁴ Do alemão: “das getreide einweichen, abbrühen, als viehfutter (âz) zubereiten.”

¹⁷⁵ Carta escrita em 01 de janeiro de 1832 por Johann F. Friedrich, em São Leopoldo, a seu irmão Claudius, na Alemanha.

feijão preto, arroz, tabaco e vinho, este último, contudo, é normalmente produzido apenas pelos italianos] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 164).¹⁷⁶

(67) *Die Besoldung ist: Ein monatliches Fixum von 10 M. 000 Reis oder 5 Spanische Thaler [...] und 12 Sack Früchte jährlich; 8 Sack Brodfrucht, nämlich türkischer Mais, hier Myljen genannt, und 4 Sack schwarze Bohnen.*
 • [O salário é: um fixo mensal de 10 Milréis ou e táleres espanhóis [...] e 12 sacos de cereais por ano: 8 sacos de cereal para pão, mais especificamente milho turco, aqui chamado de milho, e 4 sacos de feijão preto].¹⁷⁷

É interessante notar que, nos primeiros dois excertos, os autores usam o termo *Welschkorn*, que não necessita ser esclarecido para seus interlocutores, pois se trata de um termo conhecido na matriz de origem. O segundo autor ainda coloca *Miljos* entre parênteses, mostrando conhecimento da forma usada na região onde se encontra agora. O terceiro autor, por sua vez, usa o termo *türkischer Mais* e explica como é o termo utilizado em português: *Mylien*.

Os termos *Welschkorn* e *türkischer Mais* remetem à origem alóctone dessa planta, sob uma perspectiva europeia. Segundo James (1970), o adjetivo *turco* era utilizado na Europa, mesmo antes do século XVI, para fazer referência a um elemento não nativo, de origem estrangeira ou mesmo de origem desconhecida. O mesmo vale para *welsch*: trata-se, originalmente, de um adjetivo e tem como um dos seus significados ser considerado ‘latino’, usado principalmente com sentido depreciativo para designar algo que vem de fora (Welsch..., 2023).

Todas as ocorrências observadas das variantes de *Milge(n)*, *Welschkorn* e *Türkischer Mais* são correntes no século XIX, período em que o contato com o português ainda não era tão intenso. A partir do século XX, não se verifica mais a ocorrência da variante *Milge(n)* e suas variações no *corpus* de cartas analisadas.

Nas cartas escritas a partir do século XX, verifica-se a ocorrência das variantes *Milho*, *Milie*, *Milje*, caracterizando uma apropriação direta do termo do pt. *milho*. No seguinte excerto, a adoção da palavra *milho*, inclusive com a grafia em português, aponta

¹⁷⁶ Carta escrita em 03 de janeiro de 1889 por Johann Diemer, de “São João do Monte Negro”, a seu amigo Seibert, na Alemanha, passados mais de 30 anos de sua chegada ao Brasil.

¹⁷⁷ Carta escrita em 09 outubro de 1947 por Peter Wolff, de Picada do Hortêncio/RS, a seus familiares em Bergnhausen, na Alemanha. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

para a importância dessa cultura para a subsistência dos imigrantes, bem como para a crescente instauração do bilinguismo (Steffen, 2016):

(68) *Der frügefanzte Maniok ist sehr gut aufgegangen, durch das wochenlange regenwetter ist viel kabut gegangen, Milho und Futtermilho haben wir vil geflanzt etliche haben schon kleine Kolben, andere noch die kommen jetzt die blüte, dadurch das es so lange so dämlich war und danach der lange Regen kam zu [eingefügt/inserido: wenig] Sonne dadurch sind die Milho so klein gebliben. • [A mandioca, que foi plantada cedo, cresceu muito bem. Por conta do longo período de tempo chuvoso, muito se estragou. Plantamos muito milho e sorgo, alguns deles já têm espigas pequenas, outros ainda estão florescendo. Como estava muito úmido por muito tempo e depois por causa das longas chuvas, receberam [inserido: pouco] sol, por isso o milho ficou tão pequeno.](Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 310).¹⁷⁸*

Entre as variantes adotadas para *milho* pelos imigrantes alemães, sobretudo a partir do século XX, a mais produtiva delas é *Milje*, ao lado de uma série de combinações apontadas já por Altenhofen (1996): *Miljehitt* ('paiol'), *Miljemehl* ('farinha de milho'), *Puffmilje* ('milho de pipoca'), *Miljestick* ('plantação de milho'), *Miljeloob* ('palha de milho'), *Futtermilje* ('um tipo de sorgo, utilizado na alimentação animal'), *Miljebock* ('caruncho do milho'), entre outras. Altenhofen, Steffen e Thun (2018, p. 310) salientam que "trata-se de um dos empréstimos do português com maior número de palavras compostas derivadas" – o que atesta a importância dessa cultura para a subsistência dos teuto-brasileiros.

A versatilidade e a alta produtividade do milho como alternativa ao trigo já fora atestada na Europa e muitas das cartas escritas pelos imigrantes alemães mostram que eles conheciam o cereal anteriormente à sua chegada ao Brasil. Nesse sentido, depreende-se que termos como *Milgen*, *Welschkorn* e *türkischer Mais*, encontrados nas cartas escritas no século XIX, faziam parte do repertório linguístico desses falantes ainda na matriz de origem, enquanto termos como *milho* e *Milje*, que aparecem principalmente em cartas escritas no século XX, representam apropriações diretas, a partir do contato com falantes de português.

Altenhofen, Steffen e Thun (2018) observam que, entre falantes de Hunsrückisch, em função do contato com o português, atualmente apenas a variante *Welschken* – uma variação de *Welschkorn* – ainda se mantém em uma comunidade no Espírito Santo. As

¹⁷⁸ Carta escrita por Aloysio e Alwine Bruch, em Linha Laju, Mondai – SC, 19 de novembro de 1963, para Henrique Petry, em Linha Nova – RS.

outras formas deram lugar aos termos *milho* e *Milje*. Assim, enquanto *Milgen* e suas variantes provavelmente representem uma forma trazida da matriz de origem dos imigrantes, as variantes *milho* e *Milje* caracterizam um processo tradutório por apropriação direta.

4.4.1.2 Pergunta Clex13_246: *Schneise* / Picada)

No capítulo 1, abordou-se a organização das comunidades de imigrantes em picadas. Como já antecipado, inicialmente o termo *picada* estava relacionado à abertura de trilhas na mata – o que os imigrantes tiveram de realizar logo que chegaram. Em pouco tempo, esse sentido se estendeu e passou a definir a própria localidade onde se estabeleceram.

Em alemão, o termo usado nos primeiros anos da imigração, para designar trilhas abertas na mata, foi *Schneise*. Na primeira entrada para esse termo no dicionário Duden, lê-se que se trata de uma passagem feita artificialmente no meio da mata através do corte de árvores e arbustos. (Schneise ..., 2023). O mesmo dicionário Duden aponta *Pikade* como um dos sinônimos para *Schneise*. Nesse verbete, encontra-se além disso a informação de que se trata de uma “trilha na selva (em especial na Argentina e no Brasil)” (Pikade ..., 2023). O termo *Pikade*, no entanto, não figura em nenhum dicionário alemão do século XIX ou anterior. Pode-se inferir que esse termo chegou à Alemanha,¹⁷⁹ passando por uma restrição de sentido, relacionada ao aspecto geográfico – não apenas espacial (Argentina e Brasil), mas relacionado ainda ao tipo de bioma que caracteriza esses países.

É de se supor que os imigrantes de língua alemã tenham utilizado inicialmente o termo *Schneise* para identificar tanto a trilha, aberta na mata para permitir o acesso aos lotes de terra, quanto as localidades que se formaram a partir de então. Isso se comprova, segundo Altenhofen (1996, 2004), através dos diversos topônimos a partir da raiz *Schneise*, surgidos justamente na antiga Colônia de São Leopoldo, como *Berghahnerschneis* (Ivoti, fundada entre 1824 e 1826), *Portugieserschneis* (São José do

¹⁷⁹ Esse caminho pode ter se dado através da correspondência trocada entre os imigrantes e seus familiares na Europa, através de textos sobre o Novo Mundo, de obras literárias (v. seções 4.4.1.4.1 e 4.4.1.4.2) etc.

Hortêncio, fundada em 1828), *Kaffeeschneis* (Picada Café, fundada em 1844), entre outros. Também Barsewisch (1905 *apud* Tavares de Barros; Machado; Prediger, 2022) observa em seus estudos que os imigrantes alemães não usavam variantes para *picada*, e sim davam preferência inicialmente a termos alemães, sobretudo à variante *Schneise*.

Na análise diatópica dos dados de fala do ALMA-H, verifica-se que as variantes ligadas à raiz do pt. *picada* ocorrem com mais frequência nas colônias novas, quando o domínio e a influência do português já haviam se expandido:

(69) *Schickt diesen Brief an Herrn Direktor Von Schwörin Direktor der Picada Santa Cruz.* • [Envia esta carta ao Sr. diretor Von Schwörin, diretor da Picada Santa Cruz].¹⁸⁰

(70) *Picada der 48^{ger} d. 20 Maerz 1854.* • [Picada 48, 20 de março de 1854].¹⁸¹

(71) *Picada do Hortensio auf der deutschen Kolonie St. Leopoldo, Provincia Rio Grande St. Pedro do Sul d 25 May 1858.* • [Picada do Hortêncio, na colônia alemã São Leopoldo, província Rio Grande São Pedro do Sul, 25 de maio de 1858] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 110).¹⁸²

(72) *Picade der 48. den 15 April 1859.* • [Picada 48, 15 de abril de 1859].¹⁸³

(73) *Picade do Rio par do de 18 de Outubro de 1865.* • [Picada do Rio Pardo, 18 de outubro de 1865].¹⁸⁴

(74) *Illmo Sñr Michael Marmit Morador no Picade dos Irmãos Municipio de São Leopoldo Provinco de Rio Grand da Sul.* • [Ilmo Sr. Michael Marmit, morador da Picada dos Irmãos, município de São Leopoldo, província do Rio Grande do Sul] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 134).¹⁸⁵

Além disso, esses excertos, bem como outras ocorrências registradas nas fontes pesquisadas, indicam que, por algum tempo, as variantes para *Schneise* e *picada*

¹⁸⁰ Carta escrita em 1854 por Jakob Kist ao cunhado em Santa Cruz-RS. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹⁸¹ Carta escrita em 20 de março de 1854 por Anton Anschau, de Picada 48, à família. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹⁸² Carta escrita por Peter Wolf, em Picada do Hortêncio- RS, ao seu irmão Christoph.

¹⁸³ Carta escrita 15 de abril de 1859 por Anton Anschau, em Picada 48, à sua mãe. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹⁸⁴ Carta escrita em 18 de outubro de 1865 por Carlos Schnell, em Picada do Rio Pardo-RS à família.

¹⁸⁵ Carta escrita em 26 de janeiro de 1867 por Johannes Feiten, em Forte Curucu (PY), ao seu cunhado Michael Marmit, em Dois Irmãos – RS.

coexistiram, embora *Schneise* subsista especialmente em topônimos, como se pode constatar nos exemplos a seguir:

(75) *Adam Hoffmann wohnhaft in Parra de Ribeira u. in der **Brum Schneiß** noch 4 [...].* • [Adam Hoffmann, morador de Barra do Ribeiro, e na Brum Schneiß [Picada dos Brum] outros 4 [...]] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 180).¹⁸⁶

(76) *Neuschneis den 10. September 1914.* • [Neuschneis [Picada/Linha Nova], 10 de setembro de 1914].¹⁸⁷

(77) *Ich habe gehört F. Kaling u. W. Ritter hätten ein Weg in die **Kafeschneis**[...].* • [Ouvi dizer que F. Kaling e W. Ritter [encontraram] um caminho para a Kafeschneis [Picada Café] [...]].¹⁸⁸

(78) *Sie liegt nur 3/4 Stund im Walde und ist rundum von **Pikaden** umgeben, so daß wir vor den Wilden keine Gefahr haben.* • [Ela fica a apenas ¾ de hora mata adentro e é cercada por picadas, de forma que não corremos perigo com relação aos selvagens] (Fonte: Keller, 1963, p. 307 *apud* Altenhofen, 1996, p. 69).¹⁸⁹

“Kirchenrechnungs-Buch für die Evangelische Protestantische Gemeinde der **Picada** Nova” – livro que foi supostamente iniciado por Georg Heinrich Ritter em 1860 (Braun, 2013, p. 28).

(79) *Von hier aus zweigen sich die ältesten Kolonie-**Picaden** ab, unter welchen am bemerkenswerthesten die **Baumschnaiz** (Picada dos Dous Irmãos) ist, deren deutscher Name sich von einem ihrer ersten Bewohner Namens Baum herleitet. [...] Unterhalb des Hamburger Berges hatte ich in einem Kolonistenhause etwas Halt gemacht und mich über die Lage und das Wissenswertheste in den einzelnen **Picaden** genauer erkundigt. Hier wie anderwärts wurde mir angerathen, den Wasserfall des Rio do Cadéa zu besuchen. Dies führte mich durch einen grossen Theil der oben genannten **Baumpicade**.* • [A partir desse ponto, ramificam-se as mais antigas picadas-colônias, entre as quais a mais notável é a Baumschnaiz (Picada dos Dous Irmãos), cujo nome em alemão deriva de um de seus primeiros habitantes chamado Baum. [...] Abaixo do Hamburger Berg, parei na casa de um colono, onde obtive mais informações sobre a localização e as coisas mais interessantes em cada uma das Picadas. Ali, como em outros lugares, recomendaram-me que visitasse a cachoeira do Rio do Cadéa. Isso me conduziu por uma grande parte da Baumpicade mencionada acima] (Canstatt, 1877, p. 419-420).

¹⁸⁶ Carta escrita em 1 de junho de 1895 por Elisabetha Krämer, de Arroio do Meio, ao irmão Adam, Mutterschied, na Alemanha.

¹⁸⁷ Carta escrita por autor desconhecido em 10 de setembro de 1914. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹⁸⁸ Carta escrita em 12 de julho de 1929 por Luiz Laux, de Sarandi, ao amigo Heinrich Petrý. Essa carta faz parte do acervo de cartas ainda não publicadas do Alma-Histórico.

¹⁸⁹ Carta escrita em 18 de novembro de 1832 por Peter Tatsch, em São Leopoldo – RS.

No processo de concorrência entre formas linguísticas, é natural que sobreviva aquela usada por um maior número de falantes, o que, normalmente, está relacionado a fatores extralinguísticos – prestígio, necessidade, intensidade do contato, domínios de uso etc.:

formas concorrentes estão associadas a valores sociais característicos dos falantes que as usam, e o avanço da mudança está associado à adoção dos valores de um grupo por membros de outro. Assim, na fase inicial da mudança, os falantes que usam a forma mais antiga se veem raramente expostos à forma mais nova e, portanto, há poucas chances de mudança ou transferência. A velocidade da mudança será maior quando o contato entre os falantes for maior [...] (Labov, 1994, p. 14).¹⁹⁰

Segundo os dados de fala do ALMA-H, a ocorrência espontânea da forma *Schneise* na pergunta Clex13_246: “*Was machten die ersten Einwanderer mitten durch den Wald auf?* / O que os primeiros imigrantes abriram pelo meio do mato?” foi registrada apenas nos pontos RS05 (Igrejinha – RS) e RS 21 (Cerro Largo – RS), entre falantes da geração mais velha e com mais escolaridade (CaGII) e relacionada à memória dos falantes em relação à toponímia: nos dois pontos de pesquisa, os falantes fazem referência ao topônimo da localidade de Picada Café (RS06), que em Hrs. é pronunciado como *Kaffeeschneitz*.

O conhecimento passivo manifestado após uma sugestão – isto é, o falante conhece, mas não usa mais com frequência – assim como também seu desconhecimento indicam que a variante *Schneise* está desaparecendo do repertório linguístico dos falantes de Hunsrückisch:

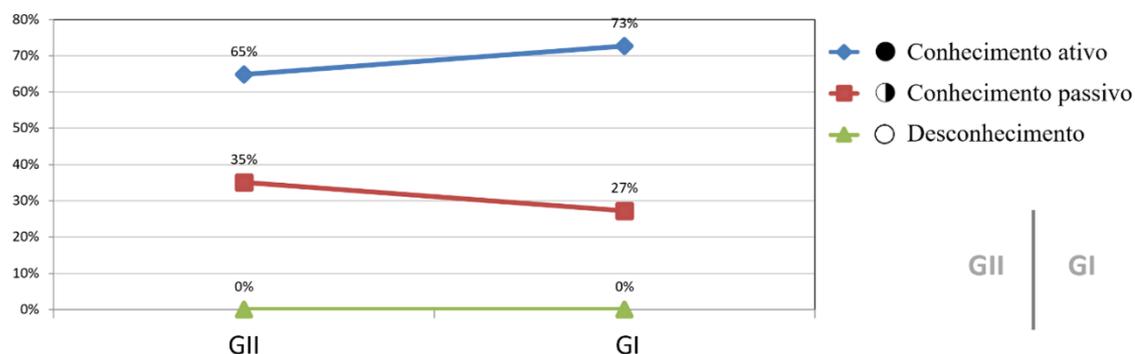
Schneise se tornou uma palavra restrita aos livros de história sobre a imigração alemã para o Brasil. Seu desaparecimento acentuado do repertório dos hunsriqueanos revela, em parte, a adaptação dos alemães à nova terra e a adoção, no seu patrimônio lexical, de termos do português referentes ao universo toponímico (*picada, pique, linha*, etc.) (Tavares de Barros, 2019, p. 177 – tradução nossa, grifos do autor).¹⁹¹

¹⁹⁰ Do espanhol: “Dos sonidos en competencia se asocian con los valores sociales característicos de los hablantes que los usan, y el avance del cambio se asocia con la adopción de los valores de un grupo por miembros del otro. Así, al comienzo del cambio, los hablantes con la forma más antigua se ven raramente expuestos a la forma más nueva, de modo que poco cambio o transferencia puede tener lugar. La velocidad del cambio será mayor cuando el contacto entre los hablantes sea mayor [...]”

¹⁹¹ Do espanhol: “*Schneise* se convirtió en un vocablo restringido a los libros de historia sobre la inmigración alemana en Brasil. Su aguda desaparición en el repertorio de los hunsriqueanos revela, en parte, la adaptación de los alemanes a la nueva tierra y la adopción en el patrimonio lexical de términos lusitanos hacia el universo toponímico (*picada, pique, línea*, etc.).”

As variantes de *picada* é que aparecem como resposta espontânea em quase todos os pontos de pesquisa. A análise das respostas espontâneas em tempo aparente, ou seja, contrastando a fala da geração mais velha com a da geração mais jovem mostra que as ocorrências dessa variante se intensificam na geração mais jovem, como indica o gráfico a seguir.

Gráfico 7: Variação das formas para *picada* na dimensão diageracional



Fonte: Projeto ALMA-H, gráfico de frequência do mapa diageracional para a pergunta Clex13_246.

A análise diageracional demonstra, portanto, um declínio no uso de *Schneise*, que permaneceu em topônimos antigos, favorecendo, em contraposição, a difusão da variante *picada* com suas diferentes realizações fonéticas.

É importante ressaltar que a pergunta Clex13_246 refere-se sobretudo ao caminho aberto pelos imigrantes para chegarem aos lotes que lhes foram destinados. Contudo, tanto *picada* quanto *Schneise* tiveram seus sentidos estendidos de ‘caminho no meio da mata’ para a ‘localidade’ em si. Na seção 1.3, viu-se que, já no século XIX, a *picada* constituiu-se em unidade “orientadora e organizadora de vida comunal, geograficamente identificável” (Dreher, 2019, p. 138). Nos comentários metalinguísticos (dimensão diarreferencial) dos informantes do ALMA-H, esse sentido também se faz presente, especialmente na etapa da sugerência. Quando questionados sobre a variante *Schneise*, por exemplo, muitos informantes comentam o nome de certas localidades: *Baumschneis*, *Kaffeeschneetz*, *Neischnees*, *Winterschneis* etc. Ou ainda:

RS09_CaGI *die Mãe sooht, ich fohre hemm in die **Pikood**.* • [a mãe diz, vou pra casa, na picada].

RS10_CaGII *Schneis* era o *Kaffeeschneitz*, eram as **picadas**, sim.

RS13_CbGII *Pikad for em Platz* • [Picada [se usa] para um lugar]

RS15_CaGII *dann hiess es in São Leopoldo **Baumschneis**. Ich weiss nicht, hat das was mit Weech zu tun? Is das Wech?* • [na época tinha em São Leopoldo a *Baumschneiss*. Eu não sei, isso tem a ver com caminho? É um caminho?]

RS19_CbGII *Pikad: wo ma wohnt* • [Picada: onde se mora]

MT02_CbGII **Pikood** seria mais uma localidade, uma região

Em resumo, a picada e a *Schneise* deixaram de ser apenas rotas de acesso, transformaram-se no centro organizacional da vida dos imigrantes e seus descendentes e estenderam inclusive seu sentido. Com o tempo, porém, como antecipado acima, a picada apropriou-se dos espaços inicialmente ocupados por *Schneise* e suas variantes. Em termos da tipologia de processos tradutórios, tem-se, no caso de *Schneise* e suas variantes fonéticas, um termo do alemão que teve seus sentidos ampliados, caracterizando um processo tradutório por extensão semântica (outro exemplo desse processo é o verbo *schicken*, analisado na seção 4.4.3); no caso de *picada* e suas variantes fonéticas, tem-se, por sua vez, um processo tradutório por apropriação direta, no qual também se verificou a extensão semântica.

4.4.1.3 Complexos socioculturais

Como visto no capítulo 1, os primeiros alemães que emigraram para o Brasil vinham, em sua grande maioria, das camadas mais pobres da população rural. Assim, viam no empréstimo de certos valores culturais do país de acolhida a possibilidade de ascensão social. Para esses imigrantes, o prestígio representava um elemento decisivo no processo de apropriação do novo meio (Willems, 1944).

Willems (1944) exemplifica a dinâmica da adoção de palavras do português pelos imigrantes alemães através de complexos socioculturais, sendo um dos mais importantes o que chamou de “complexo do cavalo” (*horse complex*).

4.4.1.3.1 O “complexo do cavalo” (*horse complex*)

Willems (1944) constata a adoção do complexo do cavalo não se deu apenas com base no prestígio da cultura gaúcha em relação a outras culturas regionais brasileiras, mas também a associações que a maioria dos alemães fazia em relação ao cavalo de sela, trazidas de sua própria cultura, na qual os trabalhadores do campo ou pequenos proprietários não possuem cavalos de sela, este representa “um dos mais caros luxos das classes altas. Possuir um puro-sangue ou criar um puro-sangue para corridas é sempre um meio de melhorar ou manter uma posição social de prestígio relativamente alto” (Willems, 1944, p. 155).

Em cartas trocadas nesse período entre imigrantes e seus familiares e amigos que ficaram na terra natal, o apreço pelo cavalo também é documentado com frequência. É o que ilustram os seguintes excertos:

(80) *Jetzt kommt er wie ein Cavalier geritten, mit neusilbernen Steigbügel. [...] Sein Pferd kostet vierzig Millreis und sein Sattelzeug 38 M. 000 Reis.* • [Agora ele chega montado como um cavaleiro, com seus estribos de argentão. Seu cavalo custou quarenta milréis e sua selaria, 38 milréis] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 112).¹⁹²

(81) *Unsere Lisette Reitet jeden Tag auf einen weisen Schimmel zur Schule obgleich der Weg nur eine firtelstunde ist im Galop sprengt der Gaul mit dem Kinde daher woran es wirklich seine freude hatt.* • [Nossa Lisette vai todos os dias à escola num cavalo branco, apesar da distância de apenas 15 minutos. O cavalo vai a galope, o que deixa a menina muito feliz] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 121-122).¹⁹³

(82) *Einen wunderschönen Damensattel habe ich zu Weihnachten bekommen, er ist aus S[an]t.[a] Chatarina, hat als Steigbügel einen kleinen rothen Pantoffel u[nd] ist mit vielerlei Stickerei verziert.* • [Ganhei, de Natal, uma

¹⁹² Carta escrita por Peter Wolf (e também em nome de Jakob Wolf), em Picada do Hortêncio, em 25 de maio de 1858, a seu irmão Christoph na Alemanha.

¹⁹³ Carta escrita em Teotônia/RS, em 10 de outubro de 1858, por autor desconhecido a seus parentes na Alemanha.

bela sela lateral, vinda de Santa Catarina. No lugar do estribo, ela tem pequenas pantufas vermelhas, decoradas com lindos bordados] (Fonte: Matzke, 2020, p. 113).¹⁹⁴

(83) *Nun werde ich Dir meinen Dammensattel einmal borgen, damit Du auch das schöne Vergnügen des Reitens kennen lernst.* • [Um dia vou te emprestar minha sela lateral para que também possas conhecer o prazer de cava] (Fonte: Matzke, 2020, p. 198).¹⁹⁵

Também na literatura sobre a imigração alemã no Brasil, pode-se verificar o prestígio atribuído ao cavalo. Os seguintes excertos da obra *A Colônia – Cenas da Vida no Brasil*, de Gerstäcker, são um exemplo:

O forasteiro montava um vistoso cavalo cinza com arreios muito peculiares, [...] uma quantidade de placas rústicas de prata, [...] uma série de pequenas fivelas de prata, borlas e franjas de couro cru não curtido, mas trançado de forma excepcionalmente artística. [...] Suas esporas eram pequenas e de bronze escuro, e na parte traseira da sela, enrolado e preso com um nó, estava pendurado um laço fino, mas fortemente trançado, de couro cru (Gerstäcker, 2016, p. 21).

[...] ele parecia ter se adaptado aos costumes brasileiros mais resolutamente através de um par de grandes esporas brasileiras de prata verdadeira e dos adornos de cabeça e arreios que seu cavalo levava, onde quer que fosse possível colocá-los, além de fechos e fivelas de prata [...]. Via-se que ele deveria estar há um bom tempo na estrada, e as perneiras de couro, que cobriam a parte inferior de suas pernas, mostravam vestígios de espinhos e trepadeiras acumulados na mata (Gerstäcker, 2016, p. 21-22).

Nesses excertos da obra de Gerstäcker o prestígio do cavalo é justificado pela necessidade de seu uso em um contexto onde as distâncias são consideráveis e os caminhos cortam grandes extensões de mata virgem. O cavalo “converteu-se em símbolo de uma nova condição social e um meio para vencer as distâncias da nova *Heimat*” (Altenhofen, 2016, p. 390 – grifos do autor).

O cavalo, portanto, não era apenas um artigo de prestígio, mas necessário às novas condições de vida dos imigrantes. Muitas das cartas escritas no século XIX trazem informações a esse respeito, como ilustram os seguintes excertos:

¹⁹⁴ Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, 15 de março de 1855, para a sogra, Christiane Charlotte Dörffel, em Glauchau na Alemanha.

¹⁹⁵ Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, 27 de setembro de 1857, para a cunhada, Thekla Kreuzschmar, em Glauchau na Alemanha.

(84) *Das Reiten ist hier für Damen nothwendiger als man bei Euch zu denkt, da die Wege, wenn es nur einen Tag geregnet hat fast gar nicht für unsereinem zu passiren sind.* • [Montar aqui é mais necessário para as mulheres do que vocês pensam, pois se chove apenas por um dia, fica impossível caminhar pelas estradas] (Fonte: Matzke, 2018, p. 113).¹⁹⁶

(85) *Ihr irrt, wenn ihr denkt, man hätte bei uns die Pferde zum Spazierenreiten. Man hat sie ganz nötig, denn der Weg ist sehr schlecht. Ist er noch neu, so stehen die Stöcke noch da. Ist er älter, dann ist er löcherig und schmutzig, da kann man ohne Pferd nicht durchkommen. Man trifft Flüsse an, aber keine Brücke darüber; so wie auch steinige Wege. Allein unsere Pferde sind zu diesen Reisen trefflich geeignet, sie gehen durch Flüsse, über schmale Brücken, durch Hecken, über umgehauene Bäume und über Pfade, die so steil sind wie das Pfädchen über den simmerschen Hüllenberg.* • [Vocês se enganam quando pensam que nós temos cavalos para passear. A gente precisa deles, porque as estradas são muito ruins. Enquanto a estrada é nova, estão parados aí os troncos das árvores. Quando a estrada já é mais usada, torna-se esburacada e lamacenta e daí não se consegue passar a não ser com o cavalo. A gente encontra rios, mas sem pontes sobre eles. As estradas são também cheias de pedras. Os nossos cavalos são bem apropriados para estas situações, pois eles passam por rios, por cima de pontes estreitas, através de capoeiras, sobre árvores derrubadas e em trilhas que são tão íngremes como as do monte Hüllenberg, em Simmern] (Engelmann, 2004, p. 302-303 – tradução do autor).¹⁹⁷

Mesmo com os avanços tecnológicos que se fazem presentes no século XX, o cavalo continua tendo importante papel como meio de transporte e de comunicação entre as pessoas, como destaca o excerto a seguir:

(86) *Leider kann ich dir von Wilhelmine keine genaue Nachricht geben, da wir durch das hochwasser keine Telephonische Verbindung mehr haben, und auch noch keiner hinreiten konnte da wir auch alle, Otto u. wir, nicht ganz wohl waren. Sobald ich aber Nachricht bekommen kann, werde ich sie Euch soford zukommen lassen, hoffentlich ist sie schon wieder besser.* • [Infelizmente não posso te dar notícias da Wilhelmine, pois, em função da enchente, estamos sem conexão telefônica e nenhum de nós pôde cavalgar até lá, pois todos nós, Otto e nós, não estávamos bem. Mas assim que eu souber de notícias, mando para vocês, tomara que ela já esteja melhor] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 212).¹⁹⁸

¹⁹⁶ Carta escrita por Ida Dörffel, em Dona Francisca, 27 de setembro de 1857, para a cunhada, Thekla Kreuzschmar, em Glauchau na Alemanha.

¹⁹⁷ Carta escrita em 24 de julho de 1859, em São Leopoldo, por Konradt Engelmann a seus familiares na Alemanha.

¹⁹⁸ Carta escrita em 28 de novembro de 1919, em Estrela – RS, pela Sra. Schneider à sua filha Elvira.

As condições das estradas, as distâncias entre as colônias e entre estas e os centros urbanos acentuavam a necessidade de se ter um cavalo, fazendo com que os imigrantes desenvolvessem uma relação muito próxima com esse animal. O cavalo era usado por “homens, mulheres e crianças, moços e velhos [...] para ir à venda, ao moinho, à cidade, à missa, às reuniões, à escola etc. Houve quem dissesse ser o cavalo a bicicleta do colono” (Oberacker, 1957, p. 20). Outro exemplo é oferecido por Braun (2013) que, sobre a história de Linha Nova (*Neuschneis*), relata tratar-se de uma picada comprida, “levava-se quatro horas para chegar a cavalo do extremo sul ao norte e, duas, do extremo leste ao oeste” (Braun, 2013, p. 27).

Os imigrantes adotam, portanto, muitos valores culturais e ambientais relacionados à posse e à criação de cavalos: a vantagem de cavalos marchadores, que oferecem ao cavaleiro maior conforto mesmo em longos trajetos; a vestimenta dos gaúchos: chapéu, lenço, bombacha; os tipos de sela e de equipamentos de montaria; os cuidados com os animais; o uso do laço e das boleadeiras. Porém, além do prestígio social e das questões relacionadas à real necessidade dos imigrantes, o complexo do cavalo remete adicionalmente e por consequência ao prestígio linguístico do português, o que justifica a apropriação direta das palavras referentes a esse complexo.

Como observa Willems (1944), os teuto-brasileiros assumiram não apenas as características culturais relacionadas à figura do cavalo, mas ainda todo o vocabulário correspondente a esse complexo em português, embora existissem palavras em alemão para designar os elementos referentes a esse complexo, como será ilustrado adiante.

Há fortes evidências de que os colonos desejavam adotar o maior número possível de palavras em português, porque o uso dessa língua contribuía para quebrar o isolamento cultural e facilitar seus esforços em busca de um melhor status (Willems, 1944, p. 157-158).¹⁹⁹

Assim, a busca por esse melhor *status* e os esforços em apropriar-se do novo ambiente explicam, pelo menos em parte, a apropriação direta de palavras da língua portuguesa local, mesmo que muitas vezes existissem termos para designar todos os

¹⁹⁹ Do inglês: “There is strong evidence that the settlers wished to adopt the largest possible number of Portuguese words because the use of this language contributed to break down cultural isolation and to make the struggle for status much easier.”

elementos relacionados ao complexo do cavalo nas variedades de língua alemã, conforme mostra a tabela abaixo (que respeita a grafia dada pelo próprio Willems):

Tabela 9: Apropriações diretas associadas ao complexo do cavalo

<i>Português</i>	<i>Alemão – variedades brasileiras</i>	<i>Alemão – variedade standard</i>
Broca	<i>Brok</i>	<i>Hufrehe</i>
Cabresto	<i>Kabrest, gabrest, kaprest</i>	<i>Halfter</i>
Carreira	<i>Karére, Karéie</i>	<i>Pferderennen</i>
Chicote	<i>Sikót</i>	<i>Peitsche</i>
Chucro	<i>Súker</i>	<i>Wildpferd</i>
Égua	<i>Égva</i>	<i>Stute</i>
Empacador	<i>Pakadór</i>	<i>störrisches Pferd</i>
Garupa	<i>Garúp</i>	<i>Kruppe</i>
Malacara	<i>Markáre</i>	<i>Pferd mit weißer Stirn</i>
Matungo	<i>Matunge</i>	<i>Altes Pferd</i>
Pasto	<i>Bast, Past</i>	<i>Weide</i>
Pelego	<i>Pelég, Peléger</i>	<i>Schafsfell</i>
Potreiro	<i>Potrér</i>	<i>Gehege</i>
Rédea	<i>Rédie, Relin</i>	<i>Zügel</i>
Selim	<i>Salín</i>	<i>Sattel</i>
Tropeiro	<i>Tropéro</i>	<i>Mann, der eine Herde führt / Viehtreiber</i>

Fonte: elaborado pela autora, com base em Willems, 1944.

É interessante notar que, na matriz de origem, a língua francesa desfrutava de *status* de língua de prestígio desde o fim da Idade Média, exercendo grande influência sobre os falantes de língua alemã. Verifica-se o poder de tal influência, por exemplo, em uma carta escrita por Voltaire quando, em visita a Potsdam, menciona sentir-se na França, uma vez que o alemão só é falado para referir-se a soldados, cavalos ou em conversas informais no meio da rua (Von Polenz, 2013). O que, nesse caso, chama atenção é que, apesar do prestígio da língua francesa na matriz de origem, tanto mais na Renânia, por muito tempo ocupada pelas tropas napoleônicas, sua influência não tenha se mantido no novo meio. Ela sobrevive em um conjunto de galicismos observáveis em outros campos da vida social, como *retour*, *Schofeer*, *Convert* (cf. Thun; Wilkin, 2018), mas não no que diz respeito, pelo menos diretamente, ao vocabulário próprio do complexo do cavalo, ao menos não da mesma forma que ocorreu no Brasil.

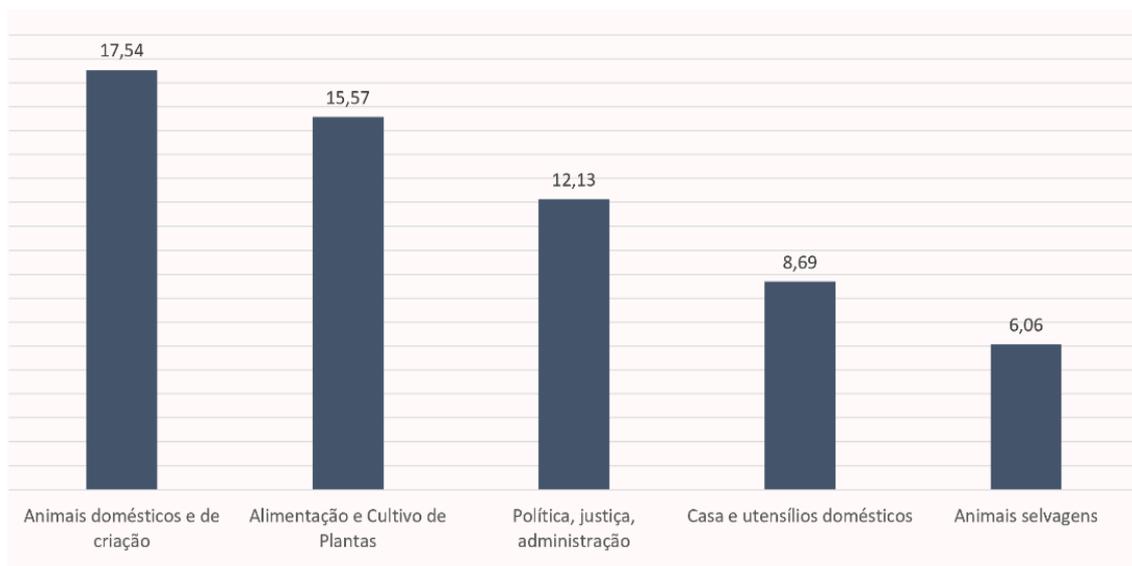
Willems (1946) apresenta uma lista de palavras do português adotadas pelos imigrantes alemães e observa que das palavras utilizadas para denominar animais domésticos, a grande maioria está relacionada ao cavalo e aos equipamentos de montaria. Novamente, Willems ressalta a adoção do vocabulário em língua portuguesa para o complexo do cavalo e o conseqüente abandono do vocabulário em língua alemã nesse contexto: “é digno de nota que, salvo pouquíssimas exceções, o vocabulário alemão concernente ao cavalo se perdeu nas comunidades puramente rurais” (Willems, 1946, p. 302). O que se destaca nessa questão é que relações sociais e culturais desse tipo favoreceram consideravelmente o afluxo de apropriações diretas no Hunsrückisch. A seguir, são apresentados outros complexos socioculturais dessa natureza que podem ter produzido efeitos semelhantes.

4.4.1.3.2 Outros complexos socioculturais

A criação de animais e a agricultura constituíram-se em elementos fundamentais para a sobrevivência e subsistência da vida nas colônias (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Além disso, conforme já se aludiu, as diferenças e novidades em relação à fauna e à flora do novo meio favorecem a apropriação linguística. Assim, os imigrantes se apropriaram de diversas palavras relacionadas ao campo dos animais domésticos e ao campo da agricultura.

Willems (1946) compila uma lista de 610 palavras, segmentada de acordo “com a sua associação cultural” (Willems, 1946, p. 300), na qual é possível verificar alguns dos campos nos quais a adoção de palavras do português ocorre com mais frequência, como ilustra o gráfico a seguir:

Gráfico 8: Frequência de apropriações diretas do português, em diferentes campos semânticos



Fonte: elaborado pela autora, com base em Willems (1946).

Nos dados apresentados por Willems (1946), o campo referente a ‘animais domésticos e de criação’ perfaz 17,54%, do qual a maior parte das palavras está relacionada ao cavalo e aos equipamentos de montaria, como mencionado anteriormente. As apropriações associadas à alimentação e ao cultivo de plantas, 15,57%, deixam-se explicar por sua relação com a subsistência das famílias de imigrantes, bem como pelas incontestáveis diferenças e peculiaridades que os imigrantes experimentaram nesse campo, como mostram os excertos das cartas reproduzidos anteriormente. As palavras associadas à política, à justiça e à administração, por sua vez, perfazem 12,13% e são facilmente explicadas através das diferenças que caracterizavam esse campo em relação à matriz de origem.

Também na literatura de língua alemã sobre o Brasil encontram-se palavras adotadas pelos imigrantes, relacionadas à sua subsistência, como mostram os exemplos *Chagra* [‘chácara’] e *Maniok* [‘mandioca’], presentes nos seguintes excertos em que Gerstäcker (1862/2016) explica o seu significado:

Chagra ist in Brasilien das Nämliche, was der Landmann in Nordamerika unter dem Worte Farm versteht – ein kleines »Landgut«, oder eine »Colonie« (Gerstäcker, 1862, p. 6). [Chácara, no Brasil, é o que os agricultores na América do Norte entendem por farm (fazenda) – uma “pequena propriedade rural” ou uma “colônia”] (Gerstäcker, 2016, p. 20).

Die **Maniokwurzel** ist eine der Kartoffel nicht unähnliche Knolle, welche mit Bohnen und Schweinefleisch das Hauptnahrungsmittel der Brasilianer bildet. Sie wächst, als Wurzel eines Strauches, aber nicht rund, sondern lang, nur unter der Erde (Gerstäcker, 1862, p. 164). [A raiz de mandioca é um tubérculo não muito diferente da batata e, junto com feijão e porco, constitui o principal alimento dos brasileiros. Ela cresce sob a terra como raiz de um arbusto, mas não é redonda, é comprida] (Gerstäcker, 2016, p. 185).

A apropriação do novo meio, portanto, entrelaça-se com questões referentes à subsistência, ao prestígio, a valores e à cultura. Nesse sentido, é interessante notar que a origem da palavra *cultura* está relacionada ao cultivo agrícola: do latim, “a palavra *culturae* se originou a partir de outro termo latino: *colere*, que quer dizer cultivar as plantas ou ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas” (Cultura..., 2023). Em situações de migração, esse entrelaçamento homem-meio se intensifica, uma vez que os imigrantes sentem a necessidade de recriar espaços familiares e fazem isso através de sua bagagem cultural, de seus valores e de suas crenças. A apropriação do novo meio, contudo, pressupõe mudanças e reorganização de conceitos e de valores e nessa reorganização a língua desempenha um papel de destaque.

Necessidade e prestígio, como se viu na seção 2.10, estão entre as principais motivações extralinguísticas que levam a processos tradutórios. Como se buscou ilustrar nas seções anteriores, as necessidades que surgem no novo meio, assim como também o prestígio – como aquele relacionado à figura do cavalo – funcionam como uma espécie de gatilho para a apropriação direta de palavras e conceitos relacionados a diferentes complexos socioculturais, especialmente relevante na situação de contato linguístico, seja na oralidade, como mostraram os dados de fala do ALMA-H, seja na escrituralidade, como mostraram os dados extraídos das cartas que compõem o ALMA-Histórico.

Além das apropriações diretas, as apropriações por tradução se mostram bastante produtivas, como se pode observar na próxima seção.

4.4.2 Apropriações por tradução

A tabela a seguir ilustra, a partir de uma lista de denominações levantadas por Oberacker (1957), apropriações por tradução realizadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes e que, em parte, também aparecem documentadas no banco de dados do ALMA-H:

Tabela 10: Exemplos de apropriações por tradução retirados de Oberacker (1957)

Português	Variantes do alemão falado no Brasil
Erva-de-porco / Beldroega	<i>Schweinekraut</i>
Onze horas (flor)	<i>Elfuhrblume</i>
Mal-da-terra / Amarelão	<i>Landskrankheit</i>
Barba-de-bode	<i>Bocksbart</i>
Jogo do osso	<i>Knochenspiel</i>
Erva-tremedeira	<i>Zittergrass</i>
Capim-elefante	<i>Elefantengrass</i>
Lírio do mato	<i>Waldlilie</i>
Couve-manteiga	<i>Butterkohl</i>
Banana-maçã	<i>Apfelbanane</i>
Banana-figo	<i>Feigenbanane</i>
Capim-gordura	<i>Fettgrass</i>
Capim azedo	<i>Sauergrass</i>
Título de propriedade	<i>Besitztitel</i>
Forno/estufa para tabaco	<i>Tabakofen</i>

Fonte: elaborado pela autora, com base em Oberacker, 1957, p. 4-11.

Sem entrar em questões de seu uso, nos diferentes segmentos sociais e situações comunicativas, o que esse tipo de apropriação sugere é que se trata de um processo tradutório bastante frequente. Além dos exemplos acima, vale mencionar apropriações por tradução, nas quais os falantes combinam elementos das línguas em contato, ainda que, na maioria das vezes, verifiquem-se diferentes realizações fonéticas. Vale citar, nesse sentido, exemplos igualmente levantados por Oberacker (1957, p. 4-11), como *Teebombe* (pt. ‘bomba para o chá (chimarrão)’), *Teekuje* (pt. ‘cuia para o chá

(chimarrão)'), *Stinkcapim* (pt. 'capim fedorento'), *Paljezigarre* (pt. 'cigarro de palha'),²⁰⁰ *Miljestroh* (pt. 'palha de milho'), *Moskitonetz* (pt. 'rede para mosquitos/mosquiteiro'), como também por Fausel (1962, p. 215), como *Miljedorze* (pt. 'espiga de milho'), *Schmierlatte* (pt. 'lata para chimia')²⁰¹ (Tavares de Barros (2019, p. 83) também chama atenção para expressões e unidades lexicais, no Hunsrückisch, criadas a partir da tradução de termos do português: *Grünepanz* (pt. 'barriga verde' [gentílico para o catarinense]); *Halsbower* (pt. 'abóbora de pescoço'); *Bowermenineches* (pt. 'abóbora-menina'; *ungedrehte Hose*²⁰² (pt. 'calça-virada').

Como se vê, as ocorrências tanto de apropriações diretas quanto de apropriações por tradução são, de certo modo, bastante produtivas no contato linguístico do Hunsrückisch com o português no Brasil. Elas ratificam, portanto, a hipótese de que esses são processos tradutórios bastante evidentes.

4.4.3 Apropriações semânticas

Como visto anteriormente, a apropriação semântica representa um processo no qual os sentidos são transferidos da língua fonte para a língua apropriadora, sem que, necessariamente, sejam apropriadas as unidades lexicais da língua fonte. Na seção 2.7.2.3.3, mencionou-se o exemplo da partícula *bis* e na seção 4.4.1.2, viu-se o caso de *Schneise*. De modo semelhante, discute-se, nesta seção, o caso do verbo *schicken*.

No Hunsrückisch falado no Brasil, o verbo *schicken* incorporou ao sentido de 'enviar' – uma carta, dinheiro, um pacote –, o sentido de 'dar uma ordem, mandar fazer algo', em função da relação semântica existente, no português, entre os verbos *enviar* e *mandar*.

Na língua portuguesa, o verbo *mandar* possui duas acepções principais:

²⁰⁰ *Criole*, no Hrs., cf. Altenhofen (1996). Compare-se *Papierzicker* (pt. 'cigarro de papel').

²⁰¹ "Chimia" é uma das apropriações do alemão para o português, a partir de *Schmier*, demonstrando que as variedades linguísticas em contato se influenciam mutuamente (Steffen, 2013). *Schmier* tem sua origem no verbo *schmieren* que tem, entre outros, o sentido de 'untar, passar algo gorduroso no pão' (Schmieren..., 2023). Com o tempo, esse sentido se estendeu para 'qualquer coisa que se passe no pão'. Na região sul do Brasil, o termo passou por um processo de restrição de sentido, indicando sobretudo 'doce de frutas'.

²⁰² Forma registrada por Tavares de Barros (2019) em uma entrevista com falantes de Hunsrückisch e Pomerano em Carlinda – MT, em maio de 2017.

1. ordenar, mandar fazer algo;
2. enviar, remeter

Embora o verbo *schicken*, no alemão *standard*, seja um verbo bastante polissêmico, o sentido de ‘ordenar, mandar fazer algo’ não faz parte de suas acepções na variedade *standard* do alemão. Segundo o *DWB* (*Deutsches Wörterbuch* – Dicionário Grimm da Língua Alemã), tem-se, no alemão antigo, entre os sentidos mais comuns do verbo *schicken*, o sentido de ‘organizar, preparar’ – também como verbo reflexivo *sich schicken*, isto é, ‘organizar-se, preparar-se’. O *DWB* ressalta ainda que *sich schicken* passou a assumir o sentido de ‘submeter-se, adequar-se a situações exteriores’. A partir do conceito de ‘adequação a situações exteriores’, desenvolveu-se o sentido atitudinal de ‘adequação interior’, de ‘comportar-se’, que está presente na expressão recorrente do Hrs. *Schick dich!* (‘te comporta’). Tal sentido aparece também no *corpus* de cartas privadas do ALMA-Histórico, em uma carta escrita em 1922:

(87) *Was sagte denn der Edgar das ich fortgemacht bin, schickt er sich noch [...] schick Dich gut und sage zum Edgar einen kleinen gruss er sollte sich gut schicken, sonst würde ich ihn nachdem an die Ohren [...] grüsse auch die Meda und Ivo und sie sollte sich gut schicken.* • [O que o Edgar disse sobre minha ausência, ele ainda está se comportando [...] comporta-te e manda lembranças para o Edgar, ele que se comporte bem, senão eu vou [...] nas orelhas. Manda lembranças também para a Meda e o Ivo e que eles se comportem bem].²⁰³

Embora as ocorrências de *schicken* com o sentido de ‘comportar-se’ encontradas no *corpus* de análise desta tese concentrem-se em uma única carta, outros estudos comprovam sua ocorrência com essa acepção. Em estudo realizado por Lotholz (2020) nas Colônias Unidas – Paraguai, a autora também aponta para o uso da expressão *schick dich* ou *schickt euch* pelos falantes de Hunsrückisch dessa região com o sentido de ‘comportar-se adequadamente’. Lotholz salienta ainda que essa expressão equivaleria, na língua alemã *standard*, a “*sich [gut] benehmen*” (Lotholz, 2020, p. 56 – inserções nossas).

Segundo o *DWB* (*Schicken...*, 2023), os sentidos de *schicken* restringiram-se ao longo dos séculos, e o sentido mais comumente observado nos dias de hoje – ‘enviar/mandar’ – passou a ser registrado, na língua alemã, apenas a partir do século XVI: *eine Nachricht / einen Brief / Grüße / Geld / Hilfe schicken* [‘enviar/mandar uma

²⁰³ Carta escrita em 20 de outubro de 1922 por Alma Schneider, em Porto Alegre, para a irmã Elvira.

mensagem / uma carta / lembranças / dinheiro / ajuda’]. Esse é também o sentido predominante nas cartas analisadas. Das 125 ocorrências verificadas, 117 são com o sentido de ‘enviar’, ou seja, mais de 90% das ocorrências estão relacionadas ao envio de alguma coisa [para alguém]:

(88) *Denn wollte ich gern haben ½ Robe kaffe daß meine Tochter mit dem Schwager Fritz schicken solte.* • [Eu gostaria ainda de ½ arroba de café, que a minha filha deveria enviar com o cunhado Fritz] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 90).²⁰⁴

(89) *Endlich noch muß ich Dir berichten, daß wir Dir im Monat November 1856 einen Brief zuschickten, in welchem wir Dir das Anerbieten machen, wenn Du wieder gesund seiest und zu uns kommen wolltest und bist dir ein Reisegeld fehle, wir Dich auf Wechsel kommen lassen wollten.* • [Por fim, devo te informar que, em novembro de 1856, nós te enviamos uma carta na qual te oferecemos que, quando estiveres saudável novamente e quiseres vir até nós, nós te mandaríamos o dinheiro, caso não tenhas] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 114).²⁰⁵

(90) *Innich gelibte Eultern Es ist fast 7 Tagen das ich Euch ein Brif zu ge schikt habe [...] hir in unserm Corpo saind welge die Scho drai bis Fier and word haben, di ser ist der Finfde Brif den ich Euch zu Schikke.* • [Amados pais, já faz quase 7 dias que eu lhes enviei uma carta [...] aqui em nosso corpo tem quem já tenha recebido três a quatro respostas, essa já é a quinta carta que eu lhes envio] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 123).²⁰⁶

(91) *wenn wir nicht ein Pferd können schücken für mein Bruder Johann so sei so gut und sage es ihm das er bei dir bleibet bis morgen.* • [Se não conseguirmos enviar um cavalo para meu irmão Johann, tenha a bondade de dizer a ele que fique com você até amanhã].²⁰⁷

(92) *Ich hätte Dir damals mehr Geld schicken sollen, aber Papa dachte, wenn Du viel Geld in die Finger hätst so könnte es leicht verloren gehen.* • [Eu deveria ter te enviado mais dinheiro daquela vez, mas teu pai acho que, se tivesses muito dinheiro nas mãos, ele poderia se perder facilmente].²⁰⁸

(93) *[...] so wie es auf dies Band heisst, das Walter mir im letzten Jahr schickte hat.* • [como está na fita que o Walter me enviou no ano passado].²⁰⁹

²⁰⁴ Carta escrita em 1 de outubro de 1841 por Carl Huber, em Lomba Grande [Novo Hamburgo] – RS, para a filha e o genro, Johann Carl Hermann Schnell.

²⁰⁵ Carta escrita em 25 de maio de 1858 por Peter Wolf, em Picada do Hortêncio – RS, para o irmão, Christoph.

²⁰⁶ Carta escrita em 26 de novembro de 1865 por Carlos Schnell, em Passo d'Areia [Cachoeira do Sul] – RS, aos pais e irmãos.

²⁰⁷ Carta escrita em 19 de agosto de 1870 por Magdalena Lamius, em Hamburgerberg [Novo Hamburgo] – RS, à cunhada, Katharina Lamius.

²⁰⁸ Carta escrita em 9 de agosto de 1919 por Sra. Schneider, em Estrela – RS, à filha Elvira.

²⁰⁹ Carta escrita em 2 de março de 1987 por Anna Isernhagen, em Toledo – PR, a Walter e Maria Isernhagen, em Porto dos Gaúchos – MT.

Da relação entre ‘enviar’ e ‘mandar’, estendeu-se o sentido de *schicken*, no Hunsrückisch, para ‘ordenar’. No *corpus* de cartas analisado, verificou-se a ocorrência de *schicken* com o sentido de ‘ordenar/mandar fazer algo’ em uma carta, escrita em 1926:

(94) *Carlos kann Donnerstags und Freitags hatt er mich bei den Seggel geschickt ich soll meine Haare abschneiden lassen, ich wußte garnicht was ich dazu sagen sollte, und ich hab mich auf garnicht zwei mal schicken lassen. [...] Elvira du meinst auf einmal tät der Edgar dich auch noch schicken, so wie Er die Alma geschickt hatt, Elvira sei nicht dumm wenn Er dich läßt, dann schneid sie [die Haare] doch ab du meinst für andere wäre es schön nur für dich nicht, sei doch nicht so dumm Elvira grad dir wird es doch schön stehn, du hast doch so schöne lockige Haare.* • [Carlos chegou na quinta, e na sexta me mandou ir ao Seggel, para que eu cortasse meu cabelo. Nem soube o que dizer a respeito e também não esperei que me mandasse duas vezes [...] Elvira, achas que o Edgar te mandaria também, assim como ele mandou a Alma? Elvira, não seja boba, se ele deixar, então corta [o cabelo], tu achas que fica bem para os outros, mas não para ti, não seja tão boba, Elvira, especialmente em ti que tem um cabelo cacheado tão bonito vai ficar bem] (Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 259).²¹⁰

O “uso linguístico encontrado em uma determinada carta pode ser típico de uma família em particular ou mesmo apenas do autor em questão” (Steffen, 2016, p. 134).²¹¹ Embora as ocorrências encontradas no *corpus* concentrem-se em uma única carta, o uso atual de *schicken* no Hunsrückisch, com sentido de ‘ordenar/mandar alguém fazer algo’ comprova sua estabilidade na língua. Além disso, como já mencionado anteriormente, é natural que mudanças linguísticas se iniciem em nível individual, mas, para que se estabeleçam, precisam ser aceitas pelo coletivo da comunidade de fala, na qual ocorrem. Para que sejam bem-sucedidas, porém, precisam aderir ao princípio da economia, ou seja, devem incorporar, na língua apropriadora, “somente o tanto de mudança necessária para que outros falantes da comunidade possam reconhecer qual a estrutura nativa que se pretende reproduzir” (Hickey, 2020, p. 156).²¹²

É interessante notar que, embora no alemão *standard*, tenha ocorrido uma restrição semântica dos sentidos de *schicken* – como aponta o *DWB* –, no Hunsrückisch, verifica-se o processo de extensão semântica, devido ao contato com o português.

²¹⁰ Carta escrita em 8 de dezembro de 1926 por Elvira Müller, em Carazinho – RS, a Elvira Schneider.

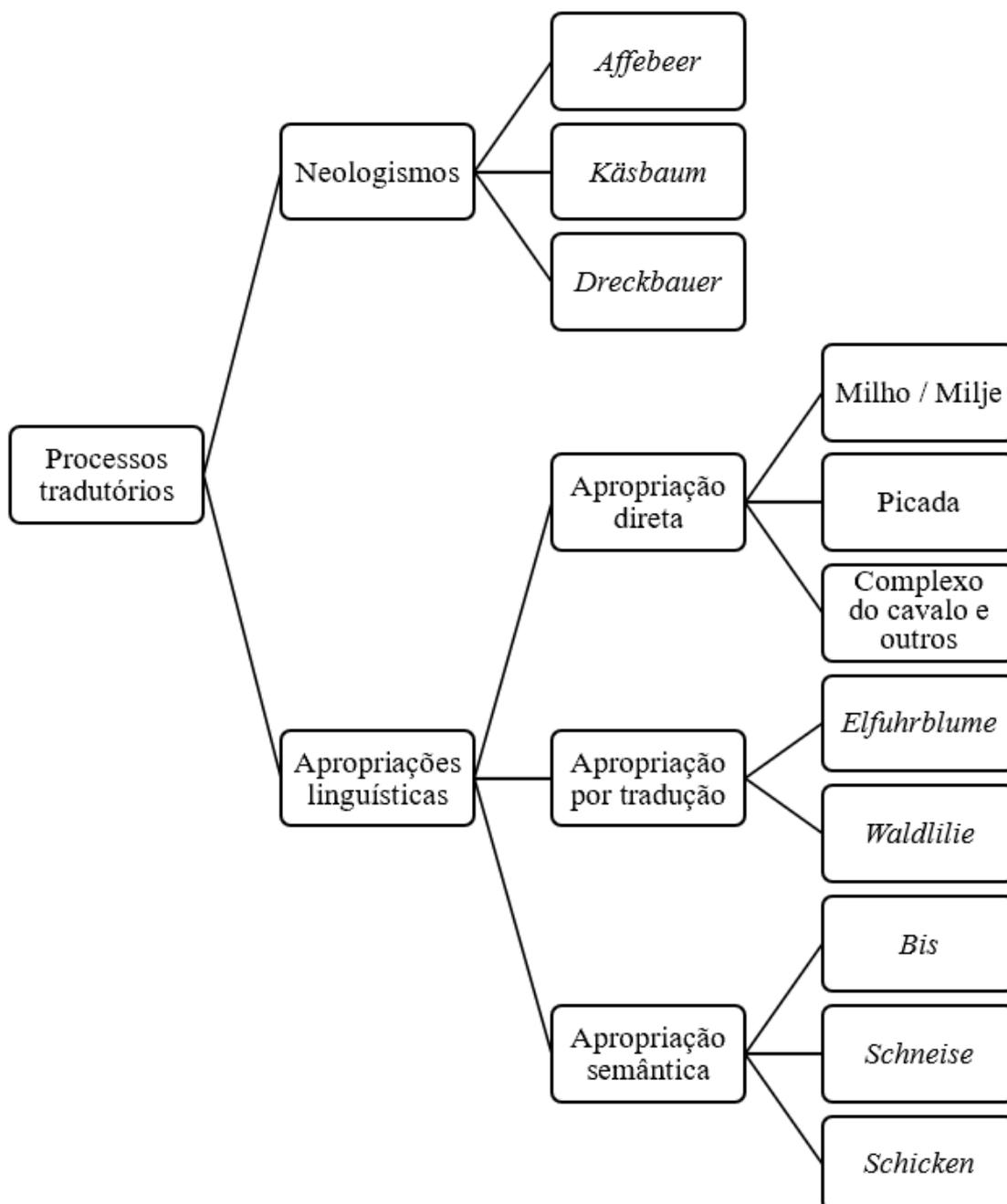
²¹¹ Do alemão: „Ein in einem gegebenen Brief vorgefundener Sprachgebrauch [kann] möglicherweise typisch für eine bestimmte Familie oder sogar nur für den jeweiligen Schreiber sein.“

²¹² Do inglês: “as much change in the target as is necessary for other speakers in the community to recognize what native structure it is intended to reflect.”

4.4.4. Síntese dos processos tradutórios observados

Para sintetizar as análises apresentadas neste capítulo, segue um esquema da distribuição dos processos tradutórios identificados:

Figura 13: Distribuição dos processos tradutórios identificados



Fonte: elaborado pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta tese foi demonstrar que processos tradutórios representam importantes fatores na configuração, variação e mudança linguística do Hunrückisch em contato com o português local. Além disso, objetivou-se identificar e estabelecer uma tipologia de processos tradutórios que pudesse ser aplicada a contatos linguísticos na oralidade, como é o caso do Hunsrückisch em contato com o português, verificando sua frequência e representatividade, bem como as possíveis motivações que favorecem ou desfavorecem sua ocorrência e recorrência no *corpus* analisado.

O princípio da pluridimensionalidade da análise da variação e mudança linguística (Radtke; Thun, 1996), bem como perspectivas teóricas da esfera dos Estudos da Tradução, da psicolinguística e dos estudos sobre cognição, aquisição e aprendizagem de línguas serviram para organizar e identificar processos tradutórios e sua influência na formação, variação e mudança do Hunsrückisch. Foram identificados, assim, os seguintes processos tradutórios: 1) neologismos; 2) apropriações linguísticas – que podem ser diretas, por tradução ou semânticas; 3) replicações funcionais e estruturais.

Definida a tipologia, confirmou-se a hipótese de que, nas fases iniciais do contato linguístico, o processo tradutório mais evidente parece ser a formação de neologismos. Embora não tenham sido registrados nas cartas do *corpus* de pesquisa, a análise no eixo da diatopia mostra que os neologismos são bastante produtivos nas áreas das colônias velhas, a exemplo da análise de *Affebeere* (pt. ‘araticum’), *Keeboom* (pt. ‘umbu’) e *Dreckbauer* (pt. ‘joão-de-barro’). No entanto, com o passar do tempo, devido em parte às migrações internas – e à consequente formação das colônias novas –, bem como devido também à intensificação do contato com a língua majoritária, os neologismos passaram a ceder lugar à apropriação direta de elementos da língua fonte.

Validou-se também a hipótese de que o contato linguístico pode levar ao processo tradutório de replicação de funções e estruturas de uma língua na outra. Os casos analisados nesta tese atestam a replicação de estruturas e funções do português no Hunsrückisch. Na seção 4.1, analisou-se a replicação funcional da progressividade, mostrando o crescente uso do *am*-progressivo na replicação da função da perífrase formada por “estar + gerúndio” do português; na seção 4.2, a replicação estrutural é ilustrada, por exemplo, através do uso do verbo *haben* (pt. ‘ter’) para expressar a noção de idade – estrutura própria do português e que se faz presente no Hunsrückisch em todos os pontos de pesquisa no Brasil, mas não ocorre em nenhuma das variedades de alemão na Europa.

Na análise em tempo real, no eixo da diacronia, a análise das cartas que compõem o ALMA-Histórico permitiu, entre outras questões, verificar a polifuncionalidade do auxiliar *tun*, bem como o uso do *Präsens* como marcador de eventos em curso. Além disso, essa análise foi fundamental para, juntamente com os dados de fala do ALMA-H, justificar a hipótese de que falantes [+ bilíngues] tendem a replicar a função progressiva da perífrase “estar + gerúndio” no Hunsrückisch através do *tun*- e do *am*-progressivo.

A análise em tempo real mostrou ainda que a intensidade do contato linguístico, a necessidade e o prestígio foram fatores extralinguísticos decisivos em relação aos processos tradutórios: 1) imigrantes das fases iniciais [+monolíngues em alemão] se mostram mais propensos ao uso de neologismos – como no caso de *Keesboom* e *Affebeere* – e termos em alemão – como *Milgen* (pt. ‘milho’) e *Schneise* (pt. ‘picada’). Contudo, esses fatores extralinguísticos levam o falante a apropriar-se de elementos da língua local – como demonstrado através da apropriação direta de palavras referentes ao complexo do cavalo; 2) imigrantes posteriores ou remigrantes (dt. *Zuwanderer*) igualmente [+monolíngues em alemão] tendem a adotar formas criadas ou pré-traduzidas por seus antecessores e 3) descendentes (gerações nascidas no novo meio), por já serem [+bilíngues], fazem mais uso de apropriações diretas – como no caso de *milho* e *picada* e suas variantes –, visto que possuem um domínio mais acentuado da língua majoritária, em função também da maior presença dessa língua na comunidade.

A análise em tempo aparente (dimensão diageracional) confirma que na geração mais jovem, mais proficiente nas duas línguas, a incorporação de elementos do português no Hunsrückisch (apropriações diretas) é ainda mais produtiva do que na geração mais velha. Contudo, como já se observou na análise em tempo real, apropriações diretas

ocorrem já no século XIX e são registradas também nos dados de fala do ALMA-H na geração mais velha, como demonstrado, por exemplo, através do mapeamento de “picada”.

Na dimensão diastrática, esperava-se um comportamento variável entre falantes com [+escolaridade] e, em princípio, [+propensos à incorporação de elementos do português] devido ao acesso supostamente maior a essa variedade linguística em comparação com falantes com [-escolaridade] e, por consequência, probabilisticamente [-propensos à incorporação de elementos do português]. No entanto, os dados demonstraram pouca variação nesse sentido. É na dimensão diageracional, como se viu, que essas distinções são mais aparentes.

Em relação à dimensão diarreferencial, não foi possível – através das variáveis analisadas nesta tese – confirmar uma postura mais purista dos falantes, inibindo a ocorrência de apropriações diretas e favorecendo apropriações semânticas ou replicações ou vice-versa. A análise da dimensão diarreferencial demonstrou, contudo, que especialmente os processos tradutórios por replicação passam despercebidos ao falante, que considera os elementos derivados desses processos parte de sua própria língua.

A técnica da entrevista em três tempos representou uma importante ferramenta nesta tese para a análise e o registro tanto das formas espontâneas (conhecimento ativo) quanto das formas que representam conhecimento passivo ou desconhecimento por parte dos falantes, o que foi fundamental para as conclusões acerca dos processos tradutórios e suas consequências na configuração, variação e mudança do Hunsrückisch no Brasil. Essa técnica possibilitou que se percebesse, em certo sentido, variações no comportamento dos informantes de diferentes localidades (dimensão diatópica), diferentes gerações (dimensão diageracional), diferentes atitudes e opiniões em relação à língua (dimensão diarreferencial), diferentes níveis de escolaridade (dimensão diastrática) e, conseqüentemente, sua relação com os processos tradutórios analisados.

Embora a dimensão diarreligiosa tenha exercido papel importante especialmente na conservação e disseminação do alemão *standard* entre os imigrantes e seus descendentes (cf. Dreher, 2014), em relação aos processos tradutórios analisados nesta tese, ela não se mostrou tão pronunciada. É de se supor, especialmente em relação aos dados atuais do Hunsrückisch, que, em função do contato cada vez mais intenso com o português, essa dimensão não tenha mais um papel tão relevante como no passado.

Na dimensão diamésica, a análise das cartas do ALMA-Histórico ofereceu percepções das experiências dos imigrantes no novo meio, bem como possibilitou o acesso a formas de expressão que, de outro modo, não seriam conhecidas. Além disso, confirmou-se a hipótese de que, na escrituralidade, as replicações, a exemplo da replicação estrutural da preposição *para* através da preposição *für*, e as apropriações semânticas, como no caso do verbo *schicken* (pt. ‘enviar, mandar’), são mais produtivas do que as apropriações diretas, especialmente nos períodos iniciais do processo de imigração. Ou seja, na escrituralidade, na qualidade de nível de fala mais refletido e monitorado, os falantes priorizam processos tradutórios com material endógeno da sua própria língua, enquanto na oralidade – como discurso mais imediatista (Koch; Oesterreicher, 1985) – o monitoramento é menor, favorecendo o uso de apropriações diretas.

Vale ponderar que, em função do escopo da tese, que enfatizou a identificação, a descrição e o papel dos processos tradutórios no contato linguístico do Hunsrückisch com o português no Brasil, não foi possível aprofundar cada uma das diferentes dimensões previstas no modelo de Thun. Entretanto, é uma tarefa a ser desenvolvida na continuidade dos estudos, agora facilitada pelos estudos realizados para esta tese, e que, espera-se, tenham contribuído para lançar um alicerce para pesquisas futuras.

Entende-se que o papel de processos tradutórios não pode ser concebido em termos absolutos, e para a investigação do papel desses processos na configuração, variação e mudança linguística, os argumentos a favor e contra eles precisam ser cuidadosamente considerados, e baseados em dados coletados através de uma metodologia adequada, como se procurou fazer através dos dados analisados nesta tese.

As variedades de contato do alemão incluem uma série de fenômenos onde, por um lado, os processos tradutórios são uma fonte possível para os fenômenos analisados nesta tese e, por outro, podem ser vistos como tendo “catalisado” ou reforçado um fenômeno motivado por razões internas da língua. Assim, motivações internas da língua aliadas a motivações extralinguísticas cooperam no surgimento de inovações em situações de contato linguístico. Como Danchev (2010) aponta, o papel da tradução não deve ser exagerado, nem deve ser considerado como excludente em termos de desenvolvimento interno, mas também não deve ser rejeitado.

Ao buscar relacionar processos tradutórios e contatos linguísticos, não se pretendeu elucidar, em sua totalidade, o complexo processo de trocas linguísticas que se dá em situações de contato, mas sobretudo apontar para a presença e o papel da tradução nesse processo. Se a tradução, como se procurou demonstrar nesta tese, tem influência na configuração, variação e mudança de línguas em contato, é importante incluí-la nas pesquisas sobre esses fenômenos. Pesquisas adicionais sobre o papel dos processos tradutórios em sua relação com diferentes campos de pesquisa podem sem dúvida lançar mais luz sobre essa questão.

REFERÊNCIAS

AdA = Elspaß, Stephan; Robert Möller. 2003ff. *Atlas zur deutschen Alltagssprache (AdA)*. Disponível em: <https://www.atlas-alltagssprache.de>. Acesso em: 15. Jul. 2023.

AFFENBEERE. In: *DWB – Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm, digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities*, Version 01/23. Disponível em: <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#10>. Acesso em 7. Jul. 2023.

ALHEIT, Peter. Migração e biografia: aspectos históricos de um relacionamento emocionante. **História: Debates e Tendências**, v. 19, n. 2, p. 165-178, 2019.

ALTENHOFEN, Cléo V. Quantas línguas são faladas hoje no mundo? In: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento (orgs.). **O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana**. São Paulo: Parábola, p. 53-58, 2022.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien*. In: Ammon, Ulrich; Schmidt, Gabriele (Eds.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte*. Berlin, Boston: De Gruyter, p. 531-551, 2019.

ALTENHOFEN, Cléo V. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: BÜRING, Daniel; LENZ, Alexandra N.; RITT, Nikolaus (Hg.): *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V&R unipress, p. 103-129, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo V. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse; URUGUAY, C. Gonzales (Orgs.). **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora UFPel, 2014.

ALTENHOFEN, Cléo V. A constituição do corpus para um “Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”. **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo V. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilingüismo (alemão-português). **Martius-Staden Jahrbuch**, v. 49, p. 141-161, 2002.

ALTENHOFEN, Cléo V.; BROCH, Ingrid K. Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness). **V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**, p. 15-22, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela *et al.* **Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil**. Florianópolis: Ed. Garapuvu, 2022.

ALTENHOFEN, Cléo V.; NEUMANN, Gerson Roberto. Memórias da Guerra do Paraguai: oralidade, literariedade e escrituralidade no contexto da imigração alemã no Brasil. In: **Classes populaires, scripturalité et histoire de la langue un bilan interdisciplinaire: Schriftlichkeit und Sprachgeschichte. Eine interdisziplinäre Bilanz**. Westensee-Verlag, p. 397-446, 2018.

ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. **Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata. In: **A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, p. 371-392, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo V.; VON MÜHLEN; Fernanda. “Migram pessoas, migram línguas”: a ocupação de Imigrante/Vale do Taquari por línguas de imigração [no prelo].

ÁLVAREZ, Rosario. Viño novo en odres vellos: os nomes do millo. In: **Dialectoloxía e léxico**. Álvarez, Rosario; García Francisco D.; Fernández Xulio S. (Ed.). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega: Instituto da Língua Galega, p. 69-94, 2002.

ALVES, Ieda Maria. Neologia e implicações textuais. **Anais**, 2009.

APROPRIAÇÃO. In: MICHAELIS, **Dicionário da Língua Portuguesa. Dicionário online Uol**. Editora Melhoramentos, 2009.

ASSIMILAÇÃO. In: HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2008.

AUBERT, Francis Henrik. As variedades de empréstimos. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 19, p. 27-42, 2003.

BACKUS, Ad. A usage-based approach to code-switching: The need for reconciling structure and function. In: STELL, Gerald; YAKPO, Kofi (eds.) **Code-switching between structural and sociolinguistic perspectives**. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, v. 43, p. 19-37, 2015.

BACKUS, Ad. The role of codeswitching, loan translation and interference in the emergence of an immigrant variety of Turkish. **Work. Pap. Corpus Based Linguist. Lang. Educ**, v. 5, p. 225-241, 2010.

BACKUS, Ad; DORLEIJN, Margreet. Loan translations versus code-switching. In: B. BULLOCK; A.J. TORIBIO (eds.). *The Cambridge Handbook of Linguistic Code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 75-93, 2009.

BALDIGER, Kurt. Ist die unsichtbare Hand wirklich unsichtbar? Kritische Bemerkungen zum Bedeutungswandel. In: SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen; HARDER, Andreas. *Sprachwandel und Sprachgeschichte: Festschrift für Helmut Lüdtke zum 65. Geburtstag*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

BANDIA, Paul F. Introduction: Orality and translation, *Translation Studies*, 2015, 8:2, p. 125-127, DOI: 10.1080/14781700.2015.1023217.

BARBOSA, Heloisa G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 1990.

BARGHINI, Alessandro. O milho na América do Sul pré-colombiana: uma história natural. **Pesquisas. Antropologia**, n. 61, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEHR, Martina. Dolmetschen als Transdisziplin Zur Forderung nach interdisziplinärer Erforschung der Translation—state of the art in der Dolmetschwissenschaft. In: KUNZ, Kerstin *et al.* *Caught in the Middle—Language Use and Translation*. Saarbrücken: Universitätsverlag des Saarlandes, 2014.

BERTINETTO, Pier Marco. *The progressive in Romance, as compared with English*. In: *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. De Gruyter Mouton, p. 559-604, 2008.

BERTINETTO, Pier Marco; EBERT, Karen; DE GROOT, Casper. *The Progressive in Europe*. In: DAHL, Östen. (ed). *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

BESEMERES, Mary; WIERZBICKA, Anna (Ed.). *Translating lives: Living with two languages and cultures*. St. Lucia, Austrália: Univ. of Queensland Press, 2007.

BEVILACQUA, Cleci Regina; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Um modelo de competência tradutória aplicado à construção de um currículo de bacharelado. **Scriptorium**, v. 2, n. 2, p. 198-206, 2016.

BETZ, Werner. Lehnwörter und Lehnprägungen im Vor- und Frühdeutschen. In: *Deutsche Wortgeschichte*. Hrsg. von F. Maurer und H. Rupp. 3. neubearb. Aufl. Band I. Berlin: De Gruyter, S. 135–163, 2011 [1974].

BETZ, Werner. *Deutsch und Lateinisch: die Lehnbildungen der althochdeutschen Benediktinerregel*. Bonn: Bouvier Verlag, 1949.

BETZ, Werner. *Der Einfluss des Lateinischen auf den althochdeutschen Sprachschatz*. Verlag nicht ermittelbar, 1936.

BORODITSKY, Lera. Lost in translation. *The Wall Street Journal*. New York: Dow Jones, & Company Inc., 2010.

BORODITSKY, Lera. How does our language shapes the way we think? *Edge.org*. 2009. Disponível em: https://www.edge.org/conversation/lera_boroditsky-how-does-our-language-shape-the-way-we-think. Acesso em: 22 Mai. 2021.

BRAUN, Felipe Kuhn. **História de Linha Nova. 1847-1945**. Editora Oikos, 2013.

BULLOCK, Barbara E.; TORIBIO, Almeida Jacqueline. Introduction: Convergence as an emergent property in bilingual speech. *Bilingualism: Language and cognition*, v. 7, n. 2, p. 91-93, 2004.

BUSCH, Brigitta. Expanding the notion of the linguistic repertoire: On the concept of *Spracherleben*—The lived experience of language. *Applied Linguistics*, v. 38, n. 3, p. 340-358, 2017.

BUSSE, Ulrich. Neologismen. Der Versuch einer Begriffsbestimmung. *EURALEX '96: Proceedings*. Part, v. 2, p. 645-58, 1996.

CABRÉ, María Teresa. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. *Alfa: revista de lingüística*, v. 50, n. 2, p. 229-250, 2006.

CANSTATT, Oskar. *Brasilien: Land und Leute*. Berlin: Ernst Siegfried Mittler & Sohn, 1877.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies arbóreas brasileiras**. Colombo (PR): Embrapa Florestas, 2014.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita?. **Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba**, v. 12, n. 27, p. 59-72, 2000.

CORTEZ, Nilo. **Os araticuns**. 01/05/2018 – Disponível em: <https://independente.com.br/os-araticuns/>. Acesso em: 13 Jul. 2023.

COSERIU, Eugenio. Linguistic change does not exist. *Linguistica Nuova et Antica. Rivista di Linguistica Classica Medioevale e Moderna*. Galatina: Congedo, 1983.

COSERIU, Eugenio. Falsche und richtige Fragestellungen in der Übersetzungstheorie. In: WILSS, Wolfram (Hrsg.). *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 27-47, 1981.

COSERIU, Eugenio. **“Historische Sprache” und “Dialekt”**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1980.

COSERIU, Eugenio. *Einführung in die strukturelle Betrachtung des Wortschatzes*. Tübingen: Narr Verlag, 1978.

COSTA, Carlos G. Imigração alemã e fumicultura: a colônia de Santa Cruz (RS) no período imperial brasileiro. **Spartacus – Revista eletrônica dos discentes de História**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2007. Disponível em: http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/costa_carlos_gabriel.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2021.

CREESE, Angela; BLACKLEDGE, Adrian; HU, Rachel. Translanguaging and translation: The construction of social difference across city spaces. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 21, n. 7, p. 841-852, 2018.

CULTURA. In: **Dicionário Etimológico. Etimologia e origem das palavras**, 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>, acesso em: 14 Abr. 2022.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Os Colonos alemães de Santa Cruz e a fumicultura: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 1849-1881**, 1988.

DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbasilien*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

DANCHEV, Andrei. Translation and syntactic change. In: FISIAK, Jacek (Ed.). *Historical syntax*. Walter de Gruyter, 2010.

DANCHEV, Andrei. Language contact and language change. *Folia linguistica historica*, vol. 9, 1988.

DECHERT, H. W.; RAUPACH, M. *Transfer in language production*. Norwood, N.J: Ablex, 1989.

DE SWAAN, Abram. *Words of the world. The global language system*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2013.

DOCKHORN, A. **Genealogia e história do imigrante Johann Friedrich Dockhorn (João Federico) e seus descendentes 1825-1988**. Porto Alegre: Editora Palotti, 1988.

DORIGATO, Alessandra. Ein Keks für alle Fälle: Pasti di Meliga, 2020. Disponível em: <https://www.derstandard.at/story/2000117555366/ein-keks-fuer-alle-faelle-paste-di-meliga>. Acesso em: 15. Mar. 2023.

DRECKBAUER. In: *Südhessisches Wörterbuch*. Band I. 1965—1968, colunas 1679-1690.

DREHER, Martin N. **190 Anos de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul. Esquecimentos e Lembranças**, 3ª. ed., São Leopoldo: Oikos, 2019.

DREHER, Martin N. Migrações internas a partir de uma carta. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 16, n. 17, 2003.

EBERT, Karen H. *Progressive markers in Germanic languages. Tense and aspect in the languages of Europe*. De Gruyter Mouton, 2008, p. 605-654.

EGGERS, Hans. Deutsche *Sprachgeschichte*. Hamburg: Rowohlt, 1986.

ELSPAß, Stephan. Briefe rheinischer Auswanderer als Quellen einer Regionalsprachgeschichte. *Rheinischer Vierteljahrsblätter* 72, p. 147-165, 2008.

ELSPAß, Stephan. *Sprachgeschichte von unten. Untersuchungen zum geschriebenen Alltagsdeutsch im 19. Jahrhundert*, Tübingen: Niemeyer, 2005.

ELSPAß, Stephan; MÖLLER, Robert. *AdA - Atlas zur deutschen Alltagssprache*, 2003. Disponível em: <http://www.atlas-alltagssprache.de>. Acesso em: 10 mai. 2022.

EMMEL, Ina. “Die kann nun nich’, die is’beim treppenputzen”: O progressivo no alemão de Pomerode-SC. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

ENDRUSCHAT, Annette; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. *Einführung in die portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag, 2014.

ENGELMANN, Erni G. (Org.) (2020). *A saga dos alemães – do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*. Igrejinha (RS): E. G. Engelmann.

FACUNDO, Matheus. Araticum: o que é, tipos e para que serve. 07/07/2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ser-saude/araticum-o-que-e-tipos-e-para-que-serve-1.3252669>. Acesso em: 23. Jul. 2023.

FALLA-WOOD, Julia. The role of mental translation in learning and using a second/foreign language by female adult learners. *Journal of Global Education and Research*, 2(2), p. 98-112, 2018. <https://www.doi.org/10.5038/2577-509X.2.2.1001>

FAUSEL, Erich. Hochdeutsch, Mundart und Mischsprache bei den Deutschen in Brasilien. *Wirkendes Wort*, v. 12, p. 210-217, 1962.

FISCHER, Annette. *Diachronie und Synchronie von auxiliar tun im Deutschen. Zur Verbmorphologie germanischer Sprachen*. Max Niemeyer Verlag, 2013, p. 137-154.

FLEISCHER, Jürg. *Geschichte, Anlage und Durchführung der Fragebogen-Erhebungen von Georg Wenkers 40 Sätzen. Dokumentation, Entdeckungen und Neubewertungen (DDG 123)*. Hildesheim, Zürich, New York: Georg Olms, 2017.

FLICK, Johanna; KUHMICHEL, Katrin. *Der am-Progressiv in Dialekt und Standardsprache. Jahrbuch für germanistische Sprachgeschichte*, v. 4, n. 1, 2013, p. 52-76.

FLORES, Cristina; RINKE, Esther; WAGNER, Claudia. To hón ich imma insistieat: Syntactic stability in heritage Hunsrückisch German spoken in Brazil. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, v. 12, n. 3, p. 251-279, 2022.

GÄRTNER, Angelika. A influência do dialeto nas estruturas linguísticas em textos de estudantes teuto-brasileiros bilíngues. *Redes*, v. 6, n. 4, p. 25-52, 2017.

GÄRTNER, Kurt. Lehnübersetzung und Lehnbedeutung vs. Lehnwort: Zu den Entlehnungen aus dem Lateinischen und Französischen in das mittelalterliche Deutsch. In: Jens Braarvig and Markham J. Geller: *Studies in Multilingualism, Lingua Franca and Lingua Sacra*. Berlin: PRO BUSINESS digital printing Deutschland GmbH, 2018.

GERSTÄCKER, Friedrich. **A Colônia. Cenas da Vida no Brasil**. Tradução de Claudia Pavan e Gerson Neumann. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2016.

GERSTÄCKER, Friedrich. *Die Colonie. Brasilianisches Lebensbild*. Leipzig: Hermann Constanoble, 1862.

GESSNER, O. *Die Gift-und Arzneipflanzen von Mitteleuropa*, Heidelberg: Winter, 1953.

GIDDENS, Anthony. (1984). *The constitution of society: Outline of the theory of structure*. Berkeley: University of California Press.

GROSJEAN, François. *Bilingual*. Cambridge, Mass: Harvard university press, 2010.

GROSJEAN, François. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, François; LI, Ping. *The psycholinguistics of bilingualism*. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

GRZEGA, Joachim. *Europas Sprachen und Kulturen im Wandel der Zeit*. Tübingen: Stauffenburg, 2012.

GUMPERZ, John J. Conversational code switching. In: Gumperz, John J. *Discourse Strategies (Studies in Interactional Sociolinguistics)*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 59-99, 1982. doi:10.1017/CBO9780511611834.006.

HABEL, Jussara M. **O contínuo standard-substandard do alemão no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis – RS**. 2022. Tese (Doutorado) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

HABEL, Jussara Maria. **“Das böhmische Deutsch”**: perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. 156 p.

HALBINSEL. In: *Duden Online*. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/halbinsel>. Acesso em: 15. Ago. 2023.

- HARTMANN, Reinhard R. K. *et al.* (eds) in association with Juliane House and Brigitte Schultze. *Übersetzung/Translation/Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung/An international encyclopedia of Translation Studies/Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction. Target. International Journal of Translation Studies*, v. 18, n. 1, 2006, p. 177-182.
- HARTMANN, Stefan. "Mittendrin statt nur dabei: Progressivität und experimentelle Semantik. *Variation und Typologie. Bavarian Working Papers in Linguistics* 5, 2016, p. 1-17.
- HASPELMATH, Martin. Lexical borrowing: Concepts and issues. In: HASPELMATH, Martin; TADMOR, Uri (Ed.). *Loanwords in the world's languages: A comparative handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, p. 54, 2009.
- HASPELMATH, Martin; TADMOR, Uri (Ed.). *Loanwords in the world's languages: a comparative handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.
- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *Language contact and grammatical change*. Cambridge University Press, 2005.
- HERRMANN, Ulrich G.; MÜLLER, Detlef K. Datenhandbuch zur deutschen Bildungsgeschichte. Band II: Höhere und mittlere Schulen. Hrsg. Detlef K. Müller. 2. Teil: *Regionale Differenzierung und gesamtstaatliche Systembildung. Preußen und seine Provinzen – Deutsches Reich und seine Staaten, 1800-1945*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003.
- HICKEY, Raymond (Ed.). *The handbook of language contact*. West Sussex: John Wiley & Sons, 2020.
- HOCK, Hans Henrich; JOSEPH, Brian D. Language history, language change, and language relationship. In: *Language History, Language Change, and Language Relationship*. De Gruyter Mouton, 2019.
- HOFMANN, Kerstin P. Akkulturation und die Konstituierung von Identitäten. Einige theoretische Überlegungen anhand des Fallbeispiels der hogbacks. In: *Die Wikinger und das Fränkische Reich*. Wilhelm Fink, p. 21-50, 2014.
- HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 231 p.
- HORST, Cristiane. **Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil**. Kiel: Westensee Verlag, 2011.
- HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Atlas das línguas em contato na fronteira. In: SNICHELOTTO, Cláudia A. R.; LUZ, Mary N. S. da. **Estudos linguísticos da/na Fronteira Sul**. Chapecó: UFFS, 2021.

- HOUSE, Juliane. *Translation as communication across languages and cultures*. Routledge, 2015.
- HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. Tradução de Fábio Alves. In: Pagano, Adriana; Magalhães, Célia; Alves, Fabio (orgs). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- IDIOTIKON, Schweizerisches. *Wörterbuch der schweizerdeutschen Sprache*. Begonnen von Staub F. und Tobler L. Bearb. von Bachmann A. Bd. I—XIV. Frauenfeld, v. 1979, 1881.
- INSTITUTO DIPLOMÁTICO. **Tratado de Versalhes**, 1921. Disponível em: <https://idi.mne.gov.pt/images/pdf/primeira-guerra/TVersailles.pdf>. Acesso em 15. Ago. 2023.
- JAEKEL, Roger. Lenda do Umbu. **Portal das missões**, 2021. Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1757/a-lenda-do-umbu.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- JAMES, Theodore. Maize: an historical, geographical and etymological essay. *South African Medical Journal*, v. 44, n. 49, p. 1408-1410, 1970.
- JARVIS, Scott. Conceptual transfer: Crosslinguistic effects in categorization and construal. *Bilingualism: language and cognition*, v. 14, n. 1, p. 1-8, 2011.
- JOHANSON, Lars. The dynamics of code-copying in language encounters. *Language encounters across time and space*, v. 3762. Oslo: Novus Press, 1999.
- JUHÁSZ, János, *Probleme der Interferenz*. Budapest: Akadémiai, 1970.
- KAKHRO, Nadja. Die Schweizer Wenkersätze. *Linguistik online* 24 (3). p. 155–169, 2005.
- KAUFMANN, Göz. „Sorvete un Tema is nich dütsch“: Zur Integration portugiesischer Lehnwörter in drei deutschen Varietäten Südbrasieliens. In: Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik, Bd. 84, H. 2/3, Themenheft: Sprachkontaktforschung – explanativ, p. 260-307, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44851474>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- KOCH, Walter. **Falares alemães no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Sprache der Nähe—Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch*, v. 36, n. 1, 1985, p. 15-43.
- KRANICH, Svenja; BECHER, Viktor; HODER, Steffen. A tentative typology of translation-induced language change. *Multilingual Discourse Production: Diachronic and Synchronic Perspectives*, v. 12, 2011.

- KROLL, Judith F., *et al.* Juggling two languages in one mind: What bilinguals tell us about language processing and its consequences for cognition. *Psychology of learning and motivation*. Vol. 56. Academic Press, 2012, p. 229-262.
- KROLL, Judith F.; STEWART, Erika. Category interference in translation and picture naming: Evidence for asymmetric connections between bilingual memory representations. *Journal of memory and language* 33.2, 1994, p. 149.
- KRUG, Marcelo J.; HORST, Cristiane. Dialektologia pluridimensional e relacional: entrevista com o Professor Dr. Harald Thun. *Working Papers em Linguística*, v. 23, n. 1, p. 8-16, 2022.
- KRUG, Marcelo J.; HORST, Cristiane. O „Deutsch/Deitsch de casa “: sobre a arte e ousadia de transmitir a língua materna aos filhos. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (orgs.). *Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen / A língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Fênix, p. 231-234, 2022.
- KUHMICHEL, Katrin. Progressivkonstruktionen. In: FLEISCHER, Jürg; LENZ, Alexandra N.; WEIß, Helmut (Hrsg.), *SyHD-atlas*. Konzipiert von Ludwig M. Breuer unter Mitarbeit von Katrin Kuhmichel, Stephanie Leser-Cronau, Johanna Schwalm und Thomas Strobel. Marburg, Wien & Frankfurt a. M., p. 120–166, 2017.
- KUHMICHEL, Katrin. Zum Ausdruck von Progressivität in den Dialekten Hessens. In: Lenz, Alexandra N./Franz Patocka (Hgg.): *Syntaktische Variation. Areallinguistische Perspektiven*. (Wiener Arbeiten zur Linguistik 2), p. 67-88, 2016.
- KUPSCH-LOSEREIT. Interferenz in der Übersetzung. In Kittel, Harald *et al.* (Hg.). *Übersetzung. Translation. Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung*. Band I. Berlin: De Gruyter, p. 543-550, 2004.
- LAMELI, Alfred. Linguistic atlases—traditional and modern. Auer and Schmidt, v. 2010, p. 567-592. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich; LAMELI, Alfred (Ed.). *Language and space: An international handbook of linguistic variation*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.
- LEIPNITZ, Luciane; PICKBRENNER, Minka B. Das Betrachten des Übersetzungsprozesses: Primäre Ergebnisse einer Fallstudie in Leipzig. *Pandaemonium Germanicum*, 23(40), p. 140-165, 2020.
- LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches handwörterbuch von Dr. Matthias Lexer*. S. Hirzel, 1878.
- LOTHOLZ, Anita. “Hunsrückische” Merkmale in der Umgangssprache der Colonias Unidas. *Ñemityrã*, v. 1, n. 2, p. 44-59, 2020.
- LOUDEN, Mark L. Deutsch Als Minderheitensprache In Nordamerika. *Volume 4 Deutsch* (pp. 1135-1153). De Gruyter Mouton, 2019.

MACHADO, Lucas Löff. **Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MACKEY, William F. Bilingualism and multilingualism. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus; TRUDGILL, Peter. (Orgs.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik*. 2. ed. Berlin; New York: de Gruyter, 2005.

MALAMATIDOU, Sofia. Understanding translation as a site of language contact: The Potential of the Code-Copying Framework as a Descriptive Mechanism in Translation Studies. *Target. International Journal of Translation Studies*, v. 28, n. 3, p. 399-423, 2016.

MARSH, David; HILL, Richard. *Study on the contribution of multilingualism to creativity. Final report*. Brussels: European Commission, 2009.

MARZINKA, Birgit. *Globale Geschichte des Mais*. Berlin: Sodi, 2017.

MASELKO, Mateusz. *Das Tempus-Modus-System des Riograndenser Hunsrückischen*. Mestrado (Dissertação), Universität Wien, 2013.

MATRAS, Yaron. *Language contact*. Cambridge University Press, 2020.

MATRAS, Yaron. Explaining convergence and the formation of linguistic areas. In: HIEDA, Osamu; KÖNIG, Christa; NAKAGAWA, Hiroshi (Ed.). *Geographical typology and linguistic areas: with special reference to Africa*. John Benjamins Publishing, p. 143-60, 2011.

MATRAS, Yaron. The borrowability of structural categories. In: MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette (Ed.). *Grammatical borrowing in cross-linguistic perspective*, p. 31-74, 2007. Berlin: De Gruyter.

MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette (Ed.). *Grammatical borrowing in cross-linguistic perspective*, p. 15-30, 2007. Berlin: De Gruyter.

MATZKE, Judith. *Von Glauchau nach Brasilien. Auswandererbriefe von Ida und Ottokar Dörffel (1854-1906)*. Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag, 2018.

MERILÄINEN, Lea *et al.* Loan translations as a language contact phenomenon: Crossing the boundaries between contact linguistics, second language acquisition research and translation studies [Tölkelaenuid kontaktlingvistilise nähtusena]. *Philologia Estonica Tallinnensis*, v. 1, p. 104-124, 2016.

MEURER, Marcia. **O português de migrantes sulistas no nordeste do Brasil: variação e mudança de marcas regionais no contato intervareial**. Tese (Doutorado)

– Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022. 344 p.

MILGEN. In: *Mittelhochdeutsches handwörterbuch von Dr. Matthias Lexer*. S. Hirzel, 1878. Disponível em: <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#12>. Acesso em: 3 Ago. 2021.

MIRANDA, João; PASSOS, Fernando C. Hábito alimentar de *Alouatta guariba* (Humboldt) (Primates, Atelidae) em Floresta de Araucária, Paraná, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 21, p. 821-826, 2004.

MUNSKE, Horst H. Fremdwörter in Deutscher Sprachgeschichte: Integration oder Stigmatisierung. In: Stickel, Gerhard (Hrsg.). *Neues und Fremdes im deutschen Wortschatz. Aktueller lexikalischer Wandel*. Berlin [u.a.]: de Gruyter, S. 7-29, 2001. (Jahrbuch des Instituts für Deutsche Sprache 2000).

NÜBLING, Damaris *et al.* *Historische Sprachwissenschaft des Deutschen: Eine Einführung in die Prinzipien des Sprachwandels*. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag, 2017.

OBERACKER, Carlos H. Transformações da língua alemã no Brasil. **Revista de antropologia**, 1957, p. 1-36.

OŽBOT, Martina. The case for a common framework for transfer-related phenomena in the study of translation and language contact. *Language Contacts at the Crossroads of Disciplines*, eds. Heli Paulasto, Lea Meriläinen, Helka Riionheimo & Maria Kok. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 131-160, 2014.

PAVAN, Claudia F.; NEUMANN, Gerson R. Réquiem para Gerstäcker, o inquieto solitário. **Revista Soletras**, Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

PEPE, Giampaolo. *Il granturco, la meliga, il mais*, 2018. Disponível em: <https://storiediterritori.com/2018/08/08/il-granturco-la-meliga-il-mais/>. Acesso em: 15. Jun. 2022.

PÖCHHACKER, Franz. *Introducing interpreting studies*. London/New York: Routledge, 2022.

PREDIGER, Angelica. Wie ich mit Deutsch uffgewachst bin / Como eu cresci na língua alemã. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (orgs.). *Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen / A língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Fênix, p. 295-302, 2022.

PREDIGER, Angélica. **Topodinâmica do alemão falado em comunidades de imigração do norte da boêmia no Brasil**. 2019. Tese (Doutorado) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

PRITZEL Georg A.; JESSEN, Carl. *Die deutschen Volksnamen der Pflanzen. Neuer Beitrag zum deutschen Sprachschätze*. Hannover: Philipp Cohen, 1882.

- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. Trad. Minka Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras, n. 5, 1999.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.
- RAMELLI, Christian. *Über progressive und konservative Rheinfranken*. In: SPEYER, Augustin; RAUTH, Philipp (Hgg.): *Syntax aus Saarbrücker sicht 1*. ZDL Beiheft 165. Stuttgart: Steiner, p. 69-90, 2016.
- RAMELLI, Christian. *The am+INF construction in German varieties*. In: Álvarez Pérez [u. a.] (Hgg.): *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology (LimiAr)*, Lisbon, p. 383–403, 2012.
- REBECHI, Rozane; TAGNIN, Stella. Brazilian cultural markers in translation: A model for a corpus-based glossary. *Research in Corpus Linguistics*, v. 8, n. 1, p. 65-85, 2020.
- REBECHI, Rozane R.; SCHABBACH, Giulia R.; FREITAG, Patrícia H. Sobre a busca por equivalentes funcionais em um corpus comparável português-inglês de críticas gastronômicas. **Tradterm: revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia**. São Paulo, SP. Vol. 37, n. 2 (jan. 2021), p. 430-459, 2021.
- REIß, Katharina. Adäquatheit und Äquivalenz. *HERMES - Journal of Language and Communication in Business*, p. 161–177, 1989.
- REIß, Katharina; VERMEER, Hans. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer, 1984.
- RELLY, Eduardo. A agricultura e floresta dos alemães no Brasil: mobilidade, conhecimentos e transfers no Urwald (século XIX). **Estudos Ibero-Americanos** 46.1, 2020.
- RELLY, Eduardo. **Floresta, capital social e comunidade: imigração e as picadas teuto-brasileiras (1870-1920)**. Dissertação (mestrado em meio ambiente e desenvolvimento). Programa de Pós-graduação em meio ambiente e desenvolvimento do centro universitário Univates, Lajeado, 183 p., 2013.
- REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. **Neologismos Lacanianos e equivalências tradutórias**. 2007. Tese (Doutorado) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007.
- RIEHL, Claudia Maria. *43. Deutsch Als Minderheitensprache In Osteuropa. Volume 4 Deutsch*, edited by Joachim Herrgen and Jürgen Erich Schmidt, 1115-1134. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2019.
- RIEHL, Claudia Maria. *Sprachkontaktforschung* (German Edition). Narr Francke Attempto Verlag. Kindle-Version, 2018.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. 2. ed. compl., ver. e atualiz. Trad. Jorge L. da Cunha. São Leopoldo: Oikos; IHSL, 2022 [1969].

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SAKEL, Jeanette. Types of loans: Matter and Pattern. In: MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette (Ed.). *Grammatical borrowing in cross-linguistic perspective*, p. 15-30, 2007. Berlin: De Gruyter.

SALIS, Rudolf von. Von der Melga oder dem Rohrhirse, Indianischen Hirse, auch Sorgo. In: *Der Sammler* 3 (1), S. 73-75, 1781.

SAMBAQUY-WALLNER, Virgínia. *A língua alemã em São José do Hortêncio, RS*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

SCHICKEN. In: *DWB – Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm, digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities*. Version 01/23, Disponível em: <https://www.woerterbuchnetz.de/DWB>. Acesso em: 23. Mai. 2023.

SCHIRMUNSKI, Victor. Die schwäbischen mundarten in transkaukasien und südukraine. *Teuthonista*, n. H. 1, p. 38-60, 1928.

SCHMIDT, Jürgen Erich; HERRGEN, Joachim; KEHREIN, Roland; LAMELI, Alfred; FISCHER, Hanna (Hrsg.): *Regionalsprache.de (REDE III). Forschungsplattform zu den modernen Regionalsprachen des Deutschen*. Bearbeitet von Robert Engsterhold, Heiko Girth, Simon Kasper, Juliane Limper, Georg Oberdorfer, Tillmann Pistor, Anna Wolańska. Unter Mitarbeit von Dennis Beitel, Milena Gropp, Maria Luisa Krapp, Vanessa Lang, Salome Lipfert, Jeffrey Pheiff, Bernd Vielsmeier. Studentische Hilfskräfte. Marburg: Forschungszentrum Deutscher Sprachatlas. 2020ff.

SCHMIDT, Jürgen E. Deitsch – Huhdoitsch – Hochdeutsch: Versuch einer Ehrenrettung des brasilianischen Hochdeutschen / Deitsch – Huhdoitsch – Hochdeutsch: uma tentativa de resgate do Hochdeutsch brasileiro. In: ALTENHOFEN, Cléo V. *et al.* (orgs.). *Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen / A língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Fênix, p. 71-82, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36592/9786581110789-05>, acesso em: 09 abr. 2023.

SCHMIDT, Richard. Deconstructing consciousness in search of useful definitions for applied linguistics. *Consciousness in second language learning*, v. 11, p. 237-326, 1994.

SCHMIEREN. In: *DWB – Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm, digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities*, Version 01/23. Disponível em: <https://www.woerterbuchnetz.de/DWB?lemid=S13862>. Acesso em 7. Jul. 2023.

SCHNABLE, Patrick *et al.* The B73 maize genome: complexity, diversity, and dynamics. *Science*, v. 326, n. 5956, 2009.

- SCHNEIDER, Katrin. *Paläographie und Handschriftenkunde für Germanisten: Eine Einführung*. 3. Auflage. Walter de Gruyter & Co KG, 2014.
- SCHUHMAN, Roland. Loanwords in Old High German. In: *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, p. 330-337, 2009.
- SINGER, Christine. *Zur Sonderstellung der deutschen Minderheit in Chile. Deutsche Auswanderer zwischen Mythos und Realität*. Konstanz, 1998.
- SPREAFICO, Andrea. O que quer dizer “integração” nas sociedades de imigração?. *Sociedade e Cultura*, v. 12, n. 1, p. 127-138, 2009.
- STEFFEN, Joachim. Einblicke in einen Sprachwechsel in Zeitlupe: Phasen des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts in Südbrasilien in Briefen aus zwei Jahrhunderten. In: Büring, Daniel; Lenz, Alexandra N.; Ritt, Nikolaus (Hg.): *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt-und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen. V&R Unipress, p. 131-157, 2016.
- STEFFEN, Joachim. Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 6, n. 12, 2013.
- STEFFEN, Joachim; ALTENHOFEN, Cléo V. Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, p. 34-60, 2014.
- STEFFEN, Joachim; THUN, Harald; ZAISER, Rainer (Ed.). *Classes populaires, scripturalité et histoire de la langue: un bilan interdisciplinaire*. Kiel: Westensee-Verlag, 2018.
- STEINER, George. Translation as conditio humana. *Übersetzung–Translation–Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung*, v. 1, p. 1-11, 2004.
- STEINER, George. *After Babel*. New York: Oxford University Press. Third Edition, 1998.
- SUNDERMAN, Gretchen; KROLL, Judith F. *First language activation during second language lexical processing: An investigation of lexical form, meaning, and grammatical class. Studies in second language acquisition* 28.3, p. 387-422, 2006.
- SWAN, Karen. *Borrowing the Essentials: A Diachronic Study of the Semantic Primes of Modern English*. Provo: Brigham Young University, 2013.
- TAVARES DE BARROS, Fernando H. As denominações das abóboras no Hunsrückisch sul-americano. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 23, n. 4, p. 980-1004, 2020.

TAVARES DE BARROS, Fernando H. **Topodinamica del Hunsrückisch: cartografía y ejemplos del proceso de cambio y manutencion del lexico en contexto de migracion**. 2019. Tese (Doutorado). Bremen: Staats-und Universitätsbibliothek Bremen, 2019.

TAVARES DE BARROS, Fernando; MACHADO, Lucas Löff; PREDIGER, Angélica. Deutschsprachige Toponymie in Brasilien: Beschreibung eines Namenkorpus. In: EBERT, Verena *et al.* **Koloniale und postkoloniale Mikrotoponyme. Strukturen, Funktionen und Verwendungen**. Berlin: De Gruyter, 2022.

THIERRY, Guillaume.; WU, Yan Jing. Brain potentials reveal unconscious translation during foreign-language comprehension. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA*, p. 12530–12535, 2007.

THOMASON, Sarah G. **Language contact: An introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Univ of California Press, 1988.

THUN, Harald. Nouvelles perspectives pour une vieille discipline. Le Corpus Historique du Substandard Français (1789-1918) et l’histoire de la langue française. In: STEFFEN, Joachim; THUN, Harald; ZAISER, Rainer (Ed.). **Classes populaires, scripturalité et histoire de la langue: un bilan interdisciplinaire**. Kiel: Westensee-Verlag, 2018.

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. Trad. Cléo Vilson Altenhofen / Filipe Neckel. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, 2017 [2005]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, Peter; Schmidt, Erich (eds.). **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: Walter de Gruyter, p. 706-723, 2010a.

THUN, Harald. Pluridimensional Cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan (eds.). **Language and space: language mapping. An International Handbook of Linguistic Variation**, vol. 2, part I (HSK; 30.1). Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010b.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Londrina: EDUAL, p. 533-558, 2009.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Hrsg.). **Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, p. 63-92, 2005.

THUN, Harald. Metasprache, “fake-language” und Objektsprache. Die diareferentielle Dimension im Atlas lingüístico Guaraní-Románico. Sociología (ALGR-S) In: LENZ, Alexandra N.; RADTKE, Edgar; ZWICKL, Simone (Hrsg.). *Variation im Raum – Variation and Space*. Frankfurt am Main, Peter Lang, S. 133-161, 2004.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay). In: Ruffino, Giovanni (Org.). *International congress of romance linguistics and philology*, v. 5. Tübingen: Niemeyer, p. 701-729, 1998.

THUN, Harald; WILKIN, René. A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico (1805-1813). In ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. **Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. EdUFU, 2016.

TYMOCZKO, Maria. Reconceptualizing Translation Theory. Integrating Non-Western Thought about Translation. In: Hermans, T. (Eds). *Translating Others*, v. 1, St. Jerome Publishing, UK: Manchester, 2006.

VAN COETSEM, Frans. *A general and unified theory of the transmission process in language contact*. Heidelberg: Carl Winter, 2000.

VAN COETSEM, Frans. *Loan Phonology and the Two Transfer Types in Language Contact*. Dordrecht: Foris, 1988.

VAN POTTELBERGE, Jeroen. *Der am-Progressiv. Struktur und parallele Entwicklungen in den kontinentalgermanischen Sprachen*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2004.

VERMEER, Hans. Is translation a linguistic or a cultural process? **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, n. 28, p. 37-51, 1992.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *A Methodology for Translation. [An excerpt from Comparative Stylistics of French and English]*. London: Routledge, 1958.

VOGEL, Sara; GARCÍA, Ofélia. Translanguaging. In: NOBLIT, G. (Ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Education*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

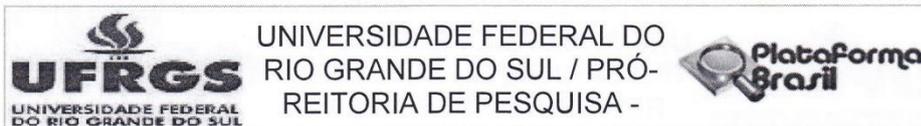
Disponível em:

<https://ofeliagarcia.org.files.wordpress.com/2018/01/vogelgarcia.rlng.pdf>. Acesso em 20 mai. 2021.

VON POLENZ, Peter. *Deutsche Sprachgeschichte vom Spätmittelalter bis zur Gegenwart*. Walter de Gruyter, 2013.

- WEIMER, Günter. Hunsrücker in Süd-Brasilien oder Wo ist das deutsche Dorf geblieben? *Landeskundliche Vierteljahrsblätter*, Trier, n. 34, p. 109-118, 1988.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact. Findings and problems*. Sixth Printing. Den Haag, Paris: Mouton, 1968.
- WEINREICH Uriel; LABOV William; HERZOG, Marvin I. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, Austin: University of Texas Press, 1968.
- WELSCH. In: *Duden Online*. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/welsch>. Acesso em: 15. Mar. 2023.
- WENKER, Georg. *Schriften zum Sprachatlas des Deutschen Reichs*. Hildesheim, Zürich, New York: Georg Olms, 2013.
- WENKER, Georg (1889–1923): *Sprachatlas des Deutschen Reichs. Handgezeichnetes Original von Emil Maurmann, Georg Wenker und Ferdinand Wrede. Marburg*. [Publizierte als Digitaler Wenker-Atlas (DiWA)]. Disponível em: <https://www.regionalsprache.de/>. Acesso em: 10. Nov. 2022.
- WILLEMS, Emílio. Acculturation and the horse complex among German-Brazilians. *American Anthropologist N. S.*, New York, v. 46, n. 2, p. 153-161, 1944.
- WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos emigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- WILSS, Wolfram. Interferenzercheinungen beim Übersetzen. Fremdsprache-Grundsprache/Vorschläge zu einer prozeduralen Analyse. *Interferenz in der Translation*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, p. 7-18, 1989.
- WINFORD, Donald. Contact-induced changes: Classification and processes. *Diachronica*, v. 22, n. 2, p. 373-427, 2005.
- WITT, Marcos A. A imigração alemã no Rio Grande do Sul: a Colônia de São Leopoldo como estudo de caso. In: VENDRAME, Maíra I. *et al.* (org). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. From Adventurers to Settlers: Norwegians in Southern Brazil. In: SÆTHER, Steinar A. *Expectations Unfulfilled: Norwegian Migrants in Latin America, 1820-1940*. Brill, p. 57-76, 2016.
- WREDE, Ferdinand. *DEUTSCHER SPRACHATLAS, D. S. A. Auf Grund des von G. WENKER begründeten Sprachatlas des Deutschen Reiches begonnen vom Ferdinand WREDE, fortgesetzt von Bernhard MARTIN und Walther MITZKA*. Marburg, 1926.
- ZIMMERMANN, Walter. *Tiernamen in badischen Volksmunde*, 1914. Disponível em: https://www.zobodat.at/pdf/Mitt-Bad-Landesver-Natkde-Natschutz-Freiburg_NF_1_0077-0092.pdf. Acesso em: 03 mai 2021.

ANEXO A – PARECER CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ALMA-Cartografias (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata): Variação e Contatos Linguísticos do Hunsriqueano entre o Português e o Espanhol

Pesquisador: Cléo Vilson Altenhofen

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44527615.0.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.083.590

Data da Relatoria: 07/05/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto é um desdobramento do macroprojeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), desenvolvido em parceria com Harald Thun (Universidade de Kiel, Alemanha), com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt. A partir da conclusão dos levantamentos e da etiquetagem dos dados coletados na rede de pontos do ALMA-H, constituída de 41 localidades situadas no sul e centro-norte do Brasil, Província de Misiones e Paraguai, coloca-se como foco central da pesquisa o tratamento, análise, interpretação e cartografia dos dados que irão constituir o Atlas Linguístico-Contatual. A cartografia dos dados inclui procedimentos que vão desde a etiquetagem e “hiperlincagem” dos arquivos de áudio, a seleção das variáveis a serem cartografadas e definição dos símbolos e legendas, até a configuração do mapa-base a partir de um arquivo central do programa Excel (matrix) que gerencia o processo de cartografia. A elaboração dos mapas linguísticos complementa outros projetos vinculados ao ALMA, como o ALMA-Histórico e o ALMA-Dicionário, e vem acompanhada de uma série de estudos de interpretação do papel da topodinâmica dos contatos e migrações na variação dessa língua (da matriz na Europa para o Brasil, das colônias novas para as velhas, da área do português rio-grandense para outras áreas de variação regional, enfim do espaço de domínio lusófono para o

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propeq.ufrgs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA -



Continuação do Parecer: 1.083.590

hispanófono e, em parte, também de uso do guarani).

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa pretende: 1) mapear, por meio de macroanálises pluridimensionais que levam em conta diferentes dimensões de análise (diatópica, diastrática, diageracional, entre outras), a difusão e territorialização de variantes linguísticas do hunsriqueano em contato no espaço plurilíngue e pluridimensional da área em estudo; 2) identificar macrotendências na ocupação e mudança linguística dessa língua minoritária.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há quaisquer riscos a seres humanos, pois se trata de utilização de banco de dados, para cuja utilização o pesquisador já dispõe de autorização por parte dos entrevistados. Como benefícios, em primeiro lugar, tem-se o registro de uma língua minoritária em processo de extinção; em segundo lugar, a pesquisa fornece subsídios para a revitalização dessa língua e o seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto ALMA-Cartografias utiliza dados linguísticos de um banco de dados já consolidado, levantado no âmbito do macroprojeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), no período de 2007 a 2014. Sendo assim, nenhum indivíduo mais será abordado pessoalmente. Cabe acrescentar que, no projeto anterior ALMA-H, se solicitava oralmente, na língua Hunsrückisch, a autorização/consentimento dos participantes para a realização da pesquisa e o uso dos dados pelos responsáveis do Projeto. Esse consentimento era gravado ao início de cada entrevista. O cronograma está adequado, prevendo período de aprovação por este CEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Há Termo de consentimento do uso de Banco de Dados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA -

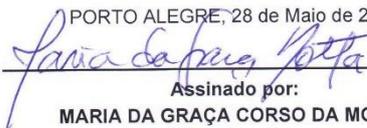


Continuação do Parecer: 1.083.590

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

PORTO ALEGRE, 28 de Maio de 2015


Assinado por:
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br